EB70-MC-10.376



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS

1ª Edição
2021

EB70-MC-10.376



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS

1ª Edição
2021

PORTARIA – COTER/C Ex Nº 130, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2021
EB: 64322.022789/2021-32

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.376 Forças-Tarefas Subunidades Blindadas, 1ª edição, 2021, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 16 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.376 Forças-Tarefas Subunidades Blindadas, 1ª edição, 2021, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data da sua publicação.

Gen Ex MARCO ANTÔNIO FREIRE GOMES
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 48, de 3 de dezembro de 2021)

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco

O quadro a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual de campanha (MC) apresenta as considerações básicas sobre a organização, o preparo e o emprego das Forças-Tarefas Subunidades Blindadas (FT SU Bld) nos diversos tipos de operações (Op) previstas na doutrina atual da Força Terrestre (F Ter).

1.1.2 A finalidade deste MC é orientar o planejamento, a execução e a coordenação das operações realizadas pela FT SU Bld, além de servir de base para a padronização doutrinária do seu preparo e emprego.

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A I Guerra Mundial inaugurou a era dos carros de combate blindados na história dos conflitos armados. No período entreguerras, a humanidade presenciou a evolução do combate embarcado com o desenvolvimento da doutrina de emprego dos blindados.

1.2.2 Por ocasião da II Guerra Mundial, o mundo assistiu ao emprego de blindados em profundidade, com apoio aéreo cerrado, apoio de fogos e emprego combinado das diversas armas, quadros e serviços. A chamada guerra-relâmpago (*Blitzkrieg*) levou ao esmagamento das frentes inimigas, com a consequente paralisia estratégica dos oponentes.

1.2.3 Depois das duas Guerras do Golfo, verificou-se a consolidação das novas tecnologias no campo de batalha: meios não detectáveis por radar; armas de altíssima precisão; sistemas de localização e comunicação via satélite; equipamentos autônomos, como os sistemas de aeronaves remotamente pilotadas (SARP); e outras geradoras de grande consciência situacional. Ainda assim, manteve-se a dependência do elemento humano no terreno, constituindo forças blindadas com grande mobilidade, proteção blindada e poder de fogo, com a finalidade de romper o dispositivo inimigo, conquistar e manter a posse de territórios.

1.2.4 A constituição das Forças-Tarefas Blindadas (FT Bld) tem sido fundamental para obtenção da flexibilidade necessária no campo de batalha. O binômio fuzileiro-carro resulta no termo FT Bld, representando a conjugação de capacidades essenciais à F Ter para a conquista de objetivos táticos de vulto. A integração dos elementos de combate (Elm Cmb), com suas diferentes características, capacidades, limitações e vulnerabilidades, permite a obtenção

do apoio mútuo, a maximização de capacidades e a mitigação de vulnerabilidades.

1.2.5 O entendimento da intenção do Comandante (Cmt), até dois escalões acima, é fundamental para a aplicação da iniciativa no emprego de tropas blindadas, pois norteia adequadamente os planejamentos e as ações do escalão subordinado, possibilitando o cumprimento da missão pela sua finalidade.

1.2.6 A iniciativa dos Cmt de tropas blindadas, em todos os níveis, propicia a obtenção da surpresa, para impor ao inimigo o momento e o local favoráveis à decisão do combate. Dessa forma, o entendimento da intenção do Cmt e o consequente exercício da iniciativa permitem ao Cmt FT SU Bld solucionar problemas táticos, operacionais e logísticos, que dificultem o cumprimento da missão.

1.2.7 A flexibilidade no planejamento e nas ações deve nortear o emprego da FT SU Bld. Os componentes da Força-Tarefa (FT) podem ter facilitada a manobra no campo de batalha, por meio de planejamentos caracterizados pela finalidade, possibilitando a descentralização de decisões oportunas.

1.2.8 A simplicidade contribui para a redução dos equívocos de interpretação, permitindo adequada flexibilidade e iniciativa dos escalões subordinados, favorecendo o integral atendimento à intenção do Cmt.

1.2.9 A elaboração deste MC pautou-se pelas inovações doutrinárias registradas nos novos manuais do Exército Brasileiro (EB). Nesse sentido, foram considerados como referência os seguintes manuais: Operações; A Infantaria nas Operações; A Cavalaria nas Operações; Brigadas Blindadas; Brigada de Cavalaria Mecanizada; Forças-Tarefas Blindadas; dentre outros. Além disso, consultaram-se os Quadros de Organização (QO) dos Batalhões de Infantaria Blindados (BIB), Regimentos de Carros de Combate (RCC) e Regimentos de Cavalaria Blindados (RCB).

1.2.10 Os Quadros de Cargos (QC) tomados como base para a elaboração deste trabalho foram: QC 0216.30.4, para os RCB, publicado no BARE Nr 12, de 31 DEZ 19; QC 0217.30.3, para os RCC, publicado no BARE Nr 12, de 31 DEZ 19; e QC 0750.31.2, para os BIB, publicado no BARE Nr 12, de 31 DEZ 19.

CAPÍTULO II

AS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 Entende-se como FT a composição temporária de forças, de valor unidade (U) ou subunidade (SU), sob comando único, integradas por peças de manobra de natureza e/ou tipos diferentes, formadas com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate. Pode enquadrar, também, elementos de apoio ao combate e de apoio logístico (Ap Log).

2.1.2 A FT Bld tem origem nas frações blindadas, compostas por elementos de carros de combate (CC) e elementos de fuzileiros blindados (Fuz Bld). Dependendo da missão, a FT Bld pode ser constituída com módulos adicionais de combate, apoio ao combate e Ap Log. Em qualquer caso, é organizada em torno de um núcleo de tropas de infantaria ou de cavalaria.

2.1.3 A FT Bld valor U é formada na Brigada Blindada (Bda Bld), que passa a SU Fuz Bld de um BIB ao comando de um RCC e/ou SU CC de um RCC ao comando de um BIB.

2.1.4 Na Brigada de Cavalaria Mecanizada (Bda C Mec), existe um tipo de FT Bld permanente, o RCB, que possui em sua organização os Esquadrões de Carros de Combate (Esqd CC) e os Esquadrões de Fuzileiros Blindados (Esqd Fuz Bld).

2.1.5 A composição das FT SU Bld é baseada no estudo de situação, levados em consideração os fatores da decisão, para cumprir missões táticas, multiplicando as potencialidades de seus elementos e atenuando suas limitações, à medida que combinam os CC e os Fuz Bld.

2.1.6 A FT SU Bld é uma força altamente móvel e potente, caracterizada pela ação de choque com vistas à destruição de forças oponentes, seja por meio do combate embarcado, seja por meio do combate desembarcado. Constitui força equipada e adestrada, prioritariamente, para o cumprimento de missões ofensivas e de caráter decisivo, independentemente do tipo de operação.

2.2 CONCEITO DE EMPREGO

2.2.1 Quando uma FT SU Bld possui maior número de Pelotões de Fuzileiros Blindados (Pel Fuz Bld), esta é considerada FT forte em Fuz Bld. Uma FT forte em Fuz Bld deve ter base em uma companhia (Cia) de Esqd Fuz Bld.

2.2.1.1 As FT SU Fuz Bld são mais aptas a ser empregadas onde haja a possibilidade do combate aproximado, em áreas com visibilidade restrita, com forte defesa anticarro (DAC), onde haja necessidade de limpeza da zona de ação (Z Aç) ou manutenção do terreno.

2.2.2 Quando uma FT SU Bld possui maior número de pelotão (Pel) CC, é denominada FT forte em CC. Uma FT forte em CC deve ter como base um Esqd CC.

2.2.2.1 As FT Esqd CC são mais aptas a ser empregadas em terrenos mais limpos e com poucos obstáculos, onde haja maior necessidade de ação de choque e contra forças oponentes fortes em blindados ou em contra-ataques (C Atq) e em posições sumariamente organizadas do inimigo.

2.2.3 As FT SU equilibradas são aquelas que possuem igual número de Pel CC e Pel Fuz Bld. Podem ter como base tanto o Esqd CC quanto a companhia Cia/Esqd Fuz Bld.

2.2.3.1 As FT SU equilibradas são as mais aptas a ser empregadas em situações incertas, onde haja necessidade de maior flexibilidade.

2.3 MISSÃO, CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

2.3.1 MISSÕES DAS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES

2.3.1.1 A ofensiva é a principal missão básica de uma FT SU Bld, devendo cerrar sobre o inimigo por meio do fogo, da manobra e da ação de choque para destruí-lo ou neutralizá-lo. Na defensiva (Def), destrói ou desorganiza o seu ataque (Atq) por meio do fogo, do combate aproximado ou do contra-ataque.

2.3.1.2 Para cumprir as missões impostas pelo escalão superior (Esc Sp), a FT SU Bld emprega meios de combate, de apoio ao combate e de Ap Log, dependendo da sinergia desses elementos para alcançar a eficiência desejada.

2.3.1.3 A FT SU Bld não é a tropa mais indicada, mas pode realizar, com restrições, as seguintes missões:
a) defesa em posição (Def Pos), na área de defesa avançada (ADA);
b) operações de segurança (Op Seg), sendo mais apta para atuar como reserva (Res);

c) ações contra forças irregulares; e
d) operações de cooperação e coordenação com agências (OCCA).

2.3.2 CARACTERÍSTICAS DAS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS

2.3.2.1 São características das FT SU Bld:
a) mobilidade;
b) flexibilidade;
c) potência de fogo;
d) proteção;
e) ação de choque; e
f) sistema de comando e controle amplo e flexível.

2.3.3 POSSIBILIDADES DAS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES

2.3.3.1 A FT SU Bld apresenta as seguintes possibilidades (capacidades):
a) realizar operações básicas e complementares, em terreno compatível com as suas viaturas blindadas, sob quaisquer condições de tempo e de visibilidade;
b) participar de operações singulares, conjuntas ou combinadas;
c) receber elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, ampliando sua capacidade, desde que não comprometa sua capacidade de comando e controle e de apoio logístico;
d) realizar operações que exijam alta mobilidade tática, potência de fogo, proteção blindada e ação de choque;
e) atuar (com limitações) em ambiente contaminado por agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares (QBRN);
f) dispersar-se e concentrar-se rapidamente;
g) fazer parte da reserva móvel do Esc Sp;
h) participar de contra-ataques, incursões, fintas e demonstrações;
i) estabelecer ligações de combate e participar de junção;
j) cerrar sobre o inimigo para destruí-lo, neutralizá-lo ou capturá-lo, utilizando o fogo, a manobra, o combate aproximado e a ação de choque;
k) operar sob condições de visibilidade limitadas, com o emprego de meios de visão noturna e de vigilância eletrônica;
l) conquistar e contribuir para a manutenção do terreno;
m) atuar com aumentada capacidade de sobrevivência;
n) fornecer elevado poder de fogo protegido e com alta precisão;
o) executar manobras rápidas e profundas;
p) empregar seus optrônicos para aumentar a capacidade de observação e vigilância;
q) causar impacto psicológico sobre o inimigo, derivado da sua ação de choque; e
r) conduzir e corrigir os tiros de artilharia.

2.3.3.2 Os Pel Fuz Bld podem:
a) acompanhar e proteger o deslocamento das viaturas blindadas de combate carro de combate (VBC CC), integrando o combinado CC-Fuz da tropa blindada e dotados de VBC Fuz;
b) apoiar os ataques dos CC, abrindo ou removendo obstáculos, destruindo as resistências inimigas remanescentes, neutralizando ou destruindo armas anticarro (AC), designando alvos para o CC e protegendo os CC contra o inimigo a pé;
c) conquistar e manter o terreno, realizando a limpeza das posições inimigas (Pos Ini) remanescentes;
d) atacar ou defender em locais com visibilidade e campos de tiro restritos (áreas construídas, matosas *etc*.);
e) participar de transposição de oportunidade e imediata de curso de água;
f) combater a pé;
g) destruir ou neutralizar elementos de infantaria a pé com armamento orgânico;
h) repelir ataques inimigos por meio do combate aproximado;
i) proteger obstáculos e impedir operações de abertura de brecha;
j) realizar infiltrações em Pos Ini;
k) conduzir patrulhas embarcadas ou desembarcadas e operar postos de observação (PO), durante Op Seg; e
l) empregar, de forma centralizada e com eficácia, o fogo do armamento orgânico de suas viaturas, sob a forma de base de fogos, para aumentar o poder de fogo da ação ofensiva/defensiva.

2.3.3.3 Os Pel CC podem:
a) neutralizar ou destruir as armas e os blindados inimigos pelo fogo e movimento;
b) apoiar pelo fogo a progressão dos Fuz Bld;
c) apoiar a transposição de cursos de água pelos Fuz Bld;
d) conduzir operações que requeiram poder de fogo, mobilidade, proteção blindada e ação de choque;
e) eliminar obstáculos de arame e minas, quando equipados com materiais adequados;
f) conquistar Pos Ini;
g) defender posições, repelindo o ataque inimigo pelo fogo ou contra-ataques;
h) conduzir operações de combate sob condições de pouca visibilidade; e
i) utilizar fumígenos, proporcionando segurança às operações.

2.3.4 LIMITAÇÕES DAS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES

2.3.4.1 Quanto ao inimigo:
a) vulnerabilidade aos ataques aéreos;
b) vulnerabilidade às ações de guerra eletrônica (GE) e à interferência nos sistemas de comunicações e georreferenciamento;

c) vulnerabilidade aos ataques QBRN; e
d) sensibilidade ao emprego de minas, armas AC e obstáculos artificiais.

2.3.4.2 Quanto ao terreno e às condições meteorológicas:
a) mobilidade restrita e/ou limitação do poder de fogo nos terrenos montanhosos, florestas, áreas fortificadas, áreas construídas, rios com margens taludadas e outros terrenos acidentados, arenosos, pedregosos, pantanosos e com vegetação densa;
b) necessidade de apoio da Engenharia para transposição de curso de água de grande vulto;
c) sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade; e
d) necessidade de rede rodoviária para apoio.

2.3.4.3 Quanto aos meios:
a) necessidade de volumoso Ap Log, particularmente dos suprimentos (Sup) de classes III, V e IX;
b) necessidade de apoio da Engenharia para transposição de cursos de água de grande vulto, pelos CC e VBC Fuz;
c) manutenção permanente requerida pelo material;
d) necessidade de transporte rodoviário, aéreo, marítimo ou ferroviário para suas viaturas blindadas nos deslocamentos administrativos;
e) dificuldade de manutenção do sigilo de suas operações, em virtude do ruído e da poeira decorrentes dos deslocamentos de suas viaturas;
f) mobilidade estratégica limitada, devido ao elevado peso e desgaste nos trens de rolamento de seus blindados;
g) limitação da VBC Fuz em acompanhar os CC para proteger seu deslocamento; e
h) possibilidade de elevada dependência da Engenharia, apoio de fogo e suporte aéreo, conforme estudo de situação.

2.4 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

2.4.1 CONSTITUIÇÃO DAS FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS

2.4.1.1 As FT SU Bld possuem a estrutura básica da SU na qual sua constituição está formada, acrescidas dos Pel de natureza diferente que recebem a seu comando, podendo ou não ter Pel suprimidos que passem ao comando de outras SU ou U.

2.4.1.2 As FT SU Bld possuem as seguintes estruturas organizacionais básicas:
a) comando da SU – é o comando da SU de origem;
b) seção de comando (Seç Cmdo) – oriunda da SU de origem;
c) Pel Fuz Bld – oriundo(s) da(s) Cia/Esqd Fuz Bld;

d) Pel CC – oriundo(s) do(s) Esqd CC; e
e) Pelotão de Apoio (Pel Ap) – quando se tratar de FT Fuz Bld ou FT equilibrada com base em Cia/Esqd Fuz Bld.

2.4.1.3 Após definida a composição da FT U Bld, pelo Esc Sp, cabe ao Cmt U, assessorado por seu Estado-Maior (EM), a definição da composição de suas peças de manobra, em função do estudo de situação e das missões atribuídas a cada uma das SU subordinadas.

2.4.1.4 A composição da FT SU Bld é variável em quantidade e natureza dos Pel, até o limite de 05 (cinco) por FT SU Bld.

2.4.2 ESTRUTURAS BÁSICAS DAS SUBUNIDADES BLINDADAS

2.4.2.1 A FT SU Bld pode ter como base o Esqd CC ou a Cia/Esqd Fuz Bld.

2.4.2.2 O Esqd CC é oriundo do RCC ou do RCB. Cada RCC possui 04 (quatro) Esqd CC e o RCB possui 02 (dois) Esqd CC. Cada Esqd CC possui 03 (três) Pel CC e 01 (uma) Seç Cmdo, além do Cmdo SU, conforme Fig 2-1.

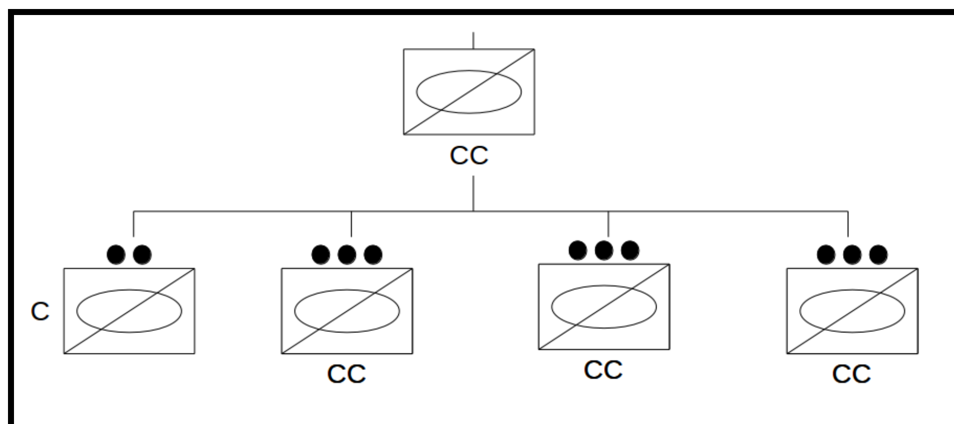


Fig 2-1 – O Esquadrão de Carros de Combate

2.4.2.3 A SU Fuz Bld é oriunda do BIB ou do RCB. O BIB possui 04 (quatro) Cia Fuz Bld e o RCB possui 02 (dois) Esqd Fuz Bld. Cada SU Fuz Bld possui 03 (três) Pel Fuz Bld, 01 (um) Pel Ap e 01 (uma) Seç Cmdo, além do Comando (Cmdo) da SU.

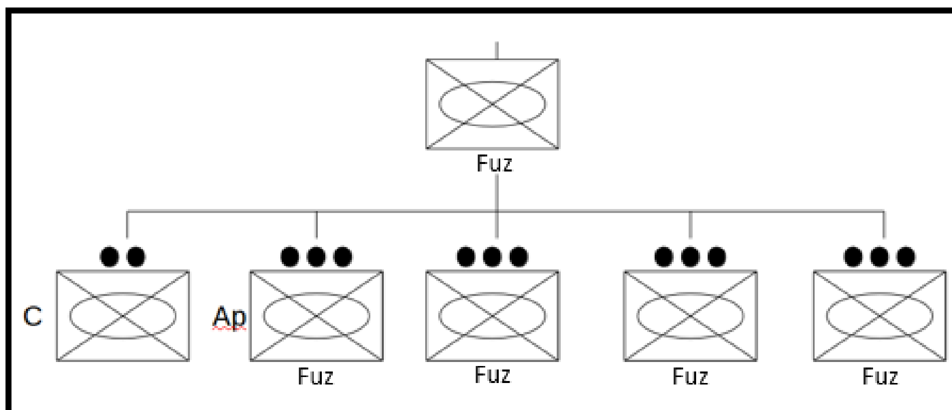


Fig 2-2 – A Subunidade de Fuzileiros Blindados

2.4.3 COMANDO DA SUBUNIDADE

2.4.3.1 O Cmdo SU é formado pelo Cmt SU e pelo Subcomandante (S Cmt) da SU. O Cmt FT SU Bld é o responsável pelo comando e controle da FT Bld, pelo seu preparo e emprego operacional.

2.4.3.2 O S Cmt SU é o substituto eventual do Cmt SU, devendo regular a manobra logística com o emprego operacional.

2.4.4 SEÇÃO DE COMANDO

2.4.4.1 A Seç Cmdo SU reúne os meios e os efetivos necessários para apoiar ao Cmdo SU em suas missões: controle dos efetivos, do material, distribuição de suprimento e de manutenção (material, armamento e viatura).

2.4.4.2 A Seç Cmdo é comandada pelo encarregado de material da SU, sendo constituída pelos seguintes elementos:
a) Grupo de Comando (Gp Cmdo), com as turmas de comando (Tu Cmdo) e a Turma de Comunicações (Tu Com); e
b) Grupo Logístico (Gp Log), com a Turma de Suprimento (Tu Sup) e a Turma de Manutenção (Tu Mnt).

2.4.4.3 A constituição da Seç Cmdo pode variar, conforme a missão recebida pela SU, de acordo com o tipo e o volume do apoio necessário, atendendo à máxima da "logística na medida certa". Por exemplo, a Seç Cmdo pode receber equipes de apoio da Subunidade de Comando e Apoio (SU C Ap), como a Turma de Evacuação (Tu Ev), Turma de Aprovisionamento (Tu Aprv) e Tu Mnt.

2.4.4.4 O pessoal e as viaturas (Vtr) da Seç Cmdo SU Fuz Bld são distribuídos conforme o quadro a seguir.

	Cmt Seç			ST Enc Mat
Seç Cmdo	**Grupo de Comando**	VBC Fuz Cmt	Vtr Cmt SU	Cb Mot Cb Rd Op Sd At
		Tu Cmdo	Vtr S Cmt SU	1º Sgt Sgte Cb Aux Sd Aux
		Tu Com		3º Sgt Com Cb Mot Sd Aux
	Grupo Logístico	Tu Sup	Reboque para água	3º Sgt Furriel Cb Aux Enc Mat Cb Aux Furriel Sd Aux Enc Mat (x4) Sd Aux Furriel (x2) Mot (x2)
		Tu Mnt	Vtr Enc Mat	3º Sgt Mec Vtr Bld Cb Aux Mec Auto (x2) Cb Aux Mec Armto L Sd Aux Mec

Quadro 2-1 – Seção de Comando da Subunidade de Fuzileiros Blindados

2.4.4.5 A Seç Cmdo Esqd CC diferencia-se por possuir um CC, com o qual o Cmt Esqd CC participa do combate. Com isso, o pessoal e as viaturas da Seç Cmdo Esqd CC são distribuídos conforme o quadro a seguir.

	Cmt Seç			ST Enc Mat
Seç Cmdo	Grupo de Comando	VBC Cmt Esqd	Vtr Cmt Esqd	Cb At Cb Mot Sd Aux
		Tu Cmdo	Vtr S Cmt SU	1º Sgt Sgte Cb Aux Cb Mot VB
		Tu Com		3º Sgt Aux Com Cb Rd Op Sd Aux
	Grupo Logístico	Tu Sup	Reboque para água	3º Sgt Furriel Cb Aux Enc Mat Cb Aux Furriel Sd Aux Enc Mat (x4) Sd Aux Furriel (x2) Mot
		Tu Mnt	Vtr Enc Mat	3º Sgt Mec Vtr Bld Cb Aux Mec Auto (x2) Cb Aux Mec Armto L Sd Aux Mec Armto P

Quadro 2-2 – Seção de Comando do Esquadrão de Carros de Combate

2.4.5 PELOTÃO DE FUZILEIROS BLINDADO

2.4.5.1 O Pel Fuz Bld é o elemento básico da Cia/Esqd Fuz Bld, sendo dividido em 03 (três) Grupos de Combate (GC), cada um com 02 (duas) Esquadras (Esq), 01 (um) Grupo de Apoio (Gp Ap) e 01 (um) Gp Cmdo.

2.4.5.2 O GC é a menor fração de emprego de Fuz Bld quando desembarcado. Em situações excepcionais, uma Esq pode receber uma tarefa a ser cumprida isoladamente.

2.4.5.3 A seção de viaturas blindadas de combate de fuzileiros (VBC Fuz) é a menor fração de emprego de Fuz Bld quando em um combate embarcado.

2.4.6 PELOTÃO DE CARROS DE COMBATE

2.4.6.1 O Pelotão de Carros de Combate (Pel CC) é o elemento básico do Esqd CC, sendo o menor elemento de emprego de CC. Em situações especiais, a Seção de Carros de Combate (Seç CC) pode ser cedida a um Pel Fuz Bld, não devendo cumprir missões isoladamente, mas integrando-o.

2.4.6.2 Um único CC não deve ser empregado isoladamente, devido à necessidade da manutenção do apoio mútuo entre dois CC.

2.4.7 PELOTÃO DE APOIO

2.4.7.1 O Pel Ap é a fração de apoio de fogo (Ap F) da SU Fuz Bld. Possui 01 (uma) Seção de Morteiro Médio (Seç Mrt Me), a 02 (duas) peças, e 01 (uma) Seção de Canhão Anticarro (Seç Can AC), a 03 (três) peças.

2.4.8 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

2.4.8.1 Generalidades

2.4.8.1.1 As FT SU refletem a flexibilidade para a composição de meios, adequando-os às variações do combate e permitindo a multiplicação das potencialidades de cada peça de manobra, por meio da integração de suas características.

2.4.8.1.2 O Cmt FT SU Bld deve empregar os meios que forem alocados para sua Cia/Esqd, de forma a buscar uma ação interarmas eficiente e sinérgica, conservando flexibilidade para, rapidamente, ajustar-se às mudanças de situação.

2.4.8.1.3 Nas FT SU Bld, os CC e os Fuz Bld são empregados, prioritariamente, em conjunto. Caso sejam empregados separadamente, devem apoiar-se mutuamente pelo fogo e pela manobra.

2.4.8.1.4 Normalmente, o Cmt FT SU Bld não desmembra seus Pel. A flexibilidade da FT reside na divisão correta das missões e das Z Aç, no emprego de cada uma das peças de manobra no local e no momento mais oportuno.

2.4.8.1.5 A coordenação das ações entre os Pel é assegurada pelas ordens do Cmt FT SU Bld e pelas ligações entre os Cmt Pel, bem como pelo entendimento pleno da intenção do Cmt.

2.4.8.2 Formação de Frações Provisórias

2.4.8.2.1 Em situações especiais, quando a situação tática e a missão exigirem, as frações dos Pel podem ser remanejadas na SU. Essa atitude ocorre, principalmente, em decorrência da descentralização das ações, do objetivo de cada fração e da intenção do Cmt.

2.4.8.2.2 A opção por reorganizar as frações somente deve ocorrer após minucioso estudo de situação do Cmt SU, que indique claramente a vantagem de tomar essa decisão. Deve-se ter em mente que as frações são adestradas e preparadas para o combate em conjunto e não separadamente.

2.4.8.2.3 Durante o estudo de situação, que leve a reorganizar temporariamente as frações, deve-se ter um cuidado especial com a capacidade de comunicação entre dois elementos de naturezas distintas, a capacidade de comando e controle, a distribuição dos homens e meios nas viaturas disponíveis, entre outros aspectos.

2.4.8.2.4 Deve-se ter em mente que essas combinações são temporárias e destinam-se a cumprir uma missão específica e por tempo reduzido.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 Comando e Controle (C^2) é uma função de combate por meio da qual as atividades da FT SU Bld são planejadas, coordenadas, sincronizadas e conduzidas para o cumprimento da missão.

3.1.2 O estabelecimento das normas gerais de ação (NGA), comunicações eficientes, organização para o combate apropriada, adequada localização do posto de comando (PC), bem como a adoção de efetivas medidas de coordenação e controle permitem ao Cmt FT SU Bld controlar e coordenar continuadamente as Op sob sua responsabilidade.

3.1.3 A sincronização das ações de combate, apoio ao combate e logística depende de um bom C^2 e do adestramento do pessoal.

3.1.4 O Cmt FT SU Bld deve posicionar-se, no campo de batalha, onde melhor possa controlar sua SU e expedir as ordens necessárias para influir no combate. Seus subordinados devem ter conhecimento da sua presença no campo de batalha. O contato pessoal e a direta ação de comando devem ser frequentes, contribuindo para o efetivo exercício da liderança sobre seus homens, atributo fundamental para o êxito no cumprimento das missões.

3.1.5 A atuação dos meios de GE sobre as comunicações no campo de batalha passou a exigir que os Cmt estejam preparados para prosseguir no combate sem ligação com o Esc Sp. O perfeito entendimento da operação e da intenção do Cmt sobre a missão possui grande relevância, permitindo que as ações dos subordinados possam ser realizadas com maior iniciativa, rapidez e menor dependência das comunicações.

3.1.6 O Cmt FT SU Bld utiliza de variados recursos para preparar a SU para o combate, expedir ordens, empregar taticamente a FT e ligar-se com o Esc Sp e com os Pel. O sucesso do processo de C^2 baseia-se no adestramento eficiente, nas comunicações precisas e oportunas, NGA de combate, técnicas de ação imediata e, principalmente, na liderança.

3.1.7 Devido às características dinâmicas do combate embarcado, o Cmt FT SU Bld conduz sua fração por meio de diversas ordens fragmentárias, expedidas ao longo do combate e de acordo com a evolução deste.

3.1.8 Para exercer o C^2 SU, o Cmt FT SU Bld tem como auxiliares: o S Cmt FT, os Cmt Pel, o encarregado de material (Enc Mat), o sargenteante (Sgte), o

mecânico de viatura blindada (Mec Vtr Bld), o auxiliar de comunicações (Aux Com) e o furriel (Fur).

3.1.9 O Cmt FT SU Bld deve, a todo o momento, possuir consciência situacional da área de operações (A Op) e confiar nas capacidades de seus subordinados, que devem compreender as intenções de seu comandante e mantê-lo constantemente informado.

3.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

3.2.1 COMANDO DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA

3.2.1.1 O Cmdo FT SU Bld é formado pelo Cmt SU, S Cmt SU e pelos Grupos integrantes da Seç Cmdo.

3.2.2 COMANDANTE DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA

3.2.2.1 O Cmt FT SU Bld exerce sua autoridade e estabelece diretrizes, missões e normas para a FT por meio da cadeia de comando.

3.2.2.2 O Cmt exerce sua ação de comando sobre todos os elementos orgânicos, em apoio e em reforço. Ele provê seus subordinados com missões, tarefas, ordens e com uma orientação clara de suas intenções.

3.2.2.3 O Cmt é o responsável por planejar, organizar, coordenar e controlar as atividades da SU, mantendo a consciência situacional própria e de seu escalão enquadrante.

3.2.2.4 Ao Cmt incumbe realizar planejamentos e tomar decisões oportunas, emitindo ordens e exercendo a supervisão e o comando. Seus deveres exigem que tenha um completo conhecimento sobre o emprego técnico e tático, bem como sobre as possibilidades e limitações de todos os elementos orgânicos, em apoio ou em reforço.

3.2.2.5 O Cmt FT SU Bld deve coordenar as atividades com as SU vizinhas e de apoio. Seus planos e ordens devem assegurar que as ações de todos os Pel contribuam efetivamente para o cumprimento da missão imposta.

3.2.2.6 O Cmt de uma FT SU Bld deve ser capaz de:
a) antecipar-se aos eventos, processar e selecionar uma grande quantidade de informações, tomar decisões e atuar de forma mais precisa e rápida do que o seu adversário;
b) visualizar a finalidade da operação e transformar essa visão em ordens concisas e claras, de forma a orientar com simplicidade as ações a realizar, formular o conceito da operação e proporcionar à tropa as condições de

concentrar o seu poder de combate no ponto decisivo, com superioridade em relação ao inimigo;
c) transmitir aos seus Cmt Pel e à sua Seç Cmdo, com clareza, a sua intenção sobre o combate e os objetivos a atingir pela tropa. Deve assegurar-se de que todos possuam perfeito entendimento das tarefas críticas do combate e de sua intenção e do Esc Sp;
d) empregar o C² SU para regular as forças e as ações no campo de batalha, garantindo que a missão seja cumprida com base em sua decisão; e
e) coordenar os fogos orgânicos e em apoio da FT, para alcançar o resultado favorável na missão a ser cumprida.

3.2.3 SUBCOMANDANTE DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA

3.2.3.1 O S Cmt é o principal assessor do Cmt FT SU Bld e o seu eventual substituto, sendo responsável pela sincronização da manobra com os apoios.

3.2.3.2 Durante o combate, normalmente, o S Cmt permanece no posto de comando principal (PCP), de onde supervisiona as operações, mantendo o Esc Sp informado da situação. Além disso, ele mantém o acompanhamento da situação dos elementos vizinhos e superiores, sincronizando o apoio ao combate e o apoio logístico com a manobra.

3.2.3.3 O S Cmt deve:
a) coordenar a realização do estudo de situação continuado;
b) verificar se as instruções da tropa estão de acordo com as diretrizes e com os planos do Cmt;
c) providenciar para que as informações solicitadas sejam remetidas em tempo oportuno; e
d) coordenar a confecção da matriz de sincronização, por ocasião da elaboração de uma ordem de operações.

3.2.4 SEÇÃO DE COMANDO

3.2.4.1 Generalidades

3.2.4.1.1 A Seç Cmdo pode ser reforçada por elementos oriundos da SU C Ap ou demais elementos designados pelo Cmdo FT U, dependendo da missão recebida, disponibilidade de meios e de pessoal.

3.2.4.2 Comandante da Seção de Comando

3.2.4.2.1 O Enc Mat é o principal responsável pela coordenação e supervisão das atividades de suprimento e manutenção.

3.2.4.2.2 O Enc Mat da SU é o Cmt Seç Cmdo e responsável pela instalação, operação, segurança e deslocamento da área de trens da subunidade (ATSU).

3.2.4.2.3 O Cmt Seç Cmdo deve:
a) propor ao Cmt FT SU Bld a localização das ATSU;
b) planejar e supervisionar o emprego das Tu Sup e Tu Mnt;
c) manter estreita e contínua coordenação com o oficial de logística do Esc Sp e com os demais oficiais responsáveis pelas operações de Ap Log; e
d) centralizar as necessidades logísticas dos Pel e coordenar a distribuição.

3.2.4.2.4 O Cmt Seç Cmdo é o responsável da SU no que tange aos suprimentos das classes II, IV, VI e X.

3.2.4.3 Grupo de Comando

3.2.4.3.1 O Gp Cmdo é composto pelo Sgte, Sargento Auxiliar de Comunicações (Sgt Aux Com) e seus auxiliares.

3.2.4.3.2 Cabe ao Sgte:
a) instalar e coordenar a operação dos pontos de concentração de feridos (PCF);
b) planejar, coordenar e sincronizar todas as atividades logísticas e administrativas referentes ao pessoal; e
c) controlar o efetivo da SU, centralizando as informações sobre as perdas e a condição de saúde dos militares, conforme informado pelos Pel.

3.2.4.3.3 O Sgte é o responsável da SU no que tange os suprimentos da classe VIII, quando não houver Tu Ev em apoio à SU.

3.2.4.3.4 Cabe ao Sgt Aux Com:
a) auxiliar no planejamento e emprego correto dos meios de comunicações a serem utilizados pela FT SU Bld;
b) manter a FT SU em contato com o Esc Sp;
c) estabelecer as comunicações com os Pel subordinados; e
d) apoiar os Pel subordinados na correta utilização das comunicações.

3.2.4.3.5 O Sgt Aux Com é o responsável da SU pelos suprimentos da classe VII.

3.2.4.4 Turma de Suprimento

3.2.4.4.1 O furriel é o chefe da Tu Sup, cabendo-lhe:
a) instalar e coordenar a operação do posto de coleta de mortos (P Col Mor) da SU;
b) instalar e operar o posto de remuniciamento; e
c) auxiliar o Enc Mat em suas atribuições e na apanha de suprimentos junto ao Esc Sp.

3.2.4.4.2 O furriel é o responsável da SU pelos suprimentos da classe V (munição), sendo também responsável pela classe I, quando a SU não contar com apoio de Tu Aprv.

3.2.4.5 Turma de Manutenção

3.2.4.5.1 A Tu Mnt é chefiada pelo sargento mecânico de viaturas blindadas (Sgt Mec Vtr Bld). Ela tem como auxiliares militares com conhecimento e material necessários para realizar a manutenção das Vtr e do armamento (Armt), tanto de origem da SU quanto os recebidos em reforço.

3.2.4.5.2 Quando a base for uma SU Fuz Bld, reforçada por Pel CC, esta deve receber, da SU de origem do CC, pessoal e material necessários para a manutenção (Mnt) das Vtr e Armt.

3.2.4.5.3 Quando a base for uma SU CC, reforçada por Pel Fuz Bld, de mesmo modo, deve receber pessoal e material para a Mnt das Vtr e dos Armt recebidos em reforço.

3.2.4.5.4 Cabe ao Sgt Mec Vtr Bld:
a) instalar e operar o posto de manutenção da SU;
b) realizar a manutenção e recuperação das Vtr e Armt da SU, de acordo com a capacidade de seu pessoal e material; e
c) decidir a respeito da evacuação ou não de material.

3.2.4.5.5 O Sgt Mec Vtr Bld é o responsável pelas classes III, V (armamento) e IX, podendo ser reforçado pelo pelotão de manutenção (Pel Mnt) da SU C Ap.

3.2.4.6 Outros Elementos

3.2.4.6.1 A Tu Cmdo pode ser acrescida de outros elementos, a depender da missão recebida e dos meios alocados, pelo Cmt FT U Bld, para a SU.

3.2.4.6.2 Poder receber uma Tu Ev, a qual deve:
a) estabelecer e operar os PCF, em coordenação como Sgte; e
b) realizar a triagem, primeiros socorros e evacuação, se necessário, dos feridos da SU.

3.2.4.6.3 Pode receber, ainda, uma Tu Aprv, a qual deve:
a) assumir as responsabilidades do Fur, referentes ao suprimento classe I; e
b) confeccionar e distribuir o suprimento classe I na SU.

3.2.4.6.4 A FT SU Bld pode receber, também, um observador avançado (OA) de artilharia, cabendo a esse militar:
a) assessorar o Cmt FT SU Bld sobre as possibilidades e limitações da artilharia e dos morteiros (fogos indiretos), alertando-o sobre os efeitos desejados, a oportunidade do pedido e o meio mais indicado para se bater

determinado alvo (análise de alvos);
b) confeccionar as listas de alvos de morteiros e de artilharia, bem como realizar a coordenação, anulando duplicações;
c) receber e coordenar os pedidos de tiro dos observadores de pelotão;
d) adquirir alvos mediante aval do Cmt FT SU e conduzir os fogos na Z Aç SU;
e) contribuir com o subsistema de inteligência;
f) solicitar a coordenação do oficial de ligação (O Lig) da unidade, quando realizar pedido de fogo próximo ou fora dos limites de sua Z Aç, antes de fazer o pedido de tiro à central de tiro (C Tir) de artilharia ou morteiro;
g) estabelecer comunicações com a C Tir de artilharia, de morteiro e com os observadores de pelotão;
h) estar em condições de atuar como guia aéreo avançado, desde que habilitado; e
i) informar ao O Lig U, quando da aproximação dos elementos mais avançados da FT SU Bld, das medidas de coordenação de Ap F.

3.3 POSTO DE COMANDO

3.3.1 GENERALIDADES

3.3.1.1 O PC é o local onde se instala o comando da FT, para planejar e conduzir as operações, devendo funcionar de forma ininterrupta. Nele são reunidos os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e controle dos elementos de combate e de apoio.

3.3.1.2 Nas FT SU Bld, a configuração do PC do Cmt FT SU Bld é limitada a uma pequena instalação (improvisada com material de estacionamento ou preparada com organização do terreno) ou, simplesmente, restrita às próprias viaturas blindadas orgânicas da seção de comando.

3.3.1.3 Nas FT SU Bld, em princípio, todas as instalações do PC devem funcionar embarcadas nas viaturas de dotação, em condições de acompanharem a evolução da situação tática.

3.3.2 LOCALIZAÇÃO

3.3.2.1 A localização do PC é determinada por uma série de fatores, listados abaixo, preservando a estrutura definida pelo Cmt. Para exercer amplamente o C^2, o Cmt utiliza-se da mobilidade do PC, possibilitando estar presente nos diversos locais da operação, por meio de veículos que garantam rapidez, agilidade e flexibilidade em toda a Z Aç do seu escalão.

3.3.2.2 Os fatores a serem observados para escolha de local do PC são: situação tática, terreno, segurança e comunicações.

3.3.2.3 Para o melhor entendimento e detalhamento dos fatores para escolha de local do PC, é importante a leitura complementar do manual de campanha (MC) As Comunicações na Força Terrestre.

3.4 TRABALHO DE COMANDO

3.4.1 O trabalho de comando é o ciclo de atividades, realizado pelos Cmt SU e escalões inferiores, que tem início com o recebimento da missão. Compreende o planejamento, a preparação da tropa, a execução e a avaliação da operação.

3.4.2 A partir do recebimento da missão, normalmente por meio de uma ordem, as atividades do trabalho de comando, que compreendem todo o ciclo das operações no escalão SU e inferiores, seguem a sequência POREMDEFA, a seguir apresentada:
a) providências iniciais;
b) observação e planejamento do reconhecimento;
c) reconhecimento;
d) estudo detalhado da missão;
e) montagem das linhas de ação e jogo de guerra;
f) decisão;
g) emissão da ordem de operações;
h) fiscalização; e
i) avaliação contínua.

3.4.3 Todas as informações pertinentes ao trabalho de comando podem ser encontradas no manual de ensino Trabalho de Comando, sendo relevante tal leitura complementar para o pleno entendimento do assunto.

3.5 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.5.1 LIGAÇÕES

3.5.1.1 Ligações são as relações e contatos estabelecidos por meios diversos, pelo Cmdo FT, de modo a coordenar esforços, com vistas ao êxito das operações.

3.5.1.2 Em cada situação tática, o Cmt FT avalia e determina as ligações necessárias, as quais são estabelecidas, principalmente, por meio de contatos pessoais e pelo emprego de meios de comunicações.

3.5.1.3 A FT é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das comunicações com suas tropas orgânicas, em reforço e controle operacional.

3.5.1.4 As comunicações com as tropas vizinhas são estabelecidas e mantidas, conforme determinado pelo Esc Sp aos quais são subordinadas.

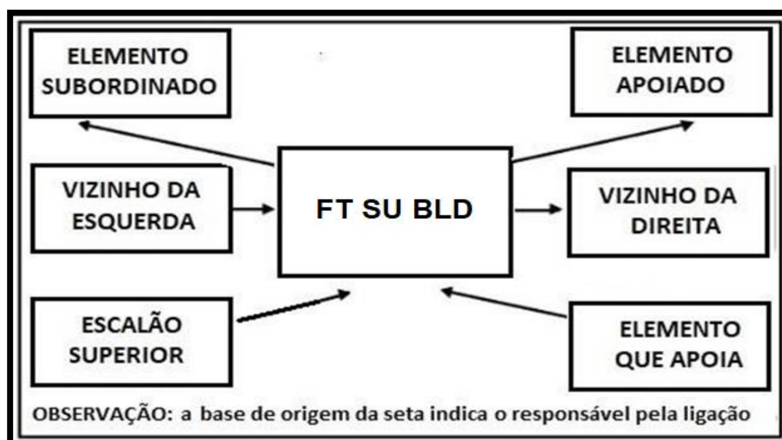


Fig 3-1 – Ligações

3.5.2 COMUNICAÇÕES

3.5.2.1 As características do combate moderno exigem um sistema de comunicações confiável, de grande capacidade de tráfego, muito flexível, permitindo imediata transmissão de mensagens.

3.5.2.2 O sistema de comunicações da FT deve ser estabelecido segundo rígida norma de segurança, tendo em vista a maior proximidade com o inimigo. Todos os militares da FT devem ter a noção exata de que, com o advento da GE, não basta negar ao inimigo o conteúdo das mensagens, é preciso também ocultar a sua própria transmissão.

3.5.2.3 Todas as ordens e diretrizes do Esc Sp sobre a instalação e exploração dos meios de comunicações, bem como as prescrições a serem observadas nas operações em curso, devem constar nas instruções para a exploração das comunicações e eletrônica (IE Com Elt) e no parágrafo 5º "Comando e Comunicações" da ordem de operações da FT.

3.5.2.4 O Cmt é o responsável pelo funcionamento do sistema de comunicações da FT SU Bld. Incumbe-lhe, também, zelar para que as frações da SU disponham de meios de comunicações adequados para fazer face às necessidades das operações.

3.5.2.5 Cabe ao Sgt Aux Com FT SU, com apoio do Pelotão de Comunicações (Pel Com), da SU C Ap, assessorar o Cmt FU SU Bld quanto às comunicações. O Sgt tem, ainda, a missão de instalar, explorar e manter o sistema de comunicações da FT SU Bld, assegurando as ligações necessárias ao comando.

3.5.2.6 As ligações podem ser estabelecidas pelos seguintes meios de comunicações:
a) meio rádio – a definição das prescrições e redes rádios consta na ordem de operações da FT. Devem ser adotadas medidas de proteção eletrônica na exploração desse meio, com a finalidade de dificultar ou impedir que o inimigo tenha acesso às comunicações da FT;
b) mensageiros – é o meio mais seguro, utilizado sempre que necessário ou quando os demais meios não forem eficazes. Todos os integrantes recebem instruções de mensageiro e podem ser empregados como tal; e
c) acústicos, visuais e diversos – utilizados conforme previsão em ordens e instruções. Incluem pirotécnicos, sinais para desencadeamento de fogo, sinalização de cumprimento de missão, designação de alvos, sinalização para aeronaves, identificação mútua para operação de junção *etc*.

3.5.2.7 A fim de manter o sigilo das Op, quando a FT estiver realizando uma operação defensiva, ocupando zona de reunião (Z Reu) ou PO, deve-se priorizar o emprego dos meios físicos e mensageiros.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTO E MANOBRA NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 As operações ofensivas (Op Ofs) são operações terrestres agressivas, onde predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. Obtido sucesso, passa-se ao aproveitamento do êxito ou à perseguição.

4.1.2 As FT SU Bld, por sua organização, equipamento e adestramento, são particularmente aptas a integrarem ações ofensivas, cuja predominância seja o combate embarcado. Durante a execução do combate ofensivo, as FT SU Bld devem explorar ao máximo suas características de mobilidade, proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e flexibilidade.

4.1.3 O êxito da ação ofensiva exige a iniciativa na condução das operações. A iniciativa é mantida através de ações rápidas e agressivas, da exploração dos pontos fracos no dispositivo inimigo e da execução de planejamentos alternativos, que permitam enfrentar, com oportunidade, as mais diversas situações oriundas da evolução da situação.

4.1.4 A FT SU Bld realiza seus preparativos de combate na Z Reu. Nesse local, a tropa reagrupa-se ou prepara-se para futuras operações. Nela são realizadas atividades de manutenção de Vtr, material e equipamentos, recebimento de missões, ressuprimentos, descanso da tropa, ensaios (sincronização e manobra) e emissões de ordens.

4.1.5 A FT SU Bld pode ocupar uma Z Reu isoladamente ou enquadrada na FT U Bld. O Cmt FT SU Bld pode designar para cada pelotão um setor de tiro dentro do qual os pelotões dispõem seus componentes, de forma a atender aos princípios de segurança, preparativos para o combate e descanso da tropa.

4.1.6 A área de uma Z Reu nível FT SU Bld é de aproximadamente 0,6 Km².

4.1.7 As frações devem ocupar as posições, de forma a prover segurança de 360° da Z Reu. Sendo que as viaturas blindadas devem ser posicionadas de forma a bater por fogos as principais vias de acesso. Já os fuzileiros devem executar a proteção aproximada das VB. As demais frações desdobram seus meios da maneira a ocupar todo o perímetro da Z Reu, ficando as peças de apoio centralizadas, facilitando a coordenação em caso de emprego dos morteiros.

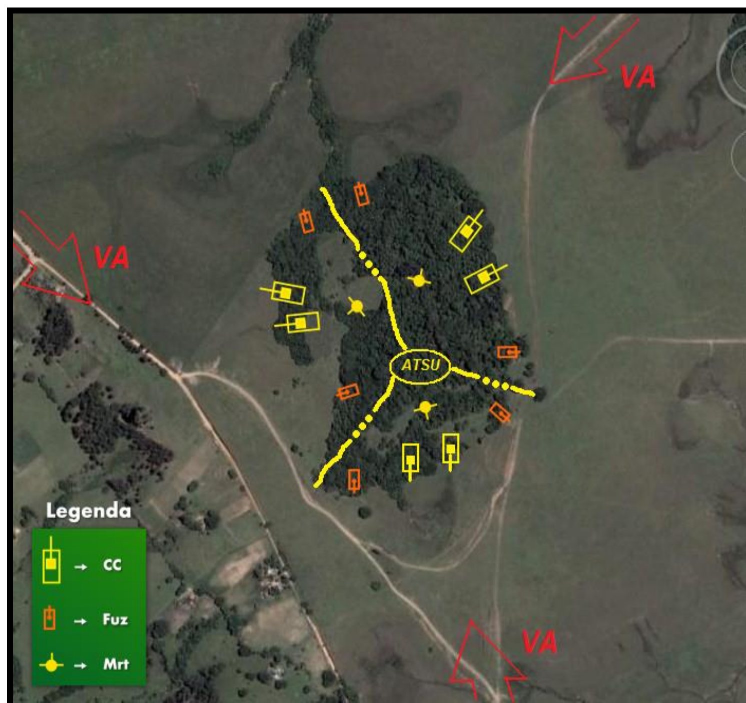


Fig 4-1 – Zona de Reunião nível Força-Tarefa Subunidade Blindada

4.2 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.2.1 As FT SU Bld participam dos seguintes tipos de Op Ofs:
a) marcha para o combate (M Cmb);
b) reconhecimento em força (Rec F);
c) ataque (Atq);
d) aproveitamento do êxito (Apvt Exi); e
e) perseguição (Prsg).

4.3 MARCHA PARA O COMBATE

4.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.3.1.1 A M Cmb é um movimento tático na direção do inimigo com a finalidade de obter ou restabelecer o contato e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras. Deve ser executada agressivamente, para garantir a posse de determinadas regiões, antes que o inimigo possa reagir, facilitando o desenvolvimento das ações futuras.

4.3.1.2 As principais características da M Cmb são a incerteza do desenrolar da operação, a evolução de ações descentralizadas para centralizadas e a mudança rápida da extensão e da profundidade do dispositivo.

4.3.1.3 Durante o planejamento e execução, as seguintes premissas devem ser observadas:
a) foco dos esforços em localizar o inimigo;
b) realizar contato inicial com uma força pequena, móvel e independente, para evitar o engajamento decisivo do grosso da tropa em terreno escolhido pelo inimigo, o que proporciona o máximo de flexibilidade para o Comandante;
c) organizar as forças por tarefas e usar formações de combate para mover-se e atacar agressivamente em todas as direções;
d) manter as tropas subordinadas dentro da distância máxima de apoio para facilitar uma ação flexível; e
e) manter o contato com o inimigo, independentemente do desenrolar das ações.

4.3.1.4 Quanto à segurança, a marcha é coberta quando, entre o inimigo e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança. A marcha é descoberta quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada for insuficiente.

4.3.2 DISPOSITIVO E FORMAÇÃO

4.3.2.1 O dispositivo e a formação da tropa que realiza uma M Cmb são estabelecidos em função das necessidades de velocidade, controle e segurança. Podem variar ao longo do curso de sua execução, em função da possibilidade de contato com o inimigo.

CONTATO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
REMOTO	COLUNA DE MARCHA	- Prevalecem medidas administrativas. - Podem se Dslc por vários meios e por diferentes itinerários. - Vel e conforto da tropa semelhante à de uma Marcha Administrativa.
POUCO PROVÁVEL	COLUNA TÁTICA	- Fase intermediária. - Equilíbrio das Mdd Adm e táticas. - Organização Tática, dada à sua formação. - Manutenção da rapidez e segurança.
IMINENTE	MARCHA DE APROXIMAÇÃO	- Prevalecem as Medidas Táticas. - Elementos agrupados taticamente e desdobrados.

Quadro 4-1 – Possibilidade de contato inimigo e formação de uma marcha para o combate

4.3.2.2 Quando o contato é remoto, o movimento é feito em coluna de marcha. Nessa formação, prevalecem as medidas administrativas, que visam a facilitar e a acelerar o movimento, em detrimento de medidas táticas, que visam à segurança e à manobra. Preferencialmente, realiza-se o movimento apoiado em estradas ou rodovias. As FT SU Bld podem receber itinerários distintos para os seus deslocamentos e não necessitam estar agrupadas taticamente. A integridade tática é sacrificada em benefício da velocidade, das exigências logísticas e do conforto da tropa, à semelhança de uma marcha administrativa.

4.3.2.3 Quando o contato é pouco provável, o movimento é feito em coluna tática, acarretando um equilíbrio entre as medidas administrativas e as táticas. As FT SU Bld marcham reunidas taticamente, sem se desdobrar, o que facilita a rápida adoção de dispositivo de combate. A adoção dessa formação inicia-se na linha da pior hipótese (LPH) e encerra-se quando as forças atingem a linha de provável encontro (LPE).

4.3.2.4 Quando o contato é iminente, prevalecem as medidas táticas e o movimento é feito em marcha de aproximação, situação em que os elementos são agrupados taticamente e desdobrados.

4.3.3 ARTICULAÇÃO

4.3.3.1 Normalmente, a FT SU Bld compreende uma FT U Bld que executa uma M Cmb integrando o grupamento principal (grosso) dessas forças ou compondo as suas forças de proteção (F Ptç), sendo vanguarda (Vgd), flancoguarda (Fg) e retaguarda (Rtgd).

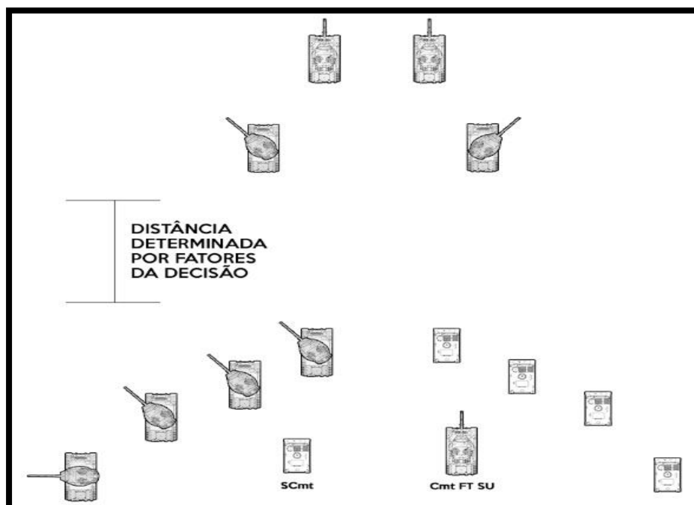


Fig 4-2 – Exemplo de organização de uma Força-Tarefa Subunidade Blindada na Marcha para o Combate

4.3.3.2 A articulação entre o grosso e as F Ptç, no nível U, visa a proporcionar:
a) o avanço rápido e ininterrupto;
b) a segurança adequada em todas as direções e as melhores condições para esclarecer a situação o mais cedo possível; e
c) a preservação do poder de combate, em condições de pronto emprego.

4.3.3.3 O grosso compreende a maioria do poder de combate da força, devendo ser preservado para o emprego no momento e no local decisivos, segundo o planejamento do Cmt. As peças de manobra do grosso são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, de acordo com a possibilidade de contato com o inimigo visualizado.

4.3.3.4 As FT SU Bld, integrando o grosso, sempre que possível, deslocam-se ininterruptamente. Entretanto, no caso de uma forte resistência inimiga, ou quando for necessário realizar grandes altos, seu deslocamento ocorre ocupando sucessivos objetivos de marcha ou regiões de destino (R Dstn) planejadas.

4.3.3.5 Durante o movimento, tanto as FT SU Bld, integrantes das F Ptç, quanto as integrantes do grosso, eventualmente, podem participar de combates de encontro, situação em que não estão completamente desdobradas e engajam-se através de seus primeiros elementos com uma força inimiga, parada ou em movimento, sobre a qual dispõe de poucas informações. Em tais situações, as ordens breves e as ações rápidas e agressivas tornam-se imprescindíveis para conquistar e manter a iniciativa.

4.3.4 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE PARA A MARCHA PARA O COMBATE

4.3.4.1 A operação, normalmente, inicia na linha de partida (LP), no horário previsto na ordem de operações do Esc Sp. Os eixos de progressão (E Prog) balizam os itinerários a serem utilizados pelas FT SU Bld, que têm seus movimentos controlados pelo estabelecimento de linha de controle (L Ct), ponto de controle (P Ct) e pontos de ligação (P Lig), de acordo com o necessário. A profundidade pode ser controlada por uma linha limite de progressão (LLP). Podem, ainda, ser designados objetivos de marcha, sem deixar de observar que a tarefa principal deve ser o estabelecimento do contato com o inimigo.
a) LPE – é uma linha nítida no terreno, na qual o estudo do inimigo aponta que deva ser estabelecido o contato com o mesmo.
b) LPH – é uma linha nítida no terreno, a partir da qual o estudo do inimigo aponta que há alguma possibilidade de contato, sendo referência para mudança nas táticas, técnicas e procedimentos (TTP) da FT, visando ao confronto iminente.
c) R Dstn – são regiões para onde se desloca o grosso da tropa que realiza a M Cmb. Normalmente, são localizadas ao longo dos E Prog. Devem oferecer cobertas, abrigos e espaço suficiente para a dispersão de Vtr, pessoal e

instalações. Devem permitir rocadas de meios de apoio para outros eixos penetrantes.
d) E Prog – indicam a direção geral de deslocamento na qual o elemento subordinado deve, em princípio, fazer marchar a maior parte de seus meios. Pode, desde que informe ao escalão superior, dela se afastar quando a situação o exigir.
e) Objetivos da marcha – são acidentes do terreno para os quais é dirigida a marcha de um elemento. Ao atingir o objetivo marcado, o Cmt informa ao Esc Sp e só prossegue mediante ordem (Mdt O). Podem ser definidos como objetivos de marcha os seguintes locais: regiões que propiciam segurança ao movimento; que caracterizam o fim da etapa de marcha; que são favoráveis ao desenvolvimento de Op Ofs ou Def futuras; que são favoráveis à centralização das ações; ou que caracterizam o cumprimento da missão.
f) Limites – não é normal a marcação de limites. Só devem ser previstos quando os E Prog se aproximarem e nas regiões dos objetivos de marcha, para definir áreas de responsabilidade e coordenar a execução de fogos.
g) Hora de início – é o horário em que o elemento de 1º escalão transpõe a L Ct para iniciar o movimento.

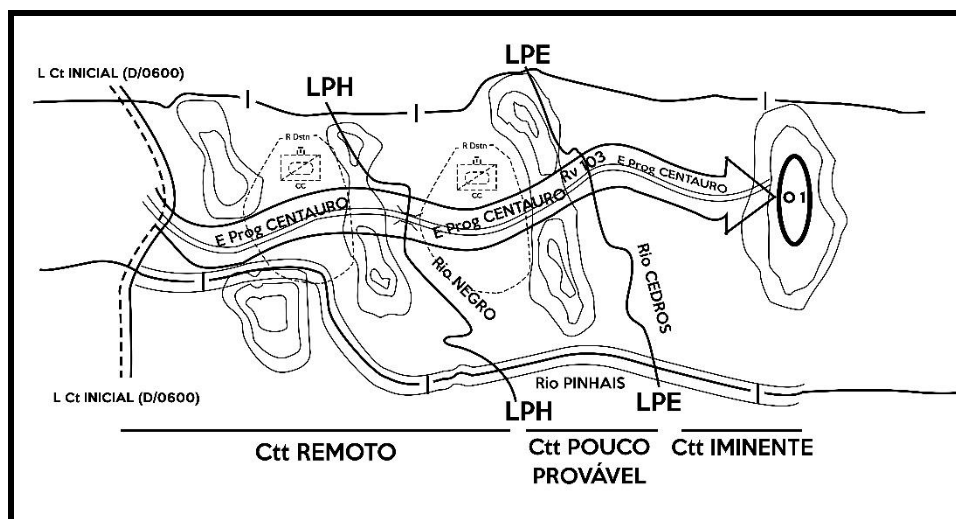


Fig 4-3 – Esquema de Manobra de uma Marcha para o Combate

4.3.5 CONDUTA DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA NA MARCHA PARA O COMBATE

4.3.5.1 As FT SU Bld empregadas como F Ptç devem esclarecer prontamente as situações surgidas em suas zonas de responsabilidade. Dentro das suas possibilidades, as FT SU Bld destroem as forças inimigas que possam interferir no movimento do grosso e retardam as forças superiores.

4.3.5.2 As FT SU Bld que integram o grosso da tropa são desdobradas e empregadas à medida que se torne necessário, de forma a manter a impulsão do movimento. Todos os esforços são feitos para manter o inimigo desarticulado e impedir que pequenos elementos possam estabelecer uma defesa eficiente.

4.3.5.3 Informações detalhadas sobre as missões, a organização e a atuação das forças de segurança (F Seg) são apresentadas no capítulo VII do presente MC.

4.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

4.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.4.1.1 O Rec F é uma operação típica de unidades blindadas, de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o valor, a composição e o dispositivo do inimigo ou para obter outras informações. Seu objetivo principal é o de esclarecer a situação, podendo ser conduzida no quadro de uma operação ofensiva ou defensiva.

4.4.1.2 As FT SU Bld participam de Rec F planejado e conduzido pelo Esc Sp. O Rec F pode ser realizado por meio de um ataque com objetivo limitado ou de uma incursão. A profundidade das ações de Rec F depende dos elementos essenciais de inteligência (EEI) a serem levantados.

4.4.1.3 As FT SU Bld fortes em CC são mais aptas a participar de Rec F conduzidos por meio de incursões. Já as FT SU Bld equilibradas e fortes e FT Fuz Bld são mais aptas a participar de Rec F como um ataque com objetivo limitado.

4.4.2 EXECUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA

4.4.2.1 Rec F como um Ataque com Objetivo Limitado

4.4.2.1.1 Nesse caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente sobre determinada área, a respeito da qual o Cmdo Esc Sp deseja informações rápidas e precisas. Pode, ainda, traduzir-se numa série de ataques que não passem de sondagens agressivas, desencadeados ao longo de toda a frente ou de grande parte desta.

4.4.2.1.2 O Cmt FT SU Bld planeja e conduz o Rec F como um ataque. Durante a execução da operação, deve conservar-se atento para evitar que a FT venha a se tornar decisivamente engajada. Deve, também, manter-se em condições de explorar o êxito da ação, aproveitando prontamente qualquer oportunidade, em face de vulnerabilidade inimiga que descubra, ou mantendo o terreno conquistado.

4.4.2.1.3 Após completar a operação de Rec F, a FT SU Bld pode permanecer em contato, explorar êxito alcançado, apoiar ultrapassagem ou retrair.

4.4.2.1.4 A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do Rec F. A finalidade principal deve ser a máxima obtenção de informes sobre o inimigo.

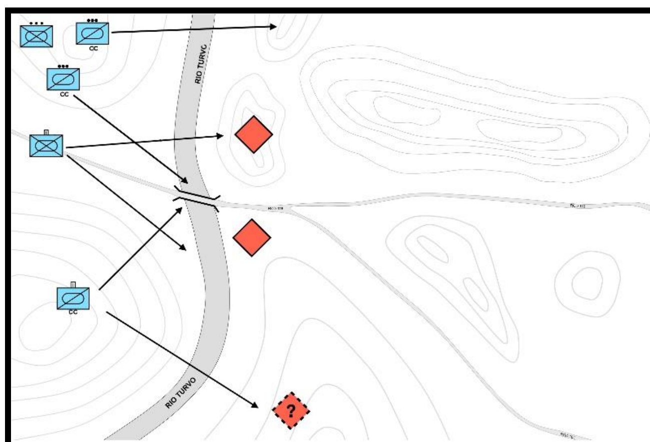


Fig 4-4 – Força-Tarefa Subunidade Blindada no Reconhecimento em Força com objetivo limitado

4.4.2.2 Rec F como uma Incursão

4.4.2.2.1 Ao contrário da forma anterior, esta é uma ação desencadeada contra a Pos Ini, sem a ideia de conquistar e manter o terreno. Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para identificar os EEI. Por exemplo, forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas, seus planos de fogos *etc*. Após essa ação, segue-se um rápido retraimento às linhas amigas.

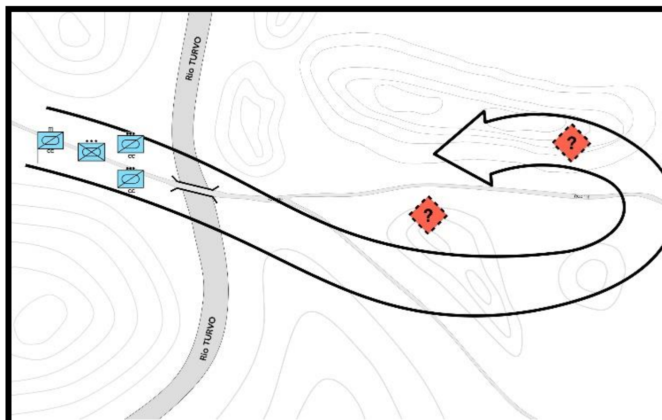


Fig 4-5 – Força-Tarefa Subunidade Blindada no Reconhecimento em Força como uma incursão

4.4.2.2.2 O Cmt FT SU Bld planeja e conduz o Rec F como um ataque de varredura (incursão). Durante a execução da operação, o Cmt deve conservar-se atento para evitar que a FT venha a se tornar decisivamente engajada. Deve estabelecer, em detalhes, as medidas de desaferramento e de retorno às linhas amigas.

4.5 ATAQUE

4.5.1 GENERALIDADES

4.5.1.1 O Atq é uma operação que tem como finalidade destruir ou neutralizar o inimigo, podendo ser executado para conquistar áreas ou pontos importantes do terreno. É classicado em dois tipos: de oportunidade e coordenado. A diferença entre os tipos de ataque reside no tempo de planejamento, na coordenação e preparação antes da execução.

4.5.2 ATAQUE DE OPORTUNIDADE

4.5.2.1 Generalidades

4.5.2.1.1 O ataque de oportunidade (Atq Oport) ocorre quando é estabelecido o contato com o inimigo de forma furtuita e este é constituído de uma força inferior aos meios de combate amigos, possibilitando, assim, uma manobra imediata para sua neutralização. Caracteriza-se pela imediata expedição de ordens fragmentárias, privilegiando os princípios de guerra da ofensiva, surpresa e manobra.

4.5.2.1.2 O Atq Oport busca, em princípio, a execução de manobras desbordantes, associadas à fixação do inimigo, sendo rotineiramente realizado pelas FT SU Bld para conquistar, ou manter a iniciativa, ou para sustentar o ritmo das operações.

4.5.2.1.3 São características de um Atq Oport:
a) emprego simultâneo de todas as peças de manobra, como um todo e não de forma parcelada;
b) prazo reduzido para planejamentos e reconhecimentos;
c) execução agressiva e rápida do ataque, sem dar tempo ao inimigo de reorganizar-se ou rocar meios;
d) necessidade de abrir caminho para o prosseguimento da missão inicial, o mais rápido possível;
e) expedição de missões pela finalidade e ordens fragmentárias; e
f) inimigo fraco, sobre o qual se dispõe de suficientes informações para realizar o ataque.

4.5.2.1.4 No contexto de um Atq Oport, a FT SU Bld pode compor o escalão de assalto, a base de fogos ou a reserva. Em função da situação tática e do

estudo de situação, realizado pelo Cmdo FT U Bld, pode não ser atribuída a missão de reserva, ao menos inicialmente, a nenhuma das peças de manobra.

4.5.2.1.5 Existem duas categorias de Atq Oport, dependendo da situação da força inimiga:
a) ataque contra uma força inimiga em movimento; e
b) ataque contra uma força inimiga estacionária.

4.5.2.2 Execução

4.5.2.2.1 Em um Atq Oport, as FT Bld buscam conduzir a seguinte sequência de ações:
a) reconhecer e determinar a localização, a composição, o valor, o dispositivo e a orientação da força inimiga;
b) avaliar se a força inimiga a ser atacada está apoiada por forças próximas;
c) encontrar uma via de acesso coberta, que incida no flanco do inimigo e possibilite o deslocamento em velocidade;
d) deslocar elementos CC para posição dominante e atacar o inimigo pelo fogo;
e) por meio do OA, solicitar apoio de uma base de fogos do pelotão de morteiro pesado (Pel Mrt P) e/ou da seção de mísseis anticarro (Seç MAC - dos Pel AC nas FT BIB) e coordenar os fogos dos Pel Ap SU Fuz Bld, para destruir ou anular todas as AC e de tiro indireto do inimigo, antes de iniciar a progressão;
f) isolar a força inimiga que será atacada de outras forças que possam apoiá-la, empregando fogo indireto (munição fumígena ou alto explosiva) ou a manobra;
g) atacar o inimigo pelo fogo ou pelo fogo e movimento; e
h) imediatamente após o êxito do ataque, estabelecer posições de bloqueio e vigilância sobre as vias de acesso (VA) que conduzam à posição conquistada.

4.5.2.2.2 A decisão para conduzir um Atq Oport, normalmente, é tomada após o reconhecimento mostrar que a vitória depende de um ataque rápido, com um mínimo de planejamento e preparação.

4.5.2.2.3 As táticas para a condução do ataque devem observar três premissas comuns:
a) conhecimento ou suspeita de que as armas AC inimigas estão anuladas ou destruídas pelo fogo direto e/ou indireto, antes do escalão de ataque ser empregado;
b) o inimigo deve ser forçado a combater em duas direções; e
c) a perda da capacidade de reação por parte das forças inimigas.

4.5.2.2.4 Os trens da subunidade, com os elementos de suprimento e manutenção de viatura, cerram à frente, para prestar apoio mais cerrado ao ataque.

4.5.2.3 Fogos em Apoio ao Ataque de Oportunidade

4.5.2.3.1 Na execução do Atq Oport, a FT SU Bld deve combinar fogos diretos e indiretos. Para isso, todos os militares devem estar em condições de atuar como OA. Os fogos indiretos devem integrar os planos de manobra.

4.5.2.3.2 É importante que os fogos indiretos sejam controlados, a fim de se evitar fratricídio. O Cmt SU deve coordenar juntamente com o OA de artilharia (Art):
a) qual será a NGA para o desencadeamento dos fogos indiretos; e
b) as medidas de coordenação do apoio de fogo (MCAF) recebidas do Esc Sp ou solicitar coordenação com o O Lig U, se for o caso.

4.5.2.3.3 O Cmt SU deve solicitar o apoio dos fogos indiretos por meio do OA Art para:
a) bater pelo fogo a Pos Ini enquanto os elementos em contato esclarecem a situação;
b) ocultar das vistas do inimigo a preparação para o ataque e, se possível, durante a condução do ataque de oportunidade (com o uso de fumígenos);
c) isolar as forças inimigas em contato, pelo emprego de munição alto explosiva e fumígena entre as suas posições e qualquer outra posição de onde forças inimigas possam apoiá-las; e
d) alongar os fogos indiretos além do objetivo para bloquear os itinerários de retirada do inimigo.

4.5.2.4 Ataque Contra uma Força em Movimento

4.5.2.4.1 Quando duas forças oponentes se deslocam de modo convergente, o lado que vence é, normalmente, aquele que manobra rapidamente e ocupa posições vantajosas para atacar o flanco do inimigo.

4.5.2.4.2 Planejamentos para enfrentar situações de contingência e técnicas de ação imediata (TAI) durante o contato facilitam a realização de ataques de oportunidade pelas FT SU Bld.

4.5.2.4.3 Enquadrado em uma manobra do Esc Sp, a Vgd FT U Bld ataca ou adota uma postura defensiva, dependendo do valor e do dispositivo do inimigo.

4.5.2.4.4 O ataque, normalmente, é liderado pelas FT SU CC. As FT SU Fuz Bld, normalmente, fixam o inimigo ou acompanham o ataque dos CC.

4.5.2.4.5 Fumígenos podem ser utilizados para cobrir e mascarar o avanço da FT. O apoio de fogo auxilia no rompimento do dispositivo inimigo.

4.5.2.5 Ataque Contra uma Força Estacionária

4.5.2.5.1 Um ataque de oportunidade contra uma força estacionária é iniciado após as tropas em contato realizarem o reconhecimento da força inimiga para delimitar seus flancos e encontrar falhas no seu dispositivo que possam ser exploradas pela FT. A busca de informações deve ser feita com rapidez para que a FT não perca a iniciativa.

4.5.2.5.2 O assalto é realizado, sempre que possível, embarcado. Em função do terreno ou da situação tática, um ataque embarcado pode não ter condições de sucesso ou ser impraticável. Nesse caso, um assalto desembarcado dos Fuz Bld é realizado para destruir o inimigo. Os CC e as demais viaturas blindadas apoiam pelo fogo, deslocando-se para o objetivo quando os fuzileiros iniciarem a sua consolidação.

4.5.2.5.3 Em ambos os casos, o estudo dos fatores da decisão dá ao Cmt as respostas que melhor atendam à situação apresentada, sendo que o fator tempo é determinante para o planejamento e execução do ataque de oportunidade.

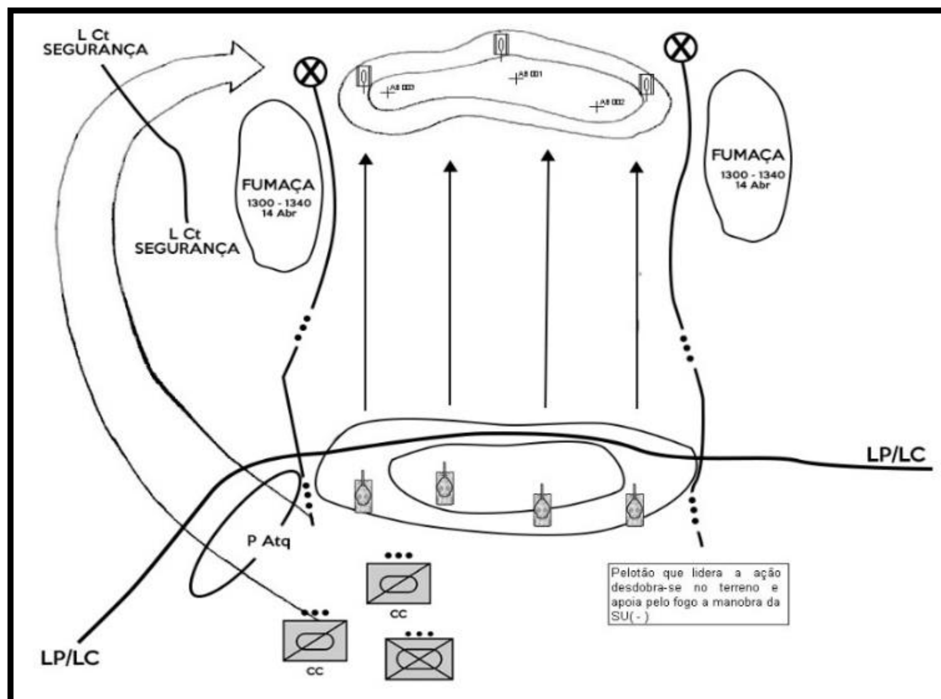


Fig 4-6 – Esquema de manobra de um Ataque de Oportunidade

4.5.3 ATAQUE COORDENADO

4.5.3.1 Generalidades

4.5.3.1.1 No contexto de um ataque coordenado (Atq Coor), a FT U Bld normalmente constitui três grupamentos de forças: base de fogos, escalão de ataque e reserva.

4.5.3.1.2 A FT SU Bld, compondo o escalão de ataque, tem a missão de cerrar sobre o inimigo, para destruí-lo ou capturá-lo, o mais rápido e diretamente possível, de forma a aproveitar os efeitos da atuação da base de fogos.

4.5.3.2 Planejamento

4.5.3.2.1 Após o recebimento de uma ordem de ataque, o Cmt FT SU Bld inicia imediatamente o estudo de situação, tendo em vista o planejamento para o ataque.

4.5.3.2.2 Os reconhecimentos no terreno devem ser coordenados com o Esc Sp, sendo que os seguintes aspectos devem ser observados: horários, locais, itinerários, número de participantes, transportes, medidas de segurança e ligações.

4.5.3.2.3 A ordem de operações traduz a decisão pormenorizada do comandante para efetivar a operação planejada. Integram a ordem de operações, o calco de operações (no nível FT SU Bld, normalmente traduz-se no esquema de manobra) e outros documentos que se façam necessários quanto às informações, à segurança, às demais medidas de coordenação e controle, ao apoio logístico e às comunicações.

4.5.3.2.4 O esquema de manobra deve ser simples e permitir uma visualização clara de como foi planejado o emprego da FT SU Bld, incluindo seu dispositivo, organização para o combate e a localização e previsão do movimento das suas peças de manobra até os objetivos a serem conquistados. Um esquema de manobra, normalmente, inclui as seguintes medidas de coordenação e controle: objetivos, zona de ação (definida por limites), linha de partida, hora de ataque e outras necessárias.

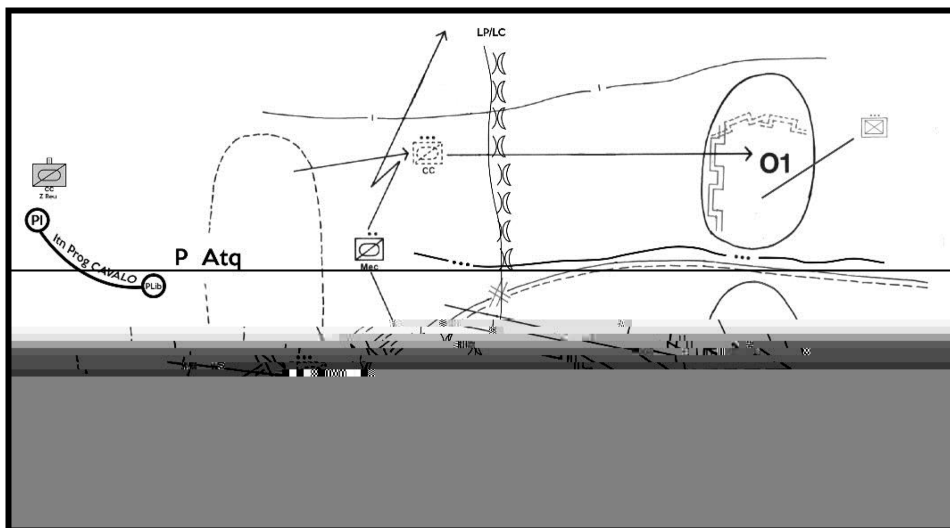


Fig 4-7 – Esquema de manobra de um Ataque Coordenado

4.5.3.3 Seleção de Objetivos

4.5.3.3.1 O objetivo de uma FT SU Bld é, normalmente, uma força blindada ou mecanizada do inimigo. Pode receber, também, como objetivo, posições defensivas de uma força de infantaria inimiga, regiões capitais do terreno, instalações de comando e controle e instalações logísticas do inimigo. A missão da FT SU Bld pode incluir a conquista de um ou mais objetivos.

4.5.3.3.2 Uma área identificada como objetivo de uma FT SU Bld pode ser designada para conquistar e/ou controlar. Para isso, não é necessário que ela seja totalmente ocupada. Tratando-se de uma área muito extensa, a FT SU Bld, frequentemente, conquista apenas os acidentes dominantes em seu interior, controlando o terreno pela observação e pelo fogo.

4.5.3.3.3 Para o cumprimento da missão, a FT emprega seus Pel. Os objetivos designados para os Pel, em seu conjunto, devem coincidir com o objetivo da FT SU Bld, sendo claramente definidos.

4.5.3.3.4 Um objetivo de Pel deve ter as seguintes características:
a) ser facilmente identificável;
b) contribuir de modo marcante para o cumprimento da missão da FT SU Bld, inclusive facilitando as operações futuras; e
c) ser possível sua conquista pelo Pel, dentro das limitações de tempo e espaço impostas.

4.5.3.4 Execução do Ataque

4.5.3.4.1 Da zona de reunião à linha de partida:
a) antes do ataque, as unidades ocupam Z Reu dispersas à retaguarda da linha de partida. O deslocamento para a LP é planejado de tal forma que os elementos do escalão de ataque a ultrapassem na hora determinada e em movimento contínuo. As paradas nas posições de ataque, se necessárias, se limitam ao tempo indispensável para a adoção das formações de ataque; e
b) o movimento da posição de ataque (P Atq) para a LP deve ser protegido por uma preparação de fogos indiretos.

4.5.3.4.2 Da linha de partida ao objetivo:
a) o escalão de ataque, sempre que possível, desloca-se em massa da LP para o objetivo. Massa significa uma formação sem fragmentação, embora mantendo a dispersão apropriada da força e seus componentes;
b) o escalão de ataque deve cerrar sobre o objetivo no menor tempo possível. O movimento é realizado por itinerários que proporcionem cobertas e abrigos;
c) o escalão de ataque submete o inimigo ao máximo de fogos, tão logo este fique dentro do alcance eficaz de suas armas. Os CC procuram destruir os alvos de maior importância tática do inimigo à maior distância possível. O objetivo principal dos CC durante um ataque é a destruição dos CC e das Vtr Bld inimigas. Os CC podem dirigir seus fogos, também, sobre posições de armas anticarro e de outras armas coletivas, a fim de facilitar a progressão da FT. Os fogos dos CC são reforçados por todas as armas de apoio disponíveis, impedindo o movimento e a observação do inimigo e destruindo suas defesas. O máximo de emprego de fumígenos deve ser realizado nesta fase do ataque para apoiar a manobra das FT SU Bld;
d) as VBC Fuz acompanham os CC a uma distância que permita o apoio dos Fuz aos CC, quando necessário. O armamento orgânico das VBC Fuz deve ser utilizado durante o ataque, em reforço aos fogos dos CC, procurando bater viaturas dotadas de blindagem leve ou não blindadas, equipes de armas anticarro, outras armas coletivas e a infantaria inimiga desdobrada no terreno. Durante o ataque, os Fuz devem manter-se escotilhados e sem fazer uso de seus armamentos individuais;
e) o comandante da FT SU Bld controla o apoio de fogo e o deslocamento de seus elementos de manobra; e
f) à medida que a FT SU Bld progride, os fogos de apoio são suspensos ou transportados, normalmente pelos OA que acompanham as FT SU Bld. Estas, deslocando-se em massa, cerram sobre o objetivo e o assaltam.

4.5.3.4.3 Assalto ao objetivo:
a) quando a FT SU Bld se aproxima do objetivo, os fogos de apoio da base de fogos são intensificados. Assim que a FT SU Bld atingir uma distância que permita o combate aproximado com o inimigo, o assalto é iniciado e os fogos de apoio são transportados para além e para os flancos do objetivo, a fim de isolá-lo;

b) os CC assaltam a posição defensiva inimiga realizando o fogo em movimento, evitando constituírem-se em alvos estáticos, progredindo na maior velocidade possível. Nessa fase do ataque, é fundamental o apoio dos Fuz Bld aos CC, seja pelo fogo do armamento das VBC Fuz, destruindo as armas anticarro de curto alcance do inimigo e posições de metralhadoras não destruídas ou ultrapassadas pelos CC, seja pela ação dos fuzileiros desembarcados, empregando fogos de assalto e o combate corpo a corpo, destruindo ou capturando as guarnições dos blindados inimigos destruídos ou avariados, eliminando resistências remanescentes da posição defensiva inimiga nas trincheiras, abrigos e dobras do terreno ou removendo obstáculos que impeçam a progressão das viaturas blindadas; e
c) sempre que a situação tática e o terreno permitirem, os Fuz Bld devem cruzar o objetivo, abrigados em suas viaturas blindadas, desembarcando após ultrapassá-lo e assaltando-o pela retaguarda, a fim de destruir as resistências inimigas e limpar o objetivo, enfrentando menor número de armas coletivas com tiros ajustados, contando com o fator surpresa e o efeito psicológico desmoralizante sobre os defensores.

4.5.3.4.4 Ações no objetivo:
a) a efetiva ocupação do objetivo é uma fase crítica do ataque. Além do controle se tornar difícil, essa é a oportunidade mais favorável para um inimigo agressivo desencadear contra-ataques planejados, coordenados e apoiados por todos os seus fogos disponíveis. Terminado o assalto, a FT SU Bld passa a executar as atividades denominadas de ações no objetivo, que são a consolidação da posse do objetivo (terreno conquistado ou tropa inimiga, objetivo do ataque da FT SU Bld) e a reorganização da FT SU Bld que conquistou esse objetivo;
b) a consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas para assegurar a sua posse e fazer face aos possíveis contra-ataques inimigos; e
c) a reorganização da FT SU Bld compreende as medidas destinadas a manter ou restabelecer a eficiência combativa e o controle da SU.

4.5.3.4.5 A consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas 92 rrMCID 63

4.5.4.3 A iluminação artificial pode ser utilizada quando não houver disponibilidade suficiente de equipamentos de visão noturna ou quando o inimigo dispuser desse material.

4.5.4.4 A iluminação pode ser utilizada desde o início do ataque ou pode ser desencadeada a pedido da força atacante, quando o sigilo tenha sido quebrado. Os planos incluem todos os meios de iluminação: granadas iluminativas de morteiros e da artilharia de campanha, meios de iluminação lançados de aeronaves *etc*.

4.5.4.5 A FT SU Bld, quando equipada com VBC Fuz não dotadas com dispositivos veiculares de visão noturna, pode conduzir, normalmente, um ataque noturno com os Fuz Bld desembarcados. Durante o Apvt Exi, Prsg e Atq contra fracas Pos Ini conhecidas, a FT SU Bld pode atacar embarcada à noite, mesmo que suas VBC Fuz não estejam equipadas com dispositivos veiculares de visão noturna, devendo, preferencialmente, os motoristas e comandantes de viatura estar dotados de equipamento de visão noturna (EVN).

4.5.4.6 De forma geral, para o ataque noturno aplicam-se as mesmas considerações referentes ao ataque diurno: formas de manobra, organização para o ataque e formações a serem empregadas. Entretanto, é desejável que as tropas atacantes estejam mais familiarizadas com o terreno no qual atacarão. Quando possível, devem ser realizados ensaios que se aproximem das condições reais de ataque. Nos ataques iluminados, os Fuz Bld, dependendo de outras considerações, podem deslocar-se embarcados em suas viaturas blindadas.

4.5.4.7 Devido às restrições das condições de visibilidade, as distâncias de detecção e de engajamento, a amplitude dos lanços e a utilização de itinerários cobertos e abrigados sofrem modificações, obrigando a adaptações nos procedimentos de emprego tático da FT SU Bld.

4.5.4.8 Para contornar as dificuldades inerentes à visibilidade restrita, os ataques noturnos são feitos, na medida do possível, sem mudança de direção e com dispositivos relativamente cerrados. O objetivo deve ser facilmente identificável à noite e suficientemente pequeno para que possa ser conquistado em um único assalto.

4.6 APROVEITAMENTO DO ÊXITO

4.6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.6.1.1 O Apvt Exi é um tipo de Op Ofs que ocorre após um ataque exitoso, sendo planejado para desorganizar o inimigo em profundidade, tornando as conquistas temporárias de um ataque em situações permanentes.

4.6.1.2 No intuito de negar ao inimigo o tempo necessário para reestruturar sua defesa, pela manobra, busca-se a execução do Apvt Exi, que é amplamente empregado pela tropa blindada com a intenção de potencializar as vantagens obtidas no ataque. O Apvt Exi continua enquanto houver oportunidade de avanço e deve ser sempre considerada a distância máxima de apoio. O planejamento deve prever, principalmente, o consumo de suprimento classe III, V, VIII e IX.

4.6.1.3 O Apvt Exi caracteriza-se pela realização de avanço contínuo e rápido das frações e organiza-se em força de aproveitamento do êxito (F Apvt Exi) e força de acompanhamento e apoio (F Acomp Ap). A FT SU Bld, integrando as F Apvt Exi ou F Acomp Ap, emprega ao máximo sua potência de fogo, mobilidade e ação de choque contra as instalações e Pos Ini desorganizadas.

4.6.2 MISSÕES

4.6.2.1 F Apvt Exi:
a) conquistar objetivos profundos na retaguarda inimiga;
b) cortar linhas de transporte e de suprimentos inimigos;
c) barrar ou cortar eixos de retraimento da força cercada;
d) cercar e destruir forças inimigas; e
e) desorganizar a capacidade de comando e controle do inimigo.

4.6.2.2 F Acomp Ap:
a) manter aberta a brecha da penetração realizada pela F Apvt Exi;
b) assegurar a posse de acidentes capitais de interesse para a operação;
c) limpar o terreno;
d) substituir elementos da F Apvt Exi que tenham sido deixados à retaguarda;
e) auxiliar em atividades de assuntos civis e de PG;
f) proteger áreas e instalações à retaguarda da F Apvt Exi;
g) assegurar a liberação das vias de transporte; e
h) bloquear o movimento de reservas inimigas para o interior da área.

4.6.3 DISPOSITIVOS DA FT SU NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

4.6.3.1 A FT SU Bld utiliza o dispositivo que melhor se aplique à situação e ao terreno. A princípio, a subunidade emprega a técnica de progressão contínua para proporcionar a rapidez necessária, utilizando-se do recurso de tiro estabilizado dos CC, no caso de interferência do inimigo. O correto emprego das técnicas de contato, evitando ou desbordando tropas de combate inimigas e buscando destruir posições e instalações pouco defendidas, deve ser a conduta da tropa que executa o Apvt Exi.

4.6.4 COMPOSIÇÃO DA FT NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

4.6.4.1 No Apvt Exi, as FT SU Bld organizam-se, normalmente, em 1º e 2º escalão. O 2º escalão é constituído pelas peças de manobra com missão

definida, após determinado ponto do terreno, determinada fase da operação ou após o estabelecimento do contato com resistências inimigas. O 1º escalão executa a missão principal da Força na qual está enquadrado, F Apvt Exi ou F Acomp Ap. A FT pode contar com o reforço de elementos de engenharia e de turmas de apoio logístico.

4.6.4.2 A mobilidade torna-se acentuadamente importante, durante o Apvt Exi. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ser altamente móveis e possuidores da mesma característica da tropa sobre lagartas empregada.

4.6.4.3 Os CC e os Fuz Bld, em princípio, são empregados constituindo FT para liderar o movimento, manobrar para qualquer flanco e proporcionar segurança. As FT fortes em CC, normalmente, são empregadas em 1º escalão na F Apvt Exi.

4.6.4.4 As Seç/Pel Ap da FT Cia Fuz Bld devem deslocar-se o mais à frente possível para poder prestar o apoio de fogo necessário. As concentrações de morteiro (Mrt) são planejadas para os objetivos profundos e a Seç Mrt Me deve estar em condições de entrar em posição para apoiar a manobra da FT SU Bld em ações ao longo do E Prog.

4.6.4.5 O Pel Mrt P, em princípio, progride à retaguarda de uma das FT empregadas em primeiro escalão. Quando a FT progride por dois eixos de progressão e possui artilharia em apoio direto, esta se desloca pelo eixo principal; e o pelotão de morteiro pesado (Pel Mrt P) pelo secundário. É essencial que elementos de combate precedam a artilharia, a fim de lhe proporcionar segurança. O Cmt FT U Bld pode passar o Pel Mrt P em apoio direto ao Cmt FT SU Bld.

4.6.4.6 O apoio de Engenharia, normalmente, é prestado em situação de reforço. Os grupos de engenharia progridem imediatamente à retaguarda dos elementos mais avançados e são empregados para manter a impulsão dessas forças, realizando trabalhos de remoção de obstáculos, lançamento de pontes de pequena brecha, reparação de estradas e balizamento de itinerários alternativos e de vaus. Na realização desses trabalhos, os elementos de engenharia devem contar com a proteção da força apoiada.

4.6.4.7 O Cmt FT SU Bld deve determinar que os trens da subunidade (TSU) acompanhem de perto o deslocamento da SU, para evitar interrupção do apoio aos Pel. Os TSU devem seguir logo à retaguarda dos Pel, em movimento contínuo ou por lanços, evitando o mesmo compartimento dos Pel no terreno.

4.6.5 ACIDENTES CAPITAIS E VIAS DE ACESSO

4.6.5.1 Nas Op de Apvt Exi são considerados acidentes capitais:
a) os objetivos impostos;
b) as passagens contínuas sobre rios e obstáculos;
c) as passagens obrigatórias;
d) as regiões dominantes;
e) as regiões capazes de proporcionar segurança; e
f) as regiões favoráveis à rocada de meios.

4.6.5.2 Considerando-se a grande necessidade de rapidez, uma Op Apvt Exi deve utilizar o maior número possível de eixos disponíveis que demandem aos objetivos impostos, situados profundamente na retaguarda inimiga. Especial atenção deve ser dada, durante a fase de planejamento, ao levantamento de eixos para proporcionar maior flexibilidade e rapidez à F Apvt Exi.

4.6.6 INIMIGO

4.6.6.1 Ao se iniciar a Op Apvt Exi, a situação do inimigo é de desorganização. A resistência inimiga consiste, em princípio, de retardamento executado por pequenos elementos, em linhas descontínuas e sem profundidade. A desorganização inimiga tende a aumentar proporcionalmente aos sucessos obtidos pela F Apvt Exi.

4.6.6.2 O estudo de inteligência repassado pelo Esc Sp pode auxiliar no planejamento da operação, transmitindo informações coletadas do inimigo sobre:
a) localização, movimentação e atividades de reconhecimento;
b) velocidade de avanço, direção, composição das tropas em contato e em apoio;
c) possíveis localizações de PC, artilharia, grupos de engenharia ou centros nodais de comunicações;
d) possíveis localizações de concentração de forças, operações de abertura de brechas; e
e) a forma de combate e de emprego do apoio logístico, dentre outras informações que auxiliem no cumprimento do objetivo da Op Apvt Exi.

4.6.7 COORDENAÇÃO E CONTROLE

4.6.7.1 Nas Op Apvt Exi, cresce de importância os informes por parte da F Apvt Exi, o que proporciona aumento da consciência situacional do Esc Sp. O planejamento das ações da F Acomp Ap é centralizado, mas sua execução ocorre de maneira descentralizada. Nesse sentido, o conhecimento da doutrina do inimigo (constante na base de dados da inteligência) é de extrema relevância, pois permite decisões acertadas e segurança à F Apvt Exi.

4.6.7.2 A execução descentralizada e a adoção de um mínimo de medidas de controle exigem iniciativa por parte dos comandantes envolvidos nesse tipo de operação, atribuindo-lhes acentuada liberdade de ação.

4.6.7.3 A rapidez nas ações implica na adoção de NGA, não havendo tempo para novos planejamentos demorados e detalhados, durante a evolução da operação. Geralmente, as missões são atribuídas por suas finalidades.

4.6.7.4 Cabe à F Acomp Ap a redução e limpeza das Pos Ini, das forças de combate e das atividades do inimigo que não sejam objetivo principal da F Apvt Exi. Nessas ocasiões, a F Acomp Ap pode reagrupar elementos deixados à retaguarda pela F Apvt Exi que mantiveram o contato pelo fogo com o inimigo.

4.6.7.5 O Cmt, ao planejar, deve levar em consideração as seguintes características das missões da F Acomp Ap e F Apvt Exi:
a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
b) medidas de controle reduzidas ao mínimo, exceto as medidas relacionadas ao Ap F;
c) objetivos profundos para a F Apvt Exi e numerosos objetivos intermediários para a F Acomp Ap;
d) progressão rápida, contínua e em larga frente para a F Apvt Exi;
e) ataques de oportunidade, por incursões rápidas e desbordamentos, partindo da coluna de marcha, principalmente para a F Acomp Ap;
f) missões atribuídas pela finalidade, como, por exemplo, o emprego de Fuz Bld em Pos Ini sem CC ou em áreas edificadas;
g) ampla utilização de meios aéreos para reconhecimentos e apoio de fogo; e
h) desbordamento e manutenção do contato em fortes pontos de resistência inimiga, pela F Apvt Exi.

4.6.7.6 Devido às características das missões, grande importância deve ser dada à segurança das tropas que constituem as duas forças da Op Apvt Exi. Cada Cmt é responsável pela segurança de sua fração. Em virtude do seu aprofundamento no território inimigo, a tropa está particularmente vulnerável a ataques nos flancos e na retaguarda e à inquietação por meio de pequenos bolsões de resistência e guerrilheiros.

4.6.7.7 A segurança, durante os deslocamentos, é proporcionada:
a) pelas F Seg;
b) pelo reconhecimento e vigilância de combate, com meios terrestres e aéreos, à frente, nos flancos e à retaguarda;
c) pela ligação com a F Acomp Ap; e
d) pela adoção de formação adequada à situação tática, em função do estudo de situação do Cmt.

4.6.7.8 O estabelecimento de adequadas medidas de coordenação e controle torna possível a execução de ações altamente descentralizadas, permitindo a

unidade de esforços na consecução dos objetivos estabelecidos no planejamento centralizado.

4.6.7.9 As medidas de coordenação e controle, normalmente estabelecidas em aproveitamento do êxito, são: eixos de progressão, objetivos, regiões de destino, pontos de ligação, linhas e pontos de controle.

4.6.8 CONDUTA DA FT SU BLD NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

4.6.8.1 A F Apvt Exi, ao encontrar resistência inimiga, em princípio, procura desbordá-la (técnica de movimento). Caso isso não seja possível e um engajamento torne-se necessário para o prosseguimento da missão, a força busca reduzir rapidamente a resistência inimiga, realizando ataque de oportunidade.

4.6.8.2 Após desbordar tropas de combate inimigas, a F Apvt Exi deve informar ao Esc Sp, para atualização da consciência situacional ou para que ocorra a destruição do inimigo pela F Acomp e Ap.

4.6.8.3 Caso a FT SU Bld se depare com resistência inimiga de pequeno vulto, que não interfira no cumprimento da missão, o Cmt FT SU Bld pode determinar o desbordamento dessa Pos Ini e o prosseguimento em busca dos objetivos profundos impostos. Pode, ainda, determinar ou solicitar Ap F fumígenos para dificultar a observação inimiga sobre a tropa e desencadear fogo em movimento sobre o inimigo.

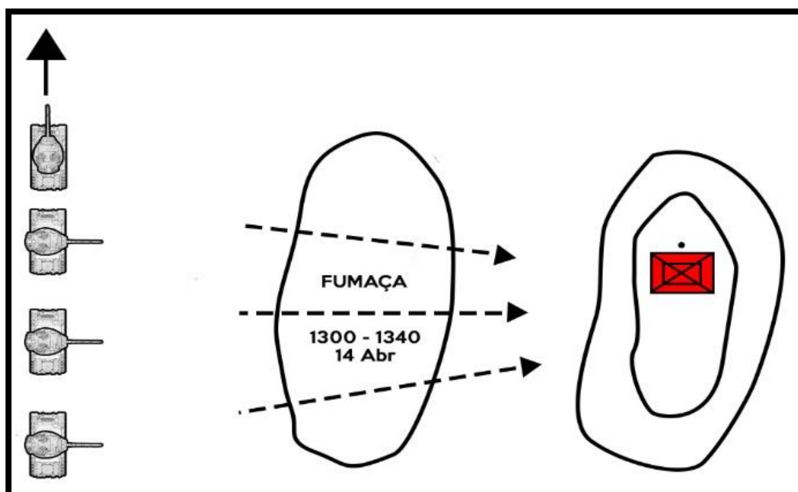


Fig 4-8 – Dispositivo da FT SU Bld (F Apvt Exi) desbordando pequenas resistências inimigas

4.6.8.4 Constitui-se uma das tarefas da F Acomp Ap a destruição e limpeza dessas resistências, nessa fase das operações.

4.6.8.5 Caso o desbordamento da Pos Ini não seja possível, a FT SU Bld deve reduzir a resistência inimiga o mais rápido possível, por meio de ataque de oportunidade. O Pel, ou alguns de seus elementos, que realizar o primeiro contato com o inimigo, fixam-no pelo fogo, enquanto o Cmt FT SU Bld emite ordem fragmentária para manobrar com os demais Pel para flanquear a posição e reduzir a ameaça inimiga.

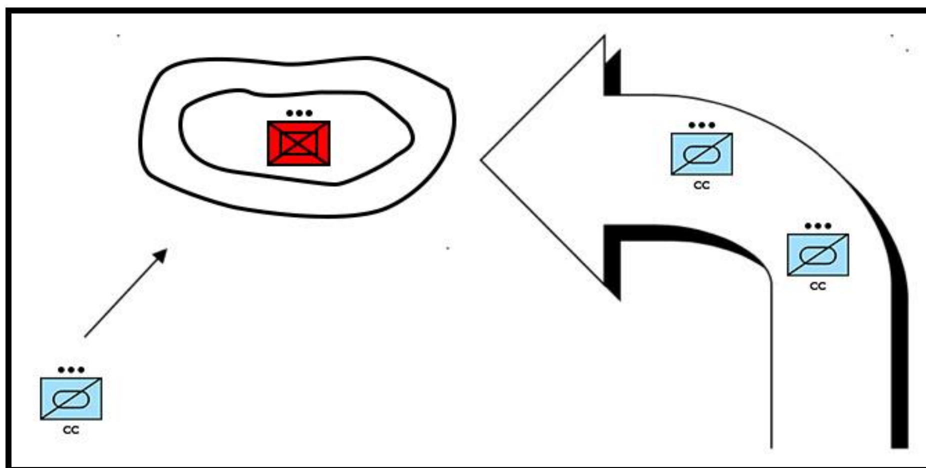


Fig 4-9 – Pel CC fixa o inimigo e os demais realizam ataque pelo fogo na Pos Ini

4.6.8.6 Os elementos aéreos, quando disponíveis, são empregados à frente, nos flancos ou à retaguarda do dispositivo da FT SU Bld, para alertá-la sobre a aproximação ou resistência de forças inimigas, bem como atuar sobre elas.

4.6.8.7 Para completar o aproveitamento do êxito, a progressão deve, em princípio, continuar durante a noite. De modo geral, a progressão noturna é conduzida da mesma maneira que a progressão diurna. Entretanto, devem ser aumentadas as medidas de segurança, diminuídas as distâncias entre as viaturas e ampliado o reforço de Fuz Bld aos elementos de CC situados em primeiro escalão.

4.6.8.8 Durante a noite, há maior chance de obtenção da surpresa, porém a velocidade de progressão é menor e os fogos de apoio são menos eficientes. Quando a resistência inimiga for encontrada e o ataque for necessário, este é conduzido de acordo com os princípios estabelecidos para operação noturna.

4.6.8.9 Dentro da FT U Bld pode ser alterada a composição das subunidades para o ataque a objetivos sucessivos. A operação começa com o ataque ao primeiro objetivo. Tão logo seja conquistado, ou o comandante da FT U Bld esteja certo de que o conquistará, são emitidas ordens para que outra fração ataque o segundo objetivo, enquanto a operação de limpeza do primeiro estiver sendo concluída.

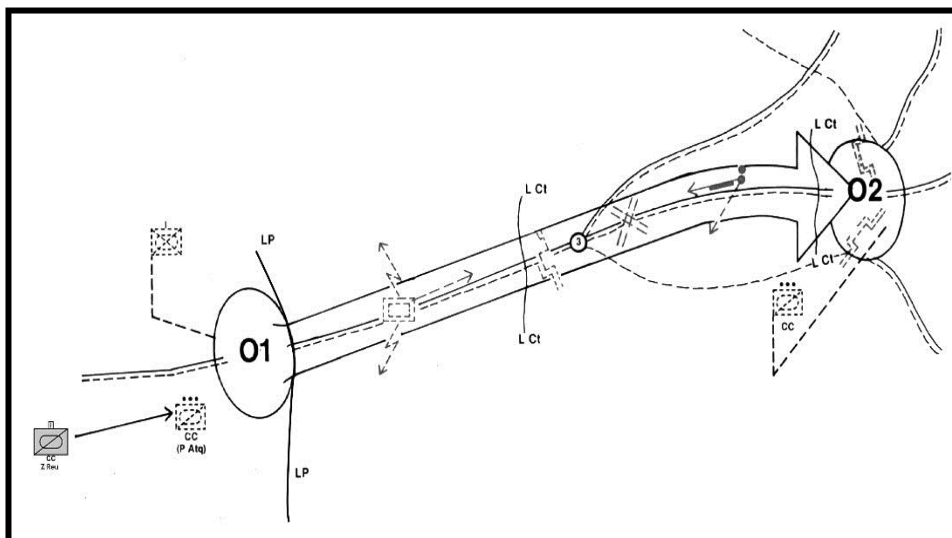


Fig 4-10 – Esquema de manobra de um Aproveitamento do Êxito

4.7 PERSEGUIÇÃO

4.7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.7.1.1 A Prsg tem por finalidade cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao Apvt Exi.

4.7.1.2 Na Prsg, apesar de a FT SU Bld poder orientar sua progressão para um objetivo físico, a missão é a destruição da força principal do inimigo.

4.7.2 FT SU BLD NA PERSEGUIÇÃO

4.7.2.1 A FT SU Bld pode receber a missão de participar da força de pressão direta ou da força de cerco.

4.7.2.2 FT SU Bld como Força de Cerco

4.7.2.2.1 A missão da força de cerco é atingir a retaguarda do inimigo e bloquear sua fuga. A força avança por eixos paralelos aos eixos de retirada do inimigo. Se a força de cerco não puder ultrapassar o inimigo, ataca o flanco do seu grosso.

4.7.2.2.2 A FT, como força de cerco, progride ao longo de eixos paralelos às linhas do inimigo, para atingir o flanco do corpo principal das forças que se retiram ou, principalmente, para conquistar regiões de passagem obrigatória, desfiladeiros, pontes e outros acidentes do terreno, com a finalidade de

interceptar, o mais cedo possível, a fuga da força principal do inimigo. Uma vez que isso seja conseguido, o inimigo é destruído entre a força de pressão direta e a força de cerco.

4.7.2.3 FT SU Bld como Força de Pressão Direta

4.7.2.3.1 A missão da força de pressão direta é evitar o desengajamento do inimigo e impedir que ele se reorganize e prepare novas defesas, causando o máximo de perdas. Os elementos de primeiro escalão da força de pressão direta progridem rapidamente ao longo de todas as estradas disponíveis, destruindo ou ultrapassando pequenos bolsões de resistência, enquanto as resistências maiores são reduzidas pelas unidades de acompanhamento. A força de pressão direta desborda para atacar os flancos e retaguarda dos últimos elementos inimigos, procurando atingir o seu grosso. Sua missão final é a de servir de “martelo”, quando da destruição das forças inimigas.

4.7.2.3.2 A FT, como força de pressão direta, realiza constantes ações ofensivas, durante o dia e a noite, sobre a F Seg de retaguarda do inimigo, e busca, sempre que possível, engajar o seu corpo principal. A realização de uma inflexível pressão sobre o inimigo, além de impedir sua reorganização e a preparação de novas defesas, serve para facilitar as ações da força de cerco. As FT SU CC são mais aptas para essa missão devido à mobilidade, potência de fogo e proteção blindada.

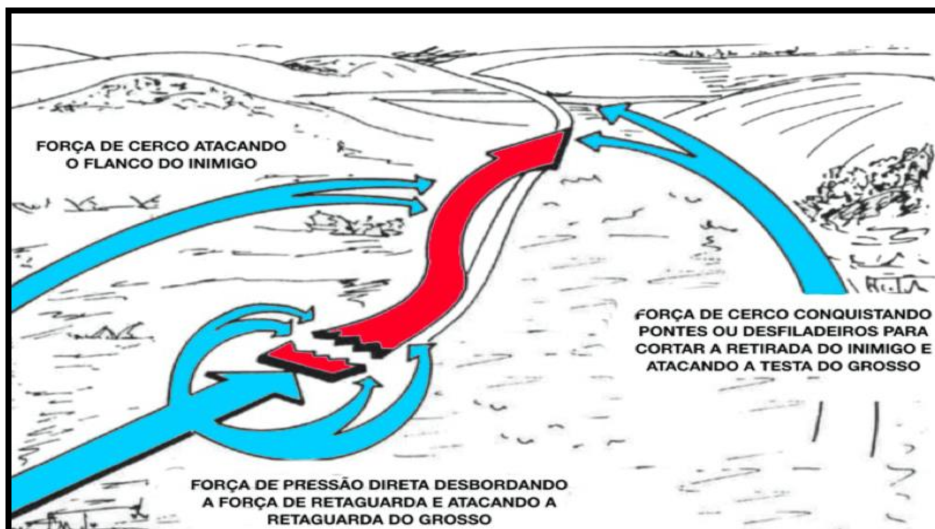


Fig 4-11 – Ações da força de pressão direta e da força de cerco na perseguição

4.8 OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

4.8.1 COMBATE DE ENCONTRO

4.8.1.1 O combate de encontro é uma ação que ocorre quando uma força em movimento, que não esteja desdobrada para o combate, engaja-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, a respeito da qual não dispõe de informações precisas ou não possui nenhuma informação. A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do inimigo tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subsequentes, planejadas e coordenadas.

4.8.1.2 As principais características do combate de encontro são o conhecimento limitado do inimigo, as rápidas evoluções de situação e o reduzido tempo disponível para o Cmt tomar conhecimento da situação, formular e executar as ações necessárias.

4.8.1.3 O objetivo do Cmt FT SU Bld no combate de encontro é a obtenção e manutenção da iniciativa para deixar o inimigo em situação de desequilíbrio.

4.8.1.4 As ações que permitem ao comandante dispor de melhores condições para manter a iniciativa, quando da realização de um combate de encontro, são:
a) execução de rápido estudo de situação;
b) emissão de ordens fragmentárias; e
c) emprego descentralizado de elementos com atuação pré-planejada, a partir da coluna de marcha.

4.8.1.5 No combate de encontro, a conduta do Cmt FT SU Bld pode considerar três linhas de ação:
a) atacar parceladamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo os pelotões possam ser empregados;
b) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e
c) desbordar (técnica de movimento) a força inimiga, desde que autorizado pelo Esc Sp, ocasião em que são deixados elementos adequados com a missão de efetuarem a manutenção do contato com tal força.

4.8.1.6 Atacar Partindo do Dispositivo de Marcha

4.8.1.6.1 A FT SU Bld deve procurar realizar uma manobra desbordante para destruir o inimigo, realizando a ação de forma rápida e em massa e empregando o máximo de suas características de ação de choque, mobilidade e potência de fogo.

4.8.1.6.2 O ataque partindo da coluna de marcha contra fraca resistência (colunas de viaturas, artilharia, elementos mecanizados em formação cerrada, bivaques, instalações de suprimentos e postos de comando) representa a conquista de objetivos compensadores, que devem ser atacados com rapidez e agressividade.

4.8.1.6.3 Ataque contra resistência forte:
a) se o Pel que estiver liderando a ação conseguir reduzir a Pos Ini por meio do fogo e movimento, o Cmt FT SU Bld deve ser informado e a SU prossegue no deslocamento;
b) caso o Pel da testa seja incapaz de vencer a resistência inimiga, seu Cmt deve, imediatamente, desdobrar o pelotão no terreno e realizar fogos sobre o inimigo. Deve, ainda, informar ao Cmt FT SU Bld e continuar a esclarecer a situação (levantamento do valor, composição, dispositivo e localização do inimigo, localização do armamento coletivo e sua forma de emprego, localização e características de obstáculos);
c) o Cmt FT SU Bld solicita fogos indiretos e fumígenos sobre a Pos Ini. As Seç/Pel Ap FT SU Fuz Bld devem entrar em posição e bater os alvos compensadores;
d) o Cmt FT SU Bld realiza rápido reconhecimento e estudo de situação, emitindo ordem fragmentária para realizar, de preferência, uma manobra de flanco sobre a resistência inimiga;
e) o S Cmt FT SU Bld pode ser empregado para auxiliar no controle da manobra, coordenar o apoio de fogo ou supervisionar a conduta de uma ou mais peças de manobra; e
f) medidas de C² devem ser estabelecidas quando do início do assalto às Pos Ini para evitar o fratricídio. Assim, os fogos de apoio devem ser alongados ou transportados, por meio de sinal luminoso, acionamento de artifício pirotécnico, linha de controle no terreno, linha restritiva de fogos *etc*.

4.8.1.7 Reconhecer e Fixar a Tropa Inimiga para que a FT U Bld Manobre

4.8.1.7.1 Caso a resistência inimiga seja maior do que inicialmente levantada e não possa ser reduzida pela ação da FT SU Bld, seu comandante deve determinar que os Pel fixem o inimigo pelo fogo e coletem dados de inteligência sobre o terreno e o inimigo, para que o Cmt FT SU Bld informe ao comando da unidade.

4.8.1.7.2 O ataque partindo da coluna de marcha pode ser conduzido no âmbito da FT U Bld, cabendo a uma ou mais FT SU Bld realizar(em) ataque de oportunidade, enquadrado na FT U Bld, para vencer a resistência inimiga.

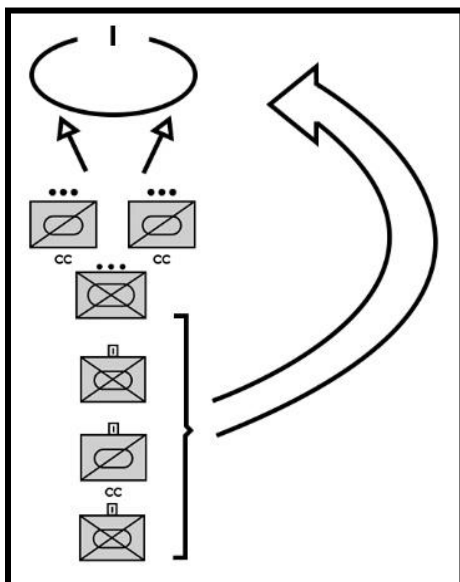


Fig 4-12 – Combate de encontro em que uma FT SU Bld fixa o inimigo e a FT U desborda

4.8.1.8 Desbordar a Posição Inimiga

4.8.1.8.1 Quando a FT SU Bld se deparar com resistência inimiga que não ameace o cumprimento de sua missão, o Cmt FT SU Bld pode, se autorizado, desbordar a posição.

4.8.1.8.2 A FT SU Bld pode determinar que um pelotão, ou fração dele, fixe o inimigo e mantenha o contato. Tão logo o grosso da FT U Bld se aproxime e assuma o controle da situação, esse pelotão ou fração deve se juntar o mais rápido possível à subunidade.

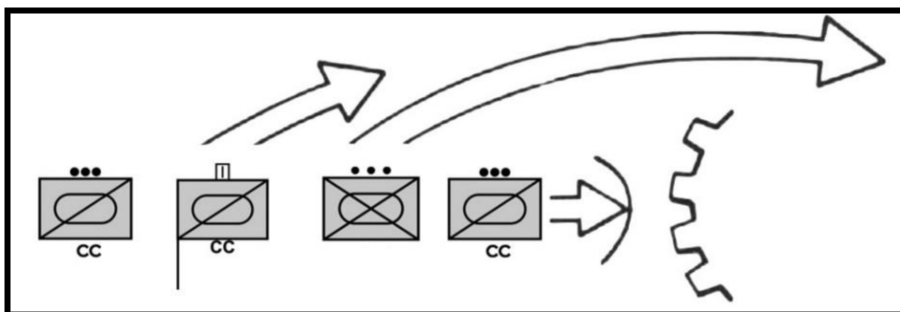


Fig 4-13 – Combate de encontro. Inimigo em posição defensiva. Desbordamento

4.8.1.8.3 Durante o deslocamento, os CC podem realizar o tiro em movimento sobre a Pos Ini para cobrir o movimento da subunidade. Caso necessário, fogos indiretos e fumígenos podem ser solicitados para facilitar o movimento da tropa amiga.

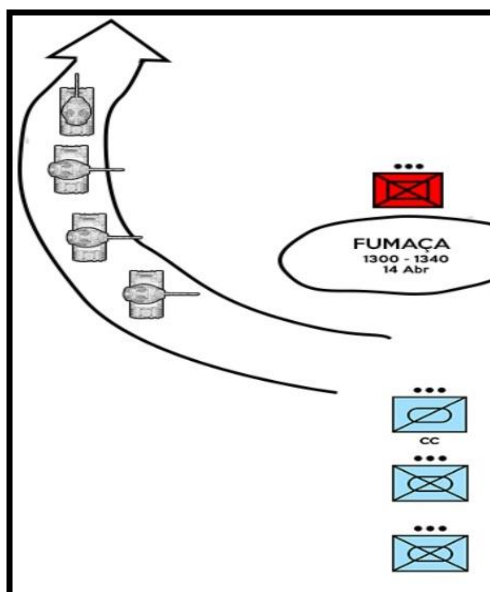


Fig 4-14 – FT SU Bld desbordando resistência inimiga

4.8.1.8.4 A FT SU Bld pode estar enquadrada na FT U Bld que realiza o desbordamento. Nessa situação, a SU pode ser encarregada de manter o contato com o inimigo ou permanecer no grosso da FT U Bld no desbordamento.

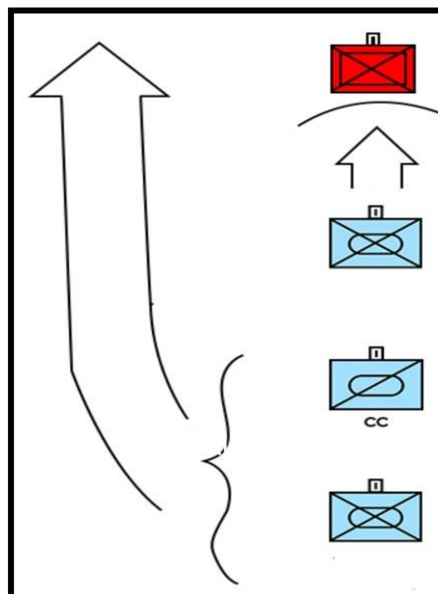


Fig 4-15 – Uma FT SU Bld mantém contato com o inimigo enquanto a FT U (-) desborda a posição

4.8.2 INCURSÃO

4.8.2.1 Incursão de forças blindadas é um tipo de Op Ofs extremamente agressiva e de elevada mobilidade, realizada com a finalidade de obter um resultado específico no interior da Pos Ini. Normalmente de pequena ou média duração e sem nenhuma intenção de manter o terreno onde se realiza, termina num retraimento planejado.

4.8.2.2 As ações de incursão estão baseadas na abordagem indireta do combate, nas quais as funções de combate do inimigo são destruídas separadamente, tornando-o vulnerável.

4.8.2.3 Uma situação favorável à realização de ações de incursão pelas FT Bld pode surgir quando:
a) for identificada baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local do campo de batalha, permitindo infiltração ou desbordamento do inimigo;
b) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;
c) houver disponibilidade de cobertura (Força Aérea) e apoio de fogo da artilharia; e
d) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir planejamento detalhado e meticuloso da ação.

4.8.2.4 A FT SU Bld deve concentrar sua atuação sobre o objetivo que lhe foi atribuído, procurando explorar a surpresa e a velocidade e evitando qualquer tipo de engajamento desnecessário com o inimigo.

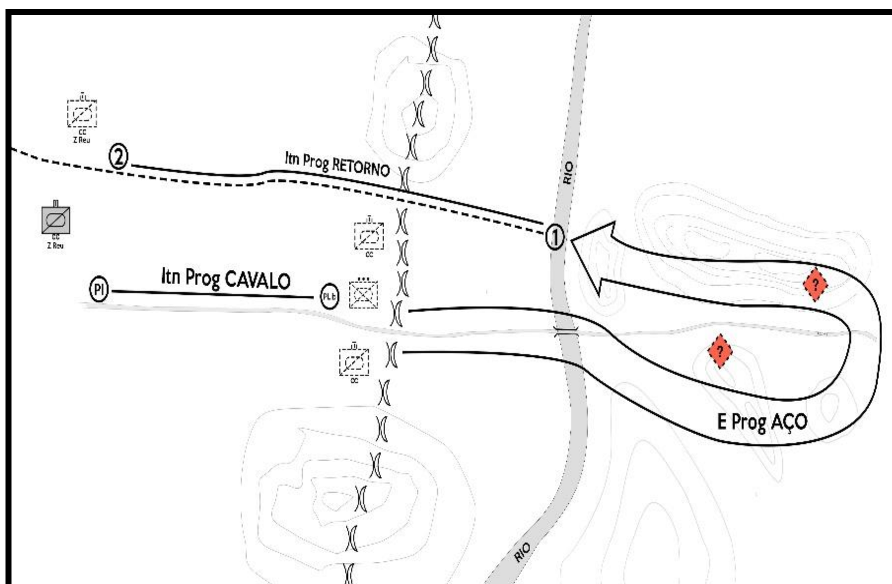


Fig 4-16 – Exemplo de uma FT Bld em uma incursão

CAPÍTULO V

MOVIMENTO E MANOBRA NAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 As operações defensivas (Op Def), em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem determinado grau de resistência contra a força atacante. Compreendem dois tipos de operações: a defesa em posição (Def Pos) e o movimento retrógrado (Mvt Rtg).

5.1.2 Na Def Pos, uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante em área organizada (em largura e profundidade) e ocupada (total ou parcialmente) por todos os meios disponíveis, com a finalidade de:
a) dificultar ou deter a progressão do atacante em profundidade, impedindo o seu acesso a uma determinada área;
b) aproveitar todas as oportunidades que se lhe apresentem para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas; e
c) assegurar condições favoráveis para o desencadeamento de ações ofensivas.

5.1.3 O Mvt Rtg é qualquer movimento tático organizado de uma F Ter para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente como parte de esquema geral de manobra, quando uma vantagem marcante possa ser obtida.

5.1.4 A Def Pos compreende duas formas de manobra: defesa de área (Def A) e defesa móvel (Def Mv). As formas de manobra dos Mvt Rtg são: ação retardadora (Aç Rtrd), retraimento (Ret) e retirada (Rda).

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÃO	**FORMAS DE MANOBRA**
Defesa em Posição (Def Pos)	Defesa de área (Def A) Defesa móvel (Def Mv)
Movimentos Retrógrados (Mvt Rtg)	Ação retardadora (Aç Rtrd) Retraimento (Ret) Retirada (Rda)

Quadro 5-1 – Formas de manobra das Operações Defensivas

5.1.5 A FT SU Bld pode ser empregada em qualquer das três áreas em que a defesa é escalonada:
a) área de segurança (A Seg);
b) área de defesa avançada (ADA); e
c) área de retaguarda (A Rtgd).

5.1.6 As FT SU Bld têm maiores possibilidades de explorar suas características de mobilidade, potência de fogo e ação de choque quando empregadas para constituir a reserva ou na F Seg da posição defensiva (P Def).

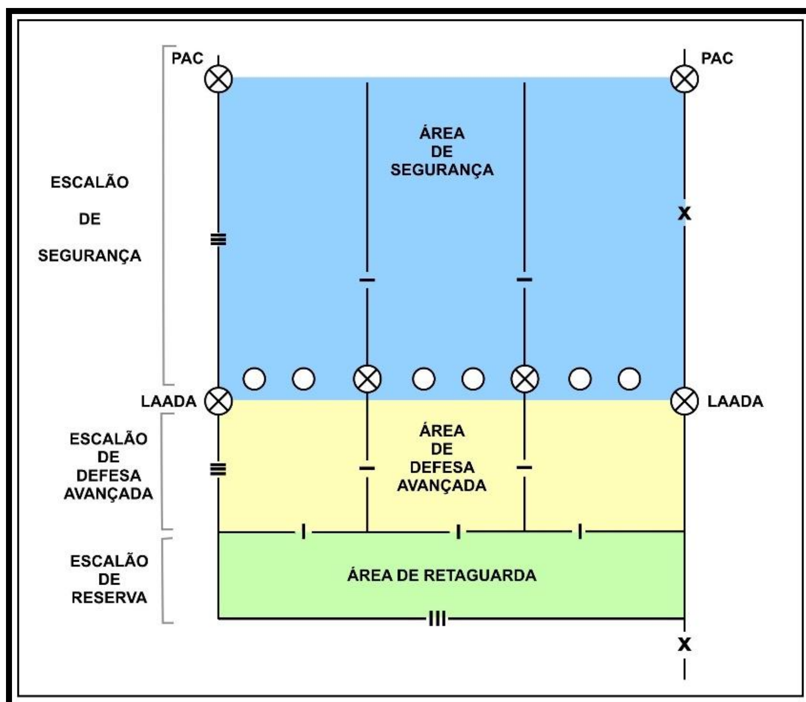


Fig 5-1 – Escalonamento na defesa

5.2 DEFESA DE ÁREA

5.2.1 GENERALIDADES

5.2.1.1 A Def A tem por objetivo a manutenção ou o controle de um terreno específico, por determinado período de tempo. O defensor desdobra a maioria de seu poder de combate na ADA, para deter as forças inimigas à frente do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA). Conduz C Atq para expulsar ou destruir forças inimigas que penetrarem naquela área e para retomar o controle da mesma ou do terreno que a defesa deseja conservar. A ADA tem maior prioridade na distribuição dos meios de combate.

5.2.1.2 Ao empregar seus meios na P Def, o Cmt FT SU Bld deve barrar todas as VA que incidam sobre o LAADA e prever alternativas para fazer face às VA no interior da posição.

5.2.1.3 O Cmt FT SU Bld deve levar em consideração os seguintes fatores ao posicionar os meios de combate na ADA:
a) a posição dos CC de forma que cubram as VA favoráveis ao emprego de blindados inimigos;
b) as VBC Fuz podem destruir viaturas blindadas leves ou não blindadas;
c) o emprego dos Fuz Bld desembarcados para barrar VA para a infantaria a pé; e
d) a identificação do plano de interdição e barreiras com as respectivas passagens na sua Z Aç, se for o caso (SFC).

5.2.2 PLANEJAMENTO DA FT SU BLD NA DEFESA

5.2.2.1 Generalidades

5.2.2.1.1 O plano de defesa da SU compreende, basicamente, esquema de manobra e plano de apoio de fogos. Para compor o plano de defesa, o Cmt FT SU Bld considera, ainda, o planejamento do apoio logístico, das comunicações, de segurança, dos C Atq, as possíveis destruições de pontos críticos do plano de interdição, os obstáculos do plano de barreiras, com as respectivas passagens (SFC), e os planos alternativos para fazer face às situações previsíveis.

5.2.2.2 Normas de Comando

5.2.2.2.1 Após a FT SU Bld receber a ordem de defesa da FT Unidade, seu Cmt inicia as diversas providências decorrentes, as quais devem obedecer a uma sequência geral, denominada “normas de comando”, que compreende:
a) preparar o plano inicial de defesa, que serve de base para futuras ações e fornece a orientação inicial aos Cmt Pel e aos elementos de apoio, para que possam iniciar os trabalhos antes da expedição da ordem da SU. Esse plano contém as disposições gerais e as missões da tropa e das armas de apoio dentro da zona de defesa da FT SU Bld; e
b) planejar o deslocamento da tropa e a expedição de suas ordens.

5.2.2.2.2 O S Cmt FT SU Bld, com o apoio dos Cmt Pel, planeja e controla o deslocamento da tropa para a região onde a SU cumpre sua missão.

5.2.2.2.3 O Cmt FT SU Bld escolhe um PO de onde possa observar toda a área de defesa da SU ou, ao menos, a parte mais importante, e de onde pode emitir a sua ordem.

5.2.2.2.4 O Cmt FT SU Bld fixa a hora em que a ordem será emitida. Nessa fase do planejamento, são designados os elementos que, além dos Cmt Pel, receberão a ordem de defesa da SU. Normalmente, o OA Art e Mrt, o Aux Com e os Cmt de frações em apoio/reforço comparecem à emissão da ordem.

5.2.2.2.5 O Cmt FT SU Bld deve planejar o reconhecimento.

5.2.2.2.6 Acertar detalhes com outros comandantes – como os Cmt dos elementos de apoio e vizinhos, em geral, estão presentes na ocasião em que o Cmt FT SU Bld recebe a ordem de defesa da FT U, ele aproveita esse momento para acertar detalhes com os demais Cmt.

5.2.2.2.7 Quanto ao reconhecimento, o Cmt FT SU Bld, após o recebimento da ordem da FT U, faz o seu reconhecimento pessoal do terreno. Sempre que possível, deve ser acompanhado pelos Cmt Pel e outros elementos que julgue necessário. Quando o tempo é restrito, o Cmt FT SU Bld pode ser obrigado a emitir sua ordem sem fazer reconhecimento minucioso do terreno. Nesse caso, ele o faz utilizando o melhor PO ao seu alcance ou apenas baseando-se no seu estudo na carta (situação não ideal).

5.2.2.2.8 O terreno, no interior da posição, deve ser analisado para determinar:
a) coordenação necessária com os elementos vizinhos e das armas de apoio a serem instaladas dentro da zona da SU;
b) os locais dos núcleos de defesa dos Pel;
c) os locais das armas AC;
d) os itinerários de comunicações e de suprimentos;
e) os locais dos PO e do PC da SU;
f) as posições que bloqueiam as VA para o interior da posição;
g) os possíveis itinerários para deslocamento da reserva;
h) os locais onde serão lançados obstáculos artificiais;
i) a localização geral dos Mrt Me/Pel Ap;
j) os locais das posições suplementares para os Pel; e
k) os locais para o posicionamento das Vtr Bld.

5.2.2.2.9 Completar o plano e emitir a ordem – após completar seu reconhecimento, o Cmt FT SU Bld dirige-se ao local previamente designado para a expedição de sua ordem e faz as modificações necessárias em seu plano inicial.

5.2.2.2.10 Fiscalizar os trabalhos – depois de emitir a ordem, o Cmt FT SU Bld fiscaliza a organização pormenorizada da defesa em sua Z Aç.

5.2.2.3 Ordem de Defesa da FT SU Bld

5.2.2.3.1 O Cmt FT SU Bld baseia sua ordem de defesa na ordem da FT U, nas propostas apresentadas por seus Cmt de frações e no seu próprio estudo de situação. A ordem no escalão SU compreende o seguinte:
a) informação sobre o inimigo, inclusive a direção e hora em que um ataque pode ser esperado. Informações sobre os elementos amigos, de apoio e vizinhos;
b) missão da FT SU Bld;
c) missões e núcleos de defesa de cada pelotão ou fração, orgânicos e em reforço à FT SU Bld;
d) posições e missões das armas AC, dos Mrt, das Vtr Bld e de quaisquer outras armas postas em reforço à FT SU Bld;
e) controle do tiro, inclusive os pormenores relativos aos pedidos de desencadeamento de fogos de proteção final;
f) medidas de segurança;
g) ordem de prioridade nos trabalhos e a hora em que deverão estar prontos;
h) localização dos campos de minas e de outros obstáculos;
i) remuniciamento e outras medidas logísticas;
j) local do posto de socorro (PS) da FT U e do refúgio de feridos da SU;
k) modificações das NGA;
l) PC e posição do Cmt FT SU Bld durante o combate; e
m) utilização dos meios de comunicações.

5.2.3 A FT SU BLD NAS FORÇAS DE SEGURANÇA

5.2.3.1 A FT SU Bld na Força de Cobertura

5.2.3.1.1 A Força de Cobertura (F Cob) raramente é executada por uma FT SU Bld, sendo, normalmente, realizada por tropa de cavalaria mecanizada. É uma F Seg taticamente autônoma que opera a uma considerável distância, à frente, no flanco ou na retaguarda de uma tropa amiga estacionada ou em movimento. Geralmente, pode esclarecer a situação, desorganizar e destruir a força inimiga.

5.2.3.2 A FT SU Bld nos Postos Avançados Gerais

5.2.3.2.1 A missão dos postos avançados gerais (PAG) é obter informes oportunos sobre a localização, o valor e as atividades do inimigo, desorganizar e retardar seu avanço e ocultar a verdadeira localização da posição defensiva. As ações da FT SU Bld, nesse tipo de missão, são essencialmente as mesmas realizadas em uma Aç Rtrd.

5.2.3.2.2 A FT SU Bld troca espaço por tempo, infligindo o máximo de perdas e retardamento ao inimigo, sem se engajar em ações decisivas. Cabe ressaltar que a FT SU Bld só retrai com autorização do Esc Sp.

5.2.3.3 A FT SU Bld nos Postos Avançados de Combate

5.2.3.3.1 Os postos avançados de combate (PAC) constituem o elemento de segurança da brigada. A missão principal dos PAC é proporcionar alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo e impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da ADA.

5.2.3.3.2 O Cmt FT SU Bld, que guarnece os PAC, evita o engajamento decisivo com o inimigo. No entanto, deve-se avaliar o contato com o inimigo para distinguir entre as atividades de patrulhas inimigas e o esforço principal do inimigo.

5.2.3.3.3 Para evitar sua captura ou destruição, normalmente, o Cmt FT U delega ao Cmt FT SU Bld que estiver guarnecendo os PAC o controle e a autoridade para determinar o seu retraimento. O Cmt FT SU Bld que guarnece os PAC deve informar ao Cmt FT U, às unidades vizinhas e aos elementos do LAADA os planos e a hora prevista para o retraimento.

5.2.4 A FT SU BLD NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

5.2.4.1 Os pelotões da FT SU Bld devem ser empregados pelo comandante explorando ao máximo suas características e de acordo com os fundamentos da defesa. Normalmente, os Fuz Bld são os elementos mais aptos para ocupar o terreno. Os CC são empregados para reforçar os fogos dos fuzileiros, particularmente os de DAC, e para realizar as ações dinâmicas da defesa.

5.2.4.2 O Cmt FT SU Bld deve barrar todas as VA valor subunidade que incidem sobre o LAADA com um núcleo de pelotão. As VA no interior da posição devem igualmente ser bloqueadas por posições de Pel, proporcionando profundidade ao dispositivo da FT SU Bld.

5.2.4.3 Caso não se disponha de Pel suficientes para barrar todas as VA valor SU que incidem no LAADA, o Cmt FT SU Bld deve optar por atribuir um grau de resistência menor em determinadas áreas da frente (retardar ou vigiar), informando ao Cmt FT U.

5.2.4.4 Em profundidade, se o número de Pel disponíveis para o aprofundamento for menor que as VA valor SU penetrantes, o Cmt FT SU Bld pode determinar a preparação de posições suplementares para o pelotão reserva.

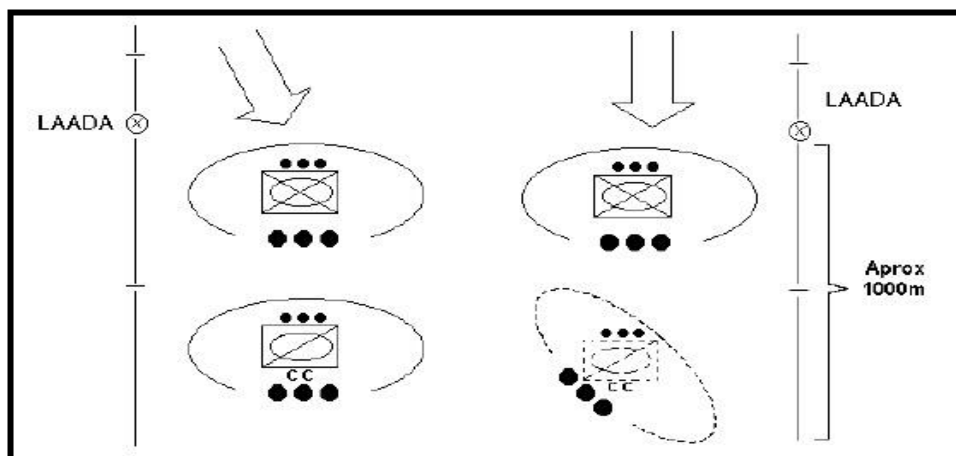


Fig 5-2 – Exemplo de distribuição dos pelotões de uma FT Cia Fuz Bld na ADA

5.2.4.5 Plano de Fogos

5.2.4.5.1 O Cmt FT SU Bld de 1º escalão levanta a localização exata das barragens de artilharia e morteiros, coordenando os setores e as missões principais.

5.2.4.5.2 Os Pel Fuz Bld são dispostos de maneira a permitir o apoio mútuo de fogos, a defesa em profundidade e a proteção em todas as direções. Os planos de fogos dos Pel são controlados para verificar se o terreno à frente de seus núcleos de defesa é batido por fogos de armas portáteis e se há zonas de recobrimento entre os seus setores de tiro. As medidas de controle de tiro devem ser difundidas entre os elementos da FT SU Bld.

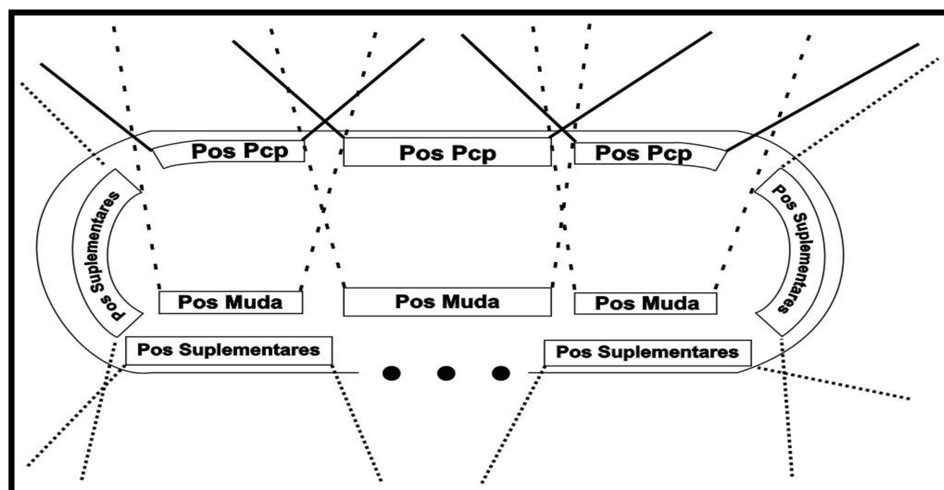


Fig 5-3 – Exemplo de núcleo defensivo de pelotão

5.2.5 FT SU BLINDADA COMO RESERVA DA FT U

5.2.5.1 A FT SU Bld como reserva, normalmente, tem sua localização e situação definidas pelo Cmt FT U. A reserva deve ser localizada de tal forma que proporcione flexibilidade para seu emprego, podendo se encontrar em uma das seguintes situações:
a) centralizada – aprofundando desde já ou em Z Reu; e
b) descentralizada – articulada ou fracionada.

5.3 DEFESA MÓVEL

5.3.1 GENERALIDADES

5.3.1.1 A defesa móvel visa à destruição das forças inimigas, combinando ações ofensivas e defensivas.

5.3.1.2 Normalmente, a FT SU Bld não recebe atribuição de F Seg, por não ser o emprego mais adequado. Entretanto, pode receber missões de integrar a força de fixação da ADA ou a força de choque (reserva).

5.3.2 FT SU BLINDADA COMO FORÇA DE FIXAÇÃO

5.3.2.1 A FT SU Bld pode fazer parte da força de fixação e participar das seguintes missões:
a) cobrir o retraimento dos elementos de 1º escalão;
b) ocupar posições de bloqueio para apoiar o C Atq realizado pela força de choque do Esc Sp; e
c) reforçar a força de choque do Esc Sp.

5.3.2.2 A forma de conduzir suas missões assemelha-se a uma defesa de área, até que seja determinado o retraimento. Recebendo ordem, a FT SU Bld retrai e ocupa nova posição defensiva, permitindo penetração inimiga controlada e canalizando seu movimento para a área de engajamento (A Engj) pré-selecionada. Na nova posição, a FT SU Bld bloqueia a penetração inimiga, mantendo-a no interior da A Engj, sendo ultrapassada pela força de choque (F Chq), que tem a missão de destruir o inimigo nessa área.

5.3.3 FT SU BLINDADA COMO FORÇA DE CHOQUE

5.3.3.1 A FT SU Bld, em uma defesa móvel, normalmente, integra a força de choque (reserva) e tem a missão principal de contra-atacar para destruir o inimigo em uma A Engj previamente selecionada.

5.3.3.2 O ataque, geralmente, tem como objetivo a destruição do inimigo no interior da A Engj. Ao final, o inimigo remanescente é repelido e o LAADA inicial

reestabelecido. Deve-se ter atenção especial quanto às medidas para a ultrapassagem da força de fixação (F Fix) e quanto às medidas contra o fratricídio.

5.3.3.3 A FT SU Bld, normalmente, está enquadrada em uma FT U, cuja localização é determinada pelo Esc Sp. A FT SU Bld pode receber encargo de organizar posições de aprofundamento, porém a sua prioridade é o ensaio do C Atq de destruição.

5.3.3.4 A ação do inimigo raramente permite a execução do C Atq como planejado. O Cmt FT SU Bld deve estar em condições de retificar rapidamente qualquer parte do plano de C Atq, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo.

5.4 MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

5.4.1 GENERALIDADES

5.4.1.1 Normalmente, a FT SU Bld, realizando movimento retrógrado, é desdobrada em larga frente, reduzindo a eficiência das comunicações e do controle.

5.4.1.2 Os Cmt FT SU Bld guardam suficiente liberdade na execução, conduzindo as ações segundo a intenção do Cmt e explorando as oportunidades surgidas.

5.4.1.3 Existem três formas de manobra tática defensiva nos movimentos retrógrados: ação retardadora, retraimento (sob pressão ou sem pressão) e retirada.

5.4.2 AÇÃO RETARDADORA

5.4.2.1 Generalidades

5.4.2.1.1 Aç Rtrd é um movimento retrógrado, no qual uma F Ter, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Na execução de uma Aç Rtrd, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo. É, normalmente, empregada como uma economia de meios ou pelas forças encarregadas pela segurança de uma tropa.

5.4.2.1.2 Ao planejar uma Aç Rtrd, o Cmt FT SU Bld deve atentar para as formações dispersas, a liberdade de ação, o apoio de fogo eficaz e para os movimentos, utilizados para trocar espaço por tempo, medidas estas que permitem evitar o engajamento decisivo.

5.4.2.1.3 Pode-se empregar os seguintes processos numa Aç Rtrd:
a) em posições sucessivas;
b) em posições alternadas; ou
c) a adequada combinação de ambas.

5.4.2.2 Retardamento em Posições Sucessivas

5.4.2.2.1 A tropa desenvolve-se como um todo em cada posição retardadora, ocupando-as sucessivamente, após retrair da anterior.

5.4.2.2.2 Na ação retardadora em posições sucessivas, a FT SU oferece o máximo de resistência organizada na posição inicial de retardamento e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Esse é o tipo de ação retardadora adotado com mais frequência pela FT SU, permitindo concentrar o maior poder de combate em cada posição.

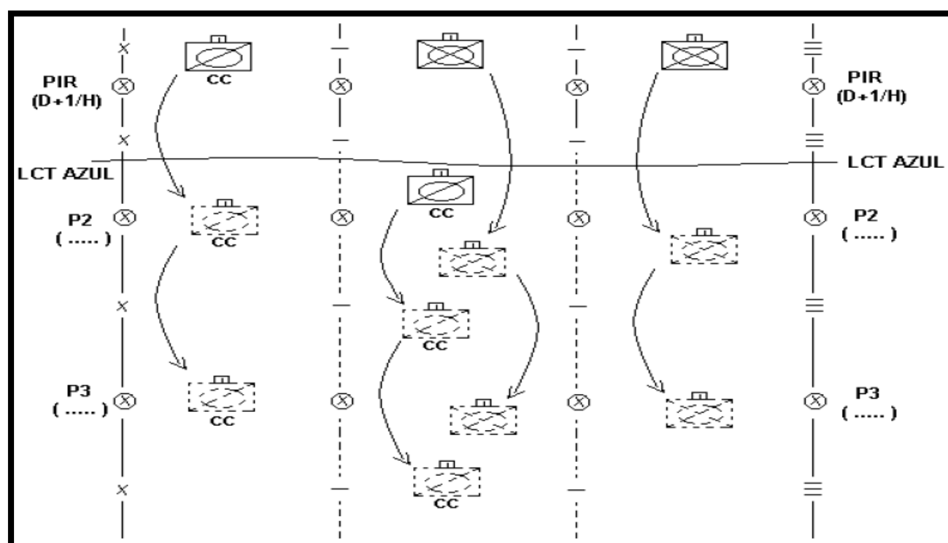


Fig 5-4 – Ação retardadora em posições sucessivas

5.4.2.3 Retardamento em Posições Alternadas

5.4.2.3.1 Nesse processo, a FT U é dividida em dois grupamentos. O primeiro organiza e ocupa a primeira posição e conduz a ação retardadora, enquanto o segundo grupamento organiza e ocupa a posição seguinte. Quando o primeiro elemento é forçado a retrair, ele é acolhido, passando, então, a organizar e ocupar a terceira posição, e assim por diante.

5.4.2.3.2 Esse tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para manutenção do material e para descanso dos homens. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das

forças ou a redução da frente a retardar, diminuindo o poder de combate disponível para a defesa de cada posição.

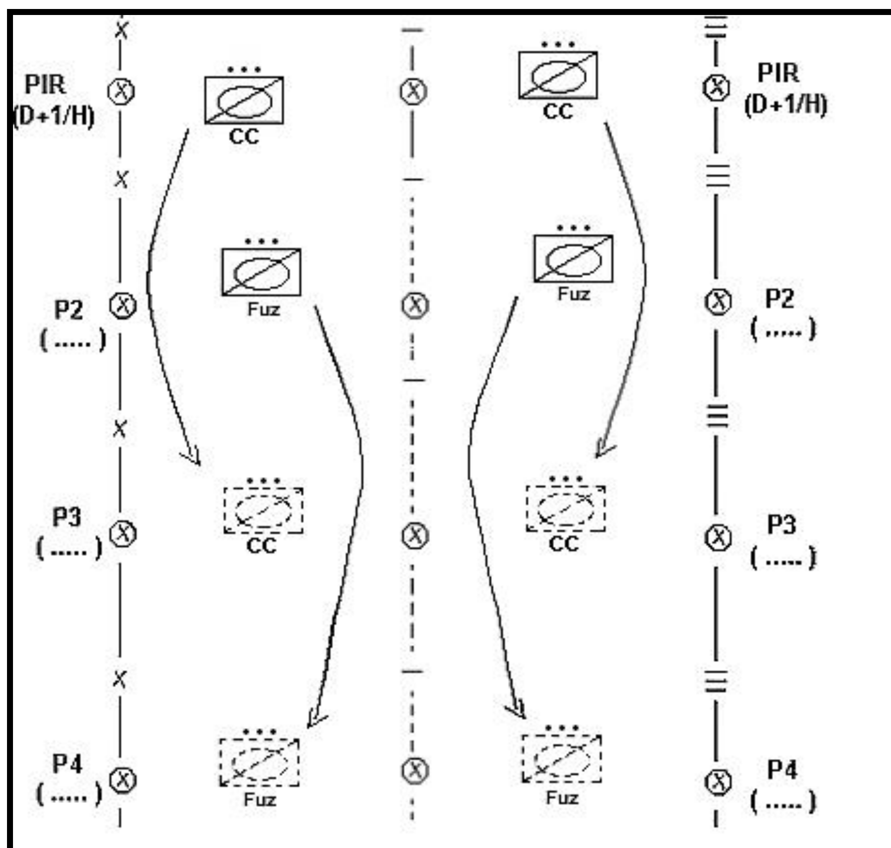


Fig 5-5 – Ação retardadora em posições alternadas

5.4.2.4 FT SU Bld na Ação Retardadora

5.4.2.4.1 Planejamento:

a) as FT SU Bld são particularmente aptas ao cumprimento de missões na ação retardadora, estando enquadradas em uma FT U;

b) o planejamento do Cmt FT SU Bld é feito quase que totalmente à luz do terreno. As VA valor SU, que incidem sobre a Z Aç da FT SU Bld, devem ser levantadas e devem ser elaborados planos para barrá-las;

c) o Cmt FT SU Bld recebe do Cmt FT U a(s) posições de retardamento (posição inicial de retardamento – PIR, P2, P3 *etc*.), bem como sua Z Aç, cabendo-lhe determinar as posições dos pelotões para barrar as VA que incidem na sua posição;

d) normalmente, todos os Pel FT SU Bld são dispostos em 1º escalão. Embora o apoio mútuo entre os núcleos de retardamento dos Pel seja desejável, este nem sempre é alcançado, principalmente devido às largas frentes recebidas;
e) as VA que incidem sobre a Z Aç da FT SU Bld e que possuam eixos orientados para a penetração na posição da subunidade merecem atenção especial do Cmt FT SU Bld. Nesses pontos, onde eixos penetrantes incidem sobre a posição de retardamento, o Cmt FT SU Bld deve procurar empregar núcleos de retardamento dos Pel com apoio mútuo lateral;
f) nas áreas passivas e menos favoráveis à progressão do inimigo, o Cmt FT SU Bld pode prever menor grau de resistência (vigiar), devendo informar ao Cmt FT U para certificar-se de que a manobra da unidade não seja prejudicada e a intenção do comandante seja preservada;
g) o(s) Pel CC deve(m) ser orientado(s) para as VA mais favoráveis ao emprego de blindados por parte do inimigo; e
h) devem ser estabelecidas medidas de coordenação com os apoios que, geralmente, estam lançando ou agravando obstáculos no compartimento à retaguarda, a fim de evitar o fratricídio.

5.4.2.4.2 Preparação e ocupação das posições:
a) a ocupação das posições de retardamento é planejada para engajar o inimigo no alcance máximo de todas as armas de tiro indireto e no alcance útil das armas de tiro direto, facilitando o retraimento para as posições subsequentes;
b) os fatores básicos a serem considerados para a ocupação de uma posição de retardamento pela FT incluem:
- posições de tiro principais;
- posições de muda;
- posições suplementares;
- observação;
- campos de tiro longínquos;
- cobertas e abrigos;
- desenfiamento de torre e de couraça;
- preparação de cartões de alcance (roteiros de tiro);
- segurança (incluindo postos de observação, patrulhas e o emprego de Fuz Bld para a proteção aproximada dos CC);
- coordenação com outros elementos, incluindo os de apoio de fogo e engenharia; e
- itinerários de retraimento.

c) os CC e as VBC Fuz devem procurar posições que possibilitem o desenfiamento de couraça e sejam próximas à crista topográfica, de modo a obterem campos de tiro profundos e rápido acesso aos itinerários de retraimento;
d) pode-se, ainda, determinar que as Vtr Bld ocupem posições com desenfiamento total ou de torre, deslocando-se à frente para atirar;
e) os Fuz Bld desembarcados preparam e ocupam posições nas partes mais elevadas do terreno, procurando bater com armas automáticas e anticarro os obstáculos à frente da posição;

f) os Fuz Bld preparam, inicialmente, posições que lhes garantam a proteção necessária ao cumprimento da missão. Todas as posições, não só a posição dos Fuz Bld, devem ser continuamente melhoradas, de acordo com a disponibilidade de tempo. Devem ser previstas posições de muda e suplementares;
g) todos os Pel devem estar familiarizados e reconhecer os itinerários de retraimento. De preferência, cada Pel deve possuir um itinerário próprio que facilite seu deslocamento para posições subsequentes; e
h) o Cmt FT SU Bld e os Cmt Pel devem confeccionar seus roteiros de tiro, confirmando a complementação de fogos das diversas armas e o recobrimento dos setores de tiro.

5.4.2.4.3 Segurança e comunicações:
a) o Cmt FT SU Bld deve certificar-se de que o inimigo não desborde seus flancos ou surpreenda a posição, comprometendo a segurança da SU. O reconhecimento contínuo é uma das melhores maneiras de proporcionar segurança;
b) se a FT SU Bld não estiver em contato com o inimigo, medidas para evitar a surpresa e para alertar sobre a aproximação do inimigo devem ser tomadas. O Cmt FT U pode empregar o Pel Exp à frente da SU como F Seg. Além disso, o Cmt FT SU Bld pode prever o estabelecimento de postos de observação e/ou escuta para complementar sua segurança; e
c) os rádios devem, em princípio, permanecer com a prescrição livre para os elementos em contato; restrito para os elementos que se deslocam entre as posições retardadoras; e em silêncio na posição à retaguarda.

5.4.3 RETRAIMENTO

5.4.3.1 Generalidades

5.4.3.1.1 O retraimento é um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do escalão superior. Parte das forças permanece em contato, para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e para lhe infligir danos, pelo fogo e por uma manobra adequada.

5.4.3.2 Tipos de Execução

5.4.3.2.1 O retraimento pode ser diurno ou noturno e executado sob ou sem pressão do inimigo.

5.4.3.2.2 Os retraimentos sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob pressão, pois o Cmt conserva a iniciativa e pode escolher o melhor momento para o retraimento.

5.4.3.3 A FT SU Bld no Retraimento

5.4.3.3.1 Planejamento:
a) o planejamento do Cmt FT SU Bld para um retraimento deve ser detalhado, prever planos alternativos, destinados ao atendimento de situações que impliquem em retraimentos sob ou sem pressão do inimigo. De acordo com as prescrições de segurança e do tempo, o Cmt FT SU Bld pode permitir que os Cmt Pel executem o reconhecimento da área na qual deverão cumprir a próxima missão;
b) os planos de retraimento do Cmt FT SU Bld devem incluir:
- missão subsequente da SU e do Pel, após o retraimento;
- zona de retraimento da SU e itinerários a serem utilizados pelos pelotões;
- medidas de coordenação e controle (linhas de controle, controle de trânsito e outros);
- hora e sequência de retraimento dos elementos subordinados;
- valor e missão das F Seg e outras medidas de segurança;
- evacuação de baixas e destruição/evacuação de material;
- apoio de fogo; e
- planos alternativos.

c) tão logo o Cmt FT SU Bld receba a ordem de retraimento, ele deve emitir uma ordem preparatória, iniciando os reconhecimentos e o planejamento pormenorizado.

5.4.3.3.2 Preparação e Ocupação das Posições – a ocupação das posições de retraimento é planejada e conduzida de acordo com os princípios e fundamentos das Op Def. Cresce de importância, entretanto, o engajamento do inimigo, pelas forças que permanecerem em contato, no alcance máximo de todas as armas de tiro indireto e no alcance útil das armas de tiro direto, bem como os itinerários de retraimento da FT SU Bld, a fim de facilitar o distanciamento do inimigo.

5.4.3.3.3 Segurança e comunicações:
a) o retraimento é executado mantendo contato com o inimigo por meio da observação. Isso proporciona dissimulação, segurança e contribui para evitar rápido avanço do inimigo. Uma força provê segurança e dissimulação, para que as tropas em contato possam executar seu retraimento sem que o inimigo cerre rapidamente sobre elas; e
b) os rádios devem, em princípio, permanecer com a prescrição livre para os elementos em contato, restrito para os elementos que se deslocam entre as posições de retraimento e em silêncio na posição à retaguarda.

5.4.3.4 Retraimento sem Pressão do Inimigo

5.4.3.4.1 O êxito desse tipo de retraimento depende, principalmente, do sigilo e da dissimulação.

5.4.3.4.2 A FT SU Bld destaca elementos de manobra e de apoio para permanecerem em contato com o inimigo, enquanto o grosso da subunidade retrai. Esses elementos são chamados de destacamento de contato.

5.4.3.4.3 As missões do destacamento de contato podem incluir:
a) manter a fisionomia da frente, simulando as atividades normais; e
b) dentro de suas possibilidades, retardar e iludir o inimigo.

5.4.3.4.4 A ordem do Cmt FT U prescreve a hora de retraimento, o valor e a composição do destacamento de contato. Normalmente, a composição do destacamento de contato possui cerca de 1/3 dos elementos de manobra e de 1/3 a 1/2 das armas de apoio orgânicas. O Cmt FT SU Bld pode determinar que um GC/Seç CC de cada Pel permaneça em posição no destacamento de contato, constituindo um pelotão provisório.

5.4.3.4.5 O destacamento de contato pode obter a simulação e o sigilo necessários ao cumprimento de sua missão da seguinte forma:
a) simulação de fogos de apoio normais;
b) execução normal de patrulhamento;
c) supressão de ruídos feitos pelas tropas que retraem;
d) utilização de posições simuladas; e
e) tráfego normal de mensagens transmitidas por rádio.

5.4.3.4.6 O Cmt FT SU Bld designa um Cmt Pel ou o S Cmt SU para comandar o destacamento de contato, o qual deve se inteirar da situação em toda a Z Aç da SU, visando à manutenção da fisionomia da frente.

5.4.3.4.7 O Cmt FT SU Bld pode determinar que seja procedido o reconhecimento da próxima posição, que a subunidade ocupará após o retraimento. Esse reconhecimento pode ser executado pelo S Cmt (ou Cmt Pel Ap/FT Cia Fuz Bld) e por um representante de cada pelotão (normalmente os Adj Pel).

5.4.3.4.8 Os itinerários devem ser facilmente identificados à noite ou balizados, facilitando o retraimento para a próxima posição.

5.4.3.4.9 Para facilitar o controle, as armas de apoio podem passar a reforçar os Pel, em cujas áreas estão localizadas. Esse reforço, normalmente, é utilizado apenas durante o retraimento.

5.4.3.4.10 O retraimento sem pressão, em geral, é executado em três fases:
a) retraimento dos trens (por infiltração);
b) retraimento dos pelotões; e
c) retraimento do destacamento de contato.

5.4.3.4.11 Normalmente, os pelotões retraem simultaneamente na hora determinada. Após o retraimento dos Pel, o destacamento de contato assume a Z Aç da SU. O retraimento deve ser iniciado a tempo de evitar o movimento sob pressão do inimigo.

5.4.3.5 Retraimento sob Pressão do Inimigo

5.4.3.5.1 No retraimento sob pressão do inimigo, os elementos da FT SU Bld retraem combatendo, utilizando táticas de retardamento. A FT é apta a executar retraimento sob pressão do inimigo, em razão de sua proteção blindada, mobilidade e potência de fogo.

5.4.3.5.2 O êxito desse tipo de retraimento depende muito de eficiente planejamento, controle, rapidez de movimento, uso adequado de apoio de fogo disponível e liderança em todos os escalões.

5.4.3.5.3 A FT U, normalmente, organiza uma força de proteção com seu 2º escalão ou reserva para proporcionar segurança ao retraimento do grosso da tropa. As missões dessa força de proteção são:
a) apoiar o retraimento dos elementos da FT que estejam engajados;
b) retardar o inimigo e evitar a sua interferência no retraimento do grosso;
c) atuar como retaguarda da força principal; e
d) realizar C Atq de desaferramento para auxiliar o desengajamento e o retraimento dos elementos em contato.

5.4.3.5.4 Normalmente, a ordem de retraimento da FT U prescreve as posições da força de proteção, da Z Aç ou dos itinerários de retraimento das SU; da Z Reu (se usadas); das medidas de controle do movimento; da sequência de retraimento; e das instruções para o cumprimento das missões subsequentes.

5.4.3.5.5 O Cmt FT SU Bld designa uma Z Reu para cada Pel de 1º escalão e os itinerários ou as zonas de retraimento. Os itinerários devem oferecer o máximo de cobertas e abrigos e devem ser protegidos pela força de proteção da unidade.

5.4.3.5.6 Baseado no plano da FT SU Bld, os Cmt Pel selecionam itinerários de retraimento para seus pelotões, os prováveis pontos de reunião e determinam a provável ordem de movimento. As armas coletivas (Pel Fuz Bld e Pel Ap) e os CC podem ocupar posições de tiro próximas à crista topográfica para obter melhores campos de tiro.

5.4.3.5.7 Se um pelotão deve inicialmente cobrir seu próprio retraimento, o Cmt Pel seleciona posição(ões) subsequente(s) para ser(em) ocupada(s). Da mesma forma, o Cmt Pel deve levantar posições à retaguarda, de onde possa apoiar o retraimento dos outros pelotões, se necessário.

5.4.3.5.8 A FT SU Bld somente retrai mediante ordem. Se elementos da SU estiverem fortemente engajados, o Cmt FT SU Bld normalmente ordena que o Pel menos engajado retraia primeiro. Se a pressão do inimigo for igual em toda a frente, o Cmt FT SU Bld pode determinar que todos os pelotões retraiam ao mesmo tempo. A decisão de retrair primeiro os elementos mais ou menos engajados é difícil e deve-se levar em consideração o cumprimento da missão da melhor forma e a preservação da integridade da subunidade. Caso a FT SU Bld tenha constituído uma força de proteção, esta só retrai após acolher os pelotões de 1º escalão.

5.4.3.5.9 O grau de pressão do inimigo determina a maneira pela qual os pelotões retraem para a retaguarda da força de proteção. Um Pel que não esteja engajado fortemente pode retrair como um todo. Se o Pel estiver sob grande pressão do inimigo, deve retrair usando o fogo e a manobra.

5.4.3.5.10 O Cmt FT SU Bld pode, ainda, determinar que os pelotões se apoiem mutuamente para romper o contato com o inimigo por meio do fogo e da manobra, realizando movimento por lanços entre os compartimentos para a retaguarda. Os CC devem valer-se de sua capacidade de realização de tiro estabilizado para facilitar seu retraimento e apoiar os demais pelotões.

5.4.3.5.11 O Cmt FT SU Bld pode determinar que viaturas e pessoal dos trens sejam os primeiros elementos a retraírem, a fim de evitar congestionamento nos eixos.

5.4.3.5.12 Caso a FT SU Bld tenha constituído uma força de proteção com um de seus pelotões, esses elementos permanecem em posição até que os Pel de 1º escalão tenham retraído para sua retaguarda. Quando os Pel de 1º escalão tiverem se deslocado o suficiente para a retaguarda, o Cmt FT SU Bld ordena o retraimento da força de proteção da subunidade para a retaguarda da força de proteção da FT U.

5.4.3.5.13 A FT SU Bld pode ser designada para constituir a força de proteção da FT U. Nesse caso, o Cmt FT SU Bld, baseado nos fatores da decisão, escolhe posições no terreno para que seus Pel possam apoiar o retraimento dos elementos de 1º escalão, acolhê-los e cobrir-lhes a retirada.

5.4.4 RETIRADA

5.4.4.1 Finalidades

5.4.4.1.1 Retirada é um movimento retrógrado, realizado sem contato com o inimigo, com a finalidade de evitar um combate decisivo em face da situação existente. Pode ser executada em seguida a um retraimento ou quando não houver contato físico com o inimigo.

5.4.4.1.2 A retirada pode ser realizada com as seguintes finalidades:
a) ampliar a distância entre a força amiga e o inimigo;
b) encurtar as distâncias de apoio logístico;
c) ocupar um terreno mais favorável à defesa;
d) permitir o emprego da força em outro local; e
e) adaptar-se a um reajustamento do dispositivo do Esc Sp.

5.4.4.2 Possibilidades de Atuação da FT SU Bld

5.4.4.2.1 A FT U organiza-se de modo inverso ao da marcha para o combate, e a FT SU Bld pode atuar como Vgd, Fg e Rtgd.

5.4.4.2.2 Se a FT SU Bld for designada como retaguarda, passa a realizar movimento como uma Aç Rtrd.

5.4.4.2.3 A FT SU Bld pode executar isoladamente a retirada, adotando formações que lhe garantam a própria segurança.

5.4.4.3 O planejamento do Cmt FT SU Bld para a operação de retirada é semelhante ao da marcha para o combate.

5.5 OUTRAS AÇÕES TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS NA DEFENSIVA

5.5.1 AÇÕES DINÂMICAS NA DEFESA

5.5.1.1 A FT SU Bld, como parte da FT U, pode ser empregada nas ações dinâmicas da defesa, como o patrulhamento agressivo, a incursão e o C Atq, apoiados por fogos.

5.5.1.2 FT SU Bld no C Atq para o Reestabelecimento da ADA

5.5.1.2.1 O C Atq de desaferramento busca permitir o desengajamento de forças amigas cerradamente engajadas pelo inimigo. Embora típico dos movimentos retrógrados, também é utilizado na defesa em posição.

5.5.1.2.2 O C Atq para restabelecimento da posição é um ataque dirigido contra objetivos limitados no interior da posição e cuja conquista caracteriza seu restabelecimento, destruindo ou expulsando o inimigo que tenha penetrado em determinada área, sem persegui-lo além do LAADA.

5.5.1.2.3 Os fogos de apoio são divididos em duas partes: aqueles desencadeados para destruir ou neutralizar o inimigo no interior da posição e aqueles desencadeados para isolar a penetração e impedir que o inimigo receba reforços.

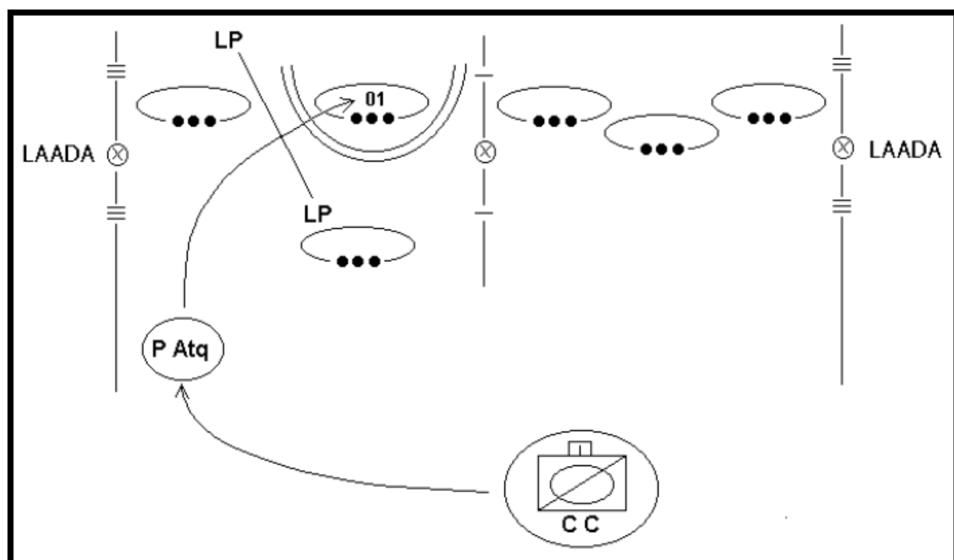


Fig 5-6 – Esquema de manobra de um contra-ataque

5.5.1.2.4 Os C Atq devem ser ensaiados durante o dia e em condições de pouca visibilidade.

5.5.1.3 FT SU Bld no C Atq de Desorganização

5.5.1.3.1 O C Atq de desorganização é uma manobra tática com a finalidade de comprometer um ataque inimigo em processo de organização e concentração de meios. É, normalmente, dirigido a um objetivo limitado fora da área de defesa.

5.5.1.3.2 O C Atq de desorganização pode ser executado para destruir parte da força inimiga, desorganizar o dispositivo inimigo e retardá-lo ou para impedir a observação terrestre direta do inimigo sobre a área de defesa.

5.5.1.3.3 O planejamento e a ordem de execução desse tipo de C Atq são da competência da Brigada ou do Esc Sp. A FT SU Bld envolvida nessa operação desenvolve suas atividades de maneira semelhante a um ataque normal.

5.5.1.4 FT SU Bld no C Atq de Destruição

5.5.1.4.1 O C Atq de destruição é um ataque executado com a finalidade específica de destruir os elementos inimigos que tenham penetrado ou se infiltrado na posição.

5.5.1.4.2 A FT SU Bld pode participar de uma força de C Atq de destruição enquadrada na FT U. O objetivo do C Atq é a própria força inimiga.

5.5.2 DISPOSITIVO DE EXPECTATIVA

5.5.2.1 O dispositivo de expectativa é particularmente útil quando se opera em largas frentes e onde há muitos espaços vazios, sendo ajustado conforme a orientação da maioria dos meios do inimigo.

5.5.2.2 A FT SU Bld, como parte da FT U, pode participar de um dispositivo de expectativa em uma operação defensiva enquadrada em uma Brigada ou Divisão de Exército.

5.5.3 DEFESA ELÁSTICA

5.5.3.1 Generalidades

5.5.3.1.1 A defesa elástica é uma técnica que permite a penetração do inimigo em uma área pré-selecionada para emboscá-lo e atacá-lo pelo fogo.

5.5.3.1.2 A defesa elástica combina procedimentos de defesa de área e de defesa móvel, sendo semelhante a uma grande emboscada na qual o inimigo é canalizado para o interior da ADA com o objetivo de ser destruído pelo fogo em uma A Engj.

5.5.3.2 Planejamento da Defesa Elástica

5.5.3.2.1 A A Engj, onde o inimigo será destruído, é selecionada pelo Cmt FT U, sendo suas dimensões compatíveis com a força inimiga e dentro do alcance eficaz dos armamentos dos núcleos defensivos (fogo direto e indireto). O Cmt FT SU Bld deve utilizar-se ao máximo das características defensivas do terreno para posicionar seus pelotões, impedir que o inimigo desborde os núcleos de Pel, ou se utilize de proteção (cobertas e abrigos) contra as vistas e os fogos da FT SU Bld, e para garantir que o inimigo tenha sua mobilidade restringida pelo terreno e pelos obstáculos de engenharia.

5.5.3.2.2 Caso sejam empregadas mais de uma SU na A Engj, os Cmt FT SU Bld devem realizar estreita coordenação de medidas defensivas e controle de fogos, a fim de assegurar a destruição do inimigo e evitar-se o fratricídio.

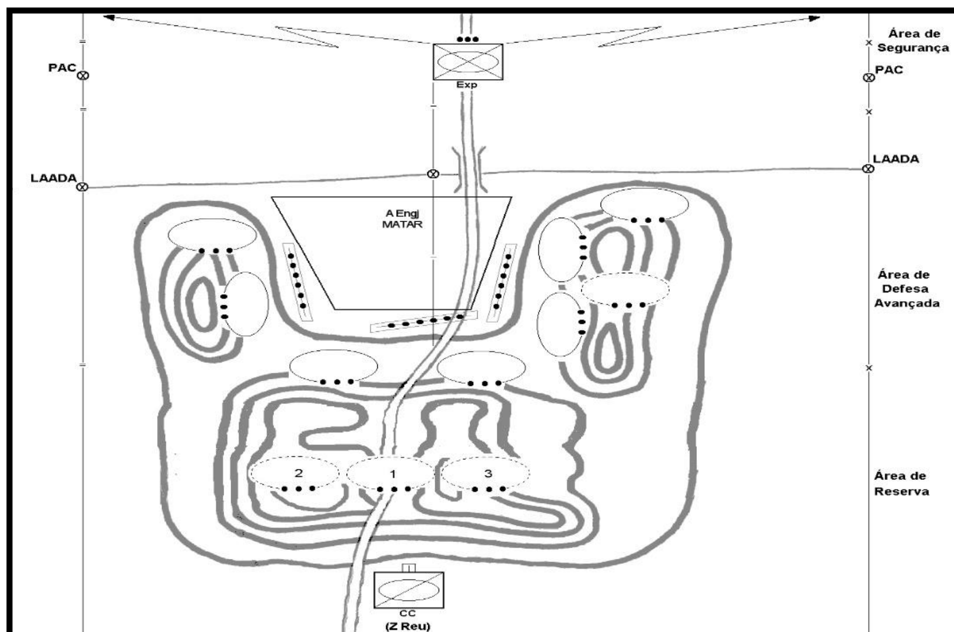


Fig 5-7 – Exemplo de dispositivo de uma FT BIB na defesa elástica

5.5.3.3 Fases

5.5.3.3.1 A defesa elástica é conduzida, normalmente, em três fases:
a) acolhimento dos elementos da F Seg e canalização do inimigo para a A Engj;
b) destruição do inimigo pelo fogo na A Engj; e
c) realização de C Atq para restabelecer núcleo defensivo submergido, conter a força inimiga na A Engj e impedir o desbordamento da P Def, se for o caso.

5.5.3.4 Missões

5.5.3.4.1 A FT SU Bld, na execução de uma defesa elástica, normalmente está enquadrada em uma FT U e pode receber uma das seguintes missões:
a) guarnecer os PAC;
b) ocupar núcleos de defesa na ADA; e
c) constituir a reserva da FT U.

5.5.4 DEFESA EM PONTO FORTE

5.5.4.1 Um ponto forte é uma posição altamente fortificada e apoiada em um acidente natural do terreno para deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de valor ponderável ou impedir o seu acesso a determinada área ou infraestrutura.

5.5.4.2 A FT SU Bld, em princípio, não deve ser empregada na defesa de ponto forte, por não ser o emprego mais adequado para uma força blindada e por não permitir que explore corretamente suas características.

5.5.5 DEFESA CIRCULAR OU DEFESA EM PERÍMETRO

5.5.5.1 A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual a FT U ou a FT SU Bld é disposta, de modo a fazer frente, simultaneamente, a ataques inimigos provenientes de qualquer direção.

5.5.5.1.2 É um dispositivo orientando em 360º. Sua finalidade é impedir o acesso do inimigo à área defendida.

5.5.5.1.3 A defesa circular pode ser empregada em uma das seguintes situações:
a) missões independentes;
b) defesa de posições isoladas no interior das linhas inimigas;
c) constituição de pontos fortes na defesa móvel ou em larga frente; e
d) isolamento da FT U ou FT SU Bld por ação do inimigo.

5.5.5.1.4 A defesa circular caracteriza-se por grande apoio mútuo e pequeno espaço de manobra.

5.5.5.2 Planejamento

5.5.5.2.1 As considerações a serem estudadas no planejamento da defesa circular são idênticas àquelas da defesa de área.

5.5.5.2.2 A FT SU Bld, quando estiver enquadrada na FT U, pode adotar seus dispositivos no LAADA, de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, com o terreno e com os planos para futuras operações.

5.5.5.2.3 A FT SU Bld recebe parte do perímetro da posição para organizar e defender. A frente pode variar de acordo com a missão recebida, o terreno, o inimigo e os meios disponíveis.

5.5.5.2.4 Os CC podem ser mantidos em reserva ou serem colocados em posições de tiro no LAADA. Deve-se levar em consideração a necessidade de proteção que os Fuz Bld devem prestar aos CC.

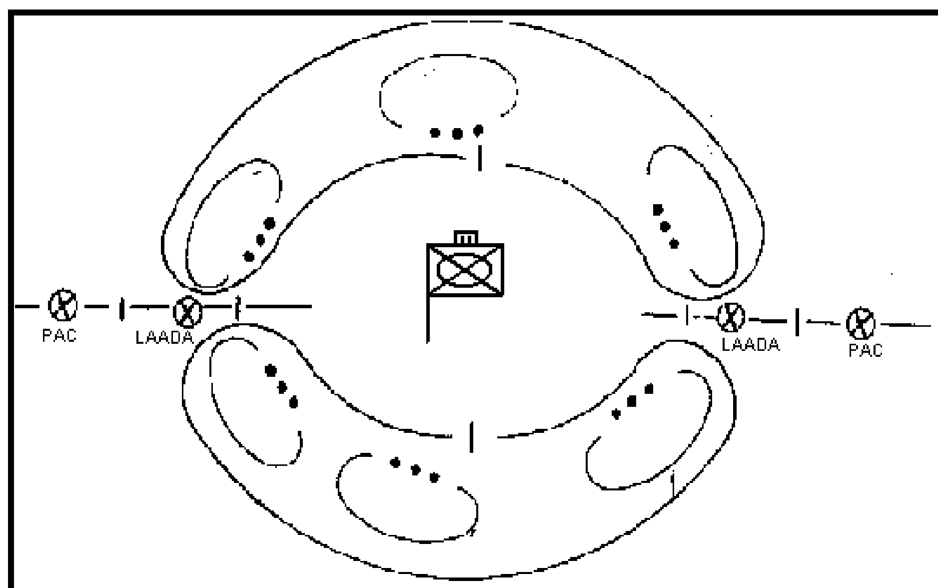


Fig 5-8 – Exemplo de FT U Bld no LAADA com duas FT SU Bld e todos os seus Pel no perímetro

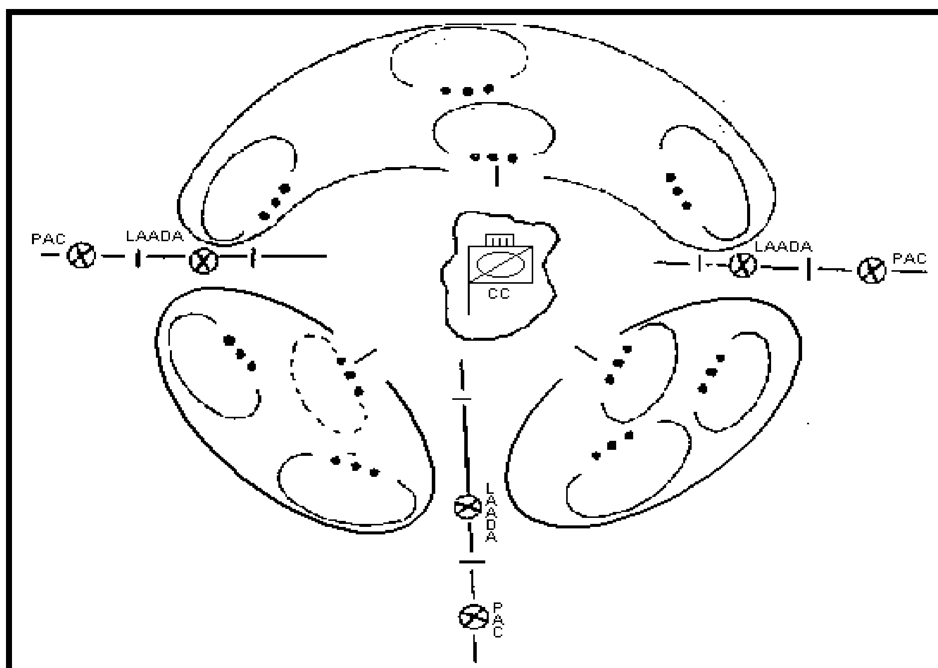


Fig 5-9 – Uma FT SU Bld com dois Pel no perímetro e uma posição de Pel preparada e não ocupada. Duas FT SU Bld com a maioria de seus meios no perímetro e um Pel aprofundando, ocupando posição desde já

5.5.5.2.5 A FT SU Bld, quando estiver ocupando uma posição circular sozinha, designa parte do perímetro a cada pelotão. Os Cmt Pel organizam as suas posições colocando seus GC/Seç CC em linha:

a) o interior da posição é organizado pelos elementos da Seç Cmdo e do Pel Ap da FT Cia Fuz Bld. O Cmt FT SU Bld pode empregar um ou mais GC/Seç CC dos pelotões para reforçar o interior da posição;

b) as peças da Seç Can AC/Pel Ap podem reforçar, apoiar os pelotões do perímetro ou permanecer centralizadas em apoio ao conjunto;

c) as metralhadoras em posição no perímetro devem explorar ao máximo os tiros rasantes, devendo bater a frente dos respectivos pelotões e recobrir os núcleos vizinhos;

d) os morteiros são instalados no interior da área da SU, podendo cada morteiro receber um setor de tiro diferente para possibilitar o rápido desencadeamento de fogos em qualquer direção; e

e) a segurança externa da área de defesa é assegurada pelos postos de vigilância (P Vig), localizados em pontos que dominem e permitam o controle das prováveis VA.

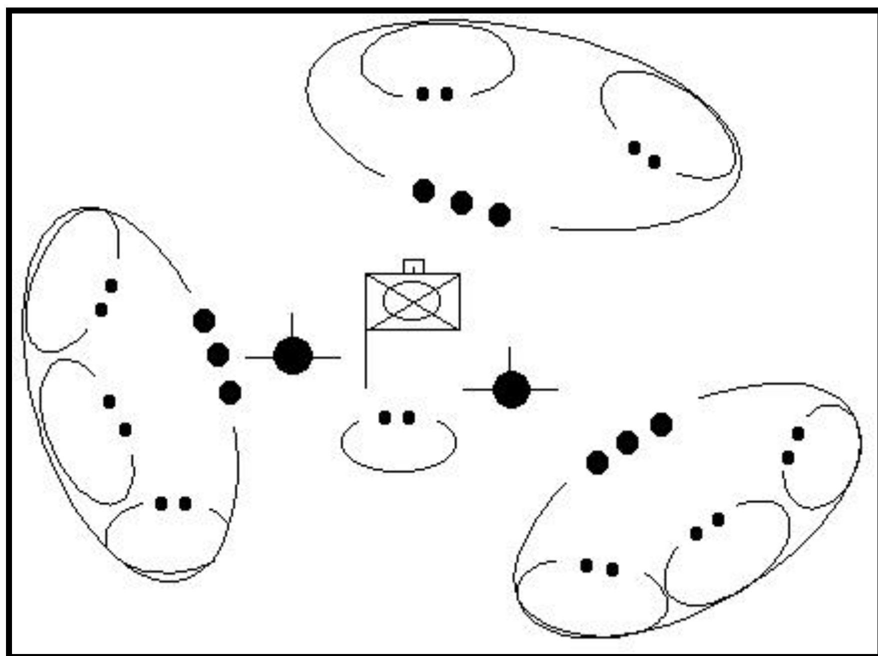


Fig 5-10 – Dispositivo de defesa da FT SU Bld isolada

5.5.5.2.6 Quando o inimigo não for esperado de uma direção em particular, é feita a distribuição homogênea dos elementos. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro. Quando for conhecida a direção provável do ataque do inimigo, o elemento que defende a VA mais perigosa pode receber uma frente mais estreita. Nesse caso, procura-se dar

maior profundidade ao dispositivo, e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nessa direção.

5.5.5.2.7 A defesa procura evitar penetração nas posições, uma vez que os C Atq são de difícil execução.

5.5.5.2.8 A FT SU Bld, ou parte dela, pode receber a missão de guarnecer os PAC. Os PAC fornecem alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo, impedem observação direta sobre as posições e, dentro das suas possibilidades, retardam e desorganizam as forças inimigas:
a) a FT SU Bld com a missão de guarnecer os PAC, em uma defesa circular, organiza-se de forma semelhante aos PAC de uma defesa de área; e
b) os PAC são instalados em posições dominantes que ofereçam bons campos de tiro e observação e que estejam dentro da distância de apoio do LAADA.

5.5.5.2.9 A FT SU Bld, como reserva em uma defesa circular, deve estar em condições de atuar rapidamente em qualquer direção:
a) a reserva pode estar centralizada em uma Z Reu ou ocupando, desde já, posições de aprofundamento; e

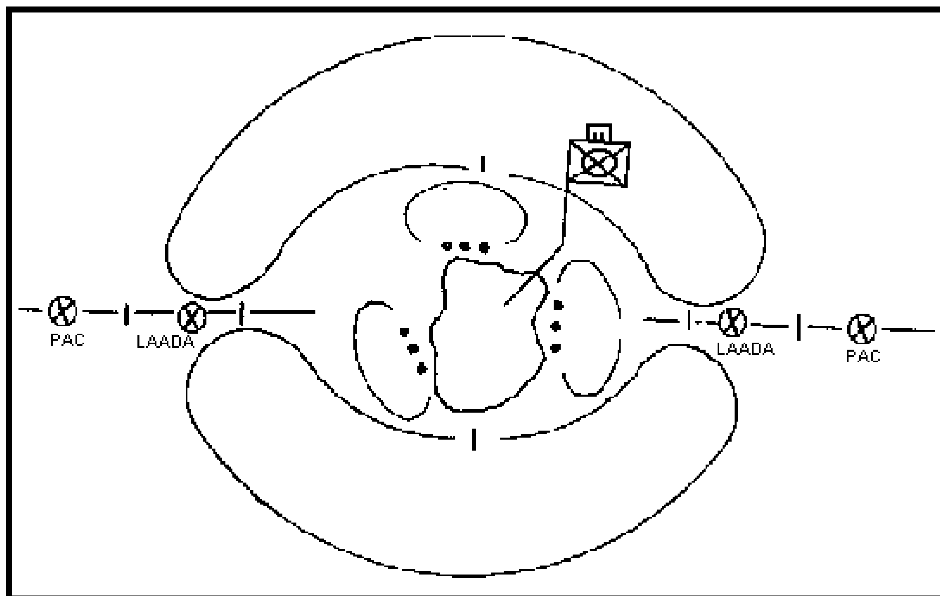


Fig 5-11 – Exemplo de uma FT SU Bld em reserva ocupando posições de aprofundamento

b) o Cmt FT U pode não designar uma FT SU Bld como reserva ou optar por constituí-la por elementos das SU de 1º escalão (reserva hipotecada) ou, ainda, pela reunião, sob comando específico de elementos de comando e apoio da FT U (reserva temporária).

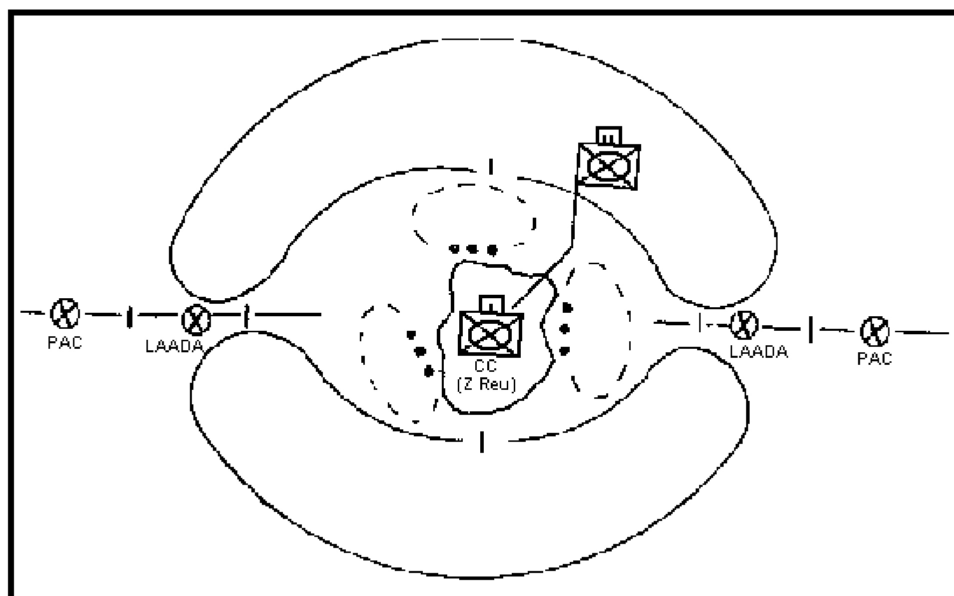


Fig 5-12 – Exemplo de uma FT SU Bld em reserva centralizada em Z Reu

5.5.6 DEFESA CONTRARRECONHECIMENTO

5.5.6.1 A defesa contrarreconhecimento é uma ação tática que abrange todas as tarefas destinadas a impedir os esforços de reconhecimento e vigilância do inimigo, prevenindo a observação da força aérea ou terrestre. O contrarreconhecimento é um componente de uma Op Seg.

5.5.6.2 A defesa contrarreconhecimento é uma ação tática pouco empregada pela FT SU Bld, em virtude da sua natureza e de seus meios orgânicos.

5.5.7 DEFESA CONTRA TROPA AEROTERRESTRE E AEROMÓVEL

5.5.7.1 A defesa contra tropa aeroterrestre e aeromóvel constitui-se em medidas de proteção estabelecidas por meio de um sistema de alarme, utilizando elementos de segurança. Tem a finalidade de dar o alerta oportuno e impedir a atuação dessas tropas.

5.5.7.2 As tropas paraquedistas e aeromóveis são vulneráveis durante a aterragem e o desembarque, particularmente em face de elementos blindados. Por esse motivo, deve-se lançar o mais rápido possível um ataque sobre essas forças, de modo a desarticulá-las antes de sua reorganização.

CAPÍTULO VI

MOVIMENTO E MANOBRA NAS OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 A FT SU Bld pode conduzir e participar de operações de cooperação e coordenação com agências (OCCA) em apoio aos órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), com vistas a preservar o bem-estar dos cidadãos e proteger a sociedade.

6.1.2 Apesar de não ser a principal missão da FT SU Bld, esse tipo de operação destina-se a conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de objetivos ou propósitos convergentes que atendam ao bem comum.

6.1.3 As OCCA têm sido desenvolvidas, cada vez mais, em ambientes humanizados ou no seu entorno, aumentando a possibilidade de danos colaterais decorrentes das ações desencadeadas. Essa realidade torna o planejamento detalhado do Cmt FT SU Bld fator preponderante para o sucesso da missão.

6.2 CONCEITOS BÁSICOS

6.2.1 A FT SU Bld pode participar das seguintes OCCA:
a) garantia dos poderes constitucionais;
b) garantia da lei e da ordem (GLO);
c) atribuições subsidiárias;
d) prevenção e combate ao terrorismo;
e) atuação sob a égide de organismos internacionais;
f) atuação em apoio à política externa em tempos de paz ou crise; e
g) outras operações em situação de não guerra.

6.2.2 São características das OCCA:
a) uso limitado da força;
b) coordenação com outros órgãos governamentais e/ou não governamentais;
c) execução de tarefas atípicas;
d) combinação de esforços políticos, militares, econômicos, ambientais, humanitários, sociais, científicos e tecnológicos;
e) caráter episódico;
f) não há subordinação entre as agências, mas cooperação e coordenação;
g) interdependência dos trabalhos;

h) maior interação com a população;
i) influência de atores não oficiais e indivíduos sobre as operações; e
j) ambiente complexo.

6.2.3 Nas OCCA, a liberdade de ação do comandante da FT SU Bld está limitada pela norma legal que autorizou o emprego da tropa. Assim, o emprego é episódico e limitado no espaço e no tempo.



Fig 6-1 – Exemplos de agências

6.2.4 A Bda Bld pode descentralizar as ações de cooperação e coordenação com agências, conforme a análise das condições para o eficaz cumprimento das atividades. É fundamental que as ações realizadas pela FT SU Bld atendam ao planejamento unificado da unidade a qual estiver subordinada.

6.2.5 A FT SU Bld pode conferir grande mobilidade e proteção blindada, aumentando a segurança nas ações das OCCA. Além disso, contribui com a estratégia de dissuasão e presença.

6.2.6 As principais limitações que o Cmt FT SU Bld deve elencar para seu planejamento nesse tipo de operação são:
a) poder de fogo restrito em áreas edificadas e cobertas;
b) restrição dos sistemas de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA);

c) canalização do movimento;
d) possibilidade de danos aos pavimentos de áreas civis, devido à tonelagem das viaturas blindadas;
e) trânsito de veículos e pedestres, dificultando o deslocamento; e
f) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário.

6.2.7 Os resultados das OCCA não são imediatos e envolvem, dentre outros, os seguintes aspectos: a conjuntura política; a situação econômica; o nível de violência; a capacidade do governo local de cumprir suas funções; a participação da sociedade; e o grau de maturidade e confiabilidade das organizações envolvidas nas operações.

6.3 PRINCÍPIOS DE EMPREGO

6.3.1 Toda operação em ambiente interagências deve estabelecer as prescrições sobre a conduta dos integrantes dos vetores (civis ou militares) que tenham contato direto com a população local, no teatro de operações (TO) ou na área de operações (A Op). Regras de engajamento (RE) específicas, quando aplicáveis, estão entre essas prescrições.

6.3.2 As regras devem ser específicas, mas não restritivas, considerando as peculiaridades de cada operação e observando os princípios da proporcionalidade, razoabilidade e legalidade.

6.3.3 Considerando o emprego da FT SU Bld nas OCCA, o Cmt FT deve levar em consideração:
a) a busca do apoio da população;
b) a dissuasão;
c) a iniciativa; e
d) o emprego criterioso da força.

6.4 GARANTIA DOS PODERES CONSTITUCIONAIS

6.4.1 As operações realizadas nesse contexto são similares às operações de GLO, diferindo pela finalidade e pelo grau de ameaça à ordem institucional existente.

6.5 GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

6.5.1 As ações de GLO abrangem o emprego da F Ter em variados tipos de operações e atividades, em face das diversas formas com que os agentes perturbadores da ordem pública (APOP) podem se apresentar.

6.5.2 As ações de GLO podem ser preventivas ou repressivas, de acordo com o grau e a natureza dos óbices representados pelas ações dos APOP.

6.5.3 No contexto da GLO, o Cmt FT SU Bld deve atentar para o conceito de segurança integrada, que tem o objetivo de estimular e caracterizar maior participação, assim como para a integração de todos os setores envolvidos, abrangendo ações preventivas e repressivas.

6.5.4 As ações preventivas têm caráter permanente e, normalmente, abrangem atividades de preparo da tropa, de inteligência, de operações psicológicas e de comunicação social.

6.5.5 As ações repressivas devem ter caráter episódico e podem ocorrer:
a) em situação de normalidade, em um quadro de cooperação e coordenação de agências com os governos estaduais ou com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, cooperando ou coordenando as ações dos vetores civis envolvidos (principalmente de segurança pública) e/ou atuando de forma isolada; e
b) em situação de não normalidade, com aplicação de medidas de defesa do Estado.

6.5.6 Na etapa do estudo de situação da FT SU Bld, nesse tipo de operação, devem ser determinadas as vulnerabilidades, as possibilidades e as prováveis linhas de ação dos APOP. Os fatores de análise são os seguintes:
a) dispositivo – significa a localização dos APOP e o seu desdobramento. Em Op GLO, normalmente, não há delineamento claro da posição contínua ou conhecida dos APOP. Geralmente, o dispositivo é um EEI importante, que pode mudar a forma como as ações são realizadas;
b) composição – normalmente, não são identificadas composições com base em doutrinas estabelecidas. Porém, alguns grupos podem ter composições hierarquizadas e maneiras de atuar definidas;
c) valor – em GLO, a não ser em casos específicos, o valor dos APOP é avaliado em termos de efetivo existente e armamento disponível. Deve ser considerada a capacidade dos APOP em reforçar suas ações com efetivos de fora da área de GLO;
d) atividades importantes, recentes e atuais – são levantadas as atividades dos APOP, recentes e atuais, que possam revelar quais as suas ações ou atitudes futuras. Conhecimentos e/ou dados dessa natureza devem ser difundidos e estudados pelas seções de inteligência e de operações; e
e) peculiaridades e deficiências – com base no conhecimento dos procedimentos rotineiros, da área de operações e da situação dos APOP, anteriormente estudados, são identificados e avaliados determinados aspectos característicos e seus pontos fracos.

6.5.7 O Cmt FT SU Bld deve transmitir para seus subordinados, de maneira clara, a composição e o funcionamento da(s) delegacia(s) de polícia judiciária

militar (DPJM) ou, em menor escala, do(s) cartório(s) militar(es) e da(s) delegacia(s) de polícia civil, com jurisdição sobre os crimes comuns que ocorram na área de GLO. A DPJM é constituída por pessoal militar e visa a desonerar a tropa da lavratura de autos de prisão em flagrante delito.

6.5.8 A dimensão humana na área de responsabilidade pode afetar a obtenção do estado final desejado e deve ser analisada cuidadosamente pelo Cmt FT SU Bld, devendo atentar para:
a) as ações a realizar em relação à população;
b) a forma como suas atividades podem interferir nas operações; e
c) o apoio porventura prestado aos diversos atores em presença.

6.5.9 O Cmt FT SU Bld deve buscar compreender a cultura local, considerando os seguintes aspectos:
a) buscar o entendimento dos motivos e as intenções das pessoas ou grupos no ambiente operacional de emprego;
b) as tradições religiosas da área, bem como a influência de suas lideranças; e
c) as Organizações Governamentais e Organizações Não Governamentais que atuam na área.

6.5.10 No planejamento do emprego da FT SU Bld, os aspectos do terreno devem ser estudados de maneira criteriosa, levando-se em conta:
a) áreas de alto valor econômico (bancos e instituições financeiras, mercados e centros comerciais);
b) centros políticos de governo;
c) centros sociais do estado (delegacias, tribunais de justiça, universidades e hospitais);
d) áreas culturalmente importantes (sítios históricos, arqueológicos e com significado religioso);
e) enclaves sociais, criminosos e outros (acampamentos, invasões *etc*.);
f) infraestruturas básicas (represas, refinarias, portos e aeroportos, estações de energia elétrica *etc*.); e
g) sítios que podem ser utilizados como áreas temporárias para homizio.

6.5.11 Nesse tipo de operação, pode-se subdividir o emprego da FT SU Bld nas seguintes fases:
a) deslocamento – o deslocamento da FT SU Bld para a área de GLO, geralmente, se dá de forma ostensiva, de forma a causar impacto dissuasório com os CC e as viaturas de transporte de pessoal (VBTP), fazendo com que os APOP saibam que o Exército atua naquela área. Para deslocamentos em áreas urbanas de difícil acesso, as redes viárias e pontes devem ser previamente dimensionadas, conforme a capacidade de suporte dos blindados para o seu emprego;
b) concentração – é a ação realizada para reunir tropas, equipamentos e materiais. O processo de concentração inclui também informações dos elementos de inteligência, adaptação aos equipamentos recebidos e adaptação climática;

c) manobra – geralmente, é realizada por meio de ações de curta duração, esporádicas e pontuais no ambiente operacional de GLO; e
d) reversão – refere-se ao retorno do pessoal, dos equipamentos e dos materiais adquiridos, adjudicados ou mobilizados para a operação.

6.5.12 A FT SU Bld pode realizar as seguintes ações em uma área de GLO:
a) vasculhamento;
b) posto de segurança estático (PSE);
c) bloqueio e controle de vias;
d) patrulhamento ostensivo;
e) ocupação de pontos fortes;
f) operações de busca e apreensão;
g) controle de distúrbio;
h) demonstração de força;
i) desobstrução de vias;
j) interdição e evacuação de área;
k) segurança de autoridades; e
l) tarefas de escolta.

6.6 ATRIBUIÇÕES SUBSIDIÁRIAS

6.6.1 As atribuições subsidiárias particulares para a FT SU Bld podem destinar-se à cooperação com os órgãos federais, quando se fizer necessário, na repressão aos delitos de repercussão nacional e internacional, no território nacional, na forma de apoio logístico, de inteligência, de comunicações e de instrução.

6.7 PREVENÇÃO E COMBATE AO TERRORISMO

6.7.1 A prevenção e o combate ao terrorismo constituem-se no conjunto de ações para evitar e enfrentar ameaças terroristas. Elas podem ser executadas de modo limitado por uma FT SU Bld e suas ações podem ser caracterizadas pela presença ostensiva ou não de tropa com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças.

6.7.2 O combate chamado de contraterrorismo engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de dissuadir, antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

6.7.3 A prevenção e o combate às ações terroristas devem ser conduzidos por forças policiais e por forças militares especializadas, com o engajamento de todos os setores da segurança pública, respaldados pela colaboração da sociedade.

6.7.4 A FT SU Bld pode participar dessas ações, apoiando os esforços conduzidos por forças militares especializadas ou forças policiais. Pode participar na interdição e evacuação de área, ocupação de pontos fortes e outras tarefas, de acordo com o planejamento realizado e os meios empregados por terroristas.

6.8 AÇÕES SOB A ÉGIDE DE ORGANISMOS INTERNACIONAIS

6.8.1 O emprego da FT SU Bld, dentro de um contexto de OCCA, em ações sob a égide de organismos internacionais, pode abranger:
a) arranjos internacionais de defesa coletiva;
b) operações de paz;
c) ações de caráter humanitário; e
d) estabilização.

6.9 EMPREGO EM APOIO À POLÍTICA EXTERNA EM TEMPO DE PAZ OU CRISE

6.9.1 Constituem exemplos desse apoio do poder militar:
a) concentração de forças terrestres;
b) realização de exercícios de adestramento para demonstração de capacidades;
c) movimentos de forças militares, enquanto são desenvolvidas as ações diplomáticas para a solução de um conflito; e
d) mobilização de meios de combate.

6.10 OUTRAS AÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

6.10.1 A FT SU Bld pode apoiar as seguintes atividades:
a) segurança de grandes eventos e de chefes de Estado;
b) garantia da votação e apuração (GVA);
c) apoio ao cumprimento da legislação vigente e verificação de acordos sobre controle de armas e produtos controlados; e
d) salvaguarda de pessoas, dos bens, dos recursos brasileiros ou sob a jurisdição brasileira fora do território nacional.

6.10.2 A FT SU Bld, quando empregada nesses tipos de ações, geralmente está enquadrada em uma FT U Bld, utilizando as TTP para as operações de GLO ou uma modificação dessas TTP, em função da análise das ordens e normas recebidas para o cumprimento da missão e de um estudo adequado de situação.

CAPÍTULO VII

MOVIMENTO E MANOBRA NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 As operações complementares, normalmente, estão inseridas no contexto das operações básicas, incluindo os seguintes tipos:
a) aeromóvel;
b) aeroterrestre;
c) de segurança;
d) contra forças irregulares;
e) de dissimulação;
f) de informação;
g) especiais;
h) de busca, combate e salvamento;
i) de evacuação de não combatentes;
j) de junção;
k) de interdição;
l) de transposição de curso de água;
m) anfíbia;
n) ribeirinha;
o) contra desembarque anfíbio;
p) de abertura de brecha; e
q) em área urbana.

7.1.2 Considerando as possibilidades e limitações, as FT SU Bld são mais aptas a atuar nas operações de segurança, de junção, de transposição de cursos de água, de abertura de brecha e urbanas.

7.2 OPERAÇÃO DE SEGURANÇA

7.2.1 GENERALIDADES

7.2.1.1 Nas Op Seg, a segurança proporcionada por uma FT SU Bld pode ser utilizada em proveito de seu escalão enquadrante, a fim de evitar que este seja impactado pela surpresa, espionagem, sabotagem, observação ou qualquer forma de atuação por parte do inimigo.

7.2.1.2 A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça, assim como, pelo fornecimento de tempo e espaço que permitam à tropa manobrar para reagir àquela ameaça.

7.2.1.3 As Op Seg podem ser conduzidas à frente, nos flancos e à retaguarda de uma força e alcançarão sucesso se evitarem, neutralizarem ou mesmo diminuírem a ameaça inimiga.

7.2.1.4 Devido ao seu adestramento específico e meios orgânicos, a FT SU Bld, normalmente, é preservada para ações eminentemente ofensivas e de caráter decisivo. Seu emprego em operações complementares de segurança não é comum, sendo condicionado a peculiaridades da área de operações, da situação tática ou do poder de combate do inimigo.

7.2.2 GRAUS DE SEGURANÇA

7.2.2.1 Para a execução de uma Op Seg, devem ser observados os graus de segurança, que são divididos em três tipos:
a) cobertura;
b) proteção; e
c) vigilância.

7.2.2.2 As frações de cavalaria mais aptas para as Op Seg são as de natureza mecanizada, devendo a FT SU Bld, prioritariamente, compor uma reserva com a finalidade de aumentar o poder de combate dos RC Mec empregados como F Cob. No caso da FT SU Bld compor uma FT U Bld, esta deve seguir o preconizado por aquela unidade para seu emprego como SU incorporada.

7.2.3 COBERTURA

7.2.3.1 A F Cob é uma F Seg taticamente autônoma que atua a uma distância considerável, à frente, no flanco ou à retaguarda da tropa para a qual opera, seja em movimento ou estacionada, no contexto das operações ofensivas ou defensivas.

7.2.3.2 A FT SU Bld pode atuar, enquadrada em uma FT U Bld, como força de cobertura avançada (F Cob Avç), força de cobertura de flanco (F Cob Flc) ou força de cobertura de retaguarda (F Cob Rtgd), podendo receber e cumprir, com limitações, missões de:
a) retardar as forças inimigas;
b) conquistar acidentes capitais;
c) desorganizar e destruir as forças inimigas; e
d) esclarecer a situação.

7.2.3.3 FT SU Bld como F Cob Avç

7.2.3.3.1 Como F Cob Avç, no âmbito de uma operação ofensiva, a FT SU Bld, enquadrada em uma FT U Bld, adota dispositivo que assegure cobertura completa da Z Aç recebida em sua frente, compatível com seu poder de combate. Essa operação é conduzida empregando-se as técnicas de

reconhecimento de eixo ou de zona. Assim, o Cmt FT SU Bld adota formação que permita que os Pel Fuz Bld entrem em linha e os Pel CC permaneçam no acompanhamento, seguidos do PC Cmt FT e da Seç Comando.

7.2.3.3.2 Se a extensão da Z Aç exigir, o Cmt FT SU Bld deve dispor os Pel CC para progredirem em 1º escalão, ocupando a posição mais central da Z Aç, se o terreno permitir, a fim de garantir a flexibilidade de seu emprego.

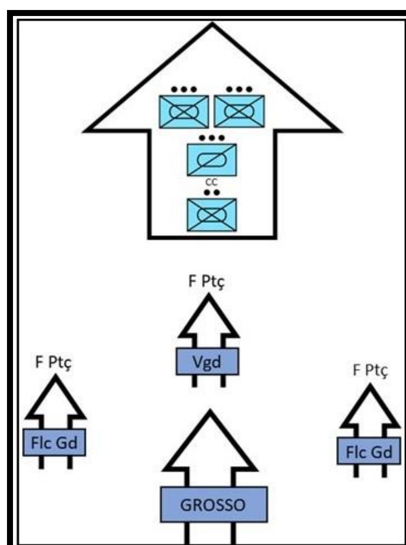


Fig 7-1 – FT Cia Fuz na F Cob Avç em terreno acidentado

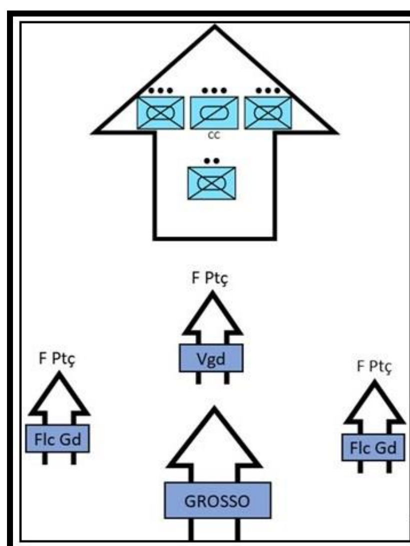


Fig 7-2 – FT Cia Fuz com pelotão CC à testa

7.2.3.3.3 Como F Cob Avç no âmbito de uma operação defensiva, a FT SU Bld atua à frente do LAADA e a uma distância prescrita, normalmente, pelo comandante da força que recebe segurança.

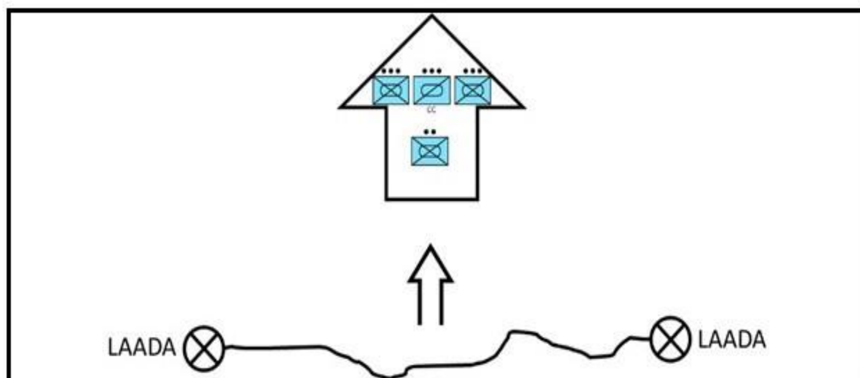


Fig 7-3 – FT SU Fuz Bld F Cob Avç em Op Def

7.2.3.3.4 O Cmt FT SU Bld, inicialmente, procede como em uma ofensiva, realizando reconhecimento de eixo ou zona até que seja estabelecido o contato com o inimigo, quando passa a executar ação retardadora, ou seja, troca espaço por tempo, necessário à manobra da força coberta. Ações de dissimulação devem ser realizadas, a fim de confundir o inimigo quanto ao verdadeiro dispositivo, localização e valor da força coberta, utilizando o emprego de fumígenos dos CC e das VBC Fuz. Para isso, o Cmt FT SU Bld deve planejar posições de retardamento de todo o eixo de progressão, a fim de possibilitar a mudança planejada do reconhecimento para a ação retardadora.

7.2.3.3.5 Como F Cob Rtgd, a fim de cobrir retraimento ou retirada, a FT SU Bld usa a própria linha ocupada anteriormente pela tropa coberta ou linha próxima para estabelecer sua posição inicial, empregando as técnicas utilizadas em ação retardadora.

7.2.3.3.6 Como F Cob Flc, a FT SU Bld emprega técnicas de uma operação de Fg, seja fixa ou móvel. Para isso, o Cmt FT SU Bld executa uma F Cob Flc, com a FT empregando técnicas semelhantes às de uma Fg.

7.2.4 PROTEÇÃO

7.2.4.1 A F Ptç proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação na frente, na retaguarda ou nos flancos imediatos, ou seja, mais próximos da tropa para qual opera. Tem a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida.

7.2.4.2 Assim como na Cobertura, a F Ptç pode ser empregada em favor de uma tropa estacionada ou em movimento, sendo denominada face à posição em relação à tropa protegida: Vgd, Fg e Rtgd.

7.2.4.3 Em qualquer dos casos descritos, uma F Ptç deve cumprir suas missões dentro do alcance dos armamentos e fogos de apoio da força protegida.

7.2.4.4 Normalmente, no cumprimento da missão de proteção, a FT SU Bld atua enquadrada em uma FT U Bld. Em alguns casos, a FT SU Bld pode atuar isoladamente com reforço e/ou apoio direto de elementos de apoio ao combate.

7.2.4.5 FT SU Bld como Vanguarda

7.2.4.5.1 A Vgd opera entre o grosso da tropa e a F Cob (quando houver o seu emprego), proporcionando a progressão ininterrupta do grosso da tropa, esclarecendo a situação e facilitando a progressão no itinerário.

7.2.4.5.2 Na Vgd, a tropa empregada divide-se em três escalões:
a) escalão de reconhecimento;
b) escalão de combate; e
c) reserva.

7.2.4.5.3 A FT SU Bld, enquadrada na FT U Bld, geralmente atua no escalão de combate, devido às suas características, podendo repassar, por ordem do Cmt F Ptç, elementos de combate (Pel CC, Pel Fuz Bld ou apenas GC Pel Fuz Bld), a fim de compor ou reforçar o escalão de reconhecimento.

7.2.4.5.4 A FT SU Bld pode atuar isoladamente, devendo ser reforçada por elementos de apoio ao combate. Assim, o Cmt FT SU Bld deve planejar o emprego da FT nos três escalões, conforme descrito abaixo:
a) escalão de reconhecimento – composto por um Pel CC, reforçado por um ou mais GC Fuz Bld, devendo os Fuz Bld liderarem o movimento sempre que possível;
b) escalão de combate – composto por um Pel CC, reforçado por um ou mais GC Fuz Bld, elementos de engenharia e armamento de tiro curvo ou Seç MAC; e
c) reserva – composta pelas demais peças de manobra da FT.

7.2.4.5.5 Caso a FT SU Bld receba em reforço o pelotão de exploradores (Pel Exp) da FT U Bld, este compõe o escalão de reconhecimento (Esc Rec), podendo o Cmt FT reforçá-lo com um Pel CC. Todavia, o Cmt FT SU Bld decide se aumenta o poder de combate do Esc Rec ou do escalão de combate.

7.2.4.5.6 A FT SU Bld executa sua missão por meio de contínuos reconhecimentos, repelindo ou destruindo pequenos efetivos inimigos,

impedindo que esses interfiram antes que eles possam intervir no avanço da força principal. Encontrando forças mais poderosas ou áreas fortemente defendidas, a FT deve esclarecer totalmente a situação, mantendo o contato com o inimigo para que outras forças o destruam ou até que a força inimiga deixe de ser uma ameaça ao grosso da tropa.

7.2.4.5.7 A FT SU Bld progride até estabelecer contato com o inimigo, deslocando-se em coluna de pelotões, com o Pel CC à frente, reforçado por um ou mais GC Fuz Bld. Se for o caso, pode decidir por deslocar outro pelotão por eixo paralelo, desde que possa apoiá-lo por fogos ou pela manobra. O deslocamento da FT pode ser realizado continuamente ou por lanços dos pelotões, o que é decidido pela velocidade do grosso e pela possibilidade da atuação inimiga no eixo de progressão.

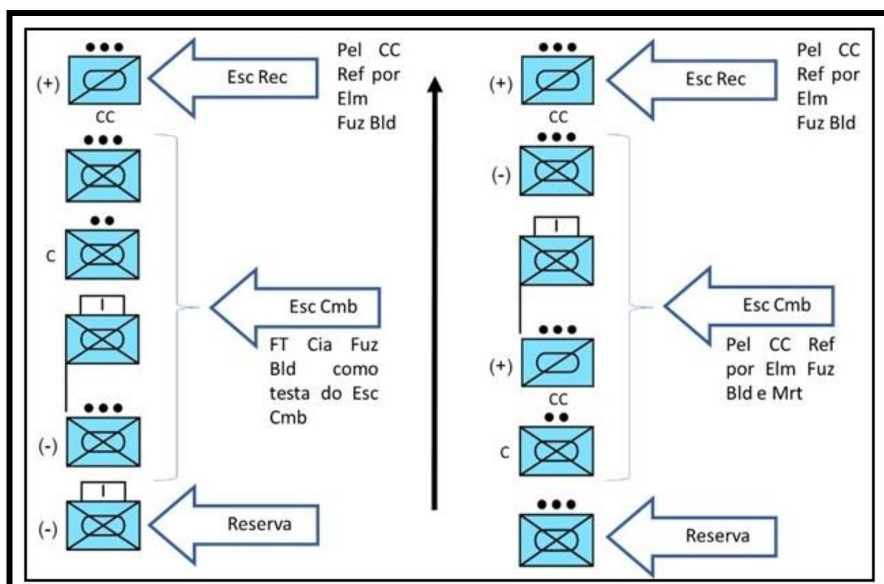


Fig 7-4 – Possibilidade de formação da FT SU Fuz Bld em F Ptç Vgd

7.2.4.6 FT SU Bld como Fg

7.2.4.6.1 A Fg opera nos flancos da força protegida, seja estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la da observação terrestre, dos fogos diretos e de qualquer ataque surpresa por parte do inimigo. A FT SU Bld pode, isoladamente, constituir Fg ou participar enquadrada na FT U Bld.

7.2.4.6.2 Quando enquadrada na FT U Bld, a FT SU Bld pode participar de uma Fg fixa ou móvel, durante operações ofensivas, defensivas ou em movimentos retrógrados:

a) nas operações defensivas – o Cmt FT U Bld prevê posições de bloqueio (P Blq) localizadas em acidentes do terreno que barrem as prováveis VA do

inimigo e que incidam no flanco da força protegida, devendo o Cmt FT SU Bld planejar o emprego. Preferencialmente, em razão do alcance de seus canhões, os Pel CC podem ocupar as P Blq, reforçados por um ou dois GC Fuz Bld cada;
b) nos Mvt Rtg – a FT SU Bld está enquadrada na FT U Bld, podendo receber a missão de ocupar e manter a PIR ou constituir a Res da FT U Bld:
- sendo empregada na ocupação da PIR, deve ser apoiada por elementos de engenharia na construção da PIR, particularmente nas posições das VBCCC. O Cmt FT SU Bld deve considerar a principal VA inimiga em seu planejamento, determinando que um Pel CC, reforçado por um ou dois GC Fuz Bld, ocupe essa posição; e
- como Res FT U Bld, o Cmt FT SU Bld deve planejar C Atq U Bld, reconhecendo os itinerários planejados pelo oficial de operações da unidade. Para tanto, dever realizar ensaios exaustivos, com os Pel CC à frente, apoiados pelos Pel Fuz Bld.
c) nas operações ofensivas – a Fg, normalmente, é do tipo móvel, muito embora a FT SU Bld possa ser empregada como Fg fixa em proveito de uma força em movimento, quer isoladamente, quer como parte da FT U Bld. Nesse tipo de situação, seu emprego pode ser visualizado quando o terreno limitar as possibilidades de atuação do inimigo em poucas regiões no flanco exposto.

7.2.4.6.3 A FT SU Bld pode participar de Fg móvel, conduzida pela FT U Bld, seja atuando na Vgd, fazendo parte do grosso da FT U Bld ou constituindo a reserva. Assim, a FT SU Bld tem as seguintes possibilidades:
a) reforçar as ações da FT SU Bld na Vgd;
b) ocupar posições de bloqueio; e
c) atacar para liberar o itinerário de progressão da FT U Bld ou para conquistar P Blq.

7.2.4.6.4 Atuando como vanguarda da flancoguarda, a FT SU Bld, além dessa missão, deve realizar ações de reconhecimento de zona do espaço compreendido entre a linha de pontos de ligação com grosso e a linha de controle externa, bem como é incumbida de manter contato com a retaguarda da unidade-testa da força protegida. Caso necessário, a FT SU Bld pode ser reforçada para cumprir sua tríplice missão. Esse reforço, normalmente, é realizado pelo Pel Exp, que se encarrega de executar o reconhecimento e as ligações, liberando os demais pelotões da FT para o cumprimento da missão de Vgd ou mesmo auxiliar, caso necessário, a atuação das outras FT no cumprimento da Fg.

7.2.4.6.5 Uma FT SU Bld cumpre sua missão de Fg estabelecendo as P Blq repassadas pelo Cmt FT U Bld em sua ordem de operações, sendo ocupadas mediante ordem do Cmt FT U.

7.2.4.6.6 A FT SU Bld pode ter o reforço de morteiros. Nesse caso, o Cmt FT SU Bld deve reuni-los à retaguarda da posição do pelotão que protege a VA principal, mantendo comando centralizado.

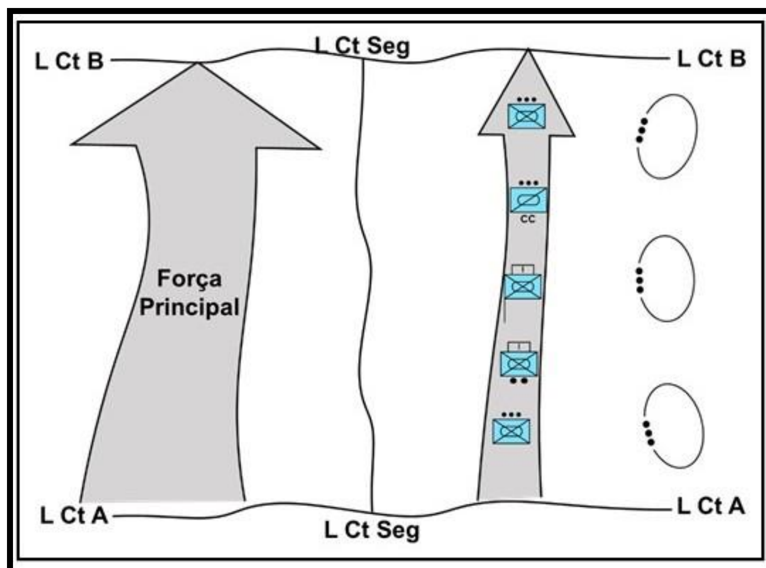


Fig 7-5 – FT Cia Fuz Bld como F Ptç Flc

7.2.4.6.7 Ao planejar a ocupação de uma posição de bloqueio, o Cmt FT SU Bld deve procurar aproveitar o terreno da melhor maneira possível, buscando o alcance máximo de utilização dos canhões. A distribuição de seus elementos deve levar em consideração as partes principais da frente, após o estudo de situação, de modo a concentrar meios nessas regiões e, caso necessário, economizar nas partes secundárias.

7.2.4.6.8 O Cmt FT SU Bld deve planejar uma ação retardadora da P Blq ocupada até a linha de pontos de controle com o grosso, face ao inimigo com poder de combate superior ao seu, devendo executar essa ação mediante ordem. Os itinerários de retraimento devem ser planejados.

7.2.4.6.9 O Cmt FT SU Bld escolhe qual processo de deslocamento irá empregar:
a) movimento contínuo – não há previsão de ocupação das P Blq;
b) lanço alternado – utilizado quando a força protegida avança vagarosamente ou quando a atuação inimiga é provável ao longo da linha de proteção. Um ou mais Pel são determinados a ocuparem novas posições, enquanto aqueles que ainda vigiam permanecem em suas posições anteriores, mantendo a observação e proporcionando maior segurança para esses movimentos; e
c) lanço sucessivo – realizado pela FT SU Bld quando a atuação inimiga é possível e o grosso realiza altos frequentes durante seu movimento. Nesse tipo

de lanço, o Pel (seja CC ou Fuz Bld) mais à retaguarda desloca-se até a posição do Pel à frente, liberando-o para ocupar a posição seguinte e assim sucessivamente, até que o pelotão mais à frente ocupe novo local designado.

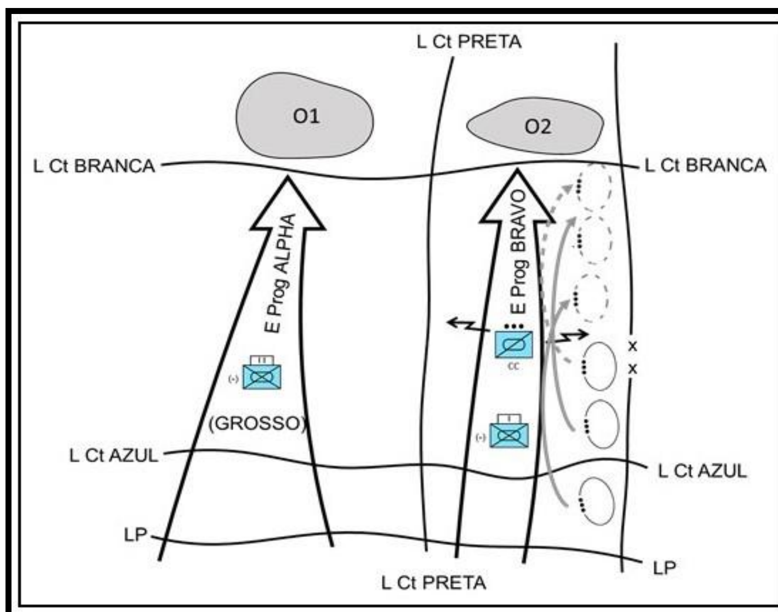


Fig 7-6 – FT Cia Fuz Bld como F Ptç Flc executando lanços alternativos

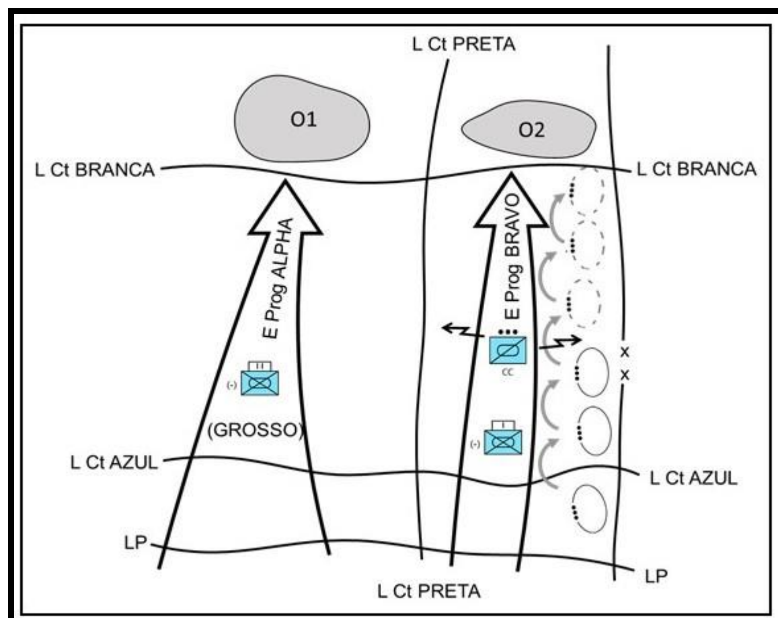


Fig 7-7 – FT Cia Fuz Bld como F Ptç Flc executando lanços sucessivos

7.2.4.6.10 Quando recebido em reforço, o Pel Exp deve ser empregado nas missões de estender a observação, estabelecer a ligação com as posições de bloqueio vizinhas, nas regiões determinadas pelo Cmt FT U Bld em seu esquema de manobra, e apoiar os reconhecimentos das P Blq. Os P Lig, previstos à frente e entre as posições de bloqueio, definem a área de responsabilidade dessas P Blq.

7.2.4.6.11 Quando o flanco a ser protegido se alongar, pode ser atribuída a missão de vigiar, e não de proteger parte do flanco exposto.

7.2.4.7 A FT SU Bld como F Ptç de Rtgd

7.2.4.7.1 A FT SU Bld pode estar enquadrada na FT U Bld, com a missão de proteger a retaguarda, operando atrás de uma força principal que se desloca em movimento para frente ou em movimento retrógrado, protegendo-a de qualquer ação inimiga.

7.2.4.7.2 A FT SU Bld segue a força protegida a uma distância determinada pelo comandante desta e, em princípio, pelo mesmo E Prog. A retaguarda da tropa atua de modo a evitar que o inimigo a desvie, a ultrapasse ou a recalque antes que a força, em proveito da qual opera, possa oferecer condições de reação.

7.2.4.7.3 No planejamento de uma missão de retaguarda, o Cmt FT SU Bld deve considerar o terreno, a organização da retaguarda e a segurança. Quanto ao terreno, o Cmt FT SU Bld deve estudá-lo na área de operações e selecionar posições de retardamento ao longo do eixo prescrito para o avanço ou retraimento. Dependendo dos meios e da rede de estradas existentes, a FT pode se deslocar por mais de um eixo.

7.2.4.7.4 Quanto à organização da retaguarda, o Cmt FT SU Bld determina o número de Pel CC a ser empregado na posição inicial de retardamento, reforçados por GC Fuz Bld que julgar necessário. Deve-se valer dessa constituição ao longo de toda a frente, enfatizando o E Prog da força protegida. Se a situação permitir, pode empregar apenas um Pel CC para dar profundidade ao dispositivo da FT. O Cmt FT deve designar um itinerário de retraimento para esse Pel CC e as medidas de controle que jugar necessárias, para assegurar um controle efetivo da tropa. As medidas que podem ser empregadas pelo Cmt FT SU Bld são:
a) posições de retardamento;
b) linhas de controle;
c) pontos de controle;
d) pontos de ligação; e
e) itinerários de retraimento.

7.2.4.7.5 Quanto à segurança, o Cmt FT SU Bld planeja a segurança de flanco e o reconhecimento à frente e nos flancos das posições de retardamento ocupadas. Medidas ativas são tomadas para assegurar que o inimigo não desborde a retaguarda e ataque a força protegida: vigilância nas possíveis VA de desbordamento, planejamento de emprego dos Pel CC e reforço com elementos Fuz Bld.

7.2.4.7.6 A missão de reconhecimento à frente e nos flancos normalmente é cumprida pelo Pel Exp, quando passado em reforço ou atuando diretamente sob o comando da FT U Bld. Contudo, o Cmt FT SU Bld deve planejar o emprego de um ou mais Pel Fuz Bld nessa missão, determinando o reconhecimento de áreas específicas à frente ou nos flancos.

7.2.4.7.7 A princípio, pelo menos um Pel CC deve ocupar a posição central do dispositivo, enquanto os Fuz Bld permanecem nos flancos. Caso a frente permita, Fuz Bld e CC podem atuar na mesma zona, aumentando a eficiência de ambos.

7.2.4.7.8 Se os efetivos permitirem, uma reserva forte em carros deve ser posicionada na região central da Z Aç FT, da mesma maneira que os morteiros e a Seç MAC BIB, se a FT SU Bld possuir esse meio para emprego.

7.2.4.7.9 Elementos de Engenharia podem ser passados em apoio ou reforço à retaguarda. Os Cmt FT SU Bld podem receber esse apoio e, sendo assim, junto ao elemento de Engenharia, confeccionar planos para construção de obstáculos, visando a retardar o inimigo. Quando houver apoio de artilharia disponível, o Cmt FT, juntamente com o OA, desenvolve um plano de apoio de fogos (PAF) para a operação. O PAF FT deve incluir o planejamento dos fogos de artilharia, dos morteiros (caso possua), do apoio aerotático (SFC) e das demais armas à disposição.

7.2.4.7.10 A coordenação com a força protegida é essencial na manutenção da ligação, a fim de regular o retraimento. Por outro lado, o comandante da retaguarda deve estar perfeitamente familiarizado com os planos da força protegida. As comunicações entre os comandantes da FT e da força protegida devem ser contínuas, de tal forma que ambos estejam informados sobre qualquer situação que afete o retraimento da retaguarda.

7.2.4.7.11 O planejamento das posições de retardamento deve incluir o reconhecimento destas. O Cmt FT SU Bld pode designar o S Cmt FT ou outro elemento capacitado para tal.

7.2.4.7.12 Os postos de comando e os trens devem ser planejados prevendo sua segurança, destacando um Pel Fuz Bld ou GC Fuz Bld para prover sua segurança.

7.2.4.7.13 A FT SU Bld, quando realiza uma retaguarda, segue a força protegida por lanços, ocupando posições sucessivas, ou seguindo na esteira da força principal, obedecendo a um intervalo de tempo ou espaço. Ocupa cada posição, nela permanecendo até que a força protegida libere a posição seguinte. A distância entre a retaguarda e a força protegida não deve possibilitar o desdobramento pelo inimigo.

7.2.4.7.14 A FT SU Bld deve engajar qualquer força inimiga que ameace a força protegida, evitando que o inimigo consiga interferir no movimento dela. Para isso, adota uma ação retardadora, trocando espaço por tempo, até que a força protegida tenha se deslocado para fora do alcance da ação inimiga. Quando o contato com o inimigo for estabelecido, este deve ser mantido até que não constitua mais uma ameaça para a força protegida.

7.2.5 VIGILÂNCIA

7.2.5.1 A missão de vigilância caracteriza-se pelo emprego de poucos meios em larga frente, sendo cumprida basicamente pelo estabelecimento de uma linha de PO e pelo patrulhamento à frente desta linha.

7.2.5.2 Os elementos que cumprem a missão de vigilância não têm a capacidade de oferecer resistência significativa ao inimigo, enfrentando-o apenas para defender-se ou para destruir pequenas patrulhas inimigas.

7.2.5.3 A FT SU Bld pode receber a missão de vigiar, devendo o Cmt FT priorizar o emprego dos Fuz Bld nos PO e nas patrulhas, planejando o emprego dos CC apenas para sua própria proteção.

7.2.5.4 No planejamento, o Cmt FT SU Bld deve observar as seguintes considerações:
a) após o recebimento da missão, faz seu estudo de situação na carta, uma vez que, geralmente, o tempo disponível e a largura da frente o impedem de executar esse estudo no terreno;
b) baseado no estudo na carta, escolhe a localização geral de cada PO e determina os P Lig entre eles;
c) partindo do princípio de que cada Pel Fuz Bld pode instalar até 04 (quatro) PO, divide os PO por seus pelotões. Os pelotões CC podem receber a missão de estabelecer até 02 (dois) PO ou apoiar os Fuz em sua missão;
d) determina posições para os morteiros, caso os possua, e coordena o plano de fogos com a artilharia, visando à inquietação e ao retardamento do inimigo; e
e) escolhe e designa as medidas de controle para a operação, habitualmente empregando as linhas de controle para coordenar o retraimento dos pelotões.

7.2.5.5 Uma vez estabelecido o contato com o inimigo, a FT SU Bld informa e procura confirmar seu valor, composição, dispositivo e direção de movimento.

7.2.5.6 Em presença de forças inimigas superiores, a FT SU Bld retrai, mantendo a vigilância permanentemente, até que seja acolhida ou que o inimigo abandone a sua Z Aç, informando às unidades vizinhas a direção de movimento do inimigo, caso este passe a se constituir uma ameaça a essas unidades.

7.2.5.7 A FT SU Bld pode realizar as operações de vigilância tanto fixa quanto móveis. Nas ações de vigilância fixa (quando realizada em proveito de uma tropa estacionada ou instalada no terreno), o Cmt FT SU Bld deve instalar seu PC na posição central, à retaguarda da linha dos PO. Já para as ações de vigilância móvel (destina-se à segurança de uma tropa em movimento, nos flancos e à retaguarda do grosso), o Cmt FT SU Bld planeja o emprego ocupando sucessivos PO. A ocupação desses PO pode ser sucessiva ou alternada nos moldes de uma Fg.

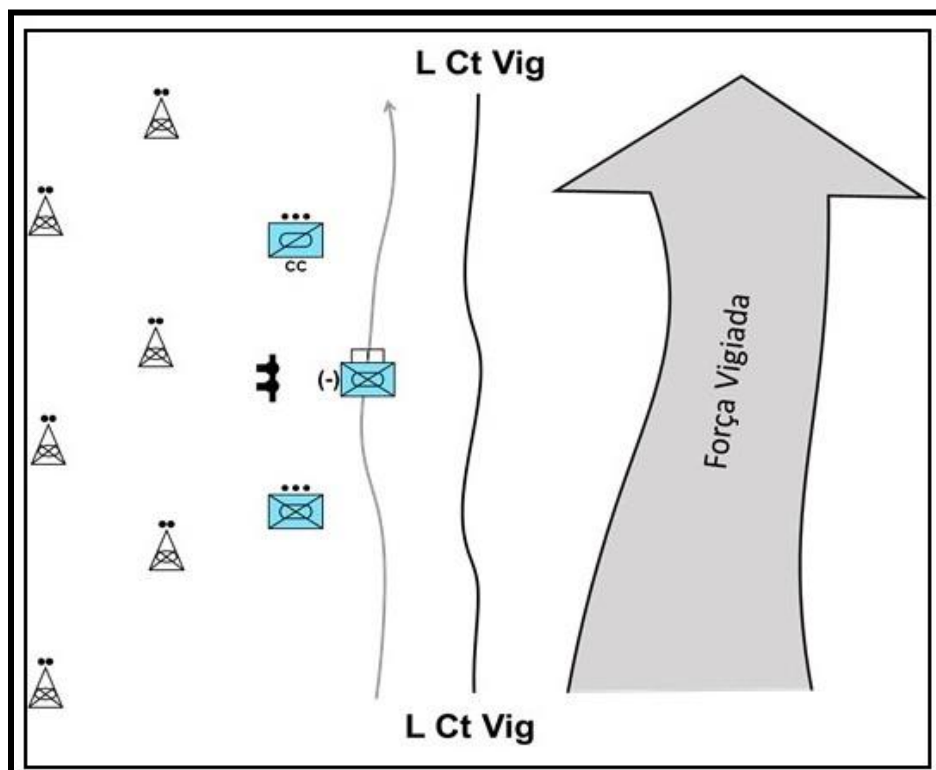


Fig 7-8 – FT Cia Fuz Bld executando vigilância dos flancos

7.3 OPERAÇÕES DE JUNÇÃO

7.3.1 GENERALIDADES

7.3.1.1 A tropa Bld é a mais apta a realizar operações de junção. Esse tipo de operação envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam o contato físico, podendo ser realizada entre uma força em deslocamento (força de junção) e outra estacionária ou entre duas forças em movimento convergente.

7.3.1.2 A junção ocorre, normalmente, durante a execução das seguintes operações:
a) Op aeroterrestres, aeromóveis e anfíbias;
b) Op de substituição de uma unidade isolada;
c) em um ataque para juntar-se a forças de infiltração;
d) na ruptura do cerco a uma força;
e) no encontro com forças irregulares amigas;
f) na convergência de forças independentes; e
g) no auxílio a uma força dividida.

7.3.2 PLANEJAMENTO

7.3.2.1 É uma operação extremamente dinâmica na sua execução, complexa e que exige grande flexibilidade no planejamento e na realização das missões previstas. Além disso, requer estreita coordenação entre as forças envolvidas. Redes rádio e esquemas de manobra contendo as informações até a Z Reu devem ser de conhecimento do Cmt FT SU Bld.

7.3.2.2 A fase inicial de uma junção compreende uma operação ofensiva corriqueira, com o objetivo de romper o dispositivo inimigo que se interpõe entre as duas forças. Nesse contexto, a FT SU Bld pode estar atuando como "ponta de lança", recebendo uma missão ofensiva e cumprindo as ordens do Cmt FT U Bld.

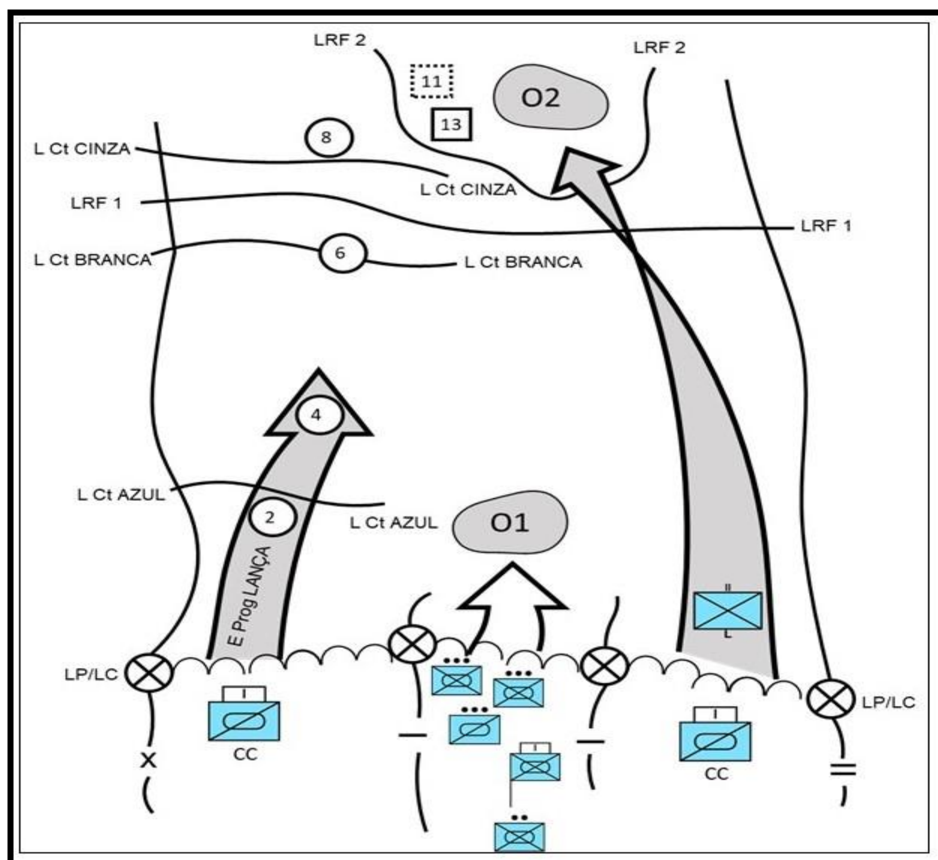


Fig 7-9 – FT SU Bld executando junção em fase inicial

7.3.2.3 Ligações e Comunicações

7.3.2.3.1 O estabelecimento de um sistema de comunicações para a operação de junção impõe a coordenação feita pela FT SU Bld por meio de uma diretriz e das instruções para a exploração das comunicações, com acentuado emprego dos meios rádios, havendo a necessidade da utilização dos mesmos meios entre as forças, com base na rede rádio estabelecida para a execução da junção.

7.3.2.3.2 O Cmt FT SU Bld recebe do Cmt FT U Bld as prescrições sobre a utilização do sistema de comunicações na junção. Essas determinações podem estar contidas na própria ordem de operações, nas instruções para exploração das comunicações, que deve ser a mesma para as tropas que realizam a junção.

7.3.2.3.3 O Cmt FT SU Bld adota as seguintes prescrições de comunicações do Cmt FT U, como no exemplo abaixo:

a) sistema rádio – funcionamento das redes de junção:

- Rede de junção Nr 1 (Bda x Bda);
- Rede de junção Nr 2 (U x U);
- Rede de junção Nr 3 (SU x SU) – esse deve ser aberto Mdt O, com a prescrição rádio "silêncio", passando a rádio "restrito" quando elementos da força de junção atingirem uma L Ct ou P Ct estabelecido e transmitirem uma mensagem código, que significa "Rádio livre Mdt O"; e
- Rede de junção Nr 4 (Pel x Pel) – esse também deve ser aberto Mdt O, com prescrição rádio "silêncio", passando a rádio "restrito" quando atingirem a L Ct e transmitirem uma mensagem código, que significa "Rádio livre Mdt O".

7.3.2.3.4 Um plano de identificação mútua é estabelecido pelo comando enquadrante que conduz a operação, de modo a evitar o fratricídio. O Cmt FT SU Bld pode encontrar esse plano na ordem de operações, no anexo de comunicações, no calco de operações ou nas instruções para exploração das comunicações do Cmt FT U Bld.

7.3.2.4 Medidas de Coordenação

7.3.2.4.1 Podem ser estabelecidas, entre outras medidas de coordenação e controle, as seguintes:

a) ponto de junção – local onde ocorre contato físico entre as duas forças. Deve ser facilmente identificável no terreno e localizado no cruzamento do E Prog da força de junção com a linha das F Seg Z Aç da força estacionária, ou com o próprio LAADA. Devem ser estabelecidos pontos de junção alternativos, para atender a possíveis modificações da manobra;

b) linhas de controle – auxiliam no controle de movimento das tropas e na localização e aproximação da força de junção; e

c) eixos de progressão – para a força de junção, facilita o seu movimento, reduz o tempo de execução da operação e evita o engajamento decisivo antes dos objetivos finais.

7.3.3 EXECUÇÃO DE UMA OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

7.3.3.1 A fase inicial de uma operação de junção é executada como uma operação ofensiva comum, começando normalmente por um ataque da força de junção, a fim de romper a Pos Ini, para então se lançar em busca do contato com a força isolada.

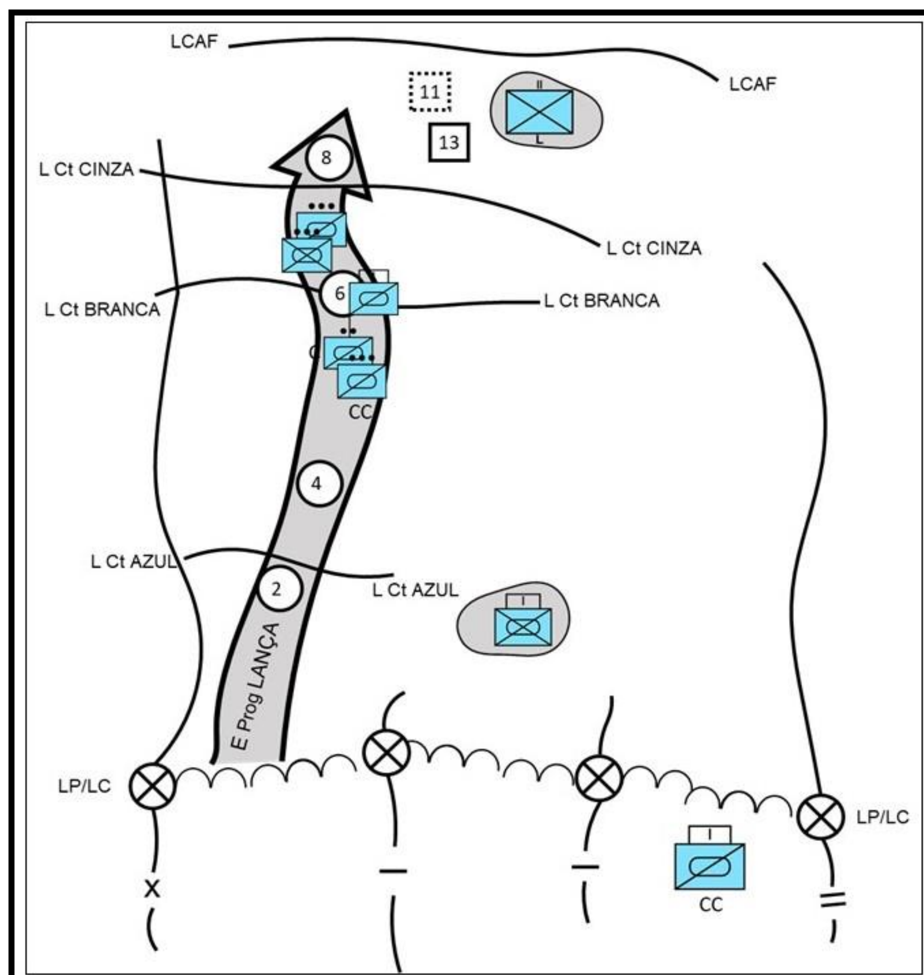


Fig 7-10 – FT SU Bld executando junção em fase final

7.3.3.2 A FT SU Bld, ao se aproximar o momento da junção, intensifica as medidas de coordenação e controle recebidas do Esc Sp, com os objetivos e os eixos de progressão da força de junção podendo ser modificados, facilitando o contato físico entre as tropas.

7.3.3.3 À medida que a força de junção se aproxima da força estacionária e atinge as linhas de controle, vão sendo abertas as redes rádio e observados os sistemas de reconhecimento mútuo previamente estabelecidos, até que o contato físico seja realizado no ponto de junção.

7.3.3.4 A força estacionária fornece os guias, que conduzem a força de junção para as zonas de reunião. Além disso, a força de junção é informada sobre campos de minas e outros obstáculos existentes na Z Aç da força estacionária.

7.4 OPERAÇÃO DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

7.4.1 GENERALIDADES

7.4.1.1 A transposição de um curso de água é uma operação complementar que se destina a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre, através da engenharia de combate.

7.4.1.2 Uma FT U Bld, no curso de suas operações, ao se deparar com um curso de água que não dispõe de passagens utilizáveis e cuja segunda margem se encontra defendida pelo inimigo, pode participar da conquista e da manutenção de uma cabeça de ponte (C Pnt).

7.4.1.3 Em operações de transposição de curso de água fortemente defendido pelo inimigo, as FT Bld, em princípio, não são empregadas na conquista da cabeça de ponte. Seu emprego ocorre após o lançamento de portadas ou pontes, na missão de alargar a C Pnt ou aproveitar o êxito.

7.4.2 CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS E TIPOS DE TRANSPOSIÇÃO

7.4.2.1 Transposição Preparada

7.4.2.1.1 Transposição preparada é uma operação de transposição de um curso de água obstáculo ao movimento da tropa, executada com planejamento minucioso e amplos preparativos, visando a concentrar a força e os meios necessários para desencadear, inicialmente, um ataque na margem oposta.

7.4.2.2 Transposição Imediata

7.4.2.2.1 Transposição imediata é uma operação de transposição de um curso de água obstáculo, executada com os meios já disponíveis ou que possam ser obtidos em curto prazo, sem interrupções das operações em curso para preparativos de grande vulto.

7.4.3 LINHAS DE CONTROLE

7.4.3.1 Em uma transposição de curso de água, são marcadas linhas de controle após a transposição, que permitem à engenharia realizar trabalhos técnicos no curso de água, coordenar o Ap F, inclusive aéreo, coordenar as medidas de proteção, inclusive antiaérea, e dar sequência às ações das diversas frações envolvidas na manobra, que asseguram o prosseguimento das operações.

7.4.3.1.1 A primeira fase tem por objetivo a retirada dos fogos tensos do inimigo sobre a àrea de travessia. Pode-se estabelecer mais de uma linha de

controle, conforme as características do terreno, do armamento e o dispositivo inimigo e os meios à disposição da brigada. Caracterizada pelo assalto, pode ser realizada com Vtr anfíbias, botes de assalto e Op Aeromóveis ou Aeroterrestres, conforme o escalão considerado.

7.4.3.1.2 A segunda fase tem por objetivo impedir o inimigo de realizar fogos observados sobre a área de travessia. Tal fase é crítica para o sucesso da operação, uma vez que é nela que são lançados os meios que permitem a travessia das viaturas blindadas, particularmente das VBCCC e, posteriormente, do Ap F.

7.4.3.1.3 A terceira fase caracteriza-se pela conquista e consolidação da cabeça de ponte, permitindo o lançamento de meios contínuos de travessia (pontes) pelos Esc Sp.

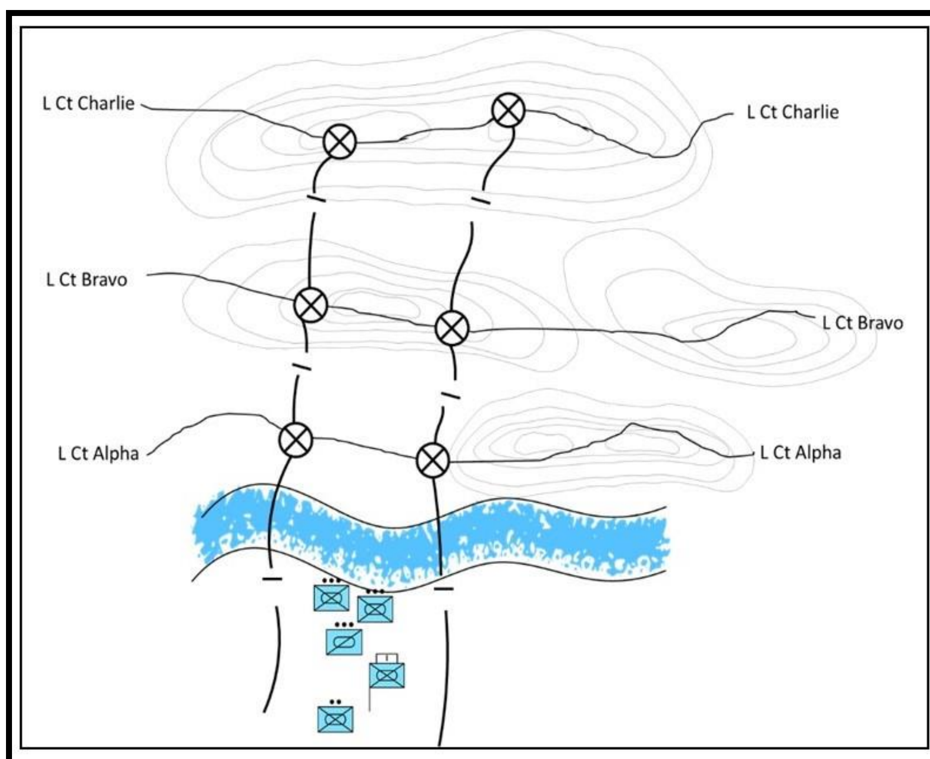


Fig 7-11 – FT SU Bld em transposição de curso de água

7.5 EMPREGO DOS ELEMENTOS BLINDADOS NAS OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

7.5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.5.1.1 A FT SU Bld depara-se com grande variedade de obstáculos no espaço de batalha. Os obstáculos devem ser ultrapassados rapidamente para conservar a iniciativa e manter a impulsão do ataque. O comandante deve decidir se desborda, se realiza uma operação de abertura de brecha ou força passagem através do obstáculo.

7.5.1.2 O elemento operacional é o encarregado de planejar e executar a Op de abertura de brecha. Esse tipo de operação integra e sincroniza todas as funções de combate, não sendo uma ação típica apenas da arma de Engenharia.

7.5.2 DESBORDAMENTO DO OBSTÁCULO

7.5.2.1 Sempre que possível, os obstáculos devem ser desbordados. Deslocar a tropa por itinerários cobertos e abrigados pode evitar os fogos ajustados do inimigo. Os limites laterais do obstáculo e itinerários que possibilitem o seu desbordamento devem ser reconhecidos. As armas do inimigo e seus itinerários de contra-ataque na área do obstáculo devem ser localizados. A FT SU que estiver na Vgd deve desdobrar rapidamente, a fim de apoiar os reconhecimentos.

7.5.2.2 A subunidade Vgd normalmente estabelece uma proteção face ao obstáculo, ao mesmo tempo em que se iniciam os reconhecimentos laterais em busca de itinerários que possibilitem o desbordamento do obstáculo. Os fuzileiros blindados e os engenheiros reconhecem o obstáculo, para o caso de o desbordamento não ser realizado.

7.5.2.3 É ideal que o desbordamento ocorra sob pouca visibilidade, preservando o sigilo. Ainda que se decida por desbordar o obstáculo, devem-se reconhecer locais para uma possível abertura de brecha, simultaneamente.

7.5.3 ABERTURA DE BRECHAS NOS OBSTÁCULOS

7.5.3.1 Normalmente, podem ser encontrados os seguintes tipos de obstáculo no campo de batalha:
a) campo de minas;
b) troncos ou trilhos, como abatises, ouriços, estacas e muros;
c) fossos anticarro e crateras;
d) obstáculos de arame; e
e) obstáculos químicos (gás).

7.5.4 CLASSIFICAÇÃO DAS OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA

7.5.4.1 As operações de abertura de brechas podem ser classificadas quanto ao planejamento, sigilo e tipo de obstáculo a ser reduzido. Para obter maiores informações acerca dessas classificações, deve-se consultar o MC Força-Tarefa Blindada.

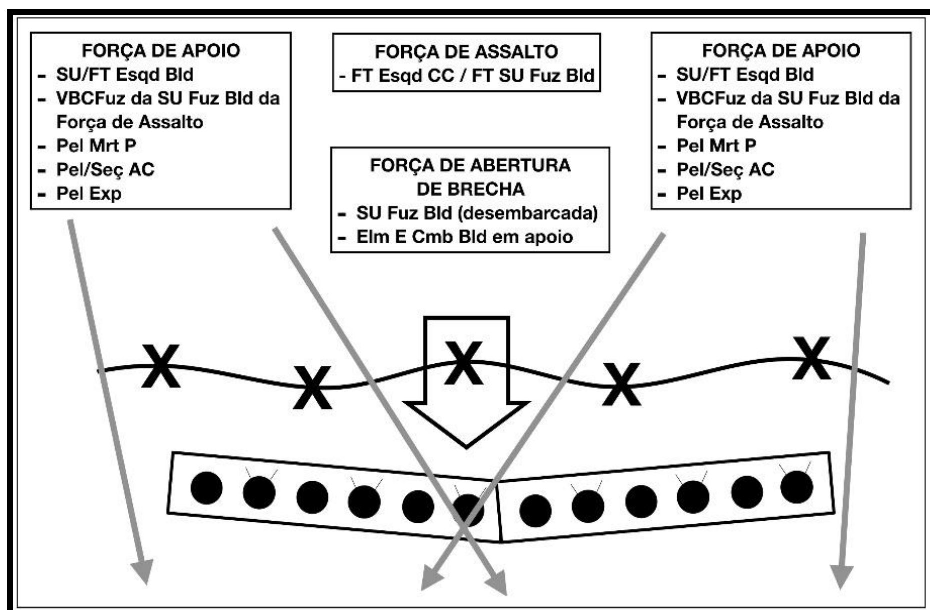


Fig 7-12 – Ultrapassagem de obstáculos – organização da FT

7.6 OPERAÇÕES URBANAS

7.6.1 GENERALIDADES

7.6.1.1 A FT SU Bld pode ter seu emprego no isolamento, no investimento e na progressão no interior da área edificada, na zona de ação mais importante ou onde o inimigo provavelmente emprega seus blindados. A FT tem sua melhor forma de emprego no isolamento, por conta das suas características e trafegabilidade dos meios blindados

7.6.1.2 Para se obter mais detalhes sobre as características, fundamentos e planejamento das operações em áreas edificadas, deve-se consultar o MC Operações em Áreas Edificadas e o Caderno de Instrução Técnicas, Táticas e Procedimentos em Operações em Ambiente Urbano.

7.6.2 FT SU BLINDADA NO ATAQUE EM ÁREA URBANA

7.6.2.1 Generalidades

7.6.2.1.1 Quando se depara com uma localidade defendida, a força enquadrante da FT SU Bld pode desencadear as seguintes ações:
a) desbordar, isolar ou cercar a localidade;
b) tornar a localidade insustentável pelo bombardeio sistemático, utilizando munições de precisão, de modo a evitar danos colaterais e sofrimento desnecessário aos não combatentes existentes na área de operação; e
c) atacar sistematicamente e capturar a localidade.

7.6.2.1.2 O atacante pode ser compelido a conquistar uma localidade por uma ou mais das seguintes razões:
a) somente a posse da localidade lhe permite a utilização integral das estradas que para ela convergem;
b) eliminação da ameaça potencial aos flancos e à retaguarda da tropa atacante, representada pela existência de uma localidade desbordada ou mesmo cercada;
c) liberação, o mais cedo possível, das forças de contenção que fazem face à localidade, com o objetivo de emprega-lás em outras missões;
d) captura de objetivo tático importante no interior da localidade ou por ela dominado;
e) para proporcionar proteção e conforto às tropas;
f) por questões de prestígio perante a opinião pública e de estímulo ao espírito combativo da tropa, caso a localidade conquistada seja um importante centro de valor histórico, político, econômico ou militar; e
g) para aproveitar recursos de telecomunicações, logísticos e facilidades existentes nas localidades.

7.6.2.2 Emprego das Viaturas Blindadas da FT SU Bld

7.6.2.2.1 Generalidades
a) As características das VBC CC e das VBC Fuz como poder de fogo, ação de choque, mobilidade e proteção blindada auxiliam a ofensiva em áreas edificadas. A precisão do armamento e a ampliada capacidade de observação dos blindados oferecem vantagens em relação a outros tipos de tropa, bem como seu sistema de controle de tiro, que evita danos colaterais no interior da área humanizada, contribuindo para a eficácia das regras de engajamento. Seus equipamentos optrônicos de visão noturna são úteis para a busca e detecção de alvos, bem como para a vigilância e a observação de setores e vias de acesso.
b) Os campos de tiro restritos, os escombros e entulhos e a impossibilidade de se desenvolver grandes velocidades no interior de áreas construídas fazem com que o planejamento da FT deva ser minucioso. Deve-se manter a dispersão das Vtr.

7.6.2.3 Fases do Ataque a uma Área Urbana

7.6.2.3.1 O ataque deve ser dividido em três etapas:
a) isolamento;
b) conquista de uma área de apoio em sua periferia; e
c) progressão no interior da localidade.

7.6.2.3.2 Isolamento
- É a primeira fase. Destina-se a isolar a localidade pela posse dos acidentes capitais que dominam os eixos de acesso à localidade. O atacante ocupa posições fora da área edificada, de onde possa apoiar, pelo fogo, a entrada nessa área e a progressão através dela. Para isso, o Cmt FT SU Bld deve utilizar seus Pel CC apoiando os Pel Fuz Bld pelo fogo.

7.6.2.3.3 Conquista de uma Área de Apoio na Periferia da Área Edificada
- A segunda fase consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área edificada e na conquista de alguns prédios (área de apoio) na orla anterior da localidade (aproximadamente um quarteirão), para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as vias de acesso à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios na área de apoio permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para frente as armas de apoio, bem como reajustar o dispositivo.

7.6.2.3.4 Progressão no Interior da Área Edificada
- A terceira fase consiste na progressão sistemática, de casa em casa, quarteirão por quarteirão, através da área edificada.

7.6.2.4 Tipos de Investimento

7.6.2.4.1 A progressão no interior da área edificada pode adotar três métodos de execução:
a) o sistemático;
b) o seletivo; e
c) o misto.

7.6.2.4.2 Investimento sistemático:
a) no investimento sistemático, toda a área edificada é vasculhada, casa por casa, prédio por prédio, quarteirão por quarteirão, através da área edificada. As posições de combate das VBCCC são imprescindíveis no apoio aos Fuz Bld. Por ser mais aprofundado, esse tipo de investimento demanda mais tempo para sua execução, sendo selecionado conforme os fatores de decisão apontarem como o mais adequado; e
b) as VBCCC e VBC Fuz devem acompanhar o deslocamento dos Fuz Bld desembarcados, proporcionando, principalmente, apoio de fogo. Os Fuz Bld designam alvos, assaltam e destroem Pos Ini, além de realizarem a limpeza de edificações e neutralizarem e/ou destruírem armas anticarro.

7.6.2.4.3 Investimento Seletivo
- No investimento seletivo, deve ser planejada a utilização de duas VA, que conduzam a FT SU Bld a uma rápida penetração, a fim de conquistar regiões-chave da posição defensiva inimiga e, em seguida, executar a limpeza dos pontos fortes. Caso uma VA seja interrompida, a outra permite o cumprimento da missão. Nesse tipo de investimento, o emprego das VBCCC e VBC Fuz deve ser priorizado, devido à sua velocidade de deslocamento, proteção blindada e poder de fogo, com a tropa embarcada, a fim de conquistar o objetivo.

7.6.2.4.4 Investimento Misto
- No investimento misto, em função do dispositivo inimigo, a área edificada pode exigir uma abordagem seletiva em alguns setores e sistemática em outros, caracterizando, assim, o método de progressão misto, após serem levantadas essas características durante o planejamento detalhado do local.

7.6.2.5 Planejamento do Ataque a uma Área Urbana

7.6.2.5.1 No planejamento, o Cmt FT SU Bld deve considerar o ambiente urbano como "terreno" e saber como este vai afetar a operacionalidade da FT SU Bld, assim como as possibilidades de seu armamento e equipamento.

7.6.2.5.2 As medidas de coordenação e controle devem ser amplamente empregadas. As principais são:
a) objetivo;
b) linhas controle;
c) zona de ação; e
d) limites.

7.6.2.5.3 Quanto aos objetivos, a FT SU Bld pode receber objetivos a conquistar fora da localidade (acidentes capitais que dominem vias de acesso à área edificada), na orla anterior (que permitam reajustar o dispositivo, cerrar armas de apoio e/ou descentralizar o controle) e na orla posterior (que caracterizem a ultimação da limpeza da localidade e permitam reajustar dispositivos para o prosseguimento das operações). Além disso, pode receber objetivos no interior da localidade (que atendam às necessidades de segurança e coordenação).

7.6.2.5.4 No interior da área edificada, podem ser designados como objetivos:
a) instalações de utilidade pública;
b) instalações militares;
c) outras edificações importantes; e
d) pontos dominantes.

7.6.2.5.5 A definição da zona de ação, dos limites e das linhas de controle é necessária em função das características do combate urbano. O controle das

operações tende a ser descentralizado até os escalões GC, transformando o combate em uma série de pequenas ações independentes.

7.6.2.5.6 O Cmt FT U marca linhas de controle (geralmente em ruas transversais à progressão) para melhor controlar e coordenar a manobra da FT. Por sua vez, o Cmt FT SU Bld pode marcar linha de controle (L Ct) para o controle dos seus Pel.

7.6.2.5.7 Pode ocorrer das L Ct substituírem a marcação de objetivos intermediários e, diferentemente das operações ofensivas em terreno normal, a FT SU Bld e os Pel devem informar que atingiram uma L Ct e que só prosseguem mediante ordem.

7.6.2.5.8 Em decorrência das dificuldades de coordenação e controle, o Cmt FT SU Bld deve marcar limites até o escalão pelotão, inclusive, evitando o fratricídio, facilitando o apoio mútuo e assegurando o vasculhamento das construções.

7.6.2.5.9 Na zona densamente construída, os limites passam, normalmente, por um dos lados da via (a via deve estar incluída na Z Aç de um único elemento). Nas demais zonas de área edificada, os limites passam por dentro dos quarteirões e pelos quintais, de modo que ambos os lados da rua fiquem incluídos na Z Aç de uma única fração.

7.6.2.5.10 A Z Aç FT SU Bld é fixada com base no valor do inimigo, nas dimensões e densidade dos edifícios e na resistência esperada. Como dado médio de planejamento, pode-se dizer que uma FT SU Bld recebe uma frente de 1 (um) a 2 (dois) quarteirões, e um pelotão recebe a frente de 1 (um) quarteirão.

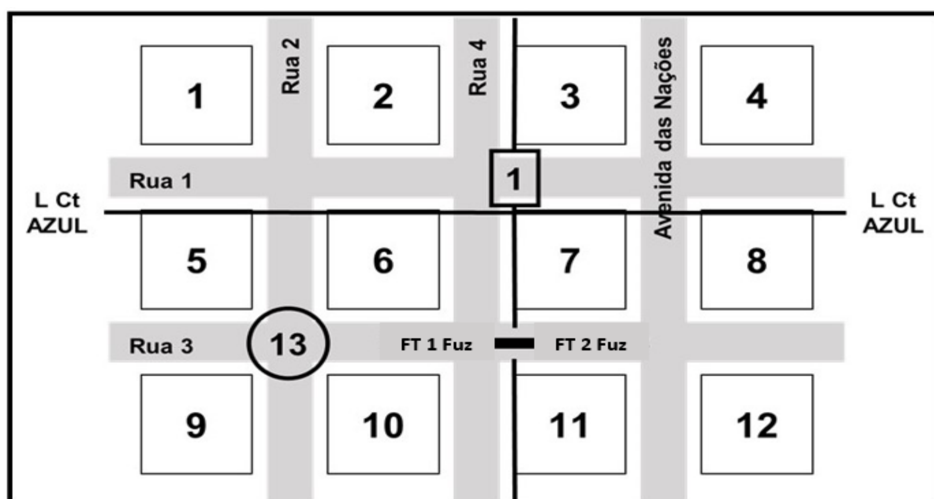


Fig 7-13 – Medidas de coordenação e controle típicas para operação em área edificada

7.6.2.6 Execução do Investimento

7.6.2.6.1 Na 1ª fase do ataque à localidade, a FT SU Bld é empregada na conquista de acidentes capitais, fora da área edificada e que dominem as VA à localidade, caracterizando o isolamento dela. São ocupadas posições fora da área edificada, de onde a FT SU Bld pode apoiar pelo fogo a entrada e a progressão na localidade, sendo esses objetivos marcados pelo Cmt FT U Bld.

7.6.2.6.2 O Cmt FT SU Bld planeja e executa a operação de forma semelhante a um ataque em terreno normal. As características de mobilidade e potência de fogo das viaturas blindadas são exploradas ao máximo na execução do isolamento.

7.6.2.6.3 Na 2ª fase, são conquistados alguns prédios na orla anterior da localidade (aproximadamente um quarteirão), com a finalidade de eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as VA à localidade.

7.6.2.6.4 O planejamento do Cmt FT SU Bld, nessa fase, ainda ocorre de forma semelhante ao ataque a uma posição organizada em qualquer terreno, levando-se em consideração, no entanto, os preceitos do Direito Internacional Humanitário (DIH) e do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA). A FT SU Bld deve, portanto, fazer somente o uso necessário e suficiente de suas armas de apoio (metralhadoras, morteiros, canhões e armamentos anticarro) para possibilitar o avanço e a conquista dos objetivos impostos. Os CC e morteiros (se disponíveis) podem ser empregados para o lançamento de fumígenos para cegar PO e cobrir movimentos.

7.6.2.6.5 Para a 3ª fase (progressão no interior da localidade), o Cmt FT SU Bld deve preparar um plano de ataque baseado nas informações complementares obtidas por intermédio de habitantes, plantas, publicações diversas e reconhecimentos. Especial atenção deve ser dispensada às VA subterrâneas (esgoto, metrô, galerias *etc*.), às passagens através de quintais e telhados e aos itinerários que podem ser abertos através dos edifícios pelos fogos de canhões e morteiros.

7.6.2.6.6 Nessa fase do combate, os Fuz Bld progridem desembarcados para a conquista e limpeza dos objetivos impostos. Torna-se fundamental a interação dos Fuz Bld e das viaturas blindadas, de modo a propiciar uma proteção mútua entre esses elementos.

7.6.2.6.7 A progressão é lenta e coberta pelo fogo. Os Fuz Bld devem evitar que os seus lanços sejam batidos pelos fogos rasantes do inimigo, devendo considerar as possibilidades de progressão pelos quintais, prédios (brechas abertas nas paredes) e subsolo. Ao determinar a utilização de acessos subterrâneos, o Cmt FT SU Bld deve considerar cuidadosamente as

implicações da atuação do inimigo, que pode bloquear, minar ou inundar esses itinerários.

7.6.2.6.8 Os Fuz Bld, normalmente, lideram a ação utilizando-se do apoio de fogo e das missões fumígenas prestadas pelas viaturas blindadas para cerrar sobre os objetivos. Os CC e VBC Fuz devem ser empregados bem à frente e requerem proteção dos fuzileiros desembarcados contra emboscadas, armas anticarro, minas e ações inimigas a curtas distâncias.

7.6.2.6.9 Os CC atuam como armas autopropulsadas e anticarro, isolando um objetivo, proporcionando base de fogos para a progressão dos Fuz Bld ou abrindo passagem através dos edifícios (destruição de paredes). Podem, ainda, ser empregados na desobstrução de ruas, para facilitar o avanço dos fuzileiros. As Mtr dos CC e VBTP devem aproveitar sua rasância para apoiar os Fuz Bld.

7.6.2.6.10 Existem ângulos mortos criados em decorrência das limitações dos ângulos máximos de elevação e depressão dos canhões dos CC. Os Fuz Bld devem prestar a segurança necessária contra a atuação inimiga a curtas distâncias e o Cmt CC deve realizar continuado estudo de situação para identificar alvos que possam ou não ser atingidos por seus fogos.

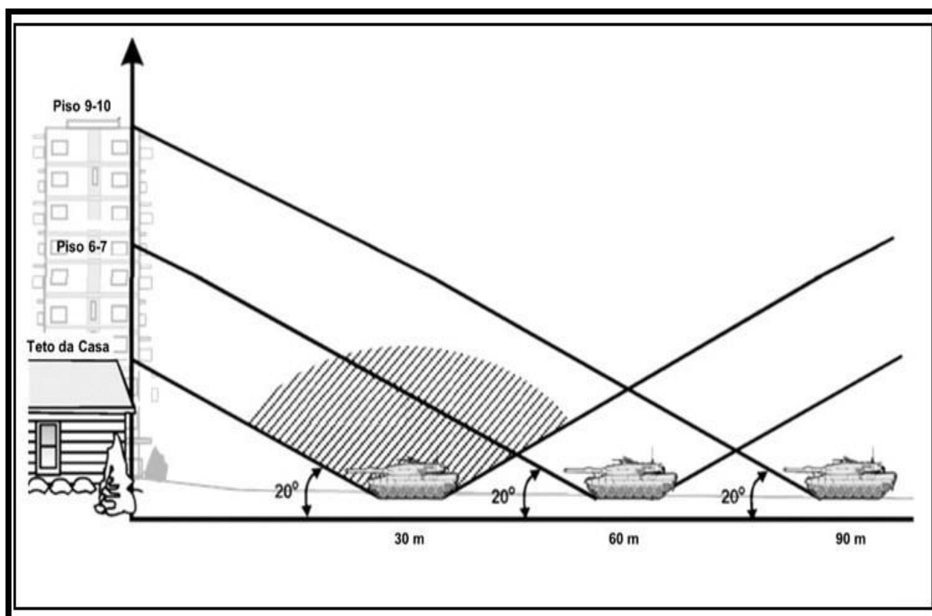


Fig 7-14 – Estimativa de ângulos mortos para o canhão da VBC CC

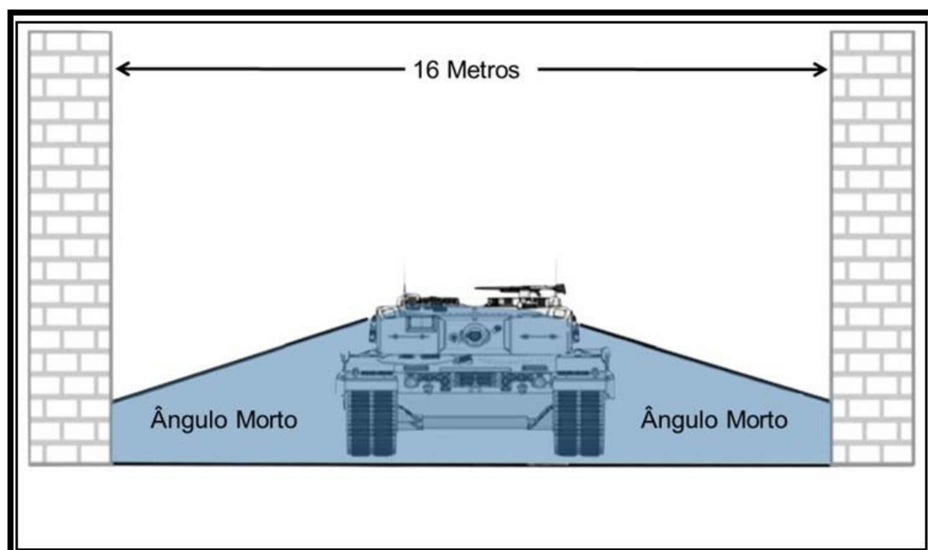


Fig 7-15 – Ângulos mortos para o canhão da VBC CC

7.6.2.6.11 Munições HEAT e HESH têm amplo emprego pelos canhões dos CC em função do poder de destruição. As munições do tipo cinéticas (APDS-T, APFSDS-T) têm uso restrito e, quando utilizadas, devem ser tomadas medidas adicionais de segurança para que a sua coifa balística (SABOT), após o disparo, não atinja os Fuz Bld.

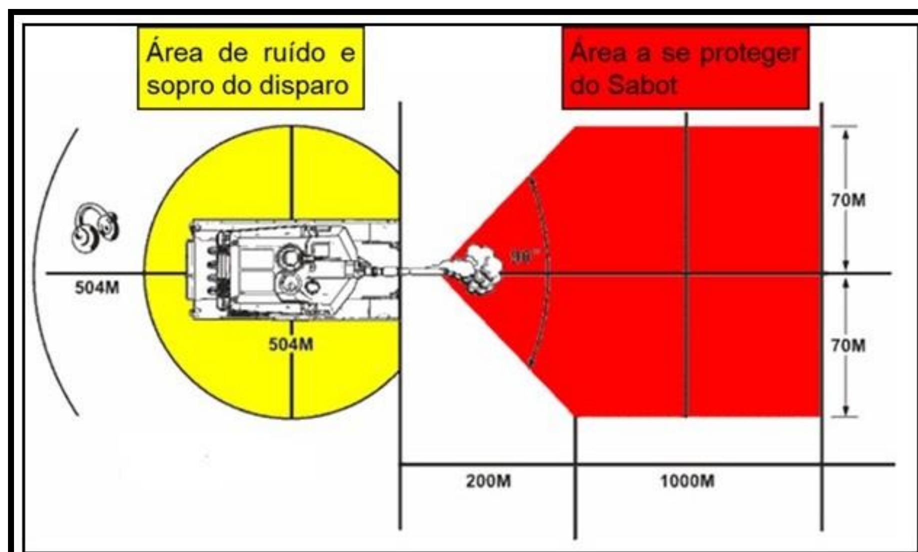


Fig 7-16 – Áreas de segurança para o tiro da VBC CC

7.6.2.6.12 As comunicações assumem particular importância nessa fase. A compartimentação da área edificada ocasiona dificuldades na utilização do equipamento das viaturas blindadas. O Cmt FT SU Bld pode empregar os seguintes recursos para manter a ligação entre os elementos da subunidade:
a) código de sinais visuais (bandeirolas, armamento, braço *etc*.);
b) telefone externo dos CC para permitir a comunicação dos Fuz Bld e as guarnições dos CC;
c) sinais ou marcadores para indicar quais edifícios foram limpos;
d) sistema de telefonia civil; e
e) celulares.

7.6.2.6.13 A progressão das viaturas blindadas deve ser aos pares, uma de cada lado da rua e próximas dos edifícios, caso a via permita. Cada viatura tem seu setor de tiro voltado para o lado oposto da rua e os Fuz Bld precedem os CC e as VBC Fuz para a devida proteção, valendo-se de seu apoio de fogo.

7.6.2.6.14 Para reduzir o tempo de exposição durante a progressão, os CC e as VBC Fuz devem executar lanços utilizando a técnica de “marcha do papagaio”. Esses lanços devem ser curtos e os Cmt das viaturas blindadas devem estar sempre procurando seus próximos abrigos ou cobertas, ao mesmo tempo em que buscam localizar seus alvos.

7.6.2.6.15 As Vtr Bld são alvos constantes de atiradores localizados em pontos de dominância, de armadilhas e de sabotagens. O Cmt FT SU Bld deve prescrever medidas para proteção dos Fuz Bld às viaturas e posicioná-las no dispositivo da SU onde possam apoiar sem ficarem expostas. O adequado aproveitamento de cobertas e abrigos pelas viaturas blindadas complementa as prescrições do Cmt FT SU Bld e diminui as chances de serem atingidas.

7.6.2.6.16 As viaturas blindadas podem usar edifícios como cobertas, desde que:
a) os Fuz Bld tenham limpado o edifício, antes que as viaturas blindadas utilizem-no como abrigo;
b) os Cmt das viaturas blindadas realizem um reconhecimento para se certificarem de que o piso suporta o peso destas, dando especial atenção à existência de garagens e porões; e
c) ocupe-se a posição, de modo a ter facilidade de retraimento no caso de atuação do inimigo.

7.6.2.6.17 Os CC e as VBC Fuz podem auxiliar o acesso dos Fuz Bld aos edifícios, abrindo brechas nas paredes dos andares superiores com fogos ou isolando o objetivo e facilitando a entrada em pontos mais elevados.

7.6.2.6.18 O Cmt FT SU Bld pode fazer uso dos equipamentos optrônicos das viaturas para localizar alvos e detectar movimentos do inimigo, em especial no período noturno.

7.6.2.6.19 Devido à grande descentralização das ações, os Cmt Pel devem manter o Cmt FT SU Bld informado da situação de seus pelotões, utilizando todos os recursos possíveis. Para facilitar a coordenação e o controle da operação, os Pel que atingirem uma linha de controle devem informar à SU e somente prosseguir mediante ordem.

7.6.2.6.20 O Cmt FT SU Bld deve prever em sua ordem de operações medidas adicionais preventivas para reduzir o risco acentuado de fratricídio nessa fase da operação. Além disso, as regras de engajamento, relacionadas com restrições quanto ao emprego de determinados armamentos e tipos de munição, ao trato com civis e não combatentes e às especificações sobre destruição de pontes/túneis e edifícios, informadas pelo Cmt FT U, devem ser fiscalizadas e controladas na FT SU Bld.

7.6.3 FT SU BLINDADA NA DEFESA DE UMA ÁREA URBANA

7.6.3.1 Generalidades

7.6.3.1.1 A defesa de uma área urbana visa a impedir que o inimigo obtenha o controle dela. A FT SU Bld deve considerar os obstáculos na Z Aç.

7.6.3.1.2 A organização da defesa da área urbana ocorre ocupando-se acidentes capitais com comandamento em torno dela. Para os deslocamentos a pé, as galerias subterrâneas e plataformas de metrô podem ser utilizadas, dificultando a observação e os fogos inimigos. Barreiras com escombros devem ter amplo emprego na defesa em profundidade no interior da Z Aç.

7.6.3.1.3 As VBCCC devem priorizar os campos de tiro mais largos e profundos, como ruas e praças que lhes permitam melhores campos de observação. Suas posições de combate podem se valer de escombros que possibilitem o desenfiamento de couraça.

7.6.3.1.4 A ocupação de pontos fortes no interior da área pode ser executada nos edifícios e construções dominantes, caracterizando a observação em toda a área a ser defendida.

7.6.3.2 Emprego das Viaturas Blindadas da FT SU Bld na Defesa de uma Área Edificada

7.6.3.2.1 As VBCCC e VBC Fuz têm seu emprego limitado no interior da área edificada, podendo sofrer baixas por elementos aéreos inimigos. Contudo, em combate assimétrico, caracterizado pela falta de apoio aéreo, as edificações da área dão maior proteção para as viaturas.

7.6.3.2.2 Para as posições de combate, o Cmt FT SU Bld deve priorizar a camuflagem das posições, dificultando a observação aérea. Podem ser construídas posições de combate preparadas e não ocupadas, aproveitando-se de posições de espera em garagens subterrâneas de edifícios e casas e de túneis no interior da área.

7.6.3.2.3 A quantidade e o emprego de VBCCC e VBC Fuz na defesa da área edificada são condicionados às possibilidades e características do inimigo e à existência de apoio aéreo e de armas anticarro. Nessas condições, deve ser priorizado o emprego móvel das viaturas, com posições cobertas preparadas. Se o inimigo não dispuser de carros de combate e armas anticarro, o emprego das viaturas pode ser estático, em posições preparadas. Caso contrário, o emprego deve ser, prioritariamente, para as ações de defesa móvel no interior da área.

7.6.3.3 Defesa de uma Área Urbana

7.6.3.3.1 Generalidades:
a) a defesa de uma área urbana visa a impedir o inimigo de obter o controle dessa área. A FT SU Bld está inserida no contexto da defesa em área urbana da FT U Bld. Dessa forma, a FT SU Bld recebe, do Cmt U, sua Z Aç, seus meios em reforço e sua missão; e
b) as posições defensivas da FT SU Bld, no interior da área edificada, devem forçar o inimigo a realizar ataques dispendiosos ou realizar manobras demoradas para evitá-las. Para o planejamento da defesa, devem ser utilizados os conceitos de operação de defesa de área.

7.6.3.3.2 Planejamento da defesa:
a) para o planejamento da defesa, deve ser considerada a defesa em posição, com a finalidade de impedir o inimigo de acessar a área edificada. Contudo, a defesa móvel pode ser empregada, com a finalidade de destruir o inimigo;
b) a Z Aç FT SU Bld deve ter até três quarteirões de frente. O Cmt FT SU Bld deve designar um Pel por quarteirão, considerando a frente de 400m por quarteirão. Os núcleos de defesa (contato e profundidade) podem ser planejados na ocupação de pontos fortes no interior da área pelos Fuz Bld desembarcados, sempre com o apoio de fogo das viaturas blindadas. As ruas e praças da área devem ser batidas pelos canhões e seção MAC dos BIB, inseridas no plano de apoio de fogos da FT SU Bld;
c) o LAADA deve estar balizado na entrada da área edificada, no sentido perpendicular à direção de ataque do inimigo;
d) a FT SU Bld pode constituir a reserva da FT U Bld, sendo a peça de manobra para a realização do plano de contra-ataque da FT U Bld; e
e) o tratamento aos civis existentes na área edificada deve ser o menos hostil possível, assim como as regras de engajamento em caso de civis atuando como fonte de informação para a tropa inimiga, com a atenção devida para não expor os detalhes da tropa.

7.6.3.3.3 Posição defensiva sumariamente organizada da FT SU Bld em área edificada:

a) as posições defensivas da FT SU Bld são, em princípio, sumariamente organizadas, face à falta de informações sobre as forças inimigas e a falta de tempo para a construção da posição defensiva;

b) a preparação e a prioridade dos trabalhos são praticamente idênticas às de uma posição defensiva organizada. A preparação dos núcleos defensivos e sua posterior ocupação, por uma esquadra de Fuz Bld, são definidas pelo tempo disponível. As posições de combate para as viaturas blindadas devem seguir o mesmo princípio;

c) na preparação para ocupação da posição defensiva, o estabelecimento da segurança é primordial. O Cmt Pel pode dispor de um GC nos postos de segurança, enquanto os demais preparam os núcleos de defesa e as viaturas blindadas suas posições de combate. O apoio de engenharia é fundamental na melhor preparação dessas posições de combate, devido ao tamanho das viaturas e ao material no local, geralmente escombros e veículos abandonados ou destruídos;

d) durante a preparação, a Seç Cmdo FT SU Bld deve prover o remuniciamento da tropa, o reabastecimento das viaturas e a distribuição de ração e água. Conforme o tempo disponível, o Cmt FT SU Bld pode determinar melhoria nos corredores para as comunicações físicas e logísticas, prever ensaios da sequência de engajamento de alvos, ensaios de contra-ataques, plano de descanso da tropa, evacuação de feridos para a área de retaguarda, patrulhamentos na Z Aç, aprimorar o sistema de obstáculos e barreiras nas VA de viaturas blindadas inimigas e melhorar as posições de combate de Vtr Bld;

e) os Cmt em todos os níveis devem priorizar a sequência dos trabalhos de preparação de suas posições, devendo observar o tipo de armamento e a posição de tiro que pode cobrir as possíveis VA inimigas, seja embarcado ou desembarcado; a limpeza dos campos de tiro quanto aos escombros e objetos na VA; o apoio mútuo entre os armamentos dos Fuz Bld e das viaturas blindadas; identificar e proteger as VA subterrâneas; estocar elevada quantidade de água e ração, material de saúde e combustível; construir barreiras e obstáculos nas VA inimigas, integrando-os com os armamentos coletivos da fração; melhorar a sinalização de todos os itinerários no interior da posição defensiva; e verificar os meios de comunicação da fração;

f) o Cmt FT SU Bld, após receber sua Z Aç, deve planejar o emprego dos Pel combinados (CC-Fuz Bld), por ocasião da designação das posições defensivas, considerando os fatores de segurança, proteção, dispersão, dissimulação das posições, campos tiro para os canhões e armamento coletivo, itinerários cobertos e abrigados, plano de evacuação em caso de incêndio e o tempo disponível. O Cmt FT SU Bld pode se valer das informações repassadas pelo oficial de inteligência da unidade, como fotografias áreas, plantas baixas, possibilidade de incidência inimiga em sua Z Aç *etc*;

g) durante a preparação das posições defensivas, o Cmt FT SU Bld deve canalizar o inimigo para o interior de seu corredor de tiro. Para isso, telhados de casas e edifícios ocupados devem ser armadilhados ou obstruídos com

entulhos, móveis e escombros, assim como pisos superiores, portas, janelas, escadas e corredores que caracterizem uma entrada na posição. Áreas subterrâneas, como porões, garagens, corredores, escalas, que forneçam acesso à posição e não estejam sendo utilizados pela fração, também devem ser obstruídas. As medidas nos telhados também servem para impedir o inimigo de utilizá-los como zona de pouso de helicópteros (ZPH); e
h) as frações constituídas pelos Fuz Bld devem balizar itinerários no interior da posição, permitindo que se movimentem em todas as direções, fornecendo um croqui para o Cmt FT SU Bld. A dissimulação das posições também deve ser abordada, camuflando antenas de rádio junto com antenas receptoras de televisão civil, ao longo de chaminés e campanários e do lado de fora das janelas do edifício contrário à direção do inimigo, o que dificulta a identificação da posição e o alerta antecipado para as equipes de GE inimiga.

7.6.3.4 FT SU Bld Reserva da FT U Bld no Contra-Ataque

7.6.3.4.1 A FT SU Bld pode constituir a reserva da FT U Bld. Para isso, deve planejar e ensaiar ações de contra-ataque em toda a área edificada. Dessa forma, as VA devem ser definidas pelo oficial de operações, ser reconhecidas pelo Cmt FT SU Bld e constar no plano de contra-ataque da FT U Bld.

7.6.3.4.2 A posição da FT SU Bld é definida no esquema de manobra da FT U Bld e, em princípio, pode ocupar uma posição de combate aprofundada, a fim de restabelecer as posições na LAADA, destruindo o inimigo que incida sobre os flancos, ou desengajar as tropas em primeiro escalão.

7.6.3.4.3 No planejamento, o Cmt FT SU Bld deve considerar a possiblidade de atacar embarcado ou desembarcado, de acordo com o plano de contra-ataque e a penetração máxima admitida do inimigo pelo Cmt FT U Bld.

7.6.3.4.4 A FT SU Bld também pode auxiliar nos trabalhos de fortificação dos pontos fortes com os Fuz Bld, ocupar posto de segurança à frente do LAADA e ter elementos de manobra passados em reforço a outra FT SU Bld.

7.6.3.4.5 Medidas de controle que podem ser empregadas no planejamento para o contra-ataque:
a) posição de combate;
b) ponto de partida;
c) ponto de liberação;
d) itinerário de deslocamento;
e) posição de ataque;
f) linha de partida;
g) linha de contato;
h) zona de ação;
i) direção de ataque;

j) objetivo; e
k) linha de avanço.

CAPÍTULO VIII

MOVIMENTO E MANOBRA NAS AÇÕES COMUNS A TODAS AS OPERAÇÕES

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 As FT SU Bld são aptas a participar de uma série de ações comuns às operações terrestres.

8.1.2 Em função das suas capacidades, as FT SU Bld possuem maior aptidão para participar das seguintes ações comuns:
a) reconhecimento, vigilância e segurança; e
b) substituição de unidades de combate.

8.2 RECONHECIMENTO, SEGURANÇA E VIGILÂNCIA

8.2.1 O reconhecimento, a segurança e a vigilância complementam-se mutuamente. Essas ações proporcionam a obtenção de dados sobre o inimigo e a área de operações, além de proteção.

8.2.2 FT SU BLD NO RECONHECIMENTO

8.2.2.1 A FT realiza o reconhecimento com o propósito de obter informes sobre o inimigo e a área de operações.

8.2.2.2 Há três tipos de reconhecimento: de eixo, de zona e de área. O exame de situação e a análise dos fatores da decisão permitem identificar qual o tipo mais adequado a cada situação.

8.2.2.3 As missões de reconhecimento são atribuídas, em princípio, aos Esquadrões e Regimentos de Cavalaria Mecanizados, que possuem elementos especificamente organizados, equipados e instruídos para cumpri-las.

8.2.2.4 Face à inadequação de seus meios para o cumprimento desse tipo de missão, somente em situações excepcionais serão atribuídas às FT SU Bld responsabilidade na execução de missões dessa natureza.

8.2.2.5 Os pelotões CC e Fuz Bld são as frações que realizam a ação comum de reconhecimento em proveito da FT SU Bld. Os informes obtidos por essas frações contribuem para compor o quadro de situação do inimigo e do terreno na Z Aç FT. Esses dados podem ser úteis ao planejamento das ações da unidade, portanto devem ser reportados com oportunidade à FT U Bld.

8.2.2.6 A FT SU Bld pode ser apoiada pelo Pel Exp e pelas seções de vigilância terrestre, orgânicas dos BIB, RCC e dos RCB. Dessa maneira, as ações de reconhecimento podem ser realizadas com maior rapidez e segurança.

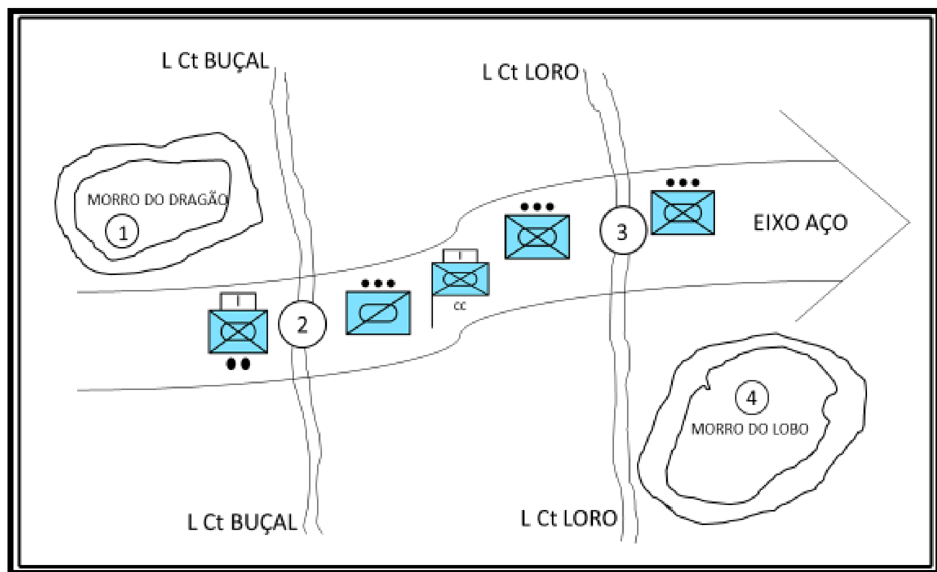


Fig 8-1 – FT Cia Fuz Bld no Reconhecimento de Eixo

8.2.3 FT SU BLD NA VIGILÂNCIA

8.2.3.1 A FT SU Bld conduz a ação de vigilância com o propósito de detectar, registrar e informar o ocorrido em determinado setor de observação. Constitui uma das principais formas para a identificação e localização de alvos e monitoramento de atividades do oponente.

8.2.3.2 A vigilância compreende todas as técnicas utilizadas para realizar um contínuo e sistemático monitoramento, em particular de áreas críticas, estradas, pontes, zonas de lançamento e locais de aterragem.

8.2.3.3 As ações de vigilância fazem parte da segurança de qualquer unidade e, normalmente, são conduzidas em todo tipo de operação.

8.2.3.4 Os fatores que influenciam a vigilância são:
a) as condições de visibilidade;
b) o terreno;
c) as coberturas naturais ou artificiais;
d) as possibilidades de defesa aérea do inimigo; e
e) os tipos de equipamentos de vigilância.

8.2.3.5 As ações de vigilância podem ser realizadas das seguintes formas:
a) visual – realizada pelas unidades terrestres e aéreas, particularmente no cumprimento de missões de reconhecimento. Utiliza equipamentos optrônicos, de visão noturna infravermelha, com amplificadores de luz residual ou termais, dentre outros;
b) eletrônica – realizada com o emprego de meios especiais, tais como radares, equipamentos de escuta, sensores e câmeras; e
c) videofotográfica – consiste essencialmente no emprego de equipamentos especiais, montados em plataformas aéreas, com capacidade de transmissão de imagens em tempo real.

8.2.3.6 As FT SU Bld podem receber as seguintes missões de vigilância, enquanto conduzem outras operações:
a) determinação, por meio da observação, de atividades de valor militar (mesmo que realizadas por civis) ou a ausência dessas atividades, em determinadas áreas;
b) busca e aquisição de alvos a serem atacados pela força aérea, fogos de artilharia e de morteiros;
c) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;
d) avaliação de danos;
e) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações;
f) observação de VA do inimigo e vias de transportes; e
g) observação de eixos e acidentes importantes do terreno no interior da área de retaguarda.

8.2.4 FT SU BLD NAS AÇÕES DE SEGURANÇA

8.2.4.1 As ações de segurança compreendem o conjunto de medidas adotadas por elementos de uma força, visando a se prevenir e proteger da inquietação, da surpresa e da observação por parte do oponente. São ações comuns realizadas em benefício da própria força que as executam e não uma missão imposta pelo seu escalão superior.

8.2.4.2 A FT SU Bld pode realizar as seguintes ações de segurança:
a) ações contra blindados;
b) ações contra forças aeroterrestres e forças aeromóveis;
c) ações contra forças de infiltração;
d) ações contra forças irregulares; e
e) medidas ativas e passivas de defesa antiaérea e ataque de veículo aéreo não tripulado (VANT).

8.2.4.3 Ações contra Blindados

8.2.4.3.1 A DAC é planejada para cobrir as prováveis VA de blindados inimigos, inclusive as áreas do terreno aparentemente desfavoráveis ao seu emprego.

8.2.4.3.2 Deve-se tirar o máximo proveito dos obstáculos naturais, das crateras e dos campos de minas AC, para facilitar a destruição dos meios do adversário ou para canalizá-los para os campos de tiro das armas AC. A DAC é estabelecida em profundidade, ao longo de toda a posição.

8.2.4.3.3 A ação comum de defesa AC deve ser planejada pela FT SU Bld em todas as suas operações onde o inimigo possa atuar com blindados. Essa ação difere do combate aproximado, no compartimento de combate, realizado pelas VBC CC de seus Pel CC contra blindados inimigos. A ação comum de DAC deve envolver todos os elementos subordinados da FT SU Bld (empregando seu armamento orgânico AC), em suas respectivas áreas de atuação, bem como o Pel Ap, que pode atuar de forma centralizada, em reforço ou em apoio à determinado Pel.

8.2.4.4 Ações Contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis

8.2.4.4.1 As ações contra um envolvimento aeroterrestre ou um assalto aeromóvel iniciam-se com o estudo para identificar possíveis zonas de lançamento (ZL), zonas de desembarque (Z Dbq), locais de aterragem (Loc Ater), ZPH e campos de pouso.

8.2.4.4.2 Os planos de fogos diretos e indiretos da FT SU Bld devem incluir concentrações e medidas de coordenação que abranjam essas áreas, a fim de interditar tais locais e para bloquear as VA orientadas para o interior da posição defensiva.

8.2.4.4.3 Identificado o risco do emprego das forças aeroterrestres e aeromóveis, cabe ao Cmt estabelecer um sistema de vigilância para dar o alerta antecipado. A rapidez na contenção e no contra-ataque sobre o inimigo que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto aeromóvel é vital para impedir a sua reorganização.

8.2.4.4.4 A defesa contra forças aeroterrestres e aeromóveis inclui sistemas de armas de defesa aérea, como as metralhadoras antiaéreas das viaturas blindadas, medidas de identificação e alarme, tropas em condições de defender prováveis ZL e Z Dbq e uma reserva com mobilidade tática.

8.2.4.5 Ações Contra Forças de Infiltração

8.2.4.5.1 O planejamento da FT SU Bld contra forças de infiltração deve considerar que a não linearidade e a não continuidade da área de

responsabilidade (ARP) ou Z Aç e o aumento da dispersão dos meios facilitam as ações de infiltração do oponente. As forças inimigas podem infiltrar-se e reunir-se em áreas de retaguarda para atacar, destruir e causar confusão nas instalações de C² e de logística.

8.2.4.5.2 A FT deve prever medidas para mitigar os riscos de ações do inimigo em prováveis áreas de infiltração, por meio do emprego de patrulhas de combate, medidas de contrainteligência, obstáculos antipessoais e dispositivos de alarme e vigilância aérea e terrestre.

8.2.4.5.3 Todo esforço é feito para identificar as prováveis Z Reu na área de retaguarda, onde deve ser dada prioridade para a destruição ou neutralização do oponente, antes mesmo de que este possa organizar-se e desencadear sua ação.

8.2.4.6 Ações Contra Forças Irregulares

8.2.4.6.1 As forças e infraestruturas de C² e logística, localizadas mais à retaguarda, são vulneráveis às ações de forças irregulares. A FT deve dar atenção às medidas para impedir o apoio externo a essas forças, em coordenação com o planejamento da FT U Bld.

8.2.4.6.2 A efetividade das ações das forças irregulares depende, em grande parte, do apoio da população da área e de informações atualizadas sobre as nossas operações, exigindo atenção à segurança das comunicações e às medidas de proteção eletrônica.

8.2.4.6.3 Para impedir ou neutralizar a ação de forças irregulares é importante localizar possíveis áreas para o estabelecimento de suas bases, identificar seus líderes e colaboradores e negar o uso de suas fontes de suprimento e meios de comunicações.

8.2.4.6.4 É de grande importância a obtenção e ou manutenção do apoio da população da área de operações às tropas amigas. Para isso, as ações da FT SU Bld devem se pautar nas considerações civis emanadas pelo Esc Sp.

8.3 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES EM COMBATE

8.3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.3.1.1 As substituições de unidades empregadas em combate são realizadas para conservar o poder de combate, manter a eficiência operacional, atender às imposições dos planos táticos, reequipar, instruir e ensaiar forças para operações futuras.

8.3.1.2 Quando as operações táticas se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica das tropas empregadas.

8.3.1.3 As substituições são executadas por meio de:
a) substituição em posição;
b) ultrapassagem; e
c) acolhimento.

8.3.1.4 Tendo em vista as suas características de emprego, a FT SU Bld participa com maior frequência de operações de ultrapassagem e de acolhimento.

8.3.2 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

8.3.2.1 Considerações Gerais

8.3.2.1.1 A substituição em posição é a operação na qual uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva. É realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de uma operação ofensiva subsequente.

8.3.2.1.2 O comandante de uma força que está sendo substituída é responsável pela defesa de sua Z Aç até a passagem do comando. Normalmente, isso ocorre quando os comandantes das forças assumem a responsabilidade pelas respectivas áreas e são estabelecidos os meios adequados de comando e controle em toda a Z Aç.

8.3.2.1.3 A força que substitui deve adaptar-se ao plano geral de defesa da força substituída, até a passagem do comando.

8.3.2.2 Planejamento

8.3.2.2.1 Quando a FT realiza a substituição de outra SU em posição, recebe, do escalão que determinou a substituição, uma ordem preparatória que deve especificar, no mínimo, a hora do início e do término da substituição e as prioridades para a utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos. A ordem preparatória deve conter, ainda, as condições de execução da substituição quanto aos aspectos relacionados aos prazos e a visibilidade.

8.3.2.2.2 Após receber a ordem preparatória, o Cmt FT analisa a missão, expede as ordens necessárias e estabelece ligações com a SU a ser substituída.

8.3.2.2.3 O Cmt FT, normalmente, estabelece seu PC nas vizinhanças do PC SU a ser substituída.

8.3.2.3 Coordenação

8.3.2.3.1 Troca de planos e de pessoal de ligação:
a) a força substituída deve fornecer todas as informações necessárias, inclusive, planos defensivos existentes, planos de fogos, de barreira e contra-ataque;
b) para proporcionar maior eficiência na troca de informações, a FT, quando substituindo outra subunidade, recebe desta os elementos de ligação, distribuídos, normalmente, no PC da SU; e
c) a permanência do pessoal de ligação com a unidade substituta varia com a situação e, normalmente, se estende até o domínio da situação pela SU substituta.

8.3.2.3.2 Quando a sequência da substituição não for especificada pelo Esc Sp, os seguintes fatores devem ser considerados:
a) a missão subsequente atribuída à SU que está executando a substituição;
b) as características da região de operações;
c) o efetivo e a situação da tropa da SU substituída;
d) as possibilidades de o inimigo tomar conhecimento da substituição e de reagir contra ela;
e) a necessidade de variar os padrões ou processo de substituição;
f) o valor e o tipo dos elementos envolvidos na substituição; e
g) a necessidade de manter o sigilo.

8.3.2.3.3 A ocasião e as circunstâncias em que o Cmt FT SU Bld assume a responsabilidade pela área devem ser claramente estabelecidas por acordo mútuo ou pelo Esc Sp. Os seguintes aspectos devem ser considerados:
a) até que se realize a passagem do comando, o comando da SU substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão, devendo exercer o controle operacional sobre todos os elementos subordinados da unidade substituta que tenham completado sua parte na substituição. Durante esse período, os pelotões que chegam devem se enquadrar aos planos de defesa do elemento que é substituído; e
b) após a passagem de comando, o Cmt substituto assume o controle operacional de todas as frações que devem sair e que não tenham sido substituídas.

8.3.2.3.4 Deve haver uma preocupação constante com a segurança, de modo a evitar que o inimigo tome conhecimento da substituição. Além de executar a substituição, durante os períodos de visibilidade reduzida, devem ser observadas algumas medidas de segurança:
a) as atividades normais da Z Aç são mantidas durante a substituição. A SU que substitui mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela unidade substituída;

b) adoção de restrições quanto à movimentação dos destacamentos avançados e dos de reconhecimento da unidade substituta. Essas frações devem deslocar-se para a área de operações por infiltração;
c) as redes de comunicações da unidade substituída são utilizadas até que a operação de substituição seja completada;
d) os registros e o repertório de tiros da unidade substituta são coordenados pela unidade substituída, até que se realize a passagem de comando;
e) um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela unidade substituta como pela substituída, conforme previsto pelo escalão superior; e
f) a defesa antiaérea (DA Ae) fica permanentemente em alerta e em condições de atuar durante a substituição.

8.3.2.3.5 As unidades substituta e substituída estabelecem um único comando de trânsito, para o controle das frações que se deslocam para dentro e para fora da área. Isso inclui:
a) itinerários a serem utilizados e prioridades para seu uso;
b) localização de Z Reu;
c) fornecimento de guias para a unidade substituta; e
d) a utilização comum dos meios de transporte.

8.3.2.3.6 A subunidade substituída transfere para a subunidade substituta todas as informações relacionadas ao inimigo e à Z Aç, bem como outras informações adicionais necessárias à unidade substituta.

8.3.2.3.7 Em razão das dificuldades na colocação apropriada das armas durante a substituição noturna, o Cmt SU substituída e da substituta devem coordenar a troca das armas que não podem ser facilmente removidas ou que são necessárias para assegurar o emprego contínuo dos fogos. A coordenação dessas trocas deve ser incluída na ordem de substituição do Cmt do escalão imediatamente superior.

8.3.2.3.8 Com relação ao apoio logístico, as SU substituta e substituída devem coordenar:
a) a transferência de suprimento;
b) a utilização de instalações;
c) o controle de refugiados;
d) a transferência de prisioneiros de guerra; e
e) a utilização dos meios de transporte.

8.3.2.4 Execução

8.3.2.4.1 Sequência da substituição:
a) a substituição na posição é executada em etapas, para garantir a eficiência da defesa durante a operação;
b) as forças de aprofundamento podem ser substituídas primeiramente, seguidas pela substituição dos elementos avançados ou vice-versa;

c) normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no LAADA, a substituição é conduzida da frente para a retaguarda;
d) a possibilidade de o inimigo descobrir ou interferir na operação, aliada às características do terreno e ao prazo disponível para execução da substituição são fatores que o Cmt FT deve considerar para a escolha do processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA; e
e) a substituição dos elementos desdobrados no LAADA ocorre em função da situação tática e da decisão do Cmt FT SU Bld. Em princípio, ela pode ser conduzida pelos seguintes processos:
- quando dois pelotões estão desdobrados à frente, a substituição de um deles deverá ser completada antes de se iniciar a substituição do seguinte;
- quando três pelotões forem desdobrados à frente, a substituição dos dois de flanco deve ser feita simultaneamente, seguida pela substituição do pelotão do centro. Dependendo das circunstâncias, essa ordem poderá ser invertida; e
- a substituição simultânea de todos os pelotões desdobrados à frente.

8.3.2.4.2 Condutas durante a substituição:
a) a fim de reduzir as vulnerabilidades a que são expostas as tropas durante a execução da substituição, medidas apropriadas de contrainteligência e de proteção eletrônica devem ser empregadas para evitar que a operação seja revelada;
b) os fogos das SU substituída e substituta devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, caso a operação seja descoberta;
c) a situação tática impõe o momento da execução da substituição. Normalmente, deve ser conduzida no período noturno. Caso a situação determine a substituição no período diurno, pode ser empregado fumígeno para reduzir a observação inimiga;
d) a substituição é conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o sigilo. A SU substituída fornece segurança e vigilância durante a execução da operação;
e) a coordenação com as SU vizinhas é responsabilidade da SU substituta;
f) a FT SU Bld mantém uma Z Reu única e separada das demais SU, a fim de diminuir a vulnerabilidade aos fogos inimigos. Podem ser planejados pontos de liberação dos pelotões. A permanência excessiva na Z Reu deve ser evitada;
g) o Pel Fuz desembarca o mais à retaguarda possível, evitando comprometer o sigilo da operação, e deslocam-se a pé para ocupar as posições. O Pel CC desloca-se para frente, após completada a substituição pelas forças desembarcadas;
h) os CC podem ser substituídos individualmente, por seções de carros ou por pelotões, simultaneamente;
i) a SU a ser substituída pode retrair seus carros por infiltração, antes da substituição, de modo que a movimentação não comprometa a operação; e
j) há que se reconhecer a existência de campos minados na Z Aç.

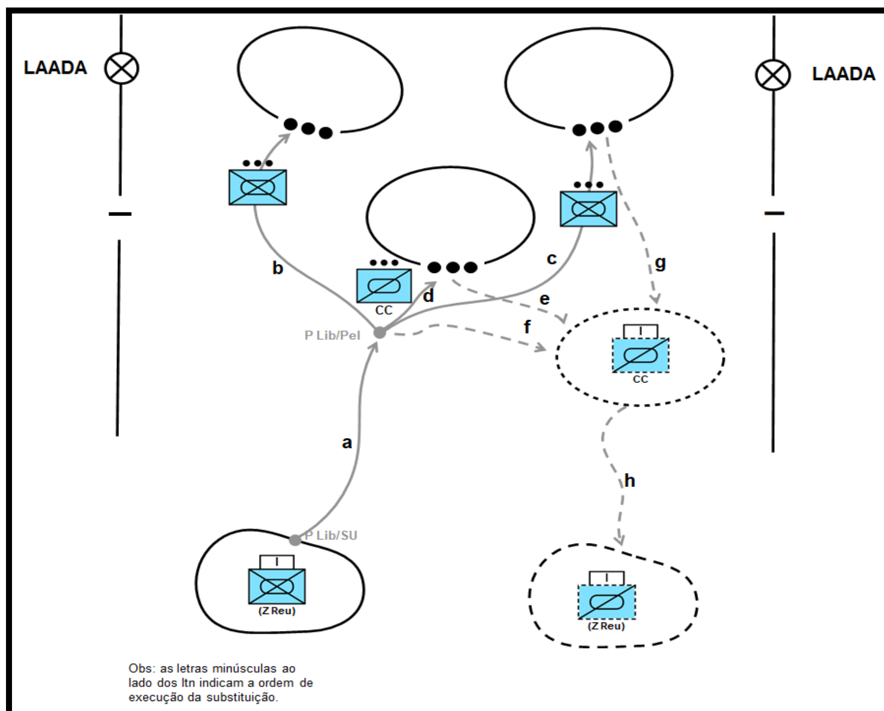


Fig 8-2 – FT Cia Fuz Bld substituindo uma FT Esqd CC em posição

8.3.3 FT SU BLINDADA NA ULTRAPASSAGEM

8.3.3.1 Considerações Gerais

8.3.3.1.1 A ultrapassagem é uma operação em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo.

8.3.3.1.2 A FT SU Bld executa uma ultrapassagem para substituir uma tropa desgastada ou desfalcada, para prosseguir, ou iniciar um ataque, ou para mudar o ritmo de uma operação.

8.3.3.1.3 A ultrapassagem pode ser necessária para manter a impulsão de um ataque ou para explorar uma vulnerabilidade da Pos Ini.

8.3.3.1.4 A ultrapassagem exige um planejamento cuidadoso e a coordenação cerrada entre as forças que participam da operação.

8.3.3.1.5 Os elementos ultrapassados permanecem em posição e apoiam a FT que ultrapassa até que seus fogos se tornem ineficazes. A tropa ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação.

8.3.3.1.6 A tropa em contato provê todo o apoio possível à força que vai ultrapassá-la.

8.3.3.2 Planejamento

8.3.3.2.1 As normas de planejamento de uma ultrapassagem são semelhantes às da substituição em posição.

8.3.3.2.2 O Cmt FT SU, que recebe uma ordem preparatória para uma operação que exija ultrapassagem, liga-se, o mais cedo possível, com a tropa a ser ultrapassada.

8.3.3.2.3 O PC FT SU deve ser estabelecido nas vizinhanças do PC da tropa a ser ultrapassada.

8.3.3.2.4 Imediatamente após o recebimento da ordem preparatória, os elementos que vão realizar a ultrapassagem e os que estão em contato organizam uma reunião de planejamento para acertarem os pormenores da operação.

8.3.3.3 Coordenação

8.3.3.3.1 As SU em contato fornecem todas as informações possíveis do inimigo e do terreno para a SU que vai realizar a ultrapassagem. Essas informações devem incluir o valor, o dispositivo, a composição das forças inimigas, bem como a localização dos blindados, das armas anticarro e dos obstáculos inimigos. São executadas as trocas dos planos táticos entre as FT participantes da operação.

8.3.3.3.2 Reconhecimento:
a) um completo Rec deve ser feito pelo Cmt FT, bem como pelos comandantes dos Pel subordinados; e
b) um reconhecimento visual deve ser feito da área avançada da posição, podendo ser solicitado o apoio de aeronaves ou seção de aeronaves remotamente pilotadas.

8.3.3.3.3 Segurança:
a) deve ser feito o máximo esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da ultrapassagem;
b) o movimento através das posições, se possível, deve ser conduzido à noite, o que exige estrito controle e reconhecimento antecipado;
c) o fogo indireto deve ser empregado durante o movimento, para encobrir o deslocamento dos veículos;
d) se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, podem ser empregados fumígenos sobre os postos de observação inimigos; e

e) enquanto a ultrapassagem está sendo realizada, a concentração de tropa apresenta-se como excelente alvo para o inimigo. Assim, a ultrapassagem deve ser realizada o mais rapidamente possível. Durante o período de concentração de tropas, medidas de defesa passiva para evitar ataques aéreos devem ser implementadas.

8.3.3.3.4 Seleção das áreas de ultrapassagem:
a) quando possível, as áreas selecionadas para ultrapassagem não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos da unidade em posição ou em seus flancos;
b) esse procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma subunidade ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas. A vulnerabilidade também é reduzida quando os pelotões se deslocam diretamente para as áreas de ultrapassagem e, em seguida, para o ataque, sem ocupar posições de ataque; e
c) pode ser necessário que a tropa em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma ultrapassagem mais satisfatória.

8.3.3.3.5 Prioridade para a utilização de itinerários e áreas:
a) o comando que dirige a ultrapassagem normalmente estabelece uma prioridade nas estradas e em determinadas áreas;
b) a FT que vai ultrapassar deve ter prioridade para a utilização de itinerários que conduzam à área da tropa que está sendo ultrapassada;
c) informes completos sobre as estradas a serem utilizadas e as áreas a serem ocupadas devem ser difundidos o mais cedo possível;
d) os itinerários estabelecidos para os deslocamentos através da posição devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que a FT e a tropa em contato proporcionem guias aos pelotões; e
e) o controle do trânsito na área do elemento ultrapassado é da responsabilidade deste, até que a responsabilidade pela Z Aç seja transferida para a tropa que ultrapassa.

8.3.3.3.6 Passagem de comando:
a) a hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç é transferida ao Cmt FT que executa a ultrapassagem devem resultar de um acordo entre os dois Cmt interessados ou serem determinadas pelo escalão superior;
b) normalmente, o Cmt FT que ultrapassa assume a responsabilidade pela Z Aç na hora do ataque; e
c) em princípio, o Cmt SU em contato exerce o controle operacional sobre os elementos da FT em sua Z Aç, até que a responsabilidade por essa área passe para o Cmt que realiza a ultrapassagem. Nessa ocasião, o Cmt FT assume o controle das operações táticas de ambas as forças, até que seja completada a ultrapassagem.

8.3.3.3.7 Apoio ao combate e logístico:
a) o elemento em contato proporciona todo o apoio à tropa que realiza a ultrapassagem, particularmente em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, apoio de fogo e outros apoios ao combate;
b) os elementos de apoio de fogo das SU em contato normalmente são integrados no plano de apoio de fogo da tropa que realiza a ultrapassagem;
c) os OA FT devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do plano de Ap F;
d) o máximo de Ap F indireto disponível deve ser utilizado para apoiar esse momento crítico que é a ultrapassagem. Devido às dificuldades de comando e controle, todos os meios de Ap F presentes na operação devem estar sob comando único, em todos os momentos. Assim, momentos antes de iniciar a ultrapassagem, os meios de Ap F FT SU Bld que ultrapassa devem passar à comando da SU em contato. No momento em que o Cmt FT SU Bld que ultrapassa assume a Z Aç, também assume a responsabilidade pela coordenação do Ap F, incluindo os meios de Ap F SU substituída. Esses meios revertem à SU originária a partir do momento em que não sejam mais necessários para apoiar a FT SU Bld que ultrapassa; e
e) dentro de suas possibilidades, a SU que está sendo ultrapassada fornece o apoio logístico para a tropa que realiza a ultrapassagem, durante e imediatamente após a ultrapassagem. Normalmente, esse apoio não inclui os suprimentos das classes III e V.

8.3.3.3.8 Medidas contra incidentes de fratricídio:
a) adotar medidas de controle (linha de controle, limites ou pontos de controle), a fim de determinar, no espaço e tempo, a assunção dos setores de tiro para o armamento de fogo direto, durante a ultrapassagem;
b) minimizar o conflito de setores de tiro para os fogos diretos entre as tropas;
c) definir em instruções para a exploração das comunicações e eletrônica (IE Com Elt) sinais de identificação de tropa e viaturas, a fim de evitar engajamentos amigos; e
d) devem ser realizadas coordenações entre as forças envolvidas nas operações de ultrapassagem, a fim de minimizar o erro de identificação de tropa amiga.

8.3.3.3.9 Outras coordenações:
a) a SU ultrapassada deve balizar as brechas abertas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida ultrapassagem;
b) devem ser confeccionados planos de dissimulação, coordenados entre as SU que participam da ultrapassagem e o escalão superior, com a finalidade de facilitar a obtenção da surpresa e do sigilo; e
c) durante a ultrapassagem, deve-se ter especial atenção para evitar incidentes de fratricídio e de fogo amigo, particularmente quanto às medidas contra a ocorrência de fratricídio e à coordenação de fogos diretos e indiretos. O risco de fratricídio cresce devido à presença de forças amigas e inimigas em um mesmo compartimento, em situações estáticas e dinâmicas, o que requer

especial atenção para se evitar que fogos da força ultrapassada atinjam elementos da força que ultrapassou.

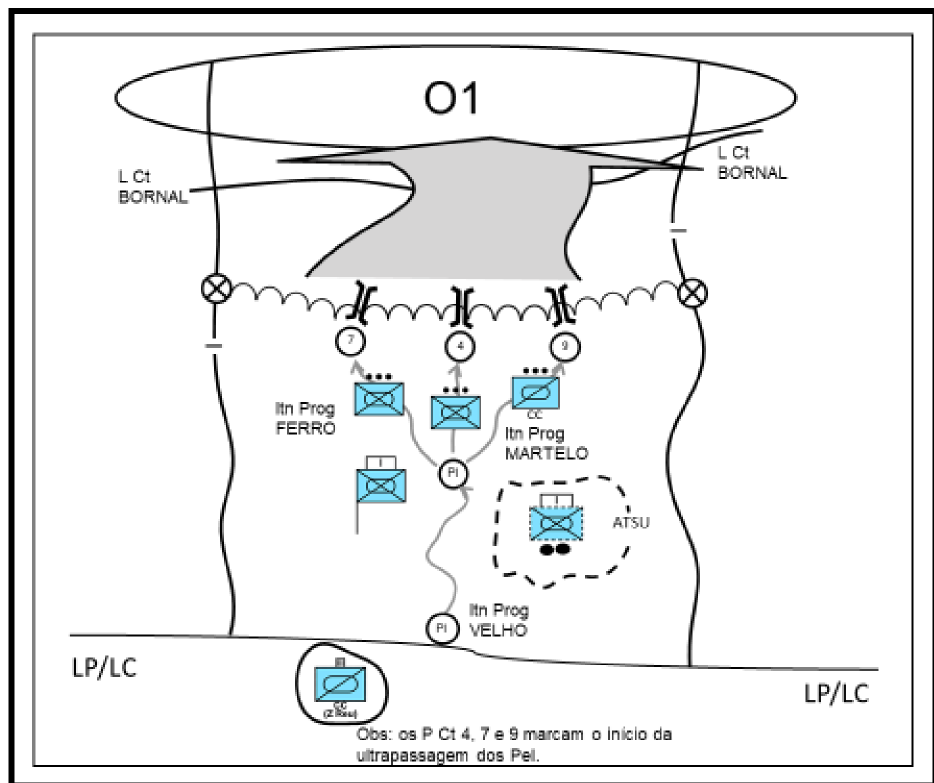


Fig 8-3 – FT Cia Fuz Bld executando uma ultrapassagem

8.3.3.4 Execução da Ultrapassagem

8.3.3.4.1 Os Pel FT SU Bld iniciam seus deslocamentos da Z Reu para a LP mediante ordem. Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que os elementos ataquem na hora determinada, sem necessidade de pararem em posições de ataque. Esse procedimento reduz ao mínimo o tempo de concentração de tropas na área avançada.

8.3.3.4.2 O Cmt FT SU Bld deve considerar o movimento à retaguarda de tropas em reserva da força em contato para planejar seu deslocamento. Esse deslocamento prévio privilegia reduzir a densidade de tropas na área avançada durante a operação. Tal procedimento, normalmente, é prescrito pelo comando que ordena a ultrapassagem.

8.3.4 FT SU BLINDADA NO ACOLHIMENTO

8.3.4.1 Considerações Gerais

8.3.4.1.1 O acolhimento é a operação na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da Z Aç de outra que ocupa uma P Def ou uma posição de retardamento à sua retaguarda.

8.3.4.1.2 No acolhimento, a força em posição apoia a força que retrai. Esta tem prioridade nos itinerários e nas instalações. As áreas, ou pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas, devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição ou em seus flancos.

8.3.4.1.3 O acolhimento pode ocorrer com ou sem contato com o inimigo. Quando conduzido em contato com inimigo, este deve ser mantido até que as forças que retraem se coloquem sob a proteção dos fogos do elemento que executa o acolhimento.

8.3.4.2 Planejamento

8.3.4.2.1 Coordenação:
a) nenhum Cmt, tanto o que retrai quanto o que se encontra em posição, exerce o comando sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra;
b) após ter recebido a ordem preparatória, o Cmt da tropa acolhida estabelece ligações com seus correspondentes em posição, para coordenar o planejamento da operação. Os elementos de ligação são responsáveis diretos pela coordenação dos detalhes da operação. A FT SU Bld e os Pel realizam a troca de elementos de ligação; e
c) um plano detalhado de reconhecimento deve ser elaborado e cuidadosamente coordenado entre a tropa a ser acolhida e a que se encontra em posição.

8.3.4.2.2 Seleção de área de passagem:
a) o dispositivo na P Def, os planos de fogos, a segurança, a vulnerabilidade e a missão subsequente da força acolhida devem ser levados em conta na seleção das áreas ou dos pontos de passagem; e
b) a vulnerabilidade aos ataques do inimigo pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem a tropa acolhida passar pelos flancos ou áreas desocupadas da unidade em posição.

8.3.4.2.3 Itinerário de retraimento:
a) a SU acolhida deve utilizar vários itinerários de retraimento e evitar a utilização de Z Reu ou paradas dentro da posição ou da A Rtgd da tropa que faz o acolhimento;
b) a tropa acolhida tem prioridade nos itinerários e na utilização das instalações;
c) quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para o Pel CC, devem evitar locais organizados da P Def (núcleos de defesa); e
d) o Cmt da tropa acolhida é responsável pelo controle do tráfego à frente da P Def. O Cmt da força em posição é responsável pelo controle do tráfego no interior da posição defensiva.

8.3.4.2.4 Assunção da zona de ação:
a) a hora e as condições, em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç é transferida para o Cmt SU em posição, são determinadas pelo entendimento entre os dois Cmt interessados ou fixadas pelo Esc Sp;
b) normalmente, em uma operação de acolhimento, o Cmt da força em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç no momento em que a tropa que retrai atinge uma linha de controle ou numa hora designada; e
c) na ação retardadora, a responsabilidade pela Z Aç, por parte do Cmt da força que retrai, termina por ocasião de seu acolhimento na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.

8.3.4.2.5 Apoio ao combate e apoio logístico:
a) a FT SU Bld acolhida deve receber todo o apoio possível por parte dos elementos em posição;
b) o apoio de fogo prestado pela SU em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o inimigo;
c) os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes das operações; e
d) áreas de abastecimento devem ser escolhidas à retaguarda dos elementos que farão o acolhimento, para proporcionar a continuidade do apoio logístico, quando necessário.

8.3.4.3 Medidas de Coordenação e Controle

8.3.4.3.1 Rigoroso controle é necessário para um retraimento ordenado através de uma posição à retaguarda.

8.3.4.3.2 As medidas por meio das quais a operação deve ser controlada e coordenada são as previstas pelo Esc Sp ou acertadas entre os Cmt interessados.

8.3.4.3.3 Qualquer alteração das medidas de coordenação e controle planejadas deve ser coordenada entre as forças envolvidas e levadas ao conhecimento de todos os elementos interessados.

8.3.4.3.4 As medidas de coordenação e controle normalmente usadas são:
a) pontos de ligação;
b) pontos de passagem;
c) itinerários de retraimento;
d) hora de passagem; e
e) sinais de reconhecimento.

8.3.4.3.5 Pontos de ligação:
a) nesse tipo de operação, os P Lig são designados pelo comando que enquadra as FT SU Bld ou por combinação entre os Cmt envolvidos;
b) para assegurar uma perfeita coordenação entre as duas forças, um ponto de ligação principal e outro alternativo devem ser designados em cada setor de Pel. Esses pontos são efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do LAADA e/ou posição de retardamento; e
c) os elementos da ADA ou posição de retardamento enviam uma patrulha de ligação, equipada com rádio e guias para o P Lig.

8.3.4.3.6 Pontos de passagem:
a) esses pontos são localizados no LAADA ou na posição de retardamento e através deles as forças são acolhidas. Devem, ainda, ser reconhecidos pelas forças que retraem;
b) os pontos de passagem são também empregados para proporcionar um meio de referenciar locais específicos e informações para o controle dos elementos;
c) os guias das SU que realizam o acolhimento normalmente encontram os elementos que executam o retraimento no ponto de ligação. Na sequência, os guiam através dos pontos de passagem sobre o LAADA, ou posição de retardamento, e depois para retaguarda da SU; e
d) essas ações são coordenadas pelos elementos de ligação das duas SU.

8.3.4.3.7 Itinerários de retraimento:
a) são caminhos designados através da posição à retaguarda e que facilitam um retraimento ordenado e contínuo; e
b) no interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

8.3.4.3.8 Hora da passagem:
a) a hora da passagem é designada pelo Cmt que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada Pel; e
b) um representante da SU que retrai, com rádio, precede a unidade de marcha no ponto de passagem. Esses representantes informam o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

8.3.4.3.9 Sinais de reconhecimento:
a) são incluídos na ordem de operação e devem ser baseados nas IE Com Elt e nas NGA das forças interessadas; e
b) os sinais de reconhecimento são acertados pelas duas unidades. Normalmente, os sinais de reconhecimento cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

8.3.4.4 Execução do Retraimento

8.3.4.4.1 Na hora prevista, os elementos da tropa que será acolhida iniciam o deslocamento para retaguarda. Sempre que possível, os deslocamentos devem ocorrer durante períodos de visibilidade reduzida, evitando utilizar Z Reu.

8.3.4.4.2 O Cmt da tropa em posição designa e controla vários itinerários para obter a necessária dispersão e para acelerar o movimento da tropa acolhida.

8.3.4.4.3 O Cmt da tropa acolhida é responsável pela identificação do último elemento de sua tropa a passar através da unidade em posição.

8.3.4.4.4 A fim de reduzir a densidade de tropas durante o acolhimento, é conveniente retrair em primeiro lugar os elementos de apoio logístico, os elementos de comando não essenciais e, posteriormente, os demais elementos de comando e combate.

8.3.4.4.5 No retraimento através da P Def de um escalão imediatamente superior, a tropa acolhida é responsável pelo controle do trânsito à frente da A Seg do escalão considerado. A tropa em posição fica responsável pelo controle do trânsito da P Def para a retaguarda e o Esc Sp controla o trânsito, do limite de retaguarda da SU em posição até a área de reunião ou nova posição da tropa acolhida.

8.3.4.4.6 Durante o acolhimento, deve-se ter especial atenção quanto às medidas para se evitar incidentes de fratricídio e de fogo amigo, particularmente quanto às medidas para evitar o fratricídio e de coordenação de fogos diretos e indiretos. O risco de fratricídio cresce devido à presença de forças amigas e inimigas em um mesmo compartimento, em movimento em direção à força que acolhe. Dessa forma, deve-se evitar que fogos da força que acolhe atinjam elementos da força que está sendo acolhida, sem diminuir a quantidade de fogos sobre os elementos inimigos que a perseguem.

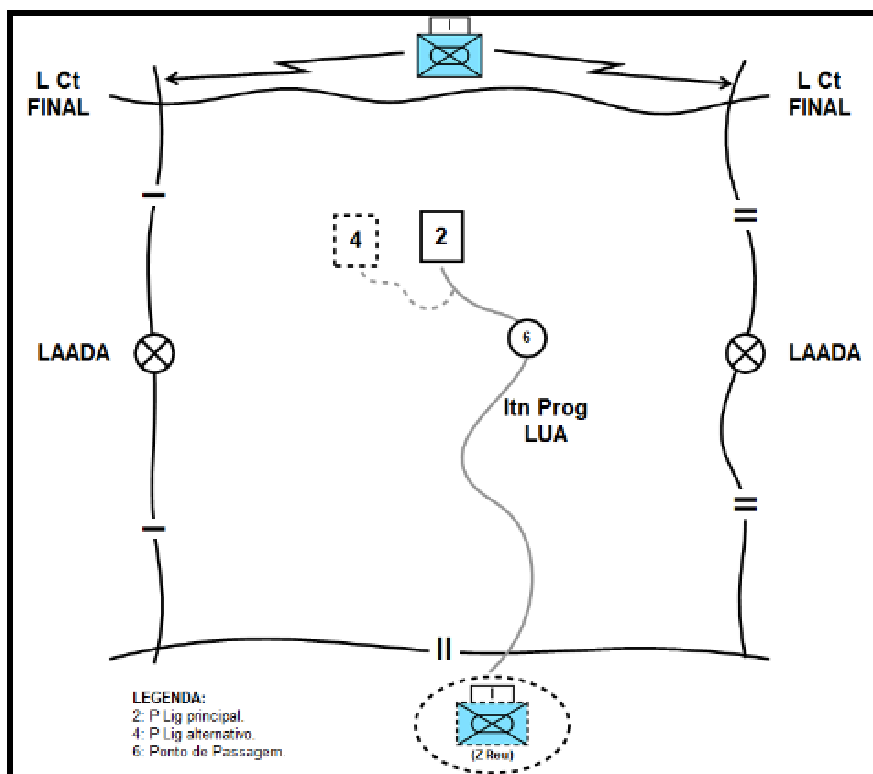


Fig 8-4 – FT Cia Fuz Bld sendo acolhida por elementos da FT BIB

CAPÍTULO IX

INTELIGÊNCIA

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 A inteligência militar (IM) é empregada basicamente para produzir conhecimento de interesse para o planejamento e emprego da F Ter, seja em operações de guerra e de não guerra.

9.1.2 O esforço para obtenção de dados pelo emprego da IM, dentro da FT SU Bld, é orientado pelas necessidades de conhecimentos definidas pelo Esc Sp, além de outros aspectos que o Cmt FT SU Bld julgar oportuno. O trabalho ocorre de forma permanente, com vistas a reduzir o grau de incerteza que cerca o processo decisório.

9.1.3 O Cmt FT SU Bld deve fazer uso e alimentar a função de combate inteligência, a fim de adquirir e contribuir com o Esc Sp para a obtenção da consciência situacional por meio do conhecimento sobre as ameaças e o ambiente operacional.

9.1.4 Considera-se ameaças o inimigo, as forças adversas e os agentes hostis que atuam contra a FT SU Bld, devendo-se obter os dados do dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais e peculiaridades (DICoVAP), bem como as possibilidades e linhas de ação do inimigo.

9.1.5 O ambiente operacional é caracterizado pelas dimensões:
a) física, caracterizada pelas informações sobre o terreno e as condições meteorológicas;
b) humana, que é caracterizada pelas considerações civis que podem impactar direta ou indiretamente na condução das operações; e
c) informacional, que se caracteriza tanto pela vertente de obtenção da legitimidade da ação da FT SU Bld quanto pelo uso do espectro eletromagnético (GPS, guerra eletrônica e guerra cibernética).

9.2 MEIOS QUE COMPÕEM A INTELIGÊNCIA NA FT SU BLD

9.2.1 Cada militar que integra a FT SU Bld é um sensor de inteligência que contribui no levantamento dos EEI.

9.2.2 Há que se levar em conta os meios tecnológicos de que a FT SU Bld dispõe para levantamento de alvos e sensoriamento do campo de batalha. Tais meios permitem a identificação, a distâncias consideráveis, de possíveis

ameaças, devendo ser considerados e integrados aos demais sistemas de IRVA.

9.3 ANEXO DE INTELIGÊNCIA

9.3.1 O anexo de inteligência da FT U deve ser o meio pelo qual será difundido o conhecimento existente sobre o inimigo, terreno e condições meteorológicas na área de operações. Já os EEI ou as necessidades de inteligência (NI) orientam os esforços de coleta que a FT SU Bld deve levantar em operação, assim como as tarefas de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos, ações comuns que devem ser entendidas como vitais para a atualização da consciência situacional, tanto do Cmt FT SU Bld quanto dos Esc Sp.

9.3.2 O anexo de inteligência baliza o estudo do inimigo no escalão FT SU Bld, definindo as principais ameaças a serem enfrentadas nas operações, constituindo ferramentas para que o Cmt FT defina as TTP e os meios utilizados para mitigar tais ameaças.

9.4 CICLO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

9.4.1 O ciclo de produção de conhecimento, quando uma FT SU Bld se encontra em operações, é centralizado no Cmt dessa FT.

9.4.2 A inteligência na FT SU Bld tem por atribuição produzir e salvaguardar conhecimentos limitados, de curto alcance no tempo e dirigidos às necessidades imediatas do Cmt FT SU Bld para o planejamento ou para a condução de operação militar. Assim, é de grande importância o princípio da oportunidade, pois as condições do ambiente operacional e do espaço de batalha se alteram muito rapidamente, obrigando o Cmt a reavaliar a situação militar frequentemente.

9.4.3 Entende-se que tais levantamentos, além de contribuírem sobremaneira para o êxito das operações, devem alimentar o sistema de inteligência dentro da FT U, para que a consciência situacional seja difundida com oportunidade na frente de batalha em que se está operando.

9.5 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO TERRENO, CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS, INIMIGO E CONSIDERAÇÕES CIVIS

9.5.1 A FT SU Bld desenvolve suas operações, de acordo com a função de combate inteligência, buscando proporcionar adequada consciência situacional ao Cmt FT SU Bld, fruto da realização do processo de integração terreno,

condições meteorológicas, inimigo e considerações civis (PITCIC), além da avaliação continuada da situação, com a oportunidade necessária.

9.5.2 Nas operações ofensivas, as necessidades de conhecimento de inteligência do comando da FT estão centradas, de modo geral, na complementação e confirmação de informações sobre o dispositivo defensivo inimigo, suas reservas, postos de comando e sistemas de apoio de fogo, além das suas vulnerabilidades.

9.5.3 Nas operações defensivas, as necessidades de inteligência devem ser focadas em determinar a capacidade e o poder militar das forças inimigas, assim como suas linhas de ação. Da mesma forma como ocorre nas operações ofensivas, a função de combate inteligência deve apoiar o Cmt FT no planejamento de suas ações defensivas por meio da realização do PITCIC, quando são identificadas as VA de aproximação do inimigo e seus possíveis objetivos, vulnerabilidades, capacidade de realizar ataques aéreos, de empregar armas de destruição em massa *etc*.

9.6 CONTRAINTELIGÊNCIA NA FT SU BLD

9.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.6.1.1 A contrainteligência militar na FT SU Bld está voltada para a prevenção, detecção, obstrução e neutralização da atuação da inteligência adversa e das ações de qualquer natureza que possam se constituir em ameaças à salvaguarda de dados, informações, conhecimentos e seus suportes, tais como documentos, áreas, instalações, pessoal, materiais e meios de tecnologia da informação.

9.6.1.2 Por sua natureza, as atividades e tarefas da contrainteligência estão afetas à função de combate proteção. Elas permitem identificar, prevenir e mitigar ameaças à SU, de modo a preservar o poder de combate e a liberdade de ação.

9.6.1.3 As atividades e tarefas da FT SU Bld por meio da contrainteligência são desenvolvidas de forma constante e ininterrupta, buscando se antecipar às potenciais ações hostis contra a SU, dentro de uma concepção preventiva e proativa. Sua concepção considera essencialmente que cada um dos integrantes da FT SU Bld tem responsabilidades para com as atividades e tarefas de proteção da respectiva SU a que pertence. Envolve comportamentos, atitudes preventivas, proatividade e adoção consciente de medidas efetivas.

9.6.1.4 O foco da contrainteligência deve estar em negar ao inimigo todo e qualquer conhecimento relativo à FT SU Bld, quer seja pessoal, material ou mesmo acerca da operação.

9.6.1.5 Os objetivos da contrainteligência na FT SU Bld visam a impedir que ações hostis de qualquer natureza comprometam dados, informações, conhecimentos e sistemas a eles relacionados; evitar que levem à perda de armamento, equipamento e materiais de emprego militar; e impedir que provoquem danos à integridade física dos componentes da FT. A contrainteligência busca, ainda, induzir o centro de decisão do adversário a se posicionar de forma equivocada.

9.6.1.6 Boa parte dos esforços de contrainteligência da FT SU Bld reside na correta utilização de documentos normativos e padronizadores das comunicações, como as IE Com Elt, que requerem treinamento com os subordinados sempre que possível.

9.6.2 As ações de contrarreconhecimento e de organização do terreno, inclusive camuflagem, devem ser planejadas e executadas pelo Cmt FT SU Bld, a fim de assegurar o sucesso das ações de contrainteligência da FT.

CAPÍTULO X

APOIO DE FOGO

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 O Cmt FT SU Bld é o responsável pela coordenação e pelo emprego dos meios de apoio de fogo orgânicos da SU e de outros meios colocados à sua disposição.

10.2 APOIO DE FOGO ORGÂNICO

10.2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.2.1.1 Os meios de apoio de fogo orgânicos da FT SU Bld são os próprios canhões e metralhadoras das VB e as seções do Pel Ap (Seç Mrt Me e Seç Can AC), no caso das FT SU Fuz Bld.

10.2.2 PELOTÃO DE APOIO/FT SU FUZ BLD

10.2.2.1 O Pel Ap/FT Cia Fuz Bld é constituído por uma Seç Mrt Me e uma Seç Can AC. A Seç Mrt Me possui duas peças de morteiro e a Seç Can AC apresenta em sua constituição três peças de canhão anticarro sem recuo. Essas seções representam o Ap F orgânico da FT SU Fuz Bld e, normalmente, são empregadas em ação de conjunto. Em situações em que alguma peça de manobra necessite de apoio de fogo mais cerrado e existam facilidades para a coordenação e o controle, as peças de canhão anticarro sem recuo (Can AC SR) podem ser passadas em reforço ou apoio direto a um Pel Fuz Bld.

10.2.2.2 Os fogos da Seç Mrt Me são ajustados pelo Cabo Observador/Seç Cmdo/Pel Ap, que pode, em algumas situações, deslocar-se com um dos Pel Fuz Bld para melhor cumprir sua missão. Todos os Of e Sgt FT SU Fuz Bld devem estar em condições de pedir e ajustar os tiros de Mrt Me, que, inclusive, seguem os mesmos princípios de ajustagem e pedidos de fogos do Mrt P.

10.2.2.3 O Cmt Pel Ap integra os fogos de seu Pel ao plano de fogos da FT U, garantindo a coordenação de esforços e eficaz apoio à manobra da FT SU.

10.2.2.4 Em determinadas situações, o Cmt FT SU Fuz Bld pode determinar a composição de uma Seç Mtr provisória, reunindo o armamento dos grupos de apoio/Pel Fuz. Essa seção provisória de metralhadoras pode ficar sob controle do Cmt Pel Ap para o emprego em proveito da FT SU Fuz Bld como um todo, ou, ainda, ser passada em reforço/apoio a um Pel Fuz Bld.

10.2.3 PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO E CONTROLE DOS FOGOS DIRETOS

10.2.3.1 Considerações Gerais

10.2.3.1.1 A destruição ou neutralização do inimigo por meio do emprego dos fogos diretos é fundamental no combate aproximado das FT SU Bld. Esses fogos devem ser planejados, coordenados e controlados, de modo que resultem em eficaz distribuição e/ou concentração de seus efeitos, de acordo com a situação apresentada pelo inimigo.

10.2.3.2 Processo de Planejamento, Coordenação e Controle dos Fogos Diretos

10.2.3.2.1 O processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos é composto pelas seguintes etapas, que conduzem a uma eficaz aquisição de alvos e concentração de fogos:
a) identificar as prováveis posições ou rotas de aproximação do inimigo;
b) determinar o local e a maneira de explorar o efeito dos fogos;
c) orientar as forças envolvidas quanto ao planejamento estabelecido; e
d) reorientar e redistribuir o efeito dos fogos.

10.2.3.2.2 A essência do processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos reside em duas ações críticas: a aquisição rápida e precisa de alvos e a concentração dos fogos para obtenção dos efeitos desejados.

10.2.4 PRINCÍPIOS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE DOS FOGOS DIRETOS

10.2.4.1 A coordenação e o controle eficaz dos fogos exigem que a FT SU Bld realize a aquisição dos alvos e concentre meios para obter os efeitos desejados dos fogos o mais rapidamente possível. Para isso, os comandantes devem aplicar os princípios de coordenação e controle dos fogos diretos. Tais princípios não têm como objetivo restringir a liberdade de ação da tropa, mas somente orientar a condução dos engajamentos, possibilitando a eficaz aquisição de alvos e a efetiva destruição dos mesmos. Dessa forma, o emprego desses princípios contribui para a manutenção da liberdade necessária, permitindo agir rapidamente, frente às ameaças apresentadas.

10.2.4.2 Os princípios de controle dos fogos diretos são os seguintes:
a) concentrar os efeitos dos fogos;
b) priorizar na sequência a ameaça mais letal, a mais fugaz e a mais próxima;
c) evitar múltiplo engajamento sobre o mesmo alvo;
d) empregar cada arma em sua melhor destinação;
e) expor-se apenas o necessário;
f) prevenir o fratricídio e os danos colaterais;

g) planejar para situações de visibilidade reduzida; e
h) planejar para situações de emprego dos sistemas de armas em modo degradado.

10.2.5 PLANEJAMENTO DOS FOGOS DIRETOS

10.2.5.1 O Cmt FT SU Bld planeja o emprego dos fogos diretos durante a montagem das linhas de ação e, após o jogo de guerra, o consolida em sua ordem de operações. Determinar onde e como as frações e os diferentes sistemas de armas engajarão as ameaças é parte essencial da ordem aos elementos subordinados.

10.2.6 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE DOS FOGOS DIRETOS

10.2.6.1 O Cmt FT SU Bld determina quando e como iniciar, concentrar e transpor os fogos diretos por meio do estabelecimento de medidas de coordenação e controle. É por meio do controle e da coordenação do emprego dos fogos diretos das frações que o Cmt tem condições de criar a sinergia necessária à eficaz, efetiva e eficiente neutralização e/ou destruição de forças inimigas.

10.2.6.2 As medidas de coordenação e controle dos fogos diretos são ferramentas que auxiliam na rápida aquisição de alvos e distribuição dos fogos. Concomitantemente a isso, possibilitam a mitigação do fratricídio e dos efeitos colaterais indesejados.

10.2.6.3 As medidas de coordenação e controle dos fogos diretos podem ser estabelecidas tendo como base o terreno ou a ameaça que se apresenta na Z Aç.

10.2.6.4 As medidas baseadas no terreno são estabelecidas pelo Cmt FT SU Bld para concentrar e controlar seus fogos em um ponto, linha ou área em particular.

10.2.6.5 As medidas baseadas na ameaça são estabelecidas pelo Cmt FT SU Bld com o intuito de concentrar e controlar os fogos por intermédio do direcionamento de determinada fração no engajamento de um elemento inimigo específico.

10.2.6.6 É importante ressaltar que, na maioria dos casos, a adoção de apenas um tipo de medida de coordenação e controle dos fogos diretos não é suficiente para a condução adequada dos mesmos, sendo comum o emprego combinado destas.

10.2.6.7 As distintas medidas adotadas somente são eficientes se todas as frações tiverem o correto entendimento da finalidade do seu estabelecimento.

Medidas baseadas no terreno	Medidas baseadas na ameaça
Ponto de referência de alvo	Regras de engajamento
Área de engajamento	Situação de base
Setor de tiro	Regime de segurança do armamento
Direção de tiro	Prescrição para abertura de fogo
Quadrantes baseados no terreno	Prioridade de engajamento
Quadrantes baseados no dispositivo da tropa	Técnica de engajamento (Execução do Fogo)
Linha de engajamento máximo	Gatilhos
Linha de proteção final	Direção dos Fogos
Linha de restrição de fogos	Natureza ou dispositivo do inimigo

Quadro 10-1 – Medidas de coordenação de fogos

10.2.6.8 Medidas de Coordenação dos Fogos Diretos Baseadas no Terreno

10.2.6.8.1 Ponto de Referência de Alvo (PRA):

a) é um local facilmente identificado no terreno, utilizado como referência inicial para distribuir e controlar os fogos. Além disso, pode ser empregado, também, para a coordenação dos fogos indiretos;

b) os PRA são designados em prováveis locais inimigos e ao longo de prováveis VA. Esses pontos podem ser naturais (entroncamentos, pontes, regiões matosas, construções específicas, colina *etc*.) ou artificiais (painéis, sinalizadores, viaturas destruídas, fumaça gerada por fogos indiretos *etc*.). O ideal é que os PRA sejam visíveis em três modos de observação (sem auxílio da luz, com intensificadores de luz e com visão termal), para que os diferentes sistemas de armas possam vê-los;

c) em áreas humanizadas, os PRA são instrumentos essenciais para a coordenação dos fogos diretos e, consequentemente, para a redução de danos colaterais às estruturas e à população civil; e

d) são exemplos de PRA:

- elevações nítidas no terreno;
- obras de arte de fácil identificação;
- Pos Ini observáveis;
- veículos destruídos;
- feições nítidas no terreno; e
- fumaça evidente (somente para ocorrências imediatas, sendo menos eficaz).

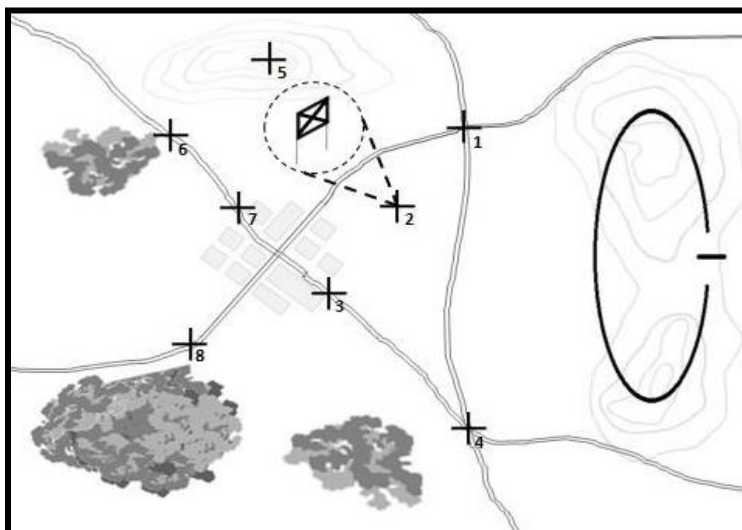


Fig 10-1 – Exemplos de PRA

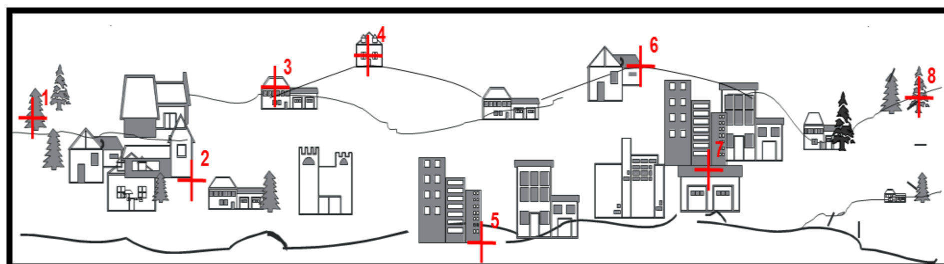


Fig 10-2 – PRA em áreas urbanas

10.2.6.8.2 Área de Engajamento (A Engj):

a) é a região na qual o Cmt FT SU Bld pretende neutralizar ou destruir uma força inimiga pelo efeito concentrado de fogos de todas as armas e sistemas de apoio disponíveis; e

b) o tamanho e a forma da A Engj são determinados pela visibilidade decorrente dos sistemas óticos dos distintos sistemas de armas e pelo seu respectivo alcance. Normalmente, o Cmt FT SU Bld subdivide a A Engj para seus pelotões em setores ou direções de tiro.

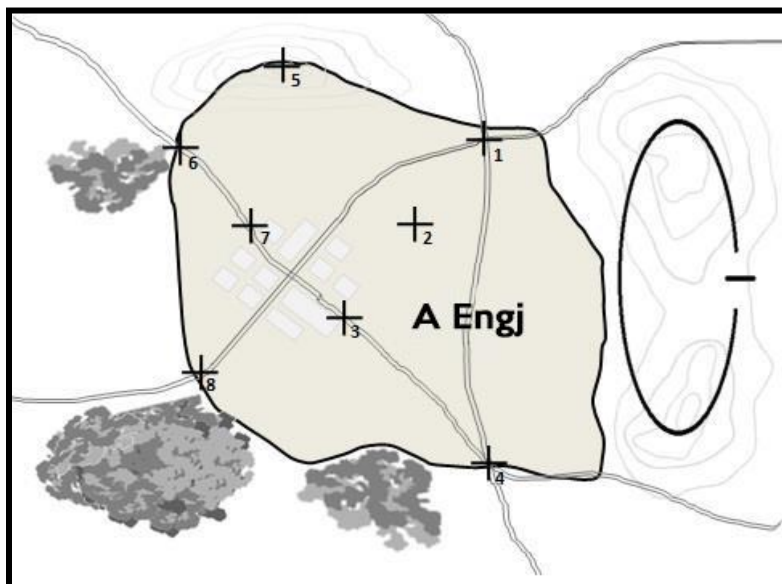


Fig 10-3 – Exemplo de A Engj

10.2.6.8.3 Setor de tiro:

a) é a área atribuída a uma FT SU Bld, a um pelotão ou a um armamento, individual ou coletivo, dentro da qual deve engajar os alvos, à medida que for estabelecido o contato, de acordo com as prioridades de engajamento estabelecidas;

b) os Cmt FT SU Bld atribuem os setores de tiro a fim de dividir suas áreas de responsabilidade, empregando os meios disponíveis de maneira mais efetiva. Eles podem limitar o setor de tiro de um elemento ou sistema de arma para impedir o fratricídio e para evitar o excesso de redundância;

c) deve-se analisar as possibilidades e limitações de cada armamento para determinar a amplitude e a extensão de um setor de tiro. Nesse viés, é importante ressaltar que a observação sem auxílio de equipamentos óticos, por exemplo, proporciona amplo campo de visão, porém limitada capacidade de detecção e identificação de alvos à média e longa distância. Em contrapartida, os dispositivos óticos de observação e pontaria são capazes de detectar e identificar alvos a longas distâncias, porém com campo de visão restrito; e

d) os métodos para designar setores de tiro incluem os seguintes:

- PRA;
- direção do relógio;
- quadrantes baseados no terreno; e
- quadrantes baseados no dispositivo da tropa.

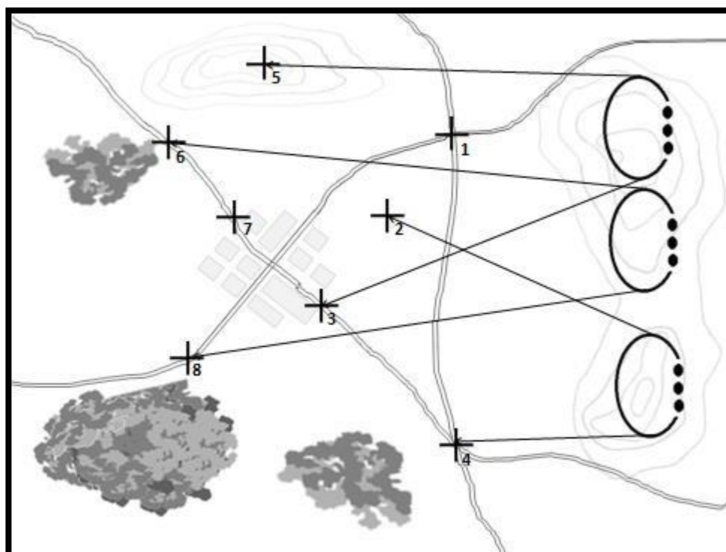


Fig 10-4 – Exemplo de setores de tiro

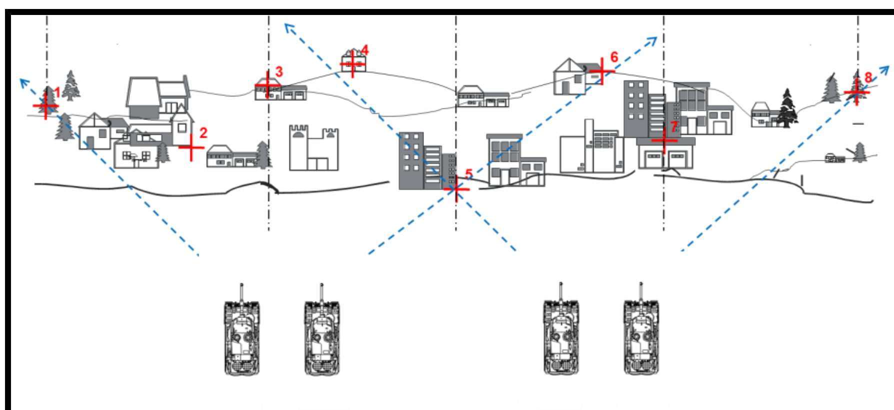


Fig 10-5 – Exemplo de setores de tiro em áreas urbanas

10.2.6.8.4 Direção de tiro:

a) são referências usadas para designar áreas específicas no terreno que devem ser cobertas por tiro direto. Os Cmt FT SU Bld designam direções de tiro com a finalidade de adquirir ou engajar alvos;

b) a direção de tiro é empregada quando a designação de setores de tiro é difícil ou impossível, por conta do tempo limitado ou dos pontos de referência insuficientes; e

c) os métodos para designar direção de tiro incluem os seguintes:

- PRA mais próximo;
- direção do relógio;
- direção cardinal; e
- emprego de munição traçante.

10.2.6.8.5 Quadrantes baseados no terreno:

a) essa medida emprega PRA, existentes ou construídos, para designar o ponto central do eixo que divide a área em quatro quadrantes. Essa técnica pode ser empregada em operações ofensivas ou defensivas;

b) na ofensiva, o Cmt FT SU Bld designa o centro do quadrante, usando recurso existente ou pela criação de um ponto de referência (por exemplo, usando uma granada de fumaça ou um disparo com munição incendiária ou traçante). Os eixos delimitam os quadrantes paralelos e perpendiculares à direção do movimento; e

c) na defensiva, o Cmt FT SU Bld designa o centro do quadrante usando os PRA criados ou existentes.

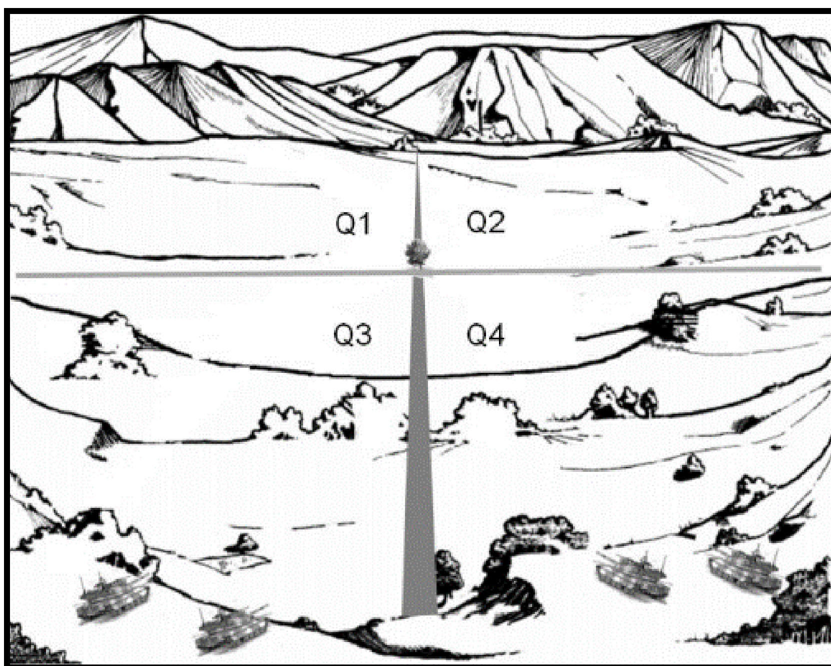


Fig 10-6 – Exemplo de quadrantes baseados no terreno

10.2.6.8.6 Quadrantes baseados no dispositivo da tropa:

a) essa técnica visa a dividir a área a partir do dispositivo da própria tropa. O ponto central é baseado no centro da formação, e os eixos orientam-se paralelos e perpendiculares a direção-geral de deslocamento; e

b) para a rápida orientação de fogos, essa técnica é melhor do que o método de direcionamento pelo relógio, isso porque, em grandes formações, elementos diferentes raramente estarão orientados exatamente na mesma direção e também porque a dispersão relativa das forças amigas causa o efeito de paralaxe para o alvo.

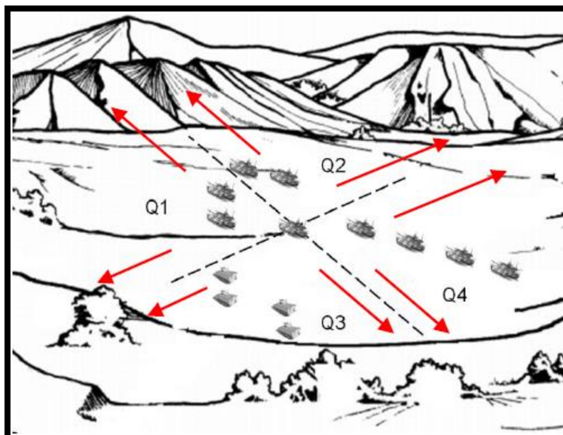


Fig 10-7 – Exemplo de quadrantes baseados no dispositivo da tropa

10.2.6.8.7 Linha de engajamento máximo (LEM):
a) é a representação linear do limite mais distante de alcance útil das armas ou frações. Essa linha é determinada pelo alcance útil e pelas limitações decorrentes do terreno; e
b) a LEM serve a vários propósitos. Pode ser utilizada, por exemplo, para evitar que frações engajem alvos além do seu alcance útil, para estabelecer gatilhos para o engajamento de alvos ou até mesmo para auxiliar na determinação da extensão de uma Z Aç.

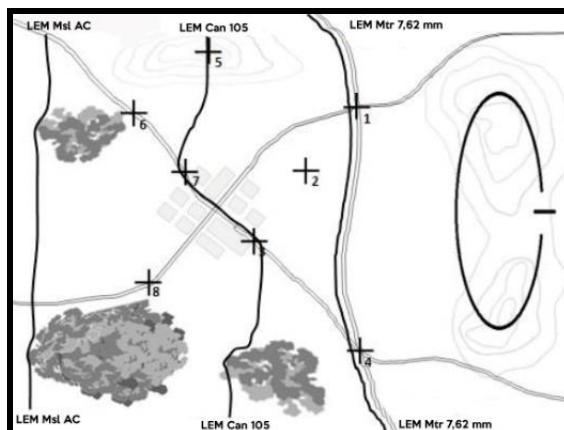


Fig 10-8 – Exemplos de LEM de diferentes sistemas de armas

10.2.6.8.8 Linha de proteção final (LPF):
a) é a linha estabelecida que indica a posição no terreno a partir da qual o inimigo está ao alcance de todos os armamentos à disposição. É, normalmente, utilizada em Op Def, sendo reforçada pelo emprego de obstáculos de proteção; e

b) a ultrapassagem desta linha pelo inimigo é o indicativo para que os elementos em 1º escalão executem os fogos de proteção final. Nesse caso, é empregado o máximo volume de fogos para repelir o assalto inimigo, uma tarefa particularmente apta a ser executada por metralhadoras e outras armas automáticas.

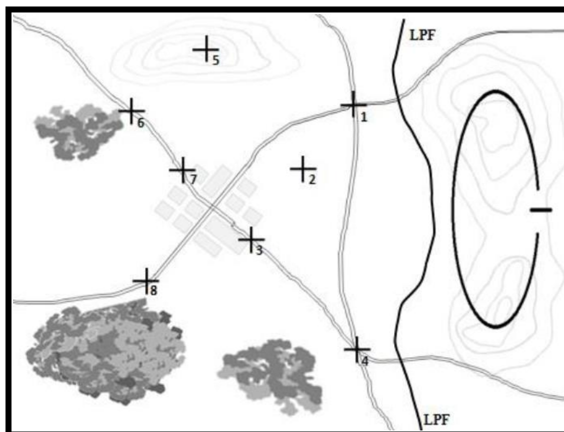


Fig 10-9 – Exemplo de LPF

10.2.6.8.9 Linha de restrição de fogos (LRF):

a) é a linha a partir da qual o engajamento é proibido sem coordenação. Na ofensiva, o Cmt FT SU Bld pode definir a LRF para prevenir que o elemento em base de fogos atire na área dos elementos que estão manobrando no escalão de assalto; e

b) essa técnica é particularmente importante quando viaturas blindadas apoiam a manobra de tropas a pé. Na defensiva, o Cmt pode estabelecer a LRF para prevenir o engajamento de elementos amigos interpostos entre a posição da FT SU Bld e a Pos Ini.

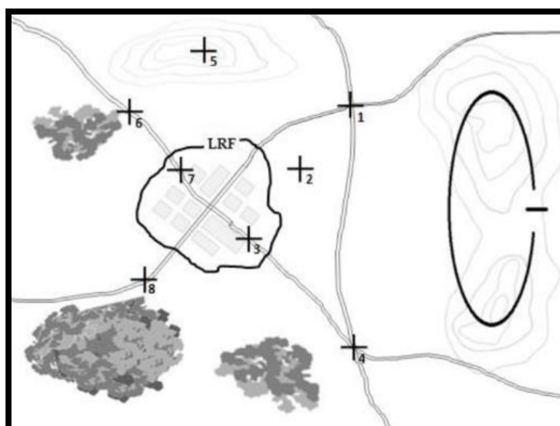


Fig 10-10 – Exemplo de LRF

10.2.6.9 Medidas de Coordenação de Fogos Baseadas na Ameaça

10.2.6.9.1 Regras de engajamento (RE):
a) abordam as circunstâncias e limitações para emprego da FT SU Bld, determinando o tratamento que deve ser despendido a elementos combatentes e não combatentes. Os seguintes fatores influenciam na sua definição: as ordens do mais alto escalão enquadrante, a missão, a intenção do comandante, o ambiente operacional e as leis da guerra. Nesse viés, convém mencionar que as RE sempre reconhecem o direito de autodefesa de um soldado e definem claramente as circunstâncias em que a força é autorizada e a medida com que deve ser empregada (proporcionalidade); e
b) por exemplo, durante uma missão de cerco a uma localidade, o Cmt FT SU Bld, em observância às ordens recebidas do Esc Sp, pode estabelecer prescrição para abertura de fogo restrito para o armamento principal de seus CC, atendendo ao princípio da proporcionalidade.

10.2.6.9.2 Situação de base:
a) é uma medida de coordenação de fogos empregada, normalmente, pelas tropas de infantaria que determinam a munição e a distância de enfrentamento para cada armamento, individual e coletivo, de sua dotação. É um meio pelo qual os comandantes, após estudo de situação, especificam a munição e a distância mais provável em que cada armamento engajará o inimigo, a fim de antecipar a sua preparação;
b) a seleção de munição depende do tipo de alvo, mas o comandante pode ajustá-la com base nas prioridades de engajamento, efeitos desejados e alcance útil dos armamentos. A seleção da distância de enfrentamento depende da posição em que será possível estabelecer contato e engajar o inimigo, buscando, dentro das possibilidades e limitações de cada armamento, fazê-lo à maior distância possível. Cabe ressaltar que esta irá variar conforme a visibilidade do terreno, o clima e as condições de luz;
c) na FT SU Bld, a situação de base influencia nos tipos e nas quantidades de munições carregadas nos armamentos, armazenadas nos cofres de munição, cintas de primeira intervenção e carregadores sobressalentes. Além disso, influencia nas quantidades conduzidas pela turma de suprimento para remuniciamento. Assim sendo, as seguintes considerações se aplicam:
- os CC definem sua situação de base por meio dos tipos e das quantidades de munições empaioladas na viatura blindada e, mais especificamente, pela composição da cinta de primeira intervenção; e
- as VBC Fuz definem sua situação de base por meio dos tipos e das quantidades de munições transportadas nos cofres de munição e, mais especificamente, daquelas dispostas nas fitas de munição carregadas no armamento; e

d) exemplos de situação de base:

- cabo atirador de metralhadora leve, que tem em seu setor de responsabilidade uma VA para tropa não embarcada, pode amarrar o seu tiro, possibilitando engajar o inimigo quando estabelecer contato a uma determinada distância com velocidade e maior expectativa de impacto;
- o fuzileiro pode receber, em seu setor de responsabilidade, além de uma região de possível presença de tropa não embarcada, uma possível VA de blindados. Nesse caso, pode receber a ordem para portar o Can AC SR, enquanto o seu fuzil permanece em bandoleira; e
- o fuzileiro com a missão de neutralizar ameaças de natureza blindada deve conduzir consigo granadas de bocal anticarro.

10.2.6.9.3 Regime de segurança do armamento:

a) permite aos Cmt FT SU Bld controlarem a segurança das armas de sua fração com precisão. A supervisão dos comandantes de pequenas frações da conduta de seus subordinados em relação à segurança com o armamento, bem como a sua execução por parte da tropa, minimiza o risco de disparo acidental e fratricídio. Os regimes são: armamento carregado, armamento travado, armamento preparado e armamento limpo;

b) ao definir e ajustar o regime de segurança, o Cmt FT SU Bld deve ponderar o desejo de evitar disparos acidentais e o fratricídio com a necessidade de pronta intervenção diante de ameaça inimiga; e

c) se a probabilidade de contato com o inimigo for iminente, o Cmt FT SU Bld pode estabelecer o regime de segurança de armamento carregado. Se a possibilidade de contato for remoto, ele reduz o regime para armamento travado ou preparado. Além disso, o Cmt FT SU Bld pode designar regimes de segurança diferentes para cada fração ou armamento de sua FT. Por exemplo: na P Atq, os Pel CC podem adotar o regime de armamento carregado, enquanto os Pel Fuz Bld adotam o regime de armamento carregado para o armamento principal das VBC Fuz e os integrantes dos GC, que nessa situação estariam embarcados nas VBC Fuz, poderiam permanecer no regime travado.

Regime de Segurança	Armt e Mun dos CC	Armt e Mun das VBC Fuz	Armt e Mun dos GC
Carregado	- Armt Pcp carregado. - Armt secundários (Mtr Coax e AAe) alimentados (com fitas municiadas inseridas e caixa da culatra fechada), carregados (com munição na câmara), com o conjunto à retaguarda (arma	- Mtr AAe pronta para o disparo, alimantada e carregada, com o conjunto à frente (necessidade de ação apenas sobre o gatilho para disparar o Armt).	- Fuzis carregados e travados. - Mtr L alimentadas com conjunto à retaguarda (arma aberta) e o registro de segurança na posição “S”.

Carregado	aberta) e o registro de segurança na posição “S”. - Gr de fumígeno nos lançadores. - Can “pronto” para disparo (auxiliar do atirador).		- Lançador de Gr (SFC) carregado e travado.
Travado	- Armt Pcp carregado. - Armt Sec alimentados, porém com o conjunto à frente (arma fechada). -Gr fumígena nos lançadores. - Can “não pronto“ para o disparo.	- Mtr AAe alimentada e com o conjunto à retaguarda (necessidade de ação sobre o retém do ferrolho para realizar o carregamento).	- Fz alimentados (com o carregador municiado, porém sem a munição na câmara). - Mtr L alimentadas, porém com o conjunto à frente (arma fechada). - L de Gr (SCF) descarregado.
Preparado	- Mun do Armt Pcp na cinta de 1ª intervenção com cunha aberta. Tubo livre. - Armt Sec com o conjunto à frente e tampa da caixa da culatra aberta, porém com os cofres de munição plenos e prontos para o emprego. - Gr fumígena nos lançadores.	- Mtr AAe com a tampa da caixa da cultra aberta e o conjunto à frente, porém com os cofres de munição plenos e prontos para emprego.	- Carregadores, fitas e cofres de munição plenos. - Granadas de bocal e de mão com grampos (pinos) de segurança e armazenadas no fardo de combate (local de fácil acesso). - Granadas dos lançadores (SFC) no fardo de combate.
Limpo	- Armt Pcp com a cunha fechada e tubo livre. - Armt Sec com o conjunto à frente e tampa da caixa da culatra fechada. - Gr fumígena descarregadas.	- Mrt AAe com a tampa da caixa da culatra fechada e o conjunto à frente.	- Carregadores, fitas, cofres de munição e Gr dos lançadores (SFC) removidos.

Quadro 10-2 – Regimes de Segurança

10.2.6.9.4 Prescrição para abertura de fogo:
a) os níveis de disciplina de fogo descrevem as condições, com base em critérios de identificação de alvos, sob as quais elementos amigos podem se envolver. O Cmt FT SU Bld define e ajusta a prescrição de fogo com base nos dispositivos, amigos e inimigos, e do estudo de situação. De modo geral, quanto maior a probabilidade de fratricídio mais restritiva é a prescrição de fogo;
b) os três níveis, em ordem decrescente de restrição, são:
- fogo proibido – engajar apenas com ordem do escalão que impôs a restrição;
- fogo restrito – engajar somente após ter realizado a identificação positiva de alvos e ter obtido autorização do escalão que impôs a restrição; e
- fogo livre – engajar somente após realizar a identificação positiva de alvos;
c) como exemplo, o Cmt FT SU Bld pode estabelecer a prescrição de fogo proibido quando realizar ultrapassagem por linhas amigas. No entanto, em outros locais, após realizar estudo detalhado da manobra, do inimigo e das forças amigas adjacentes, pode reduzir a prescrição de fogo. Nesse caso, é possível definir como fogo livre quando souber que não há elementos amigos nas proximidades. Isso permite que seus elementos atinjam alvos no menor tempo possível; e
d) outra consideração é que a prescrição de fogo pode ser fator decisivo contra forças que usam sistemas de identificação de combate, uma vez que agravam a necessidade de agilidade no processo de engajamento. Nesses casos, pode-se estabelecer o fogo livre, permitindo que os comandantes atinjam alvos após identificação positiva do alvo.

10.2.6.9.5 Prioridade de engajamento:
a) o estabelecimento dessa medida pode seguir uma ou mais das funções:
- priorizar alvos compensadores – de acordo com o conceito da operação, o Cmt FT SU Bld determina quais tipos de alvo são mais compensadores. Por exemplo, ele pode priorizar destruir uma fração de engenheiros inimigos, pois é a melhor maneira de impedir que o inimigo ultrapasse obstáculos;
- empregar a destinação correta do armamento para cada alvo – ao estabelecer prioridades de engajamento, aumenta-se a eficácia com a qual as frações empregam suas armas. Como exemplo, a prioridade de engajamento dos Pel CC são os CC inimigos e, na sequência, as VBTP. Isso diminuiria, no caso do emprego CC-Fuzileiro, a chance da tropa de fuzileiros se envolver com carros de combate e blindados inimigos; e
- distribuir os fogos da SU – estabelecer prioridades de engajamento para cada fração que integre a FT SU Bld evita o *Overkill* e possibilita uma distribuição eficaz de fogos. Por exemplo, o Cmt FT SU Bld pode designar os CC inimigos como a prioridade inicial para um Pel CC, enquanto faz com que as VBTP inimigas sejam a prioridade para outro pelotão. Isso diminui as chances dos Pel engajarem apenas os CC inimigos, ignorando os perigos representados pelas VBC Fuz/VBTP.

10.2.6.9.6 Gatilhos:
a) é o conjunto específico de condições que determinam o início dos fogos. Geralmente chamado de critério de engajamento, um gatilho especifica as circunstâncias nas quais os elementos subordinados devem se engajar; e
b) as circunstâncias podem ser baseadas em um evento amigo ou inimigo. Por exemplo, o gatilho para um pelotão iniciar o engajamento pode ser três ou mais CC inimigos passando ou cruzando determinado ponto ou linha. Essa linha pode ser algo natural ou artificial, como uma estrada, uma linha de crista ou um curso de água. Deve-se buscar uma linha perpendicular à orientação da FT, demarcada por um ou mais pontos de referência.

10.2.6.9.7 Técnicas de engajamento (execução do fogo) – são medidas de distribuição de fogos orientadas a cada circunstância. As técnicas de engajamento mais comuns nas operações da FT SU Bld são:
a) tiro convergente;
b) tiro de zona;
c) tiro simultâneo;
d) tiro alternado;
e) tiro observado;
f) tiro sequencial; e
g) reconhecimento pelo fogo.

10.2.6.9.8 Tiro convergente – concentrar os efeitos do fogo de uma fração contra alvo específico e identificado, como blindado, metralhadora em uma casamata ou posição de armas AC. Quando os Cmt designam um ponto específico, todas as armas engajam o alvo, disparando até que este seja destruído ou o tempo necessário de supressão tenha expirado. Empregar fogos convergentes de posições afastadas tornam os fogos mais eficazes, pois o alvo é engajado por várias direções. A fração deve iniciar o engajamento contra a ameaça mais perigosa e depois reverter para fogo de zona contra outros alvos menos perigosos.

10.2.6.9.9 Tiro de zona – envolve a distribuição dos fogos de uma fração sobre área na qual as Pos Ini são numerosas. Se a área for grande, os comandantes atribuem setores de tiros aos elementos subordinados usando método de distribuição baseado no terreno, como a técnica de quadrante. Normalmente, o objetivo principal no tiro de zona é o volume de fogos. No entanto, sustentar essa técnica requer criterioso controle do consumo de munição.

10.2.6.9.10 Tiro simultâneo – as tropas empregam fogo simultâneo para obter rapidamente os efeitos de seus fogos ou para obter superioridade de fogos. Por exemplo, uma fração deve iniciar um apoio com fogo simultâneo e depois reverter para fogo alternado ou sequencial para manter o volume de fogos. O fogo simultâneo é empregado para suprimir a baixa probabilidade de acerto e destruição das armas AC. Como exemplo, um pelotão de infantaria blindada deve empregar fogo simultâneo com seus sistemas de armas para garantir a

destruição rápida de uma tropa inimiga que está ocupando uma área de interesse.

10.2.6.9.11 Tiro alternado – pares de elementos engajam, um de cada vez, continuamente, o mesmo ponto ou área. Por exemplo, uma SU pode alternar fogos de dois Pel; um Pel CC pode alternar os fogos de suas seções; ou um Pel Fuz Bld pode alternar entre suas metralhadoras. O tiro alternado permite um volume de fogos mais longo do que uma rajada e força o inimigo a se engajar em diversos pontos.

10.2.6.9.12 Tiro observado – geralmente, é usado quando a FT SU Bld está em posições cobertas com faixas de engajamento acima de 2500 metros ou então o inimigo apresenta fraca ameaça. Ele pode ser empregado entre elementos da FT. Um Pel CC observa enquanto o outro pelotão atira ou pode ser realizado entre seções de um Pel. O Cmt Pel determina um CC ou seção para engajar o inimigo. Os CC, ou seções restantes, observam os impactos e preparam-se para engajar o mesmo alvo, caso a fração que realizou os disparos não acerte os alvos ou tenha pouca munição. O tiro observado permite observação e apoio mútuo, protegendo o local de monitoramento.

10.2.6.9.13 Tiro sequencial – envolve os elementos subordinados de uma fração que engaja o mesmo ponto ou área, um após o outro em uma sequência organizada. Por exemplo, um Pel Fuz Bld pode sequenciar os fogos de suas quatro VBC Fuz (VBTP) para obter constância no volume de fogos, mantendo os disparos por maior tempo. O fogo sequencial pode ajudar a evitar o desperdício de munição, como, por exemplo, um Pel CC espera para ver os efeitos do primeiro tiro antes de disparar outro.

10.2.6.9.14 Reconhecimento pelo fogo – é uma técnica na qual uma fração dispara em uma provável posição do inimigo com finalidade de revelá-lo, pela sua movimentação no terreno ou sua reação pelo fogo. Essa resposta permite que o Cmt FT SU Bld faça a aquisição dos alvos e atire contra o inimigo. Normalmente, o comandante determina um elemento subordinado para conduzir o reconhecimento pelo fogo. Como exemplo, ele pode designar um pelotão para conduzir o reconhecimento pelo fogo e outro para iniciar o ataque, caso seja necessário.

10.2.6.9.15 Direção dos fogos:
a) é uma medida baseada na ameaça para distribuir os fogos de uma fração entre vários alvos semelhantes. Os Pel usam determinado padrão de acordo com a formação inimiga. Os comandantes determinam e ajustam os fogos com base no terreno e na formação do inimigo. As direções são as seguintes: tiro frontal, tiro cruzado e tiro em profundidade:
- tiro frontal – os Cmt FT SU Bld podem iniciar o fogo frontal quando os alvos são posicionados na frente da fração e estão em linha. Nesse modo, cada elemento engaja o alvo em sua respectiva frente. Por exemplo, um CC mais à

esquerda impacta a viatura mais à esquerda e o CC mais à direita o alvo mais à direita. À medida em que os alvos são destruídos, os CC migram seus tiros para o centro da formação inimiga e do mais perto para o mais afastado;

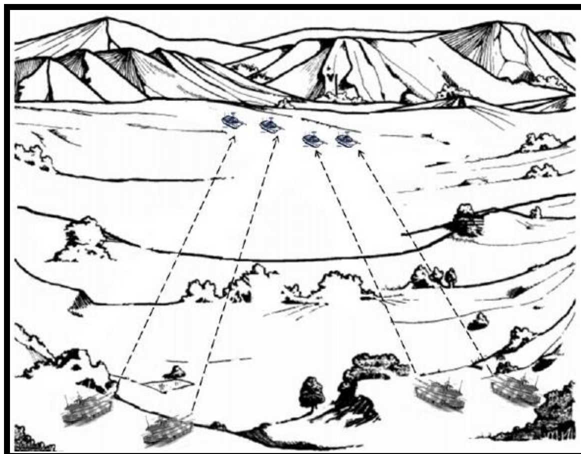


Fig 10-11 – Tiro Frontal

- tiro cruzado – quando os alvos são dispostos em linha, de modo que permita disparos diagonais no flanco do inimigo, ou quando obstáculos impedem que as frações disparem frontalmente. As frações do flanco direito disparam nos alvos mais à esquerda e as frações do flanco esquerdo disparam nos alvos mais à direita. Disparar diagonalmente fornece mais tiros no flanco, aumentando a chance de causar baixas e reduzindo a possibilidade de detecção do inimigo, caso este continue avançando. À medida em que a tropa aliada destrói os inimigos, as frações disparam em direção ao centro da formação inimiga; e

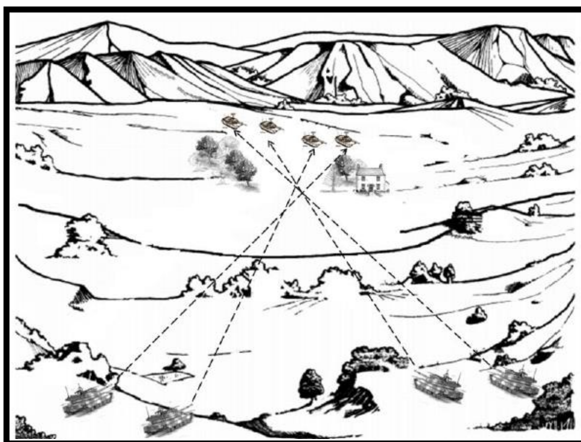


Fig 10-12 – Tiro Cruzado

- tiro em profundidade – quando os alvos inimigos se dispersam em profundidade, ou seja, direção perpendicular à FT SU Bld. A fração distribui os fogos conforme NGA, de forma a eliminar todas as ameaças. À medida em que a tropa aliada destrói os inimigos, as frações migram o tiro para o centro da formação inimiga.

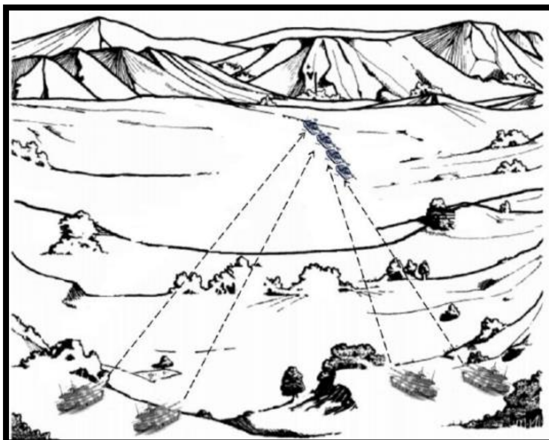


Fig 10-13 – Tiro em Profundidade

10.2.6.9.16 A natureza do inimigo permite ao Cmt FT SU Bld distribuir os fogos quando o inimigo está concentrado e não há muitos pontos nítidos no terreno. Nessa medida, é necessário sobrepor um padrão de quadrante na formação inimiga. Essa medida de coordenação de fogos é eficaz contra um inimigo com organização bem estruturada e doutrina padronizada. No entanto, pode ser menos eficaz contra um inimigo que apresenta poucas formações organizadas ou não segue as táticas prescritas. Os Cmt FT SU Bld descrevem os quadrantes usando os locais relativos dos quadrantes.

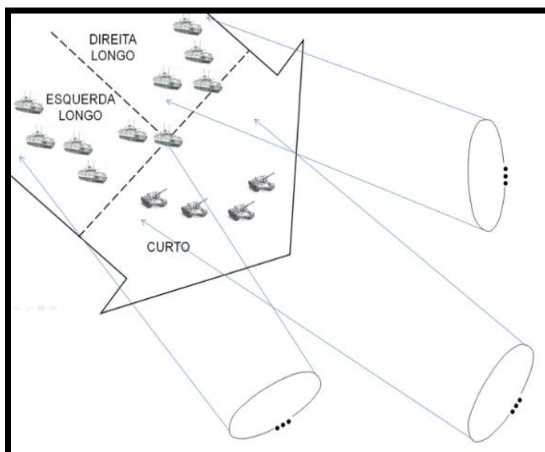


Fig 10-14 – Tiro de acordo com o dispositivo inimigo

10.2.7 NORMAS GERAIS DE AÇÃO (NGA)

10.2.7.1 O ensaio de NGA da execução dos fogos diretos proporciona rápida reação dos elementos subordinados frente às ameaças apresentadas. Os Cmt FT SU Bld devem confeccionar as NGA de fogos diretos, de acordo com as capacidades de sua força.

10.2.7.2 Se o Cmt FT SU Bld não emitir nenhuma ordem diante de uma situação não planejada, a SU inicia o engajamento empregando as NGA estabelecidas. Todavia, com o desenvolvimento das ações, o comandante pode emitir comandos para reorientar ou redistribuir os fogos. Na sequência, são abordadas algumas NGA específicas para concentrar, distribuir e orientar os fogos e prevenir o fratricídio.

10.2.7.3 Concentração de Fogos

10.2.7.3.1 O emprego de PRA, normalmente, visa a concentrar os fogos de uma fração. Assim, o Cmt FT SU Bld pode estabelecer uma distribuição padrão desses pontos para seus elementos subordinados. Por exemplo, o 1º Pel Fuz Bld pode empregar a numeração de 1 a 9 para designar os seus PRA, o 1º Pel CC de 10 a 19 e o 2º Pel CC de 20 a 29. Aliado à distribuição das áreas de responsabilidade de cada fração, é possível comunicar e identificar rapidamente a localização de um PRA, permitindo a concentração de fogos da fração.

10.2.7.4 Distribuição de Fogos

10.2.7.4.1 Normalmente, são empregados dois métodos para distribuir os fogos da SU, podendo ser pela prioridade de engajamento ou então pela natureza do inimigo.

10.2.7.4.2 A prioridade de engajamento é feita de acordo com o estudo da ameaça, que determina qual alvo deve ser engajado primeiramente. Para visualizar esse método, imaginemos uma força oponente composta por CC e VBTP, quando essas ameaças surgirem conjuntamente, todas as frações amigas engajarão os CC inimigos.

10.2.7.4.3 A distribuição de alvos, de acordo com a natureza do inimigo, permite que cada pelotão engaje uma fração específica inimiga. Como exemplo, o Pel Fuz Bld combate a tropa de fuzileiros inimigo e o Pel CC enfrenta os CC e posições de mísseis do inimigo.

10.2.7.5 Orientação dos Fogos

10.2.7.5.1 Como já exposto, o PRA é uma forma eficiente de direcionar os fogos de uma fração para determinado ponto. Adicionalmente, a força pode utilizar setores de tiro ou quadrantes amigos.

10.2.7.5.2 O exemplo a seguir, expõe a NGA da distribuição dos fogos de uma FT SU Bld, composta por dois Pel CC e um Pel Fuz Bld, que ocupa uma posição para monitorar compartimento do terreno. Sendo assim, e considerando que a distribuição de PRA é feita na ordem crescente da esquerda para a direita, temos o seguinte:
a) o Pel Fuz Bld, que ocupa a posição central, fica responsável pela direção de tiro central, balizada pelo PRA 6 até o 12 (centro do dispositivo);
b) um Pel CC, que ocupa a posição mais à esquerda do dispositivo, fica responsável pela direção de tiro da esquerda, balizada pelo PRA 1 até o 8 (frente esquerda do dispositivo), cabendo destacar a necessidade de sobreposição de setores; e
c) um Pel CC, que ocupa a posição mais à direita do dispositivo, fica responsável pela direção de tiro da direita, balizada pelo PRA 10 até o 18 (frente direita do dispositivo).

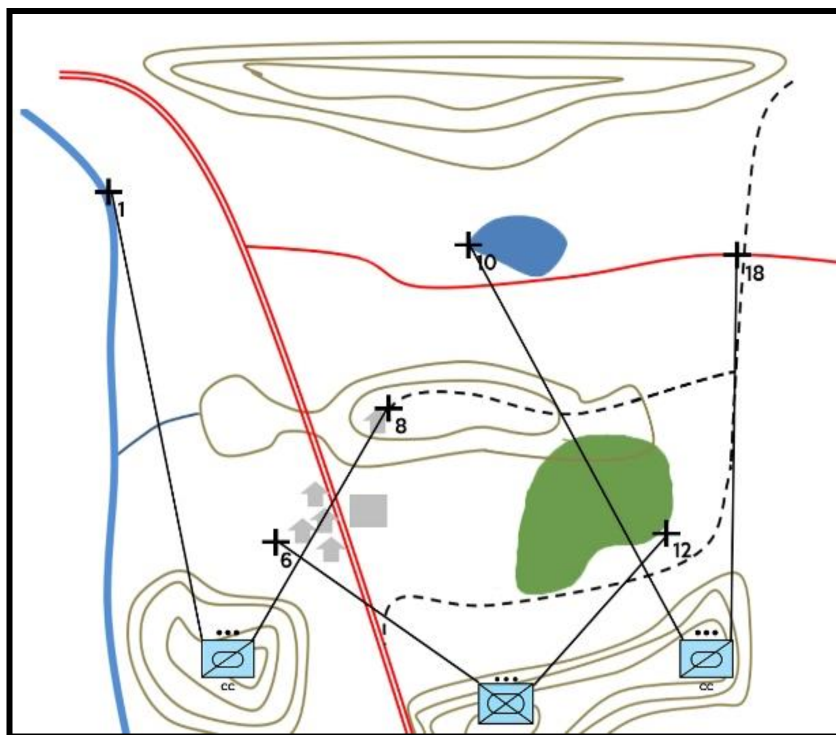


Fig 10-15 – Orientação dos fogos

10.2.7.6 Prevenção do Fratricídio

10.2.7.6.1 Uma ação primordial para evitar o fratricídio é determinar o regime de fogo proibido para todos os atiradores, sendo necessária a dupla identificação positiva do alvo. Em outros termos, o atirador de qualquer armamento somente realiza o disparo após seu comandante identificar o alvo como sendo inimigo. Para isso, a identificação de blindados e a assinatura térmica das ameaças são fundamentais. Suplementarmente, podem ser utilizadas faixas ou adesivos térmicos nas tropas desembarcadas, fontes de luz infravermelha, granadas de fumaça com cores padronizadas e o gerenciador de campo de batalha, se disponível.

10.2.7.6.2 Se a NGA determinar o regime de fogo proibido para o atirador, o risco de fratricídio é minimizado. Além disso, tem como consequência a necessidade de consciência situacional do comandante da fração, proporcionando a identificação e localização da exposição da ameaça.

10.2.8 COMANDOS DE TIRO

10.2.8.1 Comandos de tiro são ordens verbais emitidas pelos distintos Cmt FT SU Bld para concentrar e distribuir, conforme necessário, os fogos de sua respectiva fração, impondo sua potência de fogo sobre o inimigo. A adoção de um formato padrão de ordem de tiro possibilita que os comandantes articulem rápida e concisamente a missão.

10.2.8.2 Os comandos devem seguir a seguinte sequência:
a) alerta;
b) armamento e munição (opcional);
c) descrição do alvo;
d) direção ou elevação;
e) distância (opcional);
f) método;
g) controle (opcional); e
h) execução.

Sequência	Descrição	Comando
Alerta	Especifica quem engajará a ameaça. Tendo em vista a adoção das NGA, essa identificação deverá ser padronizada e abreviada.	CENTAURO ATENÇÃO!
Armamento e munição (SFC)	Descreve qual o sistema de armas e qual a munição será empregada pelo elemento alertado. Essa ordem pode ser emitida visando a limitar o consumo de munição.	HEAT
Descrição do alvo	Designa o que será engajado, ou seja, quais elementos inimigos serão alvejados. Essa ordem auxilia na concentração e distribuição de fogos.	- Quatro CC. - Dois blindados e abrigos com armas automáticas.
Direção ou elevação	É a precisa loalização do alvo a ser engajado. O Cmt FT SU Bld designará a direção geral de acordo com uma das medidas de coordenação adotadas. Cabe destacar que, em ambiente urbano e terrenos restritos, cresce de importância o detalhamento na designação.	PRA 17
Distância (SFC)	Essa designação será utilizada apenas para as frações que não possuem telêmetros, necessitando incluir a distância manualmente no armamento ou, então, utilizam munições teleguiadas, como, por exemplo, os mísseis filoguiados ou guiados por laser.	1800 metros
Método	Determina como serão distribuídos os fogos. Na emissão da ordem para um tiro da FT SU Bld ou Pel, o Cmt especificará como serão engajadas as distintas ameaças apresentadas.	-FALCÃO engaja CC. - FERRO, VBCI. - COBRA, tocas.
Controle (SFC)	Possibilita gerenciar detalhadamente a execução. Assim, permite gerenciar a quantidade de munição empregada por fração, a exposição das forças amigas ou, até mesmo, reforçar as regras de engajamento. Esse controle pode ser materializado, por exemplo, pela determinação de apenas iniciar o combate após ultrapassar determinado ponto. Algumas técnicas de engajamento podem ser empregadas para controlar os fogos, como, por exemplo, distinguir se o fogo será simultâneo, alternado, sequencial ou observado.	FOGO SIMULTÂNEO
Execução	É a especificação de quando os fogos serão executados. Pode incluir a execução imediata, delegação de responsabilidade ou predeterminação para execução.	QUANDO PRONTO, FOGO!!!

Quadro 10-3 – Comando de Tiro

10.3 APOIO DE FOGO DO ESCALÃO SUPERIOR

10.3.1 A FT SU Bld pode receber, em apoio direto ou reforço, meios de apoio de fogo da FT Bld nível U, seu comando enquadrante.

10.3.2 O Pel Mrt P, integrante da SU C Ap da FT U Bld, é empregado, normalmente, centralizado, em ação de conjunto à FT U, podendo, em determinadas situações, atuar em apoio direto ou, excepcionalmente, em reforço às SU.



Fig 10-16 – Tiro de Morteiro Pesado

10.3.3 O Pel AC/FT BIB e a Seç AC/FT RCC e RCB são empregados, normalmente, sob controle do Cmt FT U. As Seç/Pel AC podem, também, ser empregadas em apoio direto ou reforço às FT SU Bld.

10.3.4 A FT SU Bld pode, ainda, contar com os fogos de artilharia da Brigada enquadrante, planejados em sua Z Aç. Quando isso ocorrer, deve contar com apoio de um OA para assessorar na integração desses fogos ao plano de fogos da FT SU Bld, além de auxiliar a desencadear e conduzir tais fogos.

10.4 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS

10.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.4.1.1 O planejamento dos fogos nas unidades de manobra tem por base o plano de apoio de fogo da brigada e as diretrizes de fogos estabelecidas pelo

Cmt Bda, sendo que a função de coordenador de apoio de fogo cabe ao oficial de ligação da Artilharia.

10.4.1.2 Na FT SU Bld, o seu próprio comandante é o coordenador de apoio de fogo (CAF), sendo encarregado de planejar e coordenar os fogos disponíveis.

10.4.1.3 O pessoal envolvido na coordenação e emprego de apoio de fogo na SU pode incluir, ainda: o S Cmt FT SU Bld, OA Art, OA Mrt P, Cmt Pel Ap (FT SU Fuz Bld) e os comandantes de frações que prestam apoio de fogo em reforço/apoio direto à FT SU Fuz Bld.

10.4.1.4 A FT U estabelece um centro de coordenação de apoio de fogo (CCAF), no qual os representantes de todos os meios de apoio da unidade realizam a coordenação de fogos sobre alvos terrestres, solicitam apoio aos órgãos dos escalões superiores, asseguram a rápida tramitação dos pedidos de fogo imediato e elaboram o PAF FT U, fruto da conjugação do plano de fogos de artilharia (PFA), do plano de fogos de morteiro e demais planos.

10.4.2 PLANEJAMENTO DE FOGOS

10.4.2.1 O planejamento de fogos deve ser baseado nas diretrizes de fogos emitidas pelo Esc Sp. Considera-se a realização de concentrações sobre os alvos, o desencadeamento simultâneo de fogos sobre mais de um alvo e a possibilidade de modificações nos planos, de acordo com a evolução da situação.

10.4.2.2 A coordenação efetiva do planejamento de fogos envolve considerações operacionais, táticas, técnicas e procedimentais, além do contínuo exercício de comando e controle. Procedimentos de coordenação devem ser claros, flexíveis e de fácil disseminação e compreensão pelas forças envolvidas.

10.4.2.3 Durante o estudo de situação, o Cmt tático e seu CAF elaboram as tarefas essenciais de apoio de fogo (TEAF), caracterizadas como as ações imprescindíveis a serem realizadas pelos meios de apoio de fogo, para permitir o cumprimento da missão do escalão considerado. Pode haver mais de uma TEAF por fase da manobra, assim como pode não haver nenhuma. O modelo desse documento pode ser encontrado no anexo “O” do MC Planejamento e Coordenação de Fogos.

10.4.2.4 Deve-se observar que alguns alvos precisam ser buscados e engajados com êxito para o sucesso da missão da força amiga. Esses alvos, conhecidos como alvos altamente compensadores (AAC), são elaborados pelo Esc Sp e constam nas diretrizes de fogos.

10.4.2.5 A lista de alvos sensíveis, restritos e proibidos, emanada pelo escalão superior, estabelece restrições ao engajamento de certos tipos de alvos ou de alvos específicos, servindo como parâmetro limitador ao Cmt FT SU Bld em seu planejamento.

10.4.2.6 O planejamento encerra-se com a confecção do PAF, elaborado no nível brigada e superiores e distribuído, posteriormente, aos escalões subordinados. O PAF é o documento elaborado pelo CAF onde consta a coordenação e a integração dos fogos com a manobra.

10.4.2.7 O processo de planejamento de fogos tem as seguintes características:
a) simultâneo – executado em todos os escalões ao mesmo tempo;
b) concorrente – as necessidades de fogos que ultrapassem a capacidade das armas orgânicas são enviadas ao Esc Sp. Este, por sua vez, consolida e integra essas necessidades em seu próprio plano;
c) detalhado – ficando, porém, condicionado à disponibilidade de tempo para o planejamento e preparação dos fogos; e
d) coordenado e unificado – o PAF é unificado para garantir o emprego de todo o apoio de fogo disponível, sendo coordenado com os planos dos Esc Sp e subordinado com o plano das diversas armas disponíveis, com o plano de manobra e com os diversos planos complementares.

10.4.2.8 O Cmt FT U Bld, normalmente, distribui convenientemente às FT SU Bld as barragens do armamento orgânico e aquelas recebidas do escalão superior. Ressalta-se que o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC), orgânico da Bda Bld, tem capacidade de uma barragem de grupo ou de quatro barragens de SU, que ficam centralizadas com o Cmt Bda. Cabe ao Cmt FT SU Bld localizar no terreno possíveis alvos de interdição, com as devidas características e dimensões, para solicitar fogos de barragem, considerando:
a) as VA que devem ser barradas – VA favoráveis à FT U Bld devem ser batidas por artilharia, ao passo que os morteiros devem barrar VA favoráveis à infantaria;
b) a localização de seus elementos mais avançados – a distância de segurança para as tropas orgânicas ou amigas varia segundo o tipo de armamento, de 200 m a 1.000 m, sendo que a maior distância deve ser usada para a execução do tiro de artilharia;
c) a necessidade de complementar essas barragens com as barragens do armamento orgânico da FT SU Bld; e
d) a necessidade de coordenação com as linhas de proteção final das metralhadoras.

10.4.2.9 Para a previsão de concentrações considera-se a prioridade:
a) Pos Ini conhecidas;
b) Pos Ini suspeitas; e

c) acidentes no terreno, tais como prováveis áreas de reunião, terreno favorável à localização de armas, obstáculos, pontos de referência para condução de fogos *etc*.

10.4.2.10 Sequência do Planejamento

10.4.2.10.1 Inicialmente, o Cmt FT SU Bld, assessorado pelo Cmt Pel Ap (se em apoio), OA Art e pelo OA Mrt P, levanta as concentrações e barragens necessárias à manobra, atentando para que não ocorram duplicações desnecessárias e que sejam solicitadas concentrações apropriadas à artilharia e aos morteiros, segundo suas características.

10.4.2.10.2 Caso haja o levantamento de um mesmo alvo para a artilharia e para os morteiros (pesados ou médios), o Cmt FT SU Bld deve conservar a solicitação para apenas um meio de apoio de fogo que, em tese, deve ser o do menor escalão capaz de prover o fogo necessário. Exemplificando, se um mesmo alvo foi levantado para o morteiro pesado (Mrt P) e para o morteiro médio (Mrt Me), o Cmt FT SU Bld deve optar por bater o alvo com o Mrt Me, desde que este tenha condições técnicas e se houver disponibilidade de munição. Se houver duplicação entre alvos levantados pelo o OA Art e OA Mrt P, o alvo pode ser conservado para o Pel Mrt P, desde que observadas as mesmas condições já citadas.

10.4.2.10.3 O Cmt FT SU Bld encaminha uma lista de alvos de artilharia para o CCAF/FT U e uma lista de alvos de morteiro para a central de tiro do Pel Mrt P. Os alvos dessas listas têm numeração própria da SU, diferente das NGA para designação de alvos.

10.4.2.10.4 O Cmt Pel Ap, depois de realizada a coordenação na FT SU Bld, tem condições de consolidar o levantamento inicial dos alvos que serão engajados por seu pelotão. Ele deve, então, finalizar os trabalhos de obtenção de dados iniciais de tiro para essas concentrações e barragens, assim como, concluir o planejamento do emprego do Pel Ap. O Cmt Pel Ap deve, também, ficar em condições de bater os alvos solicitados ao Pel Mrt P e à Artilharia que, porventura, não sejam atendidos.

10.4.2.10.5 Depois das coordenações entre os planos provisórios de fogos de Art e de Mrt P, realizadas no CCAF/FT U, é remetido à central de tiro do GAC o plano provisório de apoio de artilharia (PPAA) da FT U.

10.4.2.10.6 Após os trabalhos no CCAF/Bda, a FT U recebe o plano de fogos de artilharia (PFA). A FT U passa, então, às coordenações finais para elaborar e remeter às SU o PAF/FT U e seus apêndices (plano de fogos de artilharia, plano de fogos de morteiro pesado, plano de fogos de metralhadoras e plano de DAC, por exemplo).

10.4.2.10.7 De posse do PAF/FT U, ou de seu extrato, o Cmt FT SU Bld verifica quais são as concentrações e barragens localizadas na sua Z Aç e levanta quais os alvos assinalados anteriormente nas suas listas de alvos, mas que não serão batidos por nenhum meio de apoio de fogo do Esc Sp.

10.4.2.10.8 Caso o Cmt FT SU Bld julgue importante para a sua manobra a utilização dos alvos suprimidos ou substituídos, ele determina que o Cmt Pel Ap os inclua em seu planejamento para a Seç Mrt Me (verificadas as condições técnicas desse material).

10.4.2.10.9 Uma vez completo o planejamento de fogos, o Cmt FT SU Bld lança os alvos de interesse de sua manobra na matriz de sincronização ou matriz de execução e carta/calco para facilitar a condução do combate.

10.4.2.10.10 Nos casos de situações não previstas em que não haja tempo disponível para o planejamento normal dos fogos de artilharia, como, por exemplo, em um contra-ataque, o Cmt FT SU Bld pode utilizar o plano sumário de apoio de fogo de artilharia (PSAFA), cujos pormenores encontram-se disponíveis no MC Planejamento e Coordenação de Fogos.

10.4.2.10.11 Os modelos de PFM e PFA, bem como outros conceitos relacionados ao planejamento de fogos, podem ser obtidos no MC Planejamento e Coordenação de Fogos.

10.4.3 PEDIDOS DE FOGOS

10.4.3.1 Quando o Cmt FT SU Bld necessitar de fogos para apoiar a manobra dos pelotões, ele pode solicitá-los por meio dos OA Art e Mrt, Cmt Pel Ap ou fazer os pedidos diretamente à FT U.

10.4.3.2 O OA Art pode formular o pedido de tiro de artilharia diretamente à C Tir GAC da brigada enquadrante e realizar a sua ajustagem.

10.4.3.3 O O Lig, no CCAF/FT U, supervisiona a ação dos OA e pode intervir nos seus pedidos, se julgar necessário.

10.4.3.4 Os fogos de Mrt P são solicitados diretamente à C Tir Mrt P e ajustados pelo OA Mrt P designado para a FT SU Bld.

10.4.3.5 Os pedidos de fogos advindos dos OA dos pelotões são acompanhados pelo O Lig do CCAF/FT U e, caso seja necessário, este pode intervir na missão de tiro.

10.4.3.6 Nos casos dos pedidos de fogos solicitados próximos ou fora dos limites da Z Aç da FT SU Bld, deve-se atentar para a coordenação com o O Lig U, antes de prosseguir com o pedido de tiro para a C Tir Art ou Mrt.

10.4.4 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

10.4.4.1 Generalidades

10.4.4.1.1 A coordenação na execução dos fogos visa a obter o melhor rendimento possível dos meios disponíveis, através da integração dos fogos com a manobra. Assim como no planejamento, é um processo contínuo que tem por objetivo a aplicação com segurança do esforço apropriado do apoio de fogo, no momento oportuno, para a obtenção dos efeitos desejados sobre os alvos.

10.4.4.1.2 No nível SU, cabe ao Cmt FT SU Bld integrar os fogos e a manobra, contando, para isso, com o assessoramento do OA Art e OA Mrt P para os fogos indiretos.

10.4.4.1.3 O CAF da FT U Bld é responsável pela coordenação de todos os fogos desencadeados ou originados na Z Aç. Sempre que o apoio de fogo for solicitado, o coordenador deve verificar se a sua execução não afeta a segurança da tropa amiga e interfere na execução de outros fogos ou nas operações de unidades vizinhas. O MC Planejamento e Coordenação de Fogos aborda mais profundamente o assunto.

10.4.4.2 Medidas Permissivas

10.4.4.2.1 As medidas permissivas definem a possibilidade de atirar livremente em área ou faixa delimitada, desde que seja coordenada com antecedência, dividindo-se em:
a) linha de segurança de apoio de artilharia – é uma linha que define o limite curto, além do qual as unidades de artilharia de campanha e os navios de apoio de fogo podem atirar livremente na zona de ação de determinada força, sem necessidade de coordenação com o comando da força que a estabeleceu;
b) linha de coordenação de apoio de fogo – é uma linha além da qual todo o alvo pode ser atacado por qualquer meio de apoio de fogo ou sistema de armas, sem afetar a segurança ou necessidade de coordenação adicional com a força que a estabeleceu;
c) área de fogo livre – é uma linha específica na qual qualquer meio de apoio de fogo pode atuar sem necessidade de coordenação adicional com o comando da força que a estabeleceu; e
d) quadrícula de interdição (QI) – também conhecida como *Kill Box*, é uma área tridimensional utilizada para facilitar a integração do fogo conjunto. Quando estabelecida, o propósito primário da QI é permitir ataques letais contra alvos de superfície, sem necessidade de coordenação posterior com o Cmt que a estabeleceu e sem necessidade de vetoração por parte de um guia aéreo avançado.

10.4.4.3 Medidas Restritivas

10.4.4.3.1 As medidas restritivas estabelecem que os fogos realizados em determinadas áreas ou além de linhas específicas devem ser coordenados com o comando da força ou com um elemento subordinado ao comando da força que as estabeleceu. Elas são as seguintes:

a) linha de restrição de fogos – linha estabelecida entre forças terrestres amigas, além da qual uma das forças não pode atirar sem coordenar com a outra;

b) área de restrição de fogos (ARF) – área dentro da qual o desencadeamento de fogos obedece a determinadas restrições ou critérios, sem as quais haverá necessidade de coordenação com o comando que a estabeleceu; e

c) área de fogo proibido (AFP) – é uma área onde nenhum meio de apoio de fogo pode desencadear fogos, exceto sob a seguinte condição: tropas amigas (localizadas dentro ou fora da AFP), que estejam sendo engajadas por forças inimigas situadas no interior de uma AFP, poderão solicitar fogos em proveito de sua segurança, caso se configure situação crítica em que seja imprescindível intervir pelo fogo.

CAPÍTULO XI

LOGÍSTICA

11.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

11.1.1 No escalão FT SU Bld, considerado o menor escalão com o gerenciamento de atividades logísticas, o gerenciamento dessas atividades é orientado para os objetivos básicos do apoio ao material, apoio ao pessoal e apoio de saúde.

11.1.2 A logística do material e do pessoal deve ser simplificada de forma a liberar ao máximo os elementos de 1º escalão de encargos burocráticos. Essa atividade visa a colocar ou recolocar homens e equipamentos prontos para o combate no mais curto prazo.

11.1.3 Os encargos logísticos, realizados pela FT SU Bld, são coordenados e controlados pelo seu Cmt, tendo o S Cmt e o Enc Mat como seus principais assessores. Nesse contexto, cresce de importância a coordenação das ações logísticas, por meio de ordens verbais, e o controle de pessoal, pela liderança direta das atividades em curso.

11.1.4 A logística de pessoal envolve o Sgte, o Enc Mat, o S Cmt e o Cmt FT SU Bld, além dos elementos da cadeia de comando. A logística de pessoal é dividida em dois ramos:
a) pessoal – refere-se ao controle do pessoal, à distribuição dos recompletamentos, ao controle de baixas, ao moral da tropa e aos serviços em campanha. Nestes, destacam-se a alimentação, o suprimento de água, a realização de banhos, lavanderia e a troca de fardamento; e
b) saúde – diz respeito às medidas sobre o tratamento e a evacuação dos feridos.

11.1.5 A logística do material envolve o Enc Mat, o Fur, o S Cmt SU e Cmt SU. Destacam-se, nesse contexto, as seguintes atividades:
a) suprimento – trata sobre pedidos, recebimentos, estocagem e distribuições às frações das FT SU Bld;
b) manutenção – de todo o material (viaturas, armamento, equipamento de comunicações *etc*.) incluindo o processamento do suprimento de manutenção e a evacuação do material; e
c) transporte – no nível FT SU Bld, é feito com o apoio da unidade enquadrante, sendo que pequenas cargas, principalmente suprimentos, podem ser transportados pelas viaturas da Seç Cmdo, sob coordenação do Enc Mat.

11.1.6 As equipes da Seç Cmdo da FT SU Bld mobiliam a ATSU e nesta, sob coordenação do S Cmt, dão condições ao Cmt FT SU Bld executar a sua manobra logística, além da ação tática da SU.

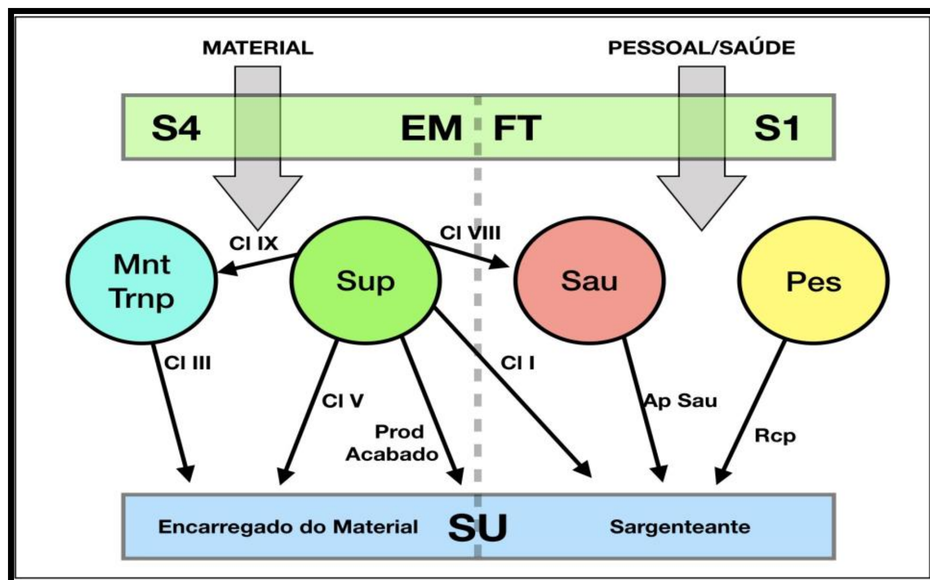


Fig 11-1 – Apoio logístico ao combate na FT Bld

11.2 RESPONSABILIDADES

11.2.1 O Cmt FT SU Bld é o responsável pelo apoio logístico da sua FT SU, contando com o assessoramento do S Cmt SU, no que tange ao planejamento e coordenação, e do Enc Mat, para a sua execução.

11.2.2 A seção de comando, sob as ordens do encarregado de material, é a fração empregada pelo Cmt FT SU Bld na execução do apoio logístico. O Cmt SU deve prever e prover o apoio logístico aos elementos da SU e, também, a todos os elementos sob seu controle operacional, em apoio direto (Ap Dto) ou em reforço (Ref). A Seç Cmdo pode, ainda, apoiar outros elementos que estejam próximos à sua posição (Pel Mrt P, por exemplo), mediante ordem.

11.2.3 SUBCOMANDANTE DA FT SU BLD

11.2.3.1 Paralelamente às suas atribuições operacionais, o S Cmt auxilia o Cmt FT SU Bld no levantamento de necessidades e no planejamento do Ap Log.

11.2.3.2 Nas proximidades da Vtr do S Cmt SU organiza-se o PC FT SU Bld, de forma que o Cmt tenha liberdade de ação com a sua respectiva Vtr.

11.2.3.3 Cabe ao S Cmt FT SU Bld, a par da situação tática e assessorado pelo Enc Mat, propor ao seu Cmt FT o processo a ser empregado no ressuprimento das frações.

11.2.3.4 Os meios de comunicações da Vtr do S Cmt FT SU Bld são priorizados para tratar dos pedidos de suprimentos e para a coordenação das atividades da SU com a área de trens da U.

11.2.4 ENCARREGADO DO MATERIAL DA FT SU BLD

11.2.4.1 O Enc Mat é o principal assessor do Cmt FT SU Bld e do S Cmt no que se refere ao apoio logístico. Cabe a ele coordenar as atividades dos integrantes da Seç Cmdo, bem como das turmas em apoio direto/reforço.

11.2.4.2 O Enc Mat indica o local exato a ser ocupado pelas instalações logísticas da ATSU, quando esta se desdobrar no terreno. Para o emprego dos trens da FT SU Bld embarcados e em movimento, cabe ao Enc Mat a montagem dos comboios e o controle do movimento das Vtr.

11.2.4.3 Os trabalhos dos elementos de Ap Log são supervisionados pelo Enc Mat, que mantém o S Cmt SU informado do andamento dos trabalhos.

11.2.4.4 As necessidades logísticas específicas da Seç Cmdo são levantadas pelo Enc Mat e encaminhadas ao S Cmt FT SU Bld.

11.2.4.5 O Enc Mat desenvolve atividades relacionadas à logística do material no âmbito da SU, controla as viaturas da SU e providencia todos os tipos de suprimento, exceto ração, água e de saúde. Além disso, supervisiona e coordena: o trabalho do Sgte, do Fur, do Sgt Aux Com (Tu Com/Gp Log), dos Sgt Mec Vtr Bld, Sargentos Mecânicos de Viaturas Sobre Rodas (Tu Mnt/Gp Log) e as atividades das frações e dos elementos de manutenção e suprimento recebidos em apoio ou reforço pela SU.

11.2.4.6 O Aux Mec Armt L (Tu Mnt/Gp Log) auxilia o Enc Mat na gestão e na coordenação da manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão do armamento da SU (de menor complexidade e tempo de execução).

11.2.5 SARGENTEANTE DA FT SU BLD

11.2.5.1 O Sgte desenvolve atividades relacionadas à logística do pessoal no âmbito da SU. É o encarregado de todas as atividades relacionadas ao controle de efetivos e da evacuação de mortos e feridos. Fiscaliza, orienta e controla as atividades das frações e os elementos de aprovisionamento e saúde recebidos em apoio ou reforço pela SU.

11.2.5.2 Diariamente, em hora marcada pelo Cmt FT SU Bld, o Sgte tem pronta a mensagem diária de efetivo, que será transmitida conforme as NGA da SU.

11.2.5.3 O Sgte monta seu núcleo de trabalho nas proximidades da Vtr do S Cmt FT SU Bld.

11.2.6 FURRIEL DA FT SU BLD

11.2.6.1 O furriel é o principal auxiliar do Enc Mat para as tarefas de transporte de suprimentos para a FT SU Bld.

11.2.6.2 O furriel é responsável pela operação e controle do posto de remuniciamento (P Remn) da FT SU Bld, que funciona, em princípio, embarcado na Vtr do grupo de suprimento (Gp Sup).

11.2.6.3 Os dados relativos à dotação orgânica da FT SU Bld e a quantidade de Sup Cl V disponível na SU são mantidos registrados e atualizados pelo furriel.

11.2.6.4 O furriel realiza o transporte de água para a SU, a distribuição das rações às frações e o transporte dos mortos.

11.2.7 SARGENTO MECÂNICO DE VIATURA BLINDADA DA FT SU BLD

11.2.7.1 O Sgt Mec Vtr Bld é o encarregado da supervisão e do auxílio à manutenção de 1º escalão das Vtr da FT SU Bld. Cabe à Tu Mnt tomar as medidas que facilitem a manutenção das Vtr e do Armt da SU.

11.2.7.2 Na ocorrência de panes em Vtr, cabe ao Sgt Mec Vtr Bld levantar o tempo necessário para a depanagem, a mão de obra e o material necessários ao conserto, levando ao Enc Mat uma proposta para solução do problema.

11.2.7.3 Cabe ao Sgt Mec Vtr Bld manter o controle por escrito dos suprimentos e peças de reposição que foram pedidos e recebidos do escalão superior.

11.2.7.4 O Sgt Mec Vtr Bld cuida, ainda, das atividades de Vtr sobre rodas com auxílio direto do cabo mecânico de viatura sobre rodas (Cb Mec Vtr SR).

11.2.8 SARGENTO AUXILIAR DE COMUNICAÇÕES DA FT SU BLD

11.2.8.1 O Sgt Aux Com (Tu Com/Gp C) levanta as necessidades logísticas dos equipamentos de comunicações e de informática da SU, assessora o Enc Mat na gestão desse material e na solicitação de manutenção dos mesmos.

11.2.8.2 Cabe à equipe de comunicações do Gp Cmdo monitorar, dentre outras, a rede administrativa da FT SU Bld.

11.2.9 SARGENTO AUXILIAR DE SAÚDE DA FT SU BLD

11.2.9.1 O sargento auxiliar de saúde (Sgt Aux Sau), que compõe a turma de evacuação, é o encarregado do apoio de saúde à FT SU Bld quando em apoio direto a ela. Cabe ao Sgt Aux S operar o PCF, coordenando com o Enc Mat as saídas da ambulância em direção à área de trens de combate (ATC).

11.2.9.2 Assim que o Sgt Aux Sau chegar à FT SU Bld, em início de missão, deve se informar com o Sgte sobre a situação do Sup Cl VIII, mantendo, a partir de então, o controle dos estoques, dos pedidos e da distribuição desses itens.

11.2.9.3 Após o Sgt Aux Sau realizar o circuito de ambulância até as instalações de saúde da unidade, este retornará transportando o Sup Cl VIII destinado à FT SU Bld.

11.3 ELEMENTOS DE APOIO LOGÍSTICO À FT SU BLD

11.3.1 ELEMENTOS ORGÂNICOS

11.3.1.1 Seção de comando:
a) a Seç Cmdo concentra os meios de apoio logístico no nível FT SU Bld, podendo ser complementada em suas deficiências pelo apoio direto prestado pelas frações da SU de comando e apoio; e
b) a composição da Seç Cmdo compreende o Gp Cmdo, a Tu Mnt e a Tu Sup.

11.3.1.2 O Gp Cmdo é responsável por apoiar a administração da FT SU Bld e a operação do PC da SU, bem como guarnecer a Vtr do Cmt e do S Cmt.

11.3.1.3 Turma de manutenção:
a) concentra os meios de manutenção (ferramental especial e instrumentos especiais);
b) auxilia na manutenção de 1º escalão com seu ferramental quando necessário;
c) coopera na evacuação e coleta de salvados no âmbito da FT SU Bld;
d) conduz em suas viaturas o suprimento de Cl III da FT SU Bld, principalmente os itens referentes a óleos e lubrificantes;
e) coordena pedidos e distribuição de suprimento Cl III para a FT SU Bld; e
f) coordena a distribuição e os pedidos de peças sobressalentes para viaturas e armamentos da FT SU Bld.

11.3.1.4 Turma de suprimento:
a) encarregada do transporte do Sup Cl V que não puder ser conduzido nas Vtr dos Pel. A Vtr da turma de suprimento também transporta o suprimento de água da FT SU Bld;
b) a turma de suprimento é o principal responsável por realizar pequenos transportes no âmbito da FT SU Bld, sobretudo aqueles referentes ao recebimento do módulo logístico;
c) em casos de necessidade urgente de transporte, a Vtr da turma de suprimento será a primeira a ser empregada, por exemplo, no transporte de feridos, de mortos ou de prisioneiros de guerra;
d) quando a FT SU Bld não receber Tu Aprv, cabe à Tu Sup transportar o Sup Cl I da reserva orgânica da SU e da Seç Cmdo; e
e) a Vtr da Tu Sup é utilizada como P Remn da FT SU Bld.

11.3.2 MÓDULO DE APOIO

11.3.2.1 As FT SU Bld recebem turmas vindas em apoio direto da SU C Ap, que ficam à disposição da FT SU Bld. O conjunto de turmas recebidas denomina-se módulo de apoio. Esse módulo é flexível e modular e quem decide a sua composição é o Chefe da 4ª Seção/Oficial de Logística (S-4), com base na sua capacidade logística.

11.3.2.2 Em princípio, o módulo de apoio pode ser integrado pelas turmas de evacuação e socorro (Tu Ev Soc) e Tu Aprv, que, normalmente, apoiam a SU, além das seguintes frações:
a) uma Tu Mnt, da seção de manuteção do Pel Mnt;
b) uma viatura de suprimento de classe III; e
c) uma viatura de suprimento de classe V.

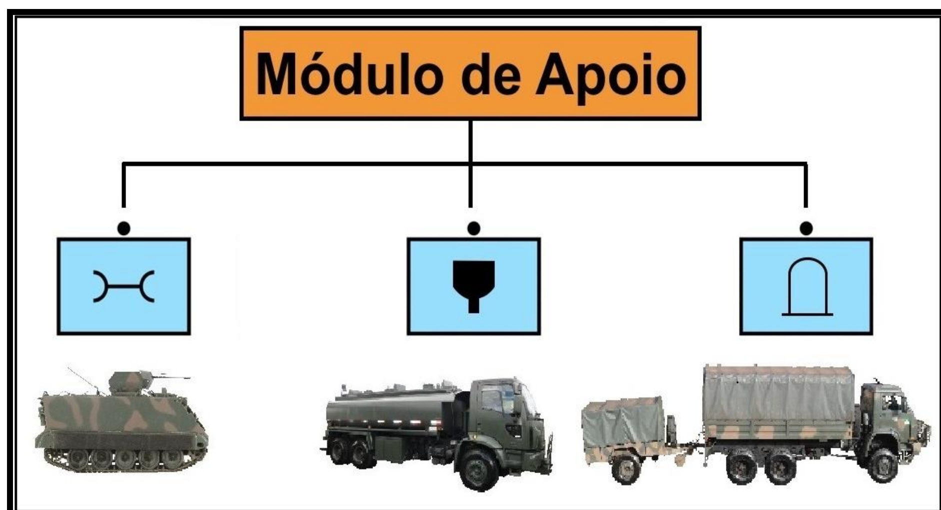


Fig 11-2 – Exemplo de módulo de apoio (modular e flexível)

11.4 TRENS DA SUBUNIDADE

11.4.1 TSU é a designação genérica dada ao conjunto dos elementos em pessoal, viaturas e equipamentos destinados a proporcionar apoio logístico à FT SU Bld.

11.4.2 Quando desdobrado no terreno, os TSU ocupam a ATSU.

11.4.3 Os TSU operam sob coordenação do S Cmt FT SU Bld e são comandados pelo Enc Mat.

11.4.4 Os TSU são constituídos pelos elementos da Seç Cmdo das SU, pelos elementos da Tu Ev Sc (Gp Ev Soc/Pel Sau), elementos da Tu Mnt (Seç Mnt Ap Dto/Pel Mnt) e elementos da Tu Aprv (Seç Aprv/Pel Sup), quando distribuídos em reforço ou apoio direto às FT SU Bld.

11.4.5 A localização dos TSU é função do estudo de situação tático e logístico e da missão atribuída à FT U e às FT SU Bld. Em função desse estudo, as ATSU podem permanecer com as respectivas FT SU Bld ou localizarem-se próximas da ATC, beneficiando-se da segurança da reserva.

11.4.6 Na FT Bld, normalmente, os TSU permanecem com as respectivas FT SU Bld. Entretanto, uma parte deles, não necessária ao apoio imediato às operações da SU, pode se desdobrar à retaguarda, na ATC ou ATE da FT Bld.

11.4.7 A ATSU deve medir, no mínimo, 50 m x 100 m, para permitir uma dispersão adequada.

11.4.8 INSTALAÇÕES ROTINEIRAS DA ATSU

11.4.8.1 A ATSU, geralmente, é composta por:
a) área de manutenção;
b) área de cozinhas;
c) PCF; e
d) posto de remuniciamento.

11.4.8.2 A área de manutenção é o local onde é realizada a Mnt de Vtr, de Armt e de optrônicos dos meios da FT SU Bld. Nesse local, também estão estacionadas as viaturas que não compõem outras instalações na ATSU. As viaturas de suprimento alocadas em reforço à SU ficam estacionadas nesse local, à exceção da Vtr Sup Cl V. Deve ser localizada em local amplo, com solo consistente e próximo das vias de acesso à ATSU.

11.4.8.3 A área de cozinhas é o local onde a Tu Aprov/Pel Sup confecciona a alimentação ou distribui as rações frias. Nesse local, ficam estacionadas a Vtr da Tu Aprov e o reboque cisterna de água da FT SU Bld. Caso a SU não

receba Tu Aprov, a cisterna permanece estacionada nas imediações da viatura do furriel e nela estarão acondicionadas as rações frias para distribuição.

11.4.8.4 O PCF é o local para o qual são evacuados os feridos. Tal instalação é afastada do núcleo da ATSU e mais voltada para atender às baixas oriundas dos Pel. Quando a FT SU Bld receber mais de uma Tu Ev, pode prever mais de um PCF.

11.4.8.5 O P Remn é a instalação onde são armazenados os Sup Cl V. Quando o peso e o volume permitirem, a distribuição é feita no P Remn com os elementos do Pel apanhando a munição no referido local. Na maioria dos casos, por imposição do tipo de munição empregada na FT SU Bld, o P Remn é móvel, deslocando-se para local mais próximo das Vtr que devem receber a munição.

11.4.9 INSTALAÇÕES EVENTUAIS DA ATSU

11.4.9.1 Caso o número elevado de mortos assim o exija, pode ser montado um P Col Mor na ATSU, de forma temporária. Em tal local são reunidos e preparados os mortos para ser embarcados nas Vtr de Sup Cl V e levados à área de trens de estacionamento (ATE).

11.4.9.2 O P Col Mor tem caráter temporário e é adotado, principalmente, durante as reorganizações e consolidações nos objetivos conquistados.

11.4.9.3 O número elevado de prisioneiros de guerra pode impor a preparação de um local com melhores condições de segurança e controle, devendo ser apoiado por elemento do Pel.

11.5 PROCESSOS DE SUPRIMENTO

11.5.1 A FT U, normalmente, usa o processo de módulos logísticos para entrega de suprimentos à FT SU Bld. Cabe à Seç Cmdo entregar esses suprimentos aos pelotões e demais componentes.

11.5.2 A despeito do processo utilizado para receber os suprimentos, cabe à Seç Cmdo organizar o processo de entrega de Sup aos Pel. Os processos de entrega podem ser mesclados entre si para fazer face às particularidades do terreno ou da situação tática no momento da entrega. São três os tipos de processos:
a) entrega na posição;
b) entrega fora da posição; e
c) suprimento preposicionado.

11.5.3 ENTREGA NA POSIÇÃO

11.5.3.1 Nesse processo, que é o mais comum, o Enc Mat organiza suas viaturas e as do módulo logístico, em um pequeno comboio, para cerrarem até a retaguarda das posições dos pelotões, entregando os suprimentos.

11.5.3.2 As Vtr Bld, em posição de desenfiamento de torre ou ligeiramente deslocadas para retaguarda, recebem sucessivamente Sup Cl I, III e V. Parte da guarnição é mantida na vigilância de seus setores e os demais são empregados para acelerar o transbordo de suprimento.

11.5.3.3 Os Pel são supridos em suas necessidades, ficando a Seç Cmdo como a última a receber os suprimentos que lhe couberem.

11.5.3.4 Cada viatura recebe:
a) a munição necessária para recompletar a sua dotação orgânica;
b) a ração da guarnição para o próximo ciclo; e
c) o combustível para plenar seus tanques ou, se isto não for possível, o necessário para a próxima jornada.

11.5.3.5 Esse processo é empregado quando:
a) o terreno permitir a aproximação das viaturas sem expô-las às vistas do inimigo; ou
b) o contato com o inimigo for iminente, permitindo o rápido retorno do pelotão à sua posição.

11.5.4 ENTREGA FORA DA POSIÇÃO

11.5.4.1 Nesse processo, o Enc Mat organiza suas viaturas em uma coluna, em local amplo, de forma a transpor os suprimentos das várias classes para as viaturas dos pelotões, quando estas passarem pelas laterais da coluna. Dessa forma, uma mesma viatura do módulo logístico, ou da Seç Cmdo, pode atender a até duas Vtr Bld ao mesmo tempo.

11.5.4.2 As Vtr Pel abandonam suas posições e se deslocam para o local preparado para o ressuprimento. Para os Pel Fuz Bld, parte dos homens permanece na posição e parte acompanha a viatura para auxiliar no ressuprimento.

11.5.4.3 O suprimento de transbordo mais demorado é oferecido primeiro.

11.5.4.4 Cabe ao S Cmt FT SU Bld coordenar a sequência em que os pelotões se deslocam para o ressuprimento.

11.5.4.5 Após receber o suprimento de que necessita e entregar seus novos pedidos de suprimentos, as Vtr Pel retornam às suas posições. Esse processo é empregado quando:
a) o terreno não permitir a aproximação das viaturas de suprimentos sem expô-las às vistas do inimigo;
b) o contato com o inimigo for remoto e as viaturas e guarnições puderem se afastar de suas posições; ou
c) algum suprimento não estiver embarcado em viatura, como, por exemplo, o paiol de munição.

11.5.5 SUPRIMENTO PRÉ-POSICIONADO

11.5.5.1 O suprimento é deixado em local que seja do conhecimento dos pelotões e que esteja no itinerário de retraimento dos mesmos. Ao ocuparem uma posição, ou um pouco antes disso, as viaturas passam pelo local preestabelecido, onde recebem o suprimento necessário.

11.5.5.2 O suprimento pode estar embarcado em viatura do módulo logístico ou da Seç Cmdo, sob guarda do motorista e do manipulador de suprimento. Após a passagem dos pelotões, a viatura se reune às demais em local previamente determinado.

11.5.5.3 O suprimento pré-posicionado, normalmente, resume-se a um ou dois itens, sendo os mais comuns o Sup Cl III e V.

11.5.5.4 A opção pelo uso do suprimento preposicionado leva em conta a atitude da população local com relação às forças operando na área. Tal processo é, normalmente, empregado em movimentos retrógados. Caso os suprimentos não estejam embarcados e não seja possível evacuá-los a tempo, deve ser prevista a destruição do que não for consumido.

11.5.6 PROCEDIMENTOS COMUNS

11.5.6.1 Na sua preparação para o recebimento dos suprimentos, o Cmt Pel/Cmt CC/Cmt VBTP levanta as necessidades de sua guarnição. Ao se iniciar a entrega, o Cmt FT SU Bld, S Cmt SU ou o Enc Mat deve receber uma lista de itens necessários à guarnição.

11.5.6.2 Os itens de posse da FT SU Bld, tais como óleo hidráulico e pequenas peças de reposição, são entregues à viatura, durante a entrega do suprimento ou ao final do ressuprimento.

11.5.6.3 Os itens que a FT SU Bld não possuir são relacionados como pedido ao escalão superior e fornecidos próximo ao módulo logístico.

11.5.6.4 Juntamente com os Sup Cl I, III e V, são fornecidos itens de outras classes, correspondências e artigos reembolsáveis.

11.6 MÓDULO LOGÍSTICO

11.6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

11.6.1.1 Todo o esforço logístico feito pela FT SU Bld visa a fornecer o suprimento de que a SU necessite oportunamente e com mínimo de esforço para o elemento apoiado, reduzindo ao máximo o número de deslocamentos dos elementos de Ap Log SU à ATE ou ATC. Com essa finalidade, são montados comboios, denominados módulos logísticos, contendo o suprimento indispensável à FT SU Bld para determinado período de tempo e determinado tipo de operação.

11.6.1.2 O Cmt FT SU Bld, baseado nas ordens emitidas pelo Cmt FT U, informa a composição do módulo logístico, o horário do ressuprimento e o intervalo do recebimento para os demais módulos logísticos ao longo das operações.

11.6.2 COMPOSIÇÃO DO MÓDULO LOGÍSTICO

11.6.2.1 Normalmente, o módulo logístico para FT SU Bld tem a seguinte composição:
a) Vtr de Sup Cl I – normalmente, uma viatura. Esta deve conter os gêneros necessários à confecção de rações quentes ou ração R2 para distribuição. Caso a FT U envie uma Vtr com Sup para mais de uma SU, os gêneros ou rações são transferidos para a viatura do furriel na ATC. A Vtr Sup Cl I traciona um reboque cisterna de 1500 litros para água, que é trocado na ATSU por uma cisterna vazia. Quando não houver uma Vtr específica para as demais classes (Cl II, IV, VIII, IX), a Vtr Sup Cl I pode ser usada para transporte desses suprimentos. Nessa viatura também podem ser transportados os recompletamentos para a FT SU Bld;
b) Vtr de Sup Cl III – normalmente, uma viatura cisterna de combustível transporta o combustível a ser usado no recompletamento dos tanques das viaturas, dos camburões das viaturas e dos equipamentos da FT SU Bld. Pequenos volumes de óleos, graxas, lubrificantes e aditivos também podem ser transportados por elas; e
c) Vtr de Sup Cl V – normalmente, essa viatura transporta o pacote padronizado de munições e explosivos para determinado tipo de operação. Esse pacote é usado para completar a dotação orgânica de cada Vtr/fração e o percentual de munição que é conduzido na Vtr do furriel (P Remn da SU), pelo Gp Sup da Seç Cmdo.

11.6.2.2 Além dessas viaturas, o módulo logístico para a FT SU Bld pode conter uma ou mais viaturas transportando suprimentos de outras classes. Essas viaturas podem ser conduzidas à ATSU ou terem seu conteúdo transferido para a Vtr do furriel.

11.6.3 RECEBIMENTO DO MÓDULO LOGÍSTICO

11.6.3.1 O furriel conduz as viaturas do módulo logístico recebidas na ATC para o local indicado pelo Enc Mat, onde se efetua o ressuprimento da FT SU Bld. As viaturas permanecem o mínimo de tempo possível na ATSU, devendo ser reconduzidas à ATC pelo furriel.

11.6.3.2 Os módulos logísticos de todas as FT SU Bld podem ser entregues ao mesmo tempo ou de maneira escalonada, mantendo-se uma defasagem na entrega de cada FT SU Bld. Vários fatores influenciam como a entrega ocorre, porém, a situação do inimigo determina o processo.

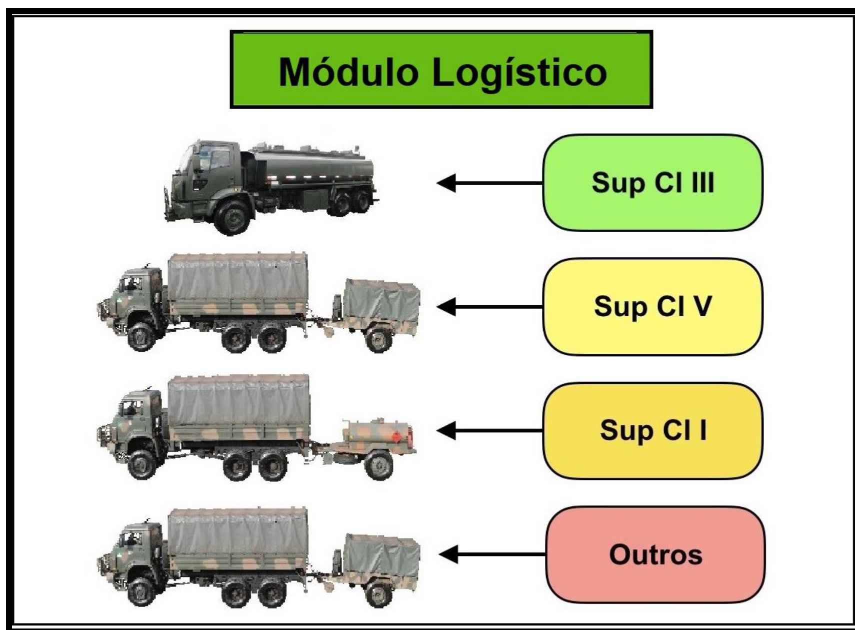


Fig 11-3 – Módulo logístico padrão de subunidade

11.6.3.3 Ao chegar na ATC, o furriel apresenta-se ao S-4 da FT U Bld ou ao seu representante, para inteirar-se da situação do módulo logístico para sua SU.

11.6.3.4 Ao deslocar para a ATC, o furriel faz o reconhecimento do itinerário a ser percorrido pelas viaturas que transportarão o módulo logístico.

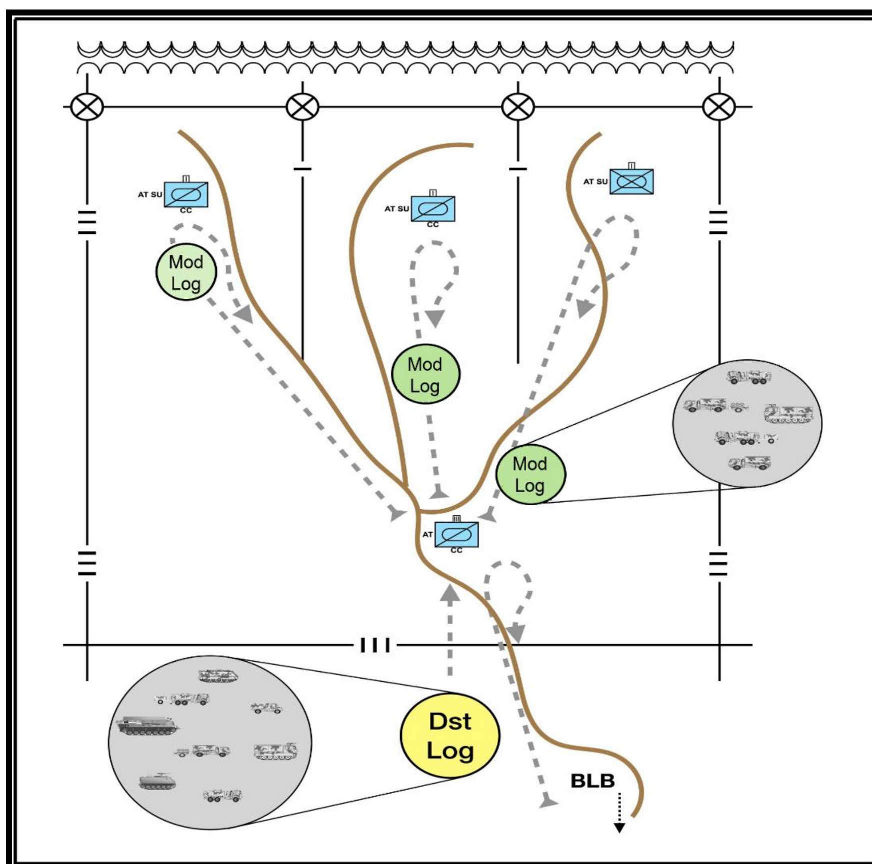


Fig 11-4 – Fluxo de suprimento

11.7 ATIVIDADE DE SAÚDE

11.7.1 A atividade de saúde é desempenhada pela Tu Ev Soc/SU C Ap quando em apoio direto à FT SU Bld, que desdobra próximo da ATE da FT SU Bld o PCF.

11.7.2 Os PCF são instalações sumárias, instaladas e operadas pelas Tu Ev Soc em locais abrigados, à frente e próximos das ATSU, para onde são conduzidos os homens feridos e doentes da FT SU Bld.

11.7.3 Em função da situação tática, do número de baixas e da necessidade de apoio de saúde, uma FT SU Bld pode receber em uma ou mais Tu Ev Soc do Pel Sau, em determinada fase do combate ou operação. Normalmente, é distribuída uma Tu Ev Soc por FT SU Bld.

11.7.4 A Tu Ev Soc dispõe de duas equipes de evacuação e duas ambulâncias:
a) uma VBTE-Ambulância realiza, prioritariamente, a evacuação dos feridos mais graves, diretamente das posições dos pelotões para o PS da FT. Normalmente, constitui-se no próprio PCF; e
b) uma VTE-Ambulância realiza, quando necessário, a evacuação dos feridos entre o PCF e o PS da FT.

11.7.5 Funções do PCF:
a) receber os feridos e doentes dos pelotões e da Seç Cmdo das FT SU Bld e fichar os pacientes;
b) transportar os feridos mais graves, das posições em que se encontram diretamente para o PS;
c) prestar os primeiros socorros aos doentes e feridos no PCF;
d) estabilizar e preparar os feridos e doentes para a evacuação para o PS da FT;
e) evacuar os feridos e doentes para o PCF, se necessário;
f) providenciar abrigo temporário para os feridos e doentes;
g) fazer retornar aos pelotões e à Seç Cmdo os feridos e doentes que, após medicados, estiverem em condições de retornar ao serviço; e
h) determinar que os feridos e doentes, que, após medicados, necessitem de curto período de repouso, sem assistência médica, sejam encaminhados a ATSU, onde devem completar a recuperação.

11.7.6 Quando um homem é ferido ou adoece, os primeiros socorros, em princípio, devem ser prestados por um companheiro de sua fração. Em seguida, os feridos/doentes que possam se locomover são encaminhados ao PCF (próximo à AT de sua FT SU Bld) por seus próprios meios. Aqueles que não tiverem condições de locomoção são evacuados para o PCF pelos integrantes de sua fração, por outros elementos designados pela SU ou são assinalados no terreno, aguardando a evacuação pela Tu Ev Soc que apoia a sua FT SU Bld.

11.7.7 No PCF, o ferido/doente recebe os primeiros socorros e é preparado para a evacuação até o PS da FT Bld, se necessário. O PS da FT Bld é a primeira instalação da cadeia de evacuação onde existe atendimento médico.

11.7.8 A evacuação dos feridos para o PS da FT é feita pela Tu Ev Soc do PCF ou pela viatura de sua fração que o conduziu até o PCF, após o ferido receber os primeiros socorros/atendimento.

11.7.9 Os feridos que puderem voltar ao combate, em curto prazo, são mantidos no PS da FT ou nas suas proximidades, caso a situação tática o permita. Logo que estejam aptos, retornam às suas SU. Aqueles que não tiverem condições de retornar à frente de combate são preparados para a evacuação, feita em viaturas ambulância, a cargo da cia saúde avançada/B Sau, para o seu posto de atendimento avançado (PAA) desdobrado na BLB.

11.8 ATIVIDADE DE MANUTENÇÃO

11.8.1 Em princípio, a manutenção deve ser executada tão à frente quanto permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. Muitas vezes, é preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material, reduzindo a necessidade de evacuação.

11.8.2 O levantamento das necessidades de manutenção na FT Bld tem início nas frações mais elementares das FT SU Bld. Essa necessidade das frações é consolidada pelos Cmt Pel e remetida às suas FT SU Bld, que as enviam ao S-4 da FT U seguindo suas diretrizes e normas específicas.

11.8.3 MANUTENÇÃO PREVENTIVA

11.8.3.1 A manutenção preventiva é a base do sistema de manutenção da FT Bld. Normalmente, ela engloba os procedimentos de manutenção de baixa complexidade e que demandem curtos períodos de manutenção. É realizada, em princípio, nas FT SU Bld, pelas guarnições das viaturas e pela turma de manutenção do Gp Log/Seç Cmdo.

11.8.3.2 A manutenção preventiva destina-se a reduzir ou evitar a queda no desempenho, a degradação ou avaria das viaturas e demais equipamentos. Ela inclui, entre outras ações, as inspeções, os testes, as reparações ou substituições.

11.8.4 MANUTENÇÃO CORRETIVA

11.8.4.1 A manutenção corretiva destina-se à reparação ou recuperação do material danificado para repô-lo em condições de uso. Essa manutenção corretiva, dependendo da sua complexidade e do tempo que demande, pode ser realizada nas FT SU Bld (AT SU ou nas posições ocupadas pelas frações) ou na área de Mnt Vtr Armt do Pel Mnt, na ATC ou AT da FT Bld.

11.8.5 REPARO DE DANOS EM COMBATE

11.8.5.1 O reparo de danos em combate (RDC) é um procedimento de manutenção emergencial, realizado em ambiente de combate e segundo critérios técnicos, tendo por finalidade disponibilizar o material danificado com a maior rapidez possível.

11.8.5.2 Normalmente, o RDC utiliza técnicas não convencionais e emprega um mínimo de peças de reparação, sendo executado por pessoal com competência técnica específica para esse tipo de intervenção. Essa manutenção é realizada pelas Tu Mnt da Seç Mnt Ap Dto, nas ATSU, ou na área de manutenção da ATC pelo Pel Mnt.

11.8.6 MANUTENÇÃO DE VIATURAS

11.8.6.1 A manutenção do material motomecanizado na FT Bld é executada pelas guarnições das viaturas, sob a responsabilidade de seu chefe, pelas Tu Mnt das FT SU Bld, pelo Pel Mnt da SU C Ap e pela Seç Mnt Ap Dto (do B Log), quando desdobrada em apoio ao Pel Mnt da FT.

11.8.6.2 Manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão – motorista ou guarnição:
a) o motorista da viatura é a base da cadeia de manutenção. Ele deve executar a maior parte das tarefas de Mnt preventiva de 1º escalão;
b) as tarefas mais simples de manutenção preventiva, com ênfase nas ações de conservação do material e reparação de falhas de baixa complexidade, devem ser realizadas pelos motoristas e pelas guarnições das viaturas;
c) nos períodos estáticos do combate ou operações, a manutenção é realizada conforme planejamento da FT SU Bld. Em combate ou operações, essa manutenção deve ser realizada, sempre que possível, antes, durante e após os deslocamentos da viatura;
d) a Mnt preventiva de 1º escalão é realizada com o ferramental orgânico das viaturas e com suprimento distribuído pela Tu Mnt da FT SU Bld; e
e) os motoristas e guarnições de viaturas auxiliam a Tu Mnt da FT SU Bld na execução da manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão mais complexa ou que demande maior tempo.

11.8.6.3 Tu Mnt (Gp Log/Seç Cmdo) das FT SU Bld:
a) a Tu Mnt proporciona apoio aos Pel na manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão, coordenando, assistindo e ampliando o trabalho das guarnições;
b) as tarefas de Mnt preventiva de 1º escalão, um pouco mais complexas e que demandem mais tempo, são executadas pela Tu Mnt da FT SU Bld, na ATSU ou nas próprias posições ocupadas pelas viaturas, com o apoio dos motoristas e guarnições de viaturas;
c) as tarefas de Mnt corretiva de 1º escalão, de baixa complexidade e que demandem curto espaço de tempo, devem ser realizadas pelas Tu Mnt, na ATSU. Sempre que possível, a Tu Mnt deve ser auxiliada nessa Mnt pelos motoristas das viaturas;
d) a Tu Mnt pode executar a manutenção das viaturas na ATSU ou nas posições das frações; e
e) a TU Mnt realiza o levantamento das necessidades de Mnt de 1º escalão da FT SU Bld.

11.8.6.4 Tu Mnt/Seç Ap Dto/Pel Mnt da FT Bld:
a) essas Tu Mnt são distribuídas às FT SU Bld, de acordo com a manobra logística do S-4, com a finalidade de apoiar a Mnt das FT SU e evitar que as viaturas sejam evacuadas até a ATC;

b) elas realizam a manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão, que demandem ferramental especializado e maior tempo de execução. Essa Mnt é realizada na ATSU ou nas posições dos pelotões e frações;
c) normalmente, devem ser distribuídas às mesmas SU, a fim de proporcionar um maior conhecimento das Vtr das frações dessa SU;
d) as Vtr que não puderem ser reparadas pela Tu Mnt/Pel Mnt nas ATSU são evacuadas para a ATC; e
e) cada FT SU Bld pode receber uma ou mais Tu Mnt em Ref ou Ap Dto (manobra logística do S-4).

11.8.7 ARMAMENTO E INSTRUMENTOS ÓTICOS DE DIREÇÃO E CONTROLE DE TIRO

11.8.7.1 A manutenção do armamento e dos instrumentos óticos de direção e controle de tiro (IODCT) é executada na FT Bld pelos elementos de Mnt Armt das FT SU Bld, pelos elementos do Pel Mnt/SU C Ap e por elementos da Seç L Mnt do B Log desdobrada em apoio à FT.

11.8.7.2 Manutenção executada pelo usuário do armamento/IODCT ou sua guarnição:
a) o usuário do armamento (seu atirador) e a sua guarnição (Armt coletivo) são os responsáveis pela manutenção preventiva de 1º escalão, de menor complexidade e que exija curto espaço de tempo para a sua execução (tarefas de baixa complexidade); e
b) essa manutenção pode ser realizada diariamente (em função das condições climáticas) ou em períodos determinados pelo S-4 no planejamento de manutenção da FT Bld (normalmente, uma vez por semana).

11.8.7.3 Manutenção executada pela Tu Mnt (Gp Log) das Seç Cmdo/FT SU Bld:
a) os Aux Mec Armt L (e os Aux Mec Armt P nas FT Esqd CC) realizam a manutenção de 1º escalão (preventiva e corretiva), de maior complexidade e duração, do armamento e dos IODCT das SU;
b) essa manutenção pode ser executada na área de manutenção da FT SU ou nas posições dos pelotões e frações; e
c) a Tu Mnt da FT SU apoia a manutenção de 1º escalão, realizada pelos atiradores (usuários) e guarnições (Armt e equipamentos), fornecendo o suprimento, orientação técnica e complementando aquela manutenção.

11.8.7.4 Grupo de manutenção de armamento (Sec Mnt Ap Cj/ Pel Mnt):
a) apoia e orienta a execução da manutenção de 1º escalão do armamento leve e pesado realizada pelas SU;
b) executa as tarefas da Mnt de 1º escalão (preventiva e corretiva) do armamento leve e pesado, de maior complexidade e duração ou que exijam ferramental especializado; e

c) fornece o suprimento de Cl V necessário ao trabalho de manutenção nas FT SU Bld.

11.8.8 MATERIAL DE COMUNICAÇÕES

11.8.8.1 A manutenção preventiva de 1º escalão do material de comunicações da FT Bld é feita pelos radioperadores e por elementos especializados do Pel Com.

11.8.8.2 As tarefas de manutenção preventiva e corretiva de 1º escalão, que demandem maior complexidade e tempo, podem ser executadas por elementos do Pel Com.

11.8.8.3 Os elementos de manutenção do Pel Com podem passar à disposição do Pel Mnt para a execução da manutenção do material eletrônico e de comunicações das viaturas.

11.8.8.4 Se for conveniente para a realização da manobra logística, o S-4 pode coordenar as atividades de manutenção e suprimento do material de comunicações, centralizando-as sob coordenação do Of Mnt da FT.

11.8.8.5 A manutenção de 2º escalão do material de comunicações, em princípio, não é realizada na FT Bld.

11.9 ATIVIDADE DE PESSOAL

11.9.1 CONTROLE DE EFETIVOS

11.9.1.1 Todos os Cmt de fração mantêm rigorosos controles de seus efetivos, transmitindo, de forma padronizada em NGA da FT SU Bld, as alterações ocorridas.

11.9.1.2 O Sgte mantém registro escrito com as variações do efetivo da FT SU Bld, baseado nas informações fornecidas pelo Cmt SU ou S Cmt SU. Ao tomar conhecimento de alteração no efetivo, por outras fontes, o Sgte deve confirmá-la com o Cmt ou S Cmt SU.

11.9.1.3 Quando da chegada de reforços ou elementos em apoio direto à FT SU Bld, o Cmt deve passar ao Sgte os dados referentes ao efetivo acolhido, quando da apresentação da fração na SU.

11.9.1.4 A mensagem diária de efetivo resume as alterações ocorridas no efetivo da FT SU Bld e a sua situação atual.

11.9.1.5 Mapa da força:
a) é um relatório sintético da situação de pessoal em um determinado momento, que apresenta o pessoal orgânico e em reforço, os indivíduos prontos para o serviço e os ausentes, no período compreendido entre 00:00h e 24:00h;
b) conforme seja necessário, pode conter outros dados de interesse;
c) normalmente, refere-se apenas à situação de pessoal, sendo confeccionado pelas SU e pela FT Bld;
d) as NGA da FT devem regular as oportunidades em que será confeccionado o mapa da força. Geralmente, ele é remetido ao Esc Sp até 09:00h do dia subsequente; e
e) a responsabilidade pela confecção do mapa da força cabe: nos pelotões, ao Sgt Adjunto; nas SU, ao Sargenteante; e na FT Bld, ao Sgt Ag, chefe do Grupo de Pessoal/Pel C/SU C Ap (que abriga a 1ª seção do Estado-Maior Geral da FT Bld).

11.9.2 PERDAS

11.9.2.1 Uma perda em pessoal é representada por qualquer redução do efetivo da FT Bld. Tais perdas são ocasionadas principalmente pela ação do inimigo, doenças, acidentes e fatores de ordem administrativa.

11.9.2.2 O Sgte mantém o controle sobre as perdas, discriminando a qualificação dos elementos em falta na SU e remete ao final de cada jornada ao Chefe da 1ª Seção/Oficial de Pessoal (S-1).

11.9.3 RECOMPLETAMENTO

11.9.3.1 Quando do recebimento de recompletamentos, o Sgte, juntamente com um oficial designado pelo Cmt SU, faz a proposta de distribuição destes na FT SU Bld, de acordo com a orientação do Cmt SU.

11.9.3.2 No período entre a chegada dos recompletamentos à FT SU Bld e a sua distribuição às frações, o Sgte é o responsável pelo alojamento, alimentação e transporte dos mesmos.

11.9.3.3 As oportunidades de recompletamento ideais ocorrem quando a FT SU Bld estiver em área de recuperação, em reserva ou em Z Reu.

11.9.4 SEPULTAMENTO

11.9.4.1 As atividades de sepultamento atendem à dupla finalidade: preservar as condições sanitárias no campo de batalha e manter o moral da tropa. A pronta remoção dos cadáveres, amigos e inimigos, corresponde à primeira finalidade, enquanto que a certeza de um tratamento cuidadoso e reverente

aos que tombam na luta é fator importante para o moral dos soldados, no TO, e dos civis, na zona de interior (ZI).

11.9.4.2 Os mortos inimigos recebem tratamento idêntico aos mortos amigos. Não é permitido, entretanto, misturar amigos e inimigos.

11.9.4.3 Normalmente, as próprias subunidades recolhem os mortos nas respectivas Z Aç e os evacuam para o P Col Mor da FT.

11.9.4.4 No âmbito da FT SU Bld, o planejamento, a coordenação e a supervisão de todas as atividades relacionadas aos mortos cabem ao sargenteante. Já a evacuação é realizada pelo furriel.

11.9.4.5 As atividades de sepultamento, no escalão FT SU Bld, compreendem a coleta dos mortos, a identificação e registro (nome, posto e graduação, número de registro, FT SU, hora e local da morte) e a evacuação até o P Col Mor da FT Bld pela viatura de Sup Cl V.

11.9.4.6 Em nenhuma hipótese os mortos devem ser evacuados em ambulâncias ou viaturas que fazem o Sup Cl I.

11.9.5 REPOUSO, RECUPERAÇÃO E RECREAÇÃO

11.9.5.1 O Sgte mantém controle dos militares beneficiados em atividades recreativas, ou que tenham usufruído das instalações de repouso e recuperação colocadas à disposição da FT SU Bld.

11.9.5.2 Os registros do Sgte servem de base para o planejamento da atividade de repouso, recuperação e recreação.

11.9.6 ALIMENTAÇÃO

11.9.6.1 O Enc Mat mantém controle sobre a qualidade e quantidade da alimentação servida à tropa. Além das observações pessoais, o Enc Mat deve inquirir os componentes da FT SU Bld, principalmente cabos e soldados, quanto às suas observações a respeito da alimentação.

11.9.6.2 Além do Enc Mat, todos os componentes da cadeia de comando da FT SU Bld devem estar atentos a eventuais problemas com a alimentação.

11.9.7 MATERIAL SALVADO

11.9.7.1 O material salvado é todo material utilizado por nossas forças, ou por forças aliadas, encontrado em situação de abandono na área de operações, suscetível de ser utilizado para suas finalidades.

11.9.7.2 A FT SU Bld é responsável pela evacuação de salvados para o posto de coleta de salvados (P Col Slv) da FT Bld ou para o seu eixo de suprimento e evacuação (E Sup Ev), auxiliado pelo Pel Mnt Trnp, quando material volumoso e/ou pesado.

11.9.8 MATERIAL CAPTURADO

11.9.8.1 Com o material capturado do inimigo procede-se da mesma forma que o material salvado, exceto no que se refere às amostras de materiais novos que devem ser encaminhadas, após o conhecimento do Chefe da 2ª Seção/Oficial de Inteligência (S-2), aos órgãos técnicos do Esc Sp.

11.9.8.2 Munição não pode ser deslocada, devendo ser mantida sob vigilância.

11.9.8.3 Suprimentos de saúde são manuseados, conforme a Convenção de Genebra.

11.9.9 PRISIONEIROS DE GUERRA

11.9.9.1 As ações atinentes à captura dos prisioneiros de guerra até a sua evacuação para o posto de coleta de prisioneiros de guerra (P Col PG) da FT Bld competem ao sargenteante.

11.9.9.2 O mais cedo possível, após serem capturados pela FT SU Bld, os PG devem ser desarmados, separando-se oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres entregues no PC FT SU Bld.

ANEXO

FORMAÇÕES DE COMBATE E PROCESSOS DE ATAQUE DA FORÇA-TAREFA SUBUNIDADE BLINDADA

1 FORMAÇÕES DE COMBATE

1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1.1 A FT SU Bld conduz as operações para obter o máximo efeito da ação de choque, decorrente da potência de fogo e da proteção blindada, próprias do conjunto CC – Fuz Bld.

1.1.2 A escolha da formação para a progressão dos CC e Fuz Bld é baseada nos fatores da decisão: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis. Também devem ser considerados a potência de fogo, a segurança e o controle desejados pelo Cmt no desenvolvimento de determinada ação.

1.1.3 As formações de combate não são rígidas. Frequentemente, o inimigo ou o terreno irão impor modificações nas formações inicialmente planejadas.

1.1.4 O avanço dos CC – Fuz Bld deverá ser coordenado combinando-se as formações de combate de cada elemento, em uma formação mutuamente apoiada. Em princípio, os CC precedem os Fuz Bld, de modo que a força atacante se desloque reunida para a frente, como um todo. Assim, os fuzileiros ocuparão, normalmente, uma posição desenfiada atrás dos elementos CC. A velocidade do movimento dos Fuz Bld deve ser regulada pelo Cmt FT SU Bld, para manter o apoio mútuo.

1.1.5 A FT SU Bld, em princípio, desloca-se na formação em losango. No assalto ao objetivo, adotará a formação em linha. Em determinadas situações, poderá adotar a formação em coluna ou variações destas formações básicas.

1.2 FORMAÇÃO EM LOSANGO

1.2.1 A formação em losango ou diamante será adotada, em princípio, como formação padrão para os deslocamentos em terreno aberto. Possibilita o bom controle da SU, dá profundidade ao dispositivo, possibilita boa proteção à frente, nos flancos e na retaguarda e permite a FT SU Bld desdobrar-se rapidamente para fazer frente às ameaças vindas de qualquer direção.

1.2.2 As considerações que favorecem a adoção da formação em losango são: o combate não linear; a situação tática podendo evoluir rapidamente; boa visibilidade; terreno aberto, possibilitando espaço para a manobra da FT SU Bld; e a escassez de informações sobre a situação do inimigo.

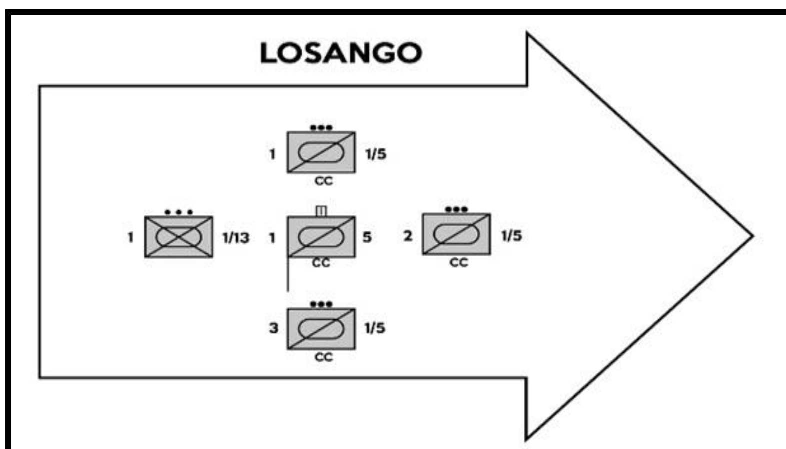


Fig An-1 – FT SU Bld na formação em Losango

1.3 FORMAÇÃO EM CUNHA

1.3.1 Se a quantidade de pelotões que compõem a FT SU Bld não possibilitar a disposição em losango, deve-se adotar a formação em cunha.

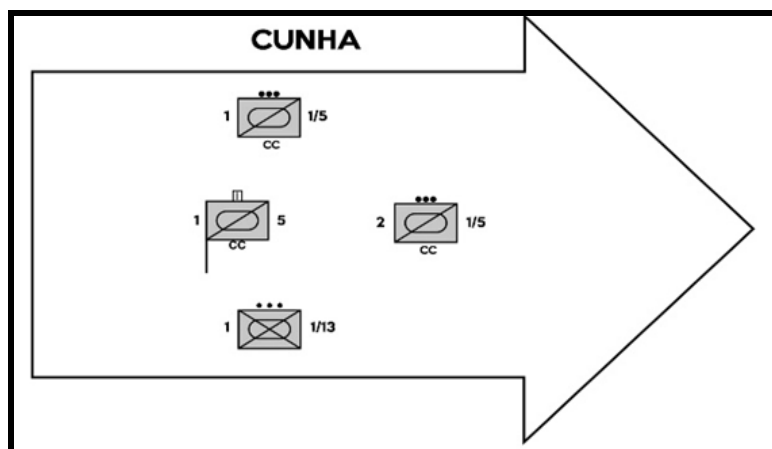


Fig An-2 – FT SU Bld na formação em Cunha

1.4 FORMAÇÃO EM LINHA

1.4.1 A formação em linha proporciona a máxima potência de fogo à frente. Deve ser empregada em ataques coordenados ou quando for necessário um rápido esclarecimento da situação. Nessa formação, a coordenação e o controle são mais difíceis.

1.4.2 As considerações que favorecem a adoção da formação em linha são: espaço para manobra adequado; necessidade de maior poder de combate à

frente; necessidade de avanço rápido em uma frente ampla; e necessidade de esclarecimento rápido da situação.

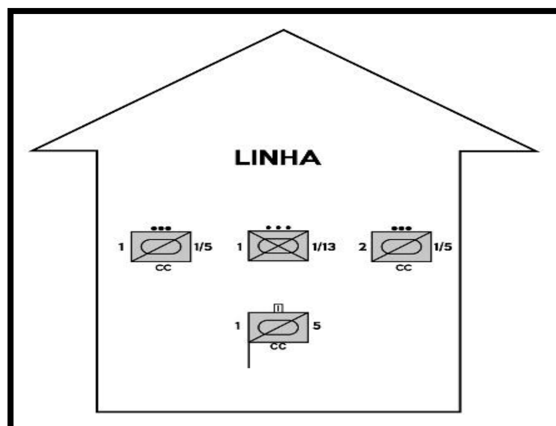


Fig An-3 – FT SU Bld na formação em Linha

1.5 FORMAÇÃO EM COLUNA

1.5.1 A formação em coluna será adotada em situações especiais, particularmente quando a FT SU Bld progredir em terreno restrito. A FT SU Bld estará em coluna quando, na esteira do pelotão testa, progredirem, de forma sucessiva, as demais peças de manobra, independente da formação por elas adotadas. Essa formação possibilita o máximo controle da subunidade, dá profundidade ao dispositivo e permite à FT SU Bld desdobrar-se rapidamente para fazer frente às ameaças de flanco.

1.5.2 As situações que favorecem a adoção da formação em coluna são as de visibilidade reduzida e quando o espaço para a manobra é reduzido.

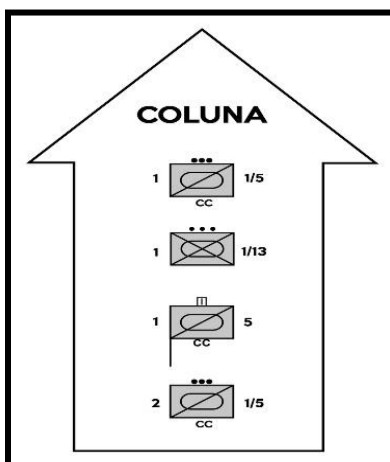


Fig An-4 – FT SU Bld na formação em Coluna

2 PROCESSOS DE ATAQUE DO CC E FUZ BLD

2.1 GENERALIDADES

2.1.1 A chegada dos elementos CC e Fuz Bld ao objetivo deve ser regulada de modo a obter o máximo efeito da ação de choque, resultante da potência de fogo, da mobilidade e da proteção blindada, próprias do conjunto CC – Fuz Bld. Dessa forma, existem três processos gerais para o emprego combinado dos CC e dos Fuz Bld no ataque:
a) em uma única direção;
b) em dois eixos convergentes; e
c) com os CC em apoio aos Fuz Bld pelo fogo.

2.1.2 A combinação dos três processos básicos com a direção do ataque, com a possibilidade de realização do ataque embarcado ou desembarcado pelos Fuz Bld, assim como o local de desembarque, vai originar outras variações possíveis para o ataque dos CC e dos Fuz Bld da FT SU Bld.

2.1.3 Durante o ataque, poderão ser empregados um ou mais desses processos. A FT SU Bld deve ser capaz de mudar o seu processo de ataque, caso isto se torne necessário, com a evolução do combate.

2.1.4 A escolha de um processo ou de uma combinação de processos de ataque deve atender às seguintes considerações:
a) os CC devem ser empregados de modo que seja feita a máxima utilização de sua potência de fogo e ação de choque;
b) a velocidade de progressão do ataque deve ser a máxima permitida pelo terreno e pela resistência do inimigo; e
c) deve permitir que os fuzileiros permaneçam embarcados durante o maior tempo possível. Para isso, deve ser realizado o estudo de situação quanto ao inimigo e sua capacidade AC e quanto aos nossos meios de Trnp Fuz, cuja blindagem e armamento AC devem ser compatíveis com o enfrentamento do inimigo, para que o acompanhamento dos CC seja efetivo.

2.1.5 A maior permanência dos Fuz embarcados é importante para que:
a) o escalão de ataque possa progredir na velocidade dos CC e VBC Fuz, para cerrar sobre o inimigo e destruí-lo;
b) a mobilidade tática de ambos os elementos do combinado CC – Fuz Bld seja mantida;
c) as baixas, em regiões batidas por fogos de artilharia e de armas portáteis, sejam minimizadas;
d) possa ser utilizada munição com espoleta tempo nos fogos de artilharia, em apoio ao escalão de ataque; e
e) não haja desgaste prematuro dos Fuz Bld, sendo sua energia conservada para a ocasião em que tiverem que ser empregados.

2.1.6 O combate embarcado dos Fuz Bld é realizado pelo emprego do armamento da VBC Fuz. Somente em situações especiais os Fuz deverão expor-se aos fogos inimigos durante os deslocamentos embarcados, realizando o tiro com suas armas individuais, pelas escotilhas ou seteiras de tiro.

2.2 ATAQUE EM UMA ÚNICA DIREÇÃO

2.2.1 No ataque numa única direção, todo o escalão de ataque utiliza a mesma VA para o objetivo. Os Fuz Bld operam embarcados ou desembarcados, empregando formações variadas em sua progressão.

2.2.2 Esse processo proporciona melhor coordenação e controle, uma vez que toda a força atacante se desloca em uma única direção e sobre a mesma VA. Comparando com outros processos, permite apoio mútuo mais cerrado entre os elementos da força atacante.

2.2.3 As condições que favorecem a adoção do processo de ataque dos CC e dos Fuz Bld em uma única direção são:
a) ataque em terreno limpo e plano, onde as VBC Fuz tenham dificuldades para mascarar seu movimento. Nesse caso, os CC proporcionarão proteção às VBC Fuz;
b) disponibilidade de apenas uma VA;
c) o objetivo não pode ser flanqueado facilmente; e
d) necessidade de maior controle de operação.

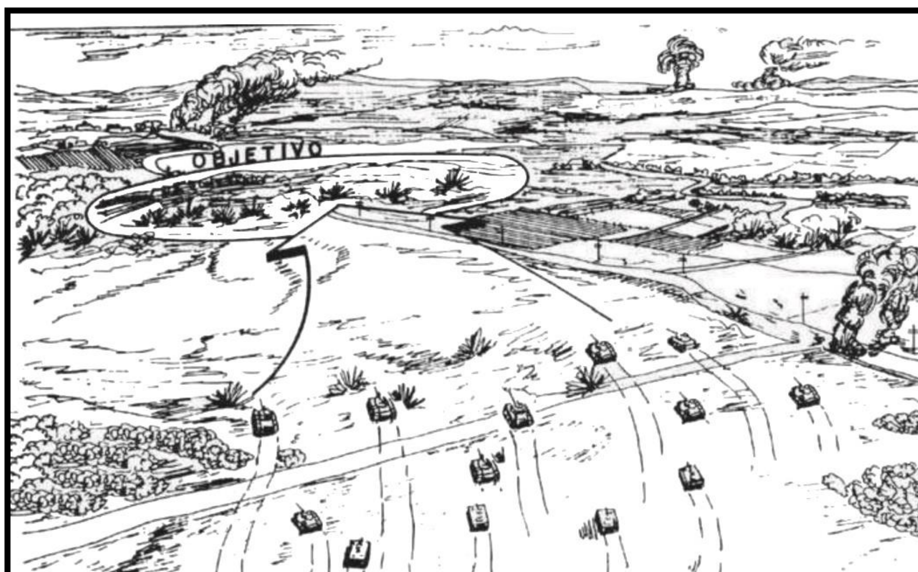


Fig An-5 – FT SU Bld no ataque em uma única direção

2.2.4 Ataque da FT SU Bld com os CC e os Fuz Bld embarcados, em uma única direção, em movimento contínuo:

a) o ataque de CC e Fuz Bld embarcados poderá ser realizado combinando-se estes elementos em uma única formação. As posições dos elementos na formação estão subordinadas à situação tática. Normalmente, os CC lideram, de modo a poderem utilizar melhor sua potência de fogo;

b) as VBC Fuz podem ser dispostas alinhadas com os CC, de modo que seu armamento principal possa aumentar os fogos dos CC, sem que isso implique em excessiva exposição aos fogos AC do inimigo. Se os fuzileiros estiverem dotados de VBTP, sem armamento estabilizado, o emprego em primeiro escalão torna-se mais criterioso. Essa técnica deve levar em consideração os meios (ativos e passivos) de defesa AC presentes nas VBC Fuz e se o inimigo apresenta sistema de DAC eficiente;

c) a distância entre as VBC Fuz e os CC não deve aumentar ao ponto de permitir que os CC inimigos possam infiltrar-se entre eles, acarretando a perda da possibilidade de apoio rápido aos CC pelos Fuz Bld; e

d) ao determinar as posições de CC e VBC Fuz nas formações blindadas, o Cmt deve avaliar continuamente a necessidade de contar com a disponibilidade do apoio dos Fuz Bld, expondo as VBC Fuz ao fogo eficaz do inimigo.

2.2.5 Ataque da FT SU Bld com os CC e os Fuz Bld embarcados, em uma única direção, em movimentos por lanços:

a) os Fuz Bld embarcados seguem os CC por lanços. Enquanto os CC avançam continuamente de um para outro acidente do terreno, as VBC Fuz devem deslocar-se rapidamente para posições desenfiadas à retaguarda dos sucessivos acidentes do terreno;

b) esta técnica contribui para o aumento da segurança das VBC Fuz, mas acarreta redução da velocidade de progressão;

c) a distância entre os CC e as VBC Fuz não deve aumentar ao ponto de permitir que os CC inimigos possam infiltrar-se entre eles, acarretando a perda da possibilidade de apoio rápido aos CC pelos Fuz Bld e dos CC aos Fuz Bld; e

d) o controle deve ser exercido de modo a assegurar a execução coordenada do assalto, com os CC precedendo os Fuz Bld no objetivo. Isto normalmente exigirá um aumento da velocidade das VBC Fuz no final do movimento, de modo a cerrar sobre os CC na abordagem do objetivo.

2.2.6 Ataque da FT SU Bld com os CC e os Fuz Bld desembarcados, em uma única direção:

a) esse processo poderá ser empregado em situações de pouca visibilidade, como em bosques, localidades e neblina densa. Quando os CC e Fuz Bld a pé progridem juntos, os Fuz Bld poderão se colocar entre os CC ou imediatamente à sua retaguarda. Durante a progressão, a posição relativa dos CC e Fuz Bld é ajustada de acordo com o terreno e a resistência inimiga. Durante o assalto, por exemplo, os Fuz Bld poderão se deslocar à retaguarda imediata dos CC, de modo a permitir cerrado apoio mútuo, além de beneficiarem-se da proteção dos CC;

b) quando o terreno, obstáculos ou armas AC inimigas restringem ou detêm o movimento dos CC, mas permitem o dos Fuz Bld desembarcados, aqueles poderão, temporariamente, apoiar pelo fogo o avanço dos Fuz Bld. Quando o avanço dos Fuz Bld tiver progredido suficientemente ou tiver sido removido o obstáculo que detinha os CC, estes deverão se deslocar para a frente, ultrapassar os Fuz Bld e voltar a liderar o ataque. Esse tipo de ação não deve ser confundido com o processo em que os CC somente apoiam pelo fogo, já que a intenção é que os CC participem do assalto ao objetivo;
c) quando os CC assaltam sob proteção de munição de tempo de artilharia e morteiros, os Fuz Bld seguem à retaguarda numa distância de segurança dos arrebentamentos, eliminando ou capturando o pessoal inimigo remanescente; e
d) as VBC Fuz devem progredir logo atrás dos Fuz Bld desembarcados, para estarem prontamente disponíveis, quando necessárias, para prosseguir no ataque ou para auxiliar na consolidação do objetivo.



Fig An-6 – Ataque da FT SU Bld com os fuzileiros desembarcados

2.3 ATAQUE EM DOIS EIXOS CONVERGENTES

2.3.1 Normalmente, os CC e Fuz Bld deverão ser empregados em uma única direção. Entretanto, poderão surgir situações em que seja necessário o emprego dos Fuz Bld em uma direção e dos CC em outra, ou até mesmo os Fuz Bld e os CC fracionados em dois eixos convergentes.

2.3.2 A coordenação do assalto é mais difícil do que em outros processos.

2.3.3 Ataque dos CC com os Fuz Bld embarcados em dois eixos convergentes:
a) esse processo normalmente obtém o máximo efeito de surpresa. Ele proporciona oportunidade para a força atacante golpear os flancos ou a retaguarda do inimigo, além de obrigar o combate em duas direções; e
b) o emprego dos CC em ambas as direções sujeita os CC inimigos a exporem seus flancos e retaguarda e a serem destruídos.

2.3.4 Ataque dos CC com os Fuz Bld a pé em direções convergentes:
a) o movimento de CC e Fuz Bld a pé obedece às mesmas considerações quanto ao emprego em um único eixo;
b) quando o escalão de ataque é detido por fogos ou obstáculos AC inimigos, os Fuz Bld a pé progridem, utilizando VA coberta, impraticável para os CC, e atacam o flanco do inimigo. Nessa situação, os CC apoiam pelo fogo, deslocando-se logo que possível em direção ao objetivo; e
c) as FT SU Bld em cada VA devem procurar a abordagem do objetivo simultaneamente. O ataque poderá ser coordenado de tal modo que os CC cheguem primeiro ao objetivo e os Fuz Bld cheguem posteriormente. Tal atitude permitirá o uso de tiros com munição de tempo da artilharia e de morteiros, durante a fase do assalto à posição.

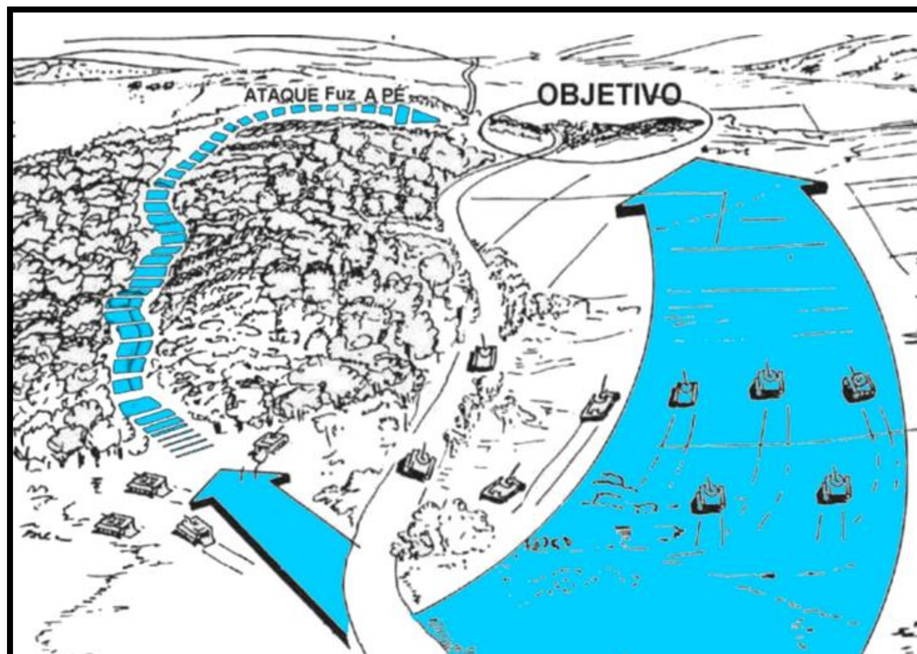


Fig An-7 – Ataque da FT SU Bld com os CC e Fuz Bld em direções convergentes

2.4 ATAQUE EM QUE OS CC APOIAM OS FUZ BLD PELO FOGO

2.4.1 Nesse processo, os Fuz Bld a pé atacam para conquistar o objetivo e os CC os apoiam somente pelo fogo. As condições que tornam necessária a utilização desse processo são:

a) a existência de obstáculos que impeçam o movimento das viaturas no ataque, obrigando a conquista de um objetivo para permitir a remoção dos obstáculos;

b) terreno impraticável para os CC deve ser conquistado; e

c) forte presença de DAC inimiga.

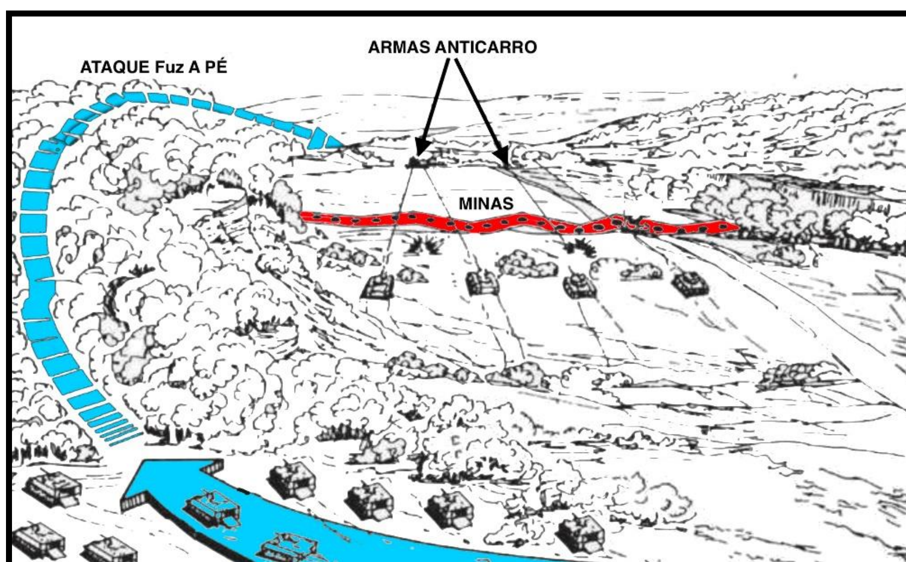


Fig An-8 – Ataque da FT SU Bld com os CC apoiando pelo fogo

2.4.2 Quando os cursos de água e obstáculos aos CC devem ser transpostos, os CC apoiam os Fuz Bld somente pelo fogo. As VBC Fuz podem transpor cursos de água não vadeáveis pelos CC. Em consequência, estes deverão colocar-se em posições de tiro desenfiadas, das quais possam apoiar pelo fogo a travessia das VBC Fuz.

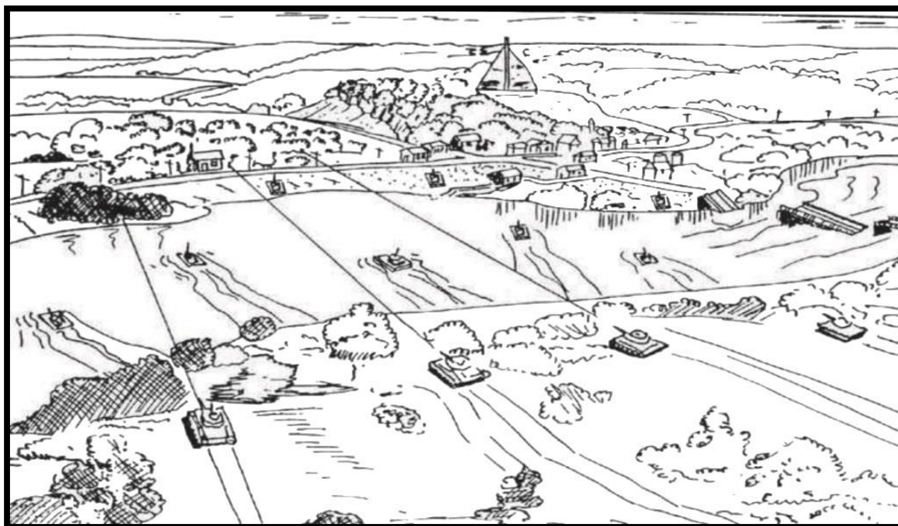


Fig An-9 – CC apoiando pelo fogo na transposição de obstáculos

GLOSSÁRIO

PARTE I – ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
A Engj	Área de Engajamento
A Op	Área de Operações
A Res	Área de Reserva
A Rtgd	Área de Retaguarda
A Seg	Área de Segurança
AAC	Alvo Altamente Compensador
AC	Anticarro
Aç Rtrd	Ação Retardadora
ADA	Área de Defesa Avançada
Adj	Adjunto
AFP	Área de Fogo Proibido
Ap Dto	Apoio Direto
Ap F	Apoio de Fogo
Ap Log	Apoio Logístico
APFD	Auto de Prisão em Flagrante Delito
APOP	Agentes Perturbadores da Ordem Pública
Apvt Exi	Aproveitamento do Êxito
ARF	Área de Restrição de Fogos
Armt	Armamento
Armt AC	Armamento Anticarro
ARP	Área de Responsabilidade
Art	Artilharia
ATC	Área de Trens de Combate
ATE	Área de Trens de Estacionamento
Atq	Ataque
Atq Coor	Ataque Coordenado
Atq Oport	Ataque de Oportunidade
ATSU	Área de Trens da Subunidade
Aux Com	Auxiliar de Comunicações

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
Bda Bld	Brigada Blindada
Bda C Mec	Brigada de Cavalaria Mecanizada
BIB	Batalhão de Infantaria Blindado

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C^2	Comando e Controle
C Atq	Contra-ataque
C Pnt	Cabeça de Ponte
C Tir	Central de Tiro
CAF	Coordenador de Apoio de Fogo
Can AC SR	Canhão Anticarro sem Recuo
Cb Mec Vtr SR	Cabo Mecânico de Viatura Sobre Rodas
CC	Carro de Combate
CCAF	Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
Cia	Companhia
Cmdo	Comando
Cmt	Comandante

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DA Ae	Defesa Antiaérea
DAC	Defesa Anticarro
Def	Defensiva
Def A	Defesa de Área
Def Mv	Defesa Móvel
Def Pos	Defesa em Posição
DICoVAP	Dispositivo, Composição, Valor, Atividades Recentes e Atuais e Peculiaridades
DPJM	Delegacia de Polícia Judiciária Militar

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
E Prog	Eixo de Progressão
E Sup Ev	Eixo de Suprimento e Evacuação
EB	Exército Brasileiro
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência

Abreviaturas/Siglas	Significado
Elm Cmb	Elemento de Combate
EM	Estado-Maior
Enc Mat	Encarregado de Material
Esc	Escalão
Esc Rec	Escalão de Reconhecimento
Esc Sp	Escalão Superior
Esq	Esquadra
Esqd CC	Esquadrão de Carros de Combate
Esqd Fuz Bld	Esquadrão de Fuzileiros Blindado
EVN	Equipamento de Visão Noturna

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
F Acomp Ap	Força de Acompanhamento e Apoio
F Apvt Exi	Força de Aproveitamento do Êxito
F Chq	Força de Choque
F Cob	Força de Cobertura
F Cob Avç	Força de Cobertura Avançada
F Cob Flc	Força de Cobertura de Flanco
F Cob Rtgd	Força de Cobertura de Retaguarda
F Fix	Força de Fixação
F Ptç	Forças de Proteção
F Seg	Força de Segurança
F Ter	Força Terrestre
Fg	Flancoguarda
FT	Força-Tarefa
FT Bld	Força-Tarefa Blindada
FT SU Bld	Força-Tarefa Subunidade Blindada
Fur	Furriel
Fuz Bld	Fuzileiros Blindados

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GC	Grupos de Combate
GE	Guerra Eletrônica
GLO	Garantia da Lei e da Ordem

Abreviaturas/Siglas	Significado
Gp Ap	Grupo de Apoio
Gp Cmdo	Grupo de Comando
Gp Log	Grupo Logístico
Gp Sup	Grupo de Suprimento
GVA	Garantia da Votação e Apuração

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
IE Com Elt	Instruções para a Exploração das Comunicações e Eletrônica
IM	Inteligência Militar
IODCT	Instrumentos Óticos de Direção e Controle de Tiro
IRVA	Inteligência, Reconhecimento e Aquisição de Alvos

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
L Ct	Linha de Controle
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LEM	Linha de Engajamento Máximo
LLP	Linha Limite de Progressão
Loc Ater	Local de Aterragem
LP	Linha de Partida
LPE	Linha de Provável Encontro
LPF	Linha de Proteção Final
LPH	Linha da Pior Hipótese
LRF	Linha de Restrição de Fogos

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
M Cmb	Marcha para o Combate
MC	Manual de Campanha
MCAF	Medidas de Coordenação do Apoio de Fogo
Mdt O	Mediante Ordem
Mec Vtr Bld	Mecânico de Viatura Blindada
Mnt	Manutenção
Mov Rtg	Movimento Retrógrado
Mrt	Morteiro
Mrt Me	Morteiro Médio

Abreviaturas/Siglas	Significado
Mrt P	Morteiro Pesado

N

Abreviaturas/Siglas	Significado
NGA	Normas Gerais de Ação
NI	Necessidade de Inteligência

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
O Lig	Oficial de Ligação
OA	Observador Avançado
OCCA	Operações de Cooperação e Coordenação com Agências
Op	Operação
Op Def	Operação Defensiva
Op Ofs	Operação Ofensiva
Op Seg	Operações de Segurança

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
P Atq	Posição de Ataque
P Blq	Posição de Bloqueio
P Col Mor	Posto de Coleta de Mortos
P Col PG	Posto de Coleta de Prisioneiros de Guerra
P Col Slv	Posto de Coleta de Salvados
P Ct	Ponto de Controle
P Def	Posição Defensiva
P Lig	Pontos de Ligação
P Remn	Posto de Remuniciamento
P Vig	Posto de Vigilância
PAA	Posto de Atendimento Avançado
PAC	Posto Avançado de Combate
PAF	Plano de Apoio de Fogo
PAG	Posto Avançado Geral
PC	Posto de Comando
PCF	Ponto de Concentração de Feridos
PCP	Posto de Comando Principal
Pel	Pelotão

Abreviaturas/Siglas	Significado
Pel Ap	Pelotão de Apoio
Pel CC	Pelotão de Carros de Combate
Pel Com	Pelotão de Comunicações
Pel Exp	Pelotão de Exploradores
Pel Fuz Bld	Pelotão de Fuzileiros Blindado
Pel Mnt	Pelotão de Manutenção
Pel Mrt P	Pelotão de Morteiro Pesado
PFA	Plano de Fogo de Artilharia
PG	Prisioneiro de Guerra
PIR	Posição Inicial de Retardamento
PITCIC	Processo de Integração, Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis
PO	Posto de Observação
Pos Ini	Posição Inimiga
PPAA	Plano Provisório de Apoio de Artilharia
PRA	Ponto de Referência de Alvo
Prsg	Perseguição
PS	Posto de Socorro
PSE	Posto de Segurança Estático
PSFA	Plano Sumário de Apoio de Fogo de Artilharia

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBRN	Químico, Biológico, Radiológico e Nuclear
QC	Quadro de Cargos
QI	Quadrícula de Interdição
QO	Quadro de Organização

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
R Dstn	Região de Destino
RCB	Regimento de Cavalaria Blindado
RCC	Regimento de Carros de Combate
Rda	Retirada
RDC	Reparo de Danos em Combate
RE	Regras de Engajamento
Rec F	Reconhecimento em Força
Ref	Reforço

Abreviaturas/Siglas	Significado
Res	Reserva
Ret	Retraimento
Rtgd	Retaguarda

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
S-1	Chefe da 1ª Seção/Oficial de Pessoal
S-2	Chefe da 2ª Seção/Oficial de Inteligência
S-4	Chefe da 4ª Seção/Oficial de Logística
S Cmt	Subcomandante
SARP	Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas
Seç Can AC	Seção de Canhão Anticarro
Seç CC	Seção de Carros de Combate
Seç Cmdo	Seção de Comando
Seç MAC	Seção de Mísseis Anticarro
Seç Mrt Me	Seção de Morteiro Médio
SFC	Se For o Caso
Sgt Aux Com	Sargento Auxiliar de Comunicações
Sgt Aux Sau	Sargento Auxiliar de Saúde
Sgt Mec Vtr Bld	Sargento Mecânico de Viaturas Blindadas
Sgte	Sargenteante
SU	Subunidade
SU C Ap	Subunidade de Comando e Apoio
Sup	Suprimento

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TAI	Técnicas de Ação Imediata
TEAF	Tarefas Essenciais de Apoio de Fogo
TO	Teatro de Operações
TSU	Trens da Subunidade
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
Tu Aprv	Turma de Aprovisionamento
Tu Cmdo	Turma de Comando
Tu Com	Turma de Comunicações
Tu Ev	Turma de Evacuação
Tu Ev Soc	Turma Evacuação e Socorro

Abreviaturas/Siglas	Significado
Tu Mnt	Turma de Manutenção
Tu Sup	Turma de Suprimento

U

Abreviaturas/Siglas	Significado
U	Unidade

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso
VANT	Veículo Aéreo Não Tripulado
VBC CC	Viatura Blindada de Combate Carro de Combate
VBC Fuz	Viatura Blindada de Combate de Fuzileiros
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
Vgd	Vanguarda
Vtr	Viatura

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
Z Aç	Zona de Ação
Z Dbq	Zona de Desembarque
Z Reu	Zona de Reunião
ZI	Zona de Interior
ZL	Zona de Lançamento
ZPH	Zona de Pouso de Helicópteros

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6021 –** Publicação Científica Impressa. Documentação. Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações**. EB70-MC-10.222. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Comunicações na Força Terrestre**. EB70-MC-10.241. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada**. EB70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Forças-Tarefas Blindadas**. EB70-MC-10.355. 4. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Lista de Tarefas Funcionais**. EB70-MC-10.341. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operação em Área Edificada**. EB70-MC-10.303. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Garantia da Lei e da Ordem**. EB70-MC-10.242. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Coordenação de Fogos**. EB70-MC-10.346. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Posto de Segurança Estático**. EB70-CI-11.407. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Regimento de Cavalaria Mecanizado.** EB70-MC-10.354. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Técnicas, Táticas e Procedimentos para Operações em Ambientes Urbanos**. EB70-CI-11.434. Edição Experimental. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Manual de Ensino Trabalho de Comando**. EB60-ME-13.301. 2. ed. Brasília, DF: DECEx, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Catálogo de Capacidades do Exército 2015 - 2035**. EB20-C-07.001. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre (DMT).** EB20-MF-10.102. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.** C 2-36. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1982.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Estado-Maior e Ordens**. C 101-5. 2. ed. vol. 1 e 2. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército.** EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Manual de Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. C 21-30. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Movimento e Manobra**. EB20-MC-10.203. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-01. 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa. 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa. 2021.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Operações em Ambiente Interagências.** EB20-MC-10.201. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2013.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 01**. Guarda de Honra. 1. 1. ed. Brasília, SGEx, 2000.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 02**. Passagem de Comando. 1 ed. Brasília, SGEx, 2000.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 03**. Honras de Recepção e Despedida de Autoridade na OM. 1. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 04**. Guarda-Bandeira. 4. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 06**. Escolta de Honra e Salvas de Gala. 1. ed. Brasília, SGEx, 2001.

BRASIL. Exército. Secretaria-Geral do Exército. **Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército nº 09**. Honras Fúnebres. 1. ed. Brasília, SGEx, 2002.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOUTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 3 de dezembro de 2021
www.cdoutex.eb.mil.br